

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**EDMILSON FERREIRA MARQUES**

**A HISTÓRIA DO  
RÁDIO EM GOIÁS (1942-1947)**

**GOIÂNIA**  
2009

EDMILSON FERREIRA MARQUES

**A HISTÓRIA DO  
RÁDIO EM GOIÁS (1942-1947)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades.

Linha de Pesquisa: Sertão, Regionalidades e Projetos de Integração.

**Orientador:**

Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto.

**GOIÂNIA**

2009

EDMILSON FERREIRA MARQUES

**A HISTÓRIA DO  
RÁDIO EM GOIÁS (1942-1947)**

Dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2009 pela banca constituída pelos seguintes professores:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Alberto da Costa Pinto  
(Faculdade de História - UFG)  
(Presidente)

---

Prof. Dr. Nildo Silva Viana  
(Faculdade de Ciências Sociais - UFG)  
(Membro)

---

Prof. Dr. Venerando Ribeiro de Campos  
(Faculdade de Comunicação - UFG)  
(Membro)

---

Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva  
(Faculdade de História - UFG)  
(Suplente)

Goiânia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2009

A todos aqueles que desejam a realização efetiva da liberdade; aqueles que lutam constantemente pela superação da pseudestesia; enfim àqueles que almejam a transformação social.

## **AGRADECIMENTOS**

Especialmente à minha irmã Elineida pelas diversas e constantes contribuições que resultaram, em grande parte, na possibilidade de realização desta pesquisa.

À Robson Henrique Campos Machado, que por seus préstimos me possibilitou a entrega do material impresso à coordenação da Universidade.

Agradeço também a Regiane Moraes pela simpática disposição para a descrição das entrevistas realizadas.

À Beth Costa, Adolvando de Alarcão, Walter Meneses e aos profissionais da rádio Xavantes de Ipameri, por colocar à disposição documentos pessoais e do arquivo da cidade de Ipameri, os quais foram de fundamental importância para a sistematização de grande parte deste trabalho.

Aos familiares de Juvenal de Barros e Sílvio Medeiros, na representação destes, deixo minha gratidão, os quais nos concederam parte de seu tempo para uma conversa que veio a contribuir significativamente para o aprofundamento das informações aqui colocadas. E agradeço aos outros entrevistados que juntos se tornaram fontes fundamentais desta pesquisa.

E a todos aqueles que durante a pesquisa me incentivaram nos momentos de cansaço, que me constrangeram a suportar o vil tempo dedicado ao trabalho alienado, e as conseqüências provenientes da divisão social do trabalho.

“O espírito universal do tempo já deu o comando para avançar; esse comando está sendo obedecido; esse ser marcha qual falange encouraçada, em formação cerrada, irresistivelmente e num movimento tão imperceptível quanto o avanço do sol, sempre para frente, se deparando com situações boas e más; inumeráveis tropas leves contra e a favor do mesmo flanqueiam-no; a maioria nem sabe do que se trata, e apenas recebem na cabeça golpes como que desferidos por uma mão invisível. O lance mais seguro certamente é ficar de olho no gigante que avança.” (Hegel).

“A fome não tem como não se renovar constantemente. Porém, se cresce ininterruptamente, não sendo satisfeita pelo pão assegurado, ela revoluciona.” (Ernest Bloch).

## RESUMO

Esta pesquisa propõe sistematizar a história das primeiras emissoras de rádio edificadas no Estado de Goiás, história essa iniciada na década de 1940, mais precisamente entre os anos que compreende o período de 1942 a 1947. Na busca por este objetivo evidencia-se tanto o contexto histórico internacional e nacional, quanto estadual e local da época. É proposta também uma discussão teórica para analisar estas estações de rádio e, além disso, uma sistematização cronológica das primeiras experiências comunicacionais realizadas em Goiás através de meio tecnológicos de comunicação, ocorridas antes mesmo do surgimento das primeiras emissoras de rádio, que se efetivou a partir do ano de 1920. Por fim é abordada a relação das primeiras emissoras de rádio e de outros meios eletrônicos criados no Estado de Goiás até 1940, com o capitalismo, com o Estado e com partidos políticos; e conclui-se com uma discussão sobre a cultura do rádio em Goiás.

**Palavras chaves:** História, Rádio, Goiás, Capitalismo, Política, Cultura.

## **ABSTRACT**

This research proposes a systematic history of the first radio stations built in the State of Goiás, the story started in the 1940s, more precisely between the years comprising the period from 1942 to 1947. In this search for objective evidence to both the national and international historical context, as state and local time. It also proposed a theoretical discussion to examine these radio stations and in addition, a systematic timeline of the first experiments performed in Goiás communication through technological means of communication, occurring even before the emergence of the first radio broadcast, which occurred from in the year 1920. Finally addressed is the relationship of the first radio broadcast and other electronic media created in the state of Goiás until 1940, with capitalism, the state and political parties, and concludes with a discussion about the culture of the radio in Goiás.

**Keywords:** History, Radio, Goiás, Capitalism, Politics, Culture.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO I – UMA ANÁLISE DA COMUNICAÇÃO, DO RÁDIO E DO CONTEXTO HISTÓRICO NO QUAL SURGEM AS PRIMEIRAS EMISSORAS DE RÁDIO EM GOIÁS</b> .....	16
1.1. A comunicação através dos meios de comunicação.....	17
1.2. O rádio como meio tecnológico de comunicação .....	29
1.3. Uma breve discussão do contexto histórico brasileiro e goiano de 1937 a 1950 .....	44
<b>CAPÍTULO II - A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL E A ORIGEM DOS MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO EM GOIÁS</b> .....	51
2.1. O Rádio no Brasil .....	51
2.2. Os meios tecnológicos de comunicação em Goiás: da rádio telegrafia e do sistema de alto-falantes à rádio difusão.....	64
<b>CAPÍTULO III - O RÁDIO EM GOIÁS: economia e política</b> .....	93
3.1. O Rádio e a Expansão do Capitalismo em Goiás na Década de 1940.....	95
3.2. O Rádio em Goiás e sua relação com o Estado e com Partidos Políticos na década de 1940 .....	122
<b>CAPÍTULO IV - A CULTURA DO RÁDIO EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1940</b> .....	144
4.1. A cultura do rádio em Goiás no contexto da década de 1940 .....	146
4.2. A organização interna das primeiras emissoras de rádio de Goiás .....	153
4.3. Programação da rádio Clube de Goiânia .....	159
4.4. Programação da rádio Carajá de Anápolis .....	163
4.5. Programação da rádio Xavantes de Ipameri .....	166
4.6. O aspecto tecnológico das primeiras emissoras em Goiás .....	168
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	174
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	180
<b>APÊNDICES</b> .....	190

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como principal objetivo sistematizar a história das primeiras emissoras de rádio que surgiram no Estado de Goiás. Até o presente momento as publicações existentes que fazem referência a este meio de comunicação neste Estado se resumem a artigos de jornais e capítulos de livros que tratam de emissoras específicas desassociadas de seu contexto mais amplo. Até mesmo a maioria dos profissionais da radiofonia goiana da atualidade não conhece este passado remoto do início do rádio em Goiás. Este desconhecimento, por sua vez, impossibilita a compreensão da relação deste meio de comunicação com a sociedade goiana. Diante desta ausência bibliográfica é que propomos conhecer a história do rádio em Goiás, buscando compreender as determinações específicas das primeiras emissoras bem como dos diversos aspectos sociais relacionados a elas.

Este estudo iniciou-se em 2003, quando da realização de um trabalho monográfico para a conclusão do curso de graduação em história pela Universidade Estadual de Goiás, cujo tema pesquisado foi “A Rádio Rio Vermelho e o Imaginário Conseqüente da sua Relação com as Comunidades Rurais nos Arredores de Silvânia-Goiás”. Naquela época, para facilitar a compreensão e visualização do processo de desenvolvimento daquela emissora de rádio, propomos fazer uma descrição da história do rádio, tanto em nível internacional e nacional, quanto estadual para, posteriormente, descrever a sua história. Foi neste momento que tomamos conhecimento da inexistência de uma bibliografia específica sobre o rádio em Goiás.

Logo em seguida iniciamos um estudo para conhecer esta história. Isso aconteceu ainda em 2003 através da rádio Brasil Central de Goiânia. Foi aí que começamos a reunir informações repassadas aleatoriamente por meio de conversas com radialistas e dirigentes de emissoras, documentos cedidos por profissionais do rádio, arquivos de jornais e por meio de algumas fontes orais (tratando-se de radialistas que trabalharam como locutores nas primeiras emissoras de rádio do Estado como José Cunha Júnior, Sílvio Medeiros, Juvenal de Barros, Fernando Cunha Júnior, Walter Meneses, Rafa Seva e de ouvintes das mesmas).

A primeira pergunta que buscamos responder foi a seguinte: quais foram as primeiras emissoras de rádio do Estado de Goiás? Uma questão que hipoteticamente não seria tão difícil de ser respondida. Porém, interessante ressaltar que a maioria dos locutores da atualidade não conhece a história do rádio em Goiás, até mesmo aqueles que entrevistamos tiveram dúvida de precisar quais foram as primeiras emissoras que surgiram no Estado. Tivemos aí certa dificuldade em responder àquela questão colocada no início de nossa pesquisa. Muitos radialistas, inclusive, nos passaram informações às vezes imprecisas, outras vezes falsas, sobre quais foram as primeiras emissoras. Foi através de documentos como escritos de diários pessoais e artigos de jornais que pudemos resgatar esta história. Para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre as primeiras emissoras, buscamos também conhecer questões específicas de cada uma, o que possibilitaria a compreensão de sua relação com a sociedade, partindo da seguinte indagação: como se dava o funcionamento e a relação destas emissoras com a sociedade goiana?

Uma das principais dificuldades que encontramos durante esta pesquisa foi que a maioria das informações que se referem ao rádio goiano data da década de 50 em diante. Alguns radialistas chegaram a dizer que a primeira emissora surgiu em Goiás neste período, desprezando aí, oito anos de história. Mas contamos com a colaboração dos entrevistados os quais nos cederam textos, fotos e artigos publicados em livros, além de artigos de jornais e de entrevistas e arquivos pessoais, através dos quais fomos conseguindo resgatar a história das primeiras emissoras.

Vejam de forma breve como se deu o processo de reunião das fontes (pensamos que a partir destas informações pesquisadores que se aventurarem ao estudo do rádio terão aqui alguns caminhos já trilhados que podem contribuir para o avanço da pesquisa, questão que tivemos dificuldade no início). Esta pesquisa inicia-se em 2003 através da rádio Brasil Central. O dirigente desta emissora, Fernando Cosac, sugeriu o nome de Sílvio Medeiros, expressando que ele poderia contribuir com alguma informação uma vez que era um dos radialistas “mais antigos” que naquele ano ainda se encontrava vivo. Em 2003 entramos em contato com ele que prontamente nos concedeu uma entrevista. De fato, Sílvio Medeiros guardava em sua memória muitas informações que se referiam às primeiras emissoras de rádio. Além de uma entrevista, o mesmo nos passou fotos e artigos de jornais da AGI (Associação Goiana de Imprensa) bem como o nome de José Cunha Júnior, também locutor

de uma das primeiras emissoras de rádio do Estado. Sílvio Medeiros faleceu no ano de 2006.

No primeiro contato com José Cunha Júnior ele se negou a nos conceder uma entrevista justificando que estava preparando um livro que tratava de sua vida na época em que trabalhou em emissoras de rádio, e a entrevista, segundo ele, poderia atrapalhar o conteúdo do seu livro. Depois de algum tempo, aproximadamente um ano depois, voltamos a contactá-lo e novamente nova recusa. Só depois de três anos que conseguimos uma entrevista. Porém, o encontramos com lapsos de memória. Devido à idade e problemas de saúde, ele não se lembrava lucidamente do que viveu no rádio. Mesmo assim, o entrevistamos e alguns poucos dados ainda assim, contribuíram com nossa pesquisa.

A partir daí encontramos outras pessoas vivas que presenciaram o processo de formação das primeiras emissoras de rádio de Goiás, como Walter Meneses, fundador da primeira agência de publicidade de Goiânia e utilizava do rádio com finalidades lucrativas e foi também locutor. Walter Meneses nos passou um exemplar da revista “Goianidade” onde foi publicada uma matéria intitulada “Nas Ondas do Rádio” que trata de uma entrevista com José Cunha Júnior. Além da revista nos indicou os livros “Imprensa Goiana: depoimentos para a sua história”, publicado pela AGI em 1980 e o livro “Samburá” de autoria de Venerando de Freitas Borges (primeiro prefeito da cidade de Goiânia) publicado em 1987 onde tem o discurso que ele (Venerando) fez na inauguração da primeira emissora de Goiás. Através de Walter Meneses chegamos a Walter Cansado, também locutor.

Depois dele conhecemos Fernando Cunha Júnior, redator de uma das emissoras da década de 40. Em seguida entrevistamos outro locutor desta época, Juvenal de Barros. Ele nos passou o livro “Anápolis: e assim se passaram 100 anos” escrito por Hélio Rocha, publicado em 2007 pela editora Kelps de Goiânia, onde tem um texto que trata da segunda emissora do Estado. Além do livro nos concedeu um artigo que saiu no jornal “O Popular” em setembro de 1989 que faz referência aos pioneiros do rádio em Goiás, além de fotos da época que estive no rádio.

Por fim conseguimos contactar algumas pessoas que estiveram presentes nos primeiros momentos de existência da terceira emissora de rádio de Goiás. Entre essas pessoas está Rafa Bayer Seva, esposa do falecido César Augusto Seva que foi fundador

desta emissora. Além dela, entrevistamos Adolvando Carlos de Alarcão que era ouvinte assíduo da terceira emissora. Adolvando nos passou também, uma cópia do livro “Fragmentos da História de Ipameri” publicado em 1958 que traz algumas informações sobre o rádio. Além deste livro nos cedeu um xérox do livro “Ipameri, Nossa Terra, Nossos Bisavos, Nossos avos, Nossos Pais...”, onde está descrito a bibliografia dos pais de César Augusto, fundador da rádio. Depois conseguimos com Beth Costa, funcionária da prefeitura de Ipameri, duas publicações da década de 1940 que trata do rádio, uma realizada através do jornal “O Ipameri” (1947) e outra pelo jornal “O Liberal” (1947). Beth nos passou também um texto de autoria de Rafa Seva que trata da biografia de César Augusto Seva, além de uma foto do diário de seu pai onde está descrito a data em que surge a terceira emissora.

Além dos entrevistados anteriormente citados, através da atual rádio 730 AM de Goiânia tomamos conhecimento de dois trabalhos de conclusão de curso que trataram da primeira emissora de rádio. Um desenvolvido por estudantes do programa de graduação em comunicação da Universidade Federal de Goiás – este trabalho se perdeu; a professora que o orientou disse não possuir uma cópia e nem mesmo os coordenadores do programa não conseguiram localiza-lo – e outro desenvolvido por estudantes do curso de comunicação social da universidade ALFA de Goiânia (um excelente trabalho de áudio e vídeo que trata da primeira emissora na década de 1950). Utilizamos também de várias publicações do jornal “O Popular” de 1941 e 1942 o qual acompanhou a fundação da primeira emissora. Além disso, encontramos outras fontes no IEPHBC (Instituto de Estudo e Pesquisa Histórico do Brasil Central) como a revista “Oeste” onde encontramos duas publicações que faz referência ao rádio goiano e uma publicação sobre o DEIP (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) que teve papel fundamental nos primeiros anos do rádio em Goiás como órgão fiscalizador do Estado.

Além da revista “Oeste” encontramos vários livros como *Anápolis em tempo de música* de Paulo Nunes e Jarbas de Oliveira – onde tem um texto que discute uma emissora goiana ainda na década de 40; “Anápolis: sua vida, seu povo” de Haydée Jayme Ferreira; *Memória Goianienses* de José Mendonça Teles; *Anais do Batismo Cultural de Goiânia* de Pimenta Neto e *Memória Cultural: ensaios da história de um povo* – publicado pela prefeitura de Goiânia, tratam da primeira emissora e de aspectos sociais de Goiânia na

década de 1940. E por último conseguimos algumas publicações realizadas pelo jornal “O Anápolis” que fez algumas publicações sobre sistemas de alto-falantes e sobre emissoras de rádio na cidade de Anápolis na década de 1940. São estas as fontes que conseguimos até o presente momento desta pesquisa.

Agora, no decorrer da pesquisa fomos percebendo que a história do rádio em Goiás é mais complexa do que apresenta à primeira vista. Conseguimos estabelecer uma cronologia de seu surgimento, bem como ultrapassar nosso objetivo inicial que era somente discutir a história do rádio no Estado. Através do contato com as fontes surgiu a informação de que as primeiras experiências comunicacionais realizadas em Goiás com a utilização de meios tecnológicos não ocorreram através da transmissão radiofônica. Foi por meio de sistemas eletrônicos que se diferenciavam da radiodifusão, porém, os quais foram espécies de antepassados do rádio. E isso ocorreu muito antes do surgimento da primeira emissora de rádio, ou seja, ainda na década de 1920. Muitos dos locutores que trabalharam nas rádios emissoras da década de 1940 vieram destes sistemas eletrônicos, daí, a importância de retratar, mesmo que brevemente, esta história da radiofonia goiana que se inicia na década de 1920.

As determinações que envolveram os sistemas tecnológicos de comunicação em Goiás exigiram assim uma análise do campo teórico da comunicação que deixasse claro a percepção das determinações referentes a elas. Por outro lado as primeiras emissoras mantinham uma relação estreita com o Estado e com partidos políticos, assim, pensamos em abordar a seguinte questão: *como se dava a relação entre rádio, Estado e partidos políticos? Além disso, tanto o rádio como os sistemas tecnológicos de comunicação que existiram antes das emissoras mantinham uma relação com o comércio local. Nesse sentido, analisaremos, a relações das primeiras emissoras com o capitalismo.* E faremos isso nos orientando pelo arcabouço teórico do materialismo histórico-dialético.

Nossa discussão focará predominantemente a década de 1940, mais precisamente o período de 1942 a 1947, época de surgimento das primeiras emissoras de rádio em Goiás. Veremos no segundo capítulo que até 1950 foram criadas quatro emissoras de rádio no Estado e vários sistemas de alto-falantes. Além deste período supracitado, faremos alguns apontamentos de anos anteriores, no que se refere ao final da década de 1920 e década de

1930, quando ocorreram em Goiás as primeiras experiências comunicacionais por intermédio de meios eletrônicos.

Pensamos então em sistematizar esta pesquisa da seguinte forma: no primeiro capítulo realizamos uma discussão teórica sobre o rádio a partir de reflexões já realizadas a cerca dos meios de comunicação. A partir daí, acreditamos que algumas questões relacionadas às primeiras emissoras tornarão claras, uma vez que os dados e informações reunidas contribuiriam para o conhecimento das formas aparente do rádio, restringindo ao conhecimento do rádio goiano na sua localidade em detrimento de sua totalidade. No sentido de visualizá-lo como integrante de um contexto mais amplo sentimos a necessidade de realizar primeiramente uma discussão teórica. Além de uma análise teórica do rádio, faremos em seguida, no mesmo capítulo, uma apreciação do contexto histórico no qual surgem as primeiras emissoras, focalizando fundamentalmente os aspectos referentes à legislação criada pelo Estado para os meios de comunicação.

No segundo capítulo, discutiremos a origem dos meios tecnológicos de comunicação em Goiás apontando a fundação das primeiras emissoras de rádio bem como os seus fundadores e ainda, fazendo uma pequena referência às primeiras experiências comunicacionais ocorridas através de meios tecnológicos no Estado. O principal objetivo com este capítulo é o de sistematizar cronologicamente os dados que apontam para uma história do rádio em Goiás.

No terceiro e quarto capítulos apresentamos as informações provenientes de todo material referente às emissoras de rádio em Goiás na década de 1940 que conseguimos reunir. Nesses dois capítulos tivemos a possibilidade de analisar algumas questões específicas que pensamos ser fundamentais para compreender a relação mantida entre o rádio e a sociedade goiana na década de 1940, tratando-se de sua relação com o capitalismo, com a política, e, por fim, a cultura do rádio goiano.

## **CAPÍTULO I**

### **Uma análise da comunicação, do rádio e do contexto histórico no qual surgem as primeiras emissoras de rádio em Goiás**

Desde a sua primeira aparição, início do século XX, o rádio se tornou uma rica fonte de pesquisa e um tema que recebeu diversas interpretações no plano teórico. Diante das várias questões que propomos, neste primeiro capítulo, formularemos uma discussão teórica com objetivo de aprofundar em particular a nossa análise do rádio goiano, na tentativa de romper com sua expressão local e visualiza-lo num contexto amplo no qual está inserido, e, assim, tornar possível a compreensão das múltiplas determinações que compõe o seu início no Estado de Goiás.

O rádio, para ser compreendido em suas diversas variantes, deve ser encarado como integrante de determinado contexto sobre o qual interfere com sua ação. Diante do afirmado propomos num segundo momento, posterior à discussão teórica, realizar uma análise dos aspectos sociais que envolveram o nascimento das primeiras emissoras de rádio em Goiás. Assim, passaremos a estabelecer uma fundamentação teórica e contextual da história do rádio em Goiás, no sentido de encontrar elementos extra-emissoras que possibilitem a compreensão dos aspectos relacionados às primeiras emissoras de rádio deste Estado.

Apresentaremos num primeiro momento uma discussão teórica sobre a relação comunicação e técnica com intuito de aprofundar na compreensão dos elementos constituintes do rádio. E a seguir será realizada uma análise teórica do rádio relacionando-se tal perspectiva ao contexto radiofônico no Brasil.

### 1.1. A comunicação através dos meios de comunicação

Sugestivas são as observações expostas por Walter Benjamin na análise que realiza da obra de arte, em seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, no qual ele coloca que,

Quando Marx empreendeu a análise do modo de produção capitalista, esse modo de produção ainda estava em seus primórdios. Marx orientou suas investigações de forma a dar-lhes valor de prognósticos. Remontou às relações fundamentais da produção capitalista e, ao descrevê-las, previu o futuro do capitalismo. Concluiu que se podia esperar desse sistema não somente uma exploração crescente do proletariado, mas também, em última análise, a criação de condições para a sua própria supressão.

Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura. Só hoje podemos indicar de que forma isso se deu. Tais indicações devem por sua vez comportar alguns prognósticos. Mas esses prognósticos não se referem a teses sobre a arte de proletariado depois da tomada de poder, e muito menos na fase da sociedade sem classes, e sim a teses sobre as tendências evolutivas de arte, nas atuais condições produtivas (BENJAMIN, 1985, p. 65 – 66).

A passagem acima nos parece uma boa sugestão para iniciar esta análise da comunicação, especificamente a questão por ele colocada das “teses sobre as tendências evolutivas da arte, nas atuais condições produtivas”, voltaremos a discutir esta passagem mais a diante.

Benjamin deixa transparecer que ao analisar a obra de arte parte do pressuposto que o modo de percepção que os seres humanos vão construindo sobre a sua vida, está intimamente relacionado com o modo de produção dos meios indispensáveis para suprir as suas necessidades básicas e o contexto onde estão aptos a viver, como está implícito em uma passagem do mesmo texto citado anteriormente onde analisa a “destruição da aura<sup>1</sup>”. Segundo ele, “no interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das

---

<sup>1</sup> *Aura*, segundo Benjamin “é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIM, 1985, p. 170).

coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência” (BENJAMIN, 1985, p. 169).

Esta concepção é semelhante à já esboçada por Marx (1977) no prefácio de a *Introdução a Crítica da Economia Política*, que segundo ele,

Na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produções que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social (MARX, 1977, p. 24).

Nesse sentido, uma vez que a questão da percepção, colocada por Benjamin, é conseqüência do contexto social torna-se essencial buscar compreender as múltiplas determinações que estão envolvidas neste contexto, e assim, a partir desta concepção, a arte como fenômeno social, acaba sendo um dos elementos que vai interferir na formação perceptiva do indivíduo, a dar forma à consciência social.

Paralelo às obras de artes, já aludidas por Benjamin, estão diversos outros fenômenos sociais, que, em conjunto, vão moldando, cada um à sua maneira, o modo de vida na sociedade, e dentre eles está a comunicação. Assim, a consciência, na linguagem benjaminiana, a percepção, passa a ser fruto da comunicação, da relação que os indivíduos mantêm uns com os outros, a partir do momento que houver uma troca de mensagem, uma comunicação. Nesse sentido concordamos com Antônio Hohlfeldt (2001, p. 61) quando ele destaca que “como o ser humano é, além do mais, eminentemente social, isto é, ele é incapaz de viver isolado e solitário, decorre daí o fato de ser o fenômeno da comunicação também um fenômeno social”.

Assim, das sociedades primitivas às sociedades de classes, o relacionamento entre os indivíduos ocorre por intermédio da comunicação. As formas comunicativas, por sua vez, interferem profundamente nas ações individuais e coletivas. Nesse sentido, buscando hipoteticamente um exemplo da importância da comunicação entre os seres humanos podemos ver o caso de um faminto homem primitivo em que a carne de búfalo é naquele

momento a possibilidade para matar a sua fome, e compreendendo que sozinho não poderia vencer a sua fúria, obviamente que buscaria no outro a força suficiente para abatê-lo. Contudo, para isso, surge a necessidade de demonstrar ao outro o seu desejo, e, conseqüentemente, a relevância de sua idéia para a vida de ambos.

Esta relação se torna possível, no entanto, através da relação comunicacional. Dizer ao outro, então, que precisa da sua ajuda para abater o búfalo, se torna fundamental para constrangê-lo a se mover, a agir conforme a compreensão conseqüente da relação comunicacional entre ambos. Caso o receptor da mensagem compreenda que o risco de vida em matar um búfalo é maior do que procurar se alimentar por outras formas, isso poderá promover a ação do indivíduo para outros rumos distintamente diferente daquela direção desejada por quem enviou tal comunicação. Contudo, compreendendo que esse ato se trata de fato, de algo importante para a manutenção de sua vida, este se moverá de acordo com a proposta a ele dirigida.

Com o passar dos tempos, o modo de se comunicar entre os seres humanos recebe novos contornos.

A própria linguagem foi se diversificando cada vez mais. Novas maneiras de falar foram constantemente criadas, à medida que a humanidade se espalhava por novas regiões onde enfrentavam e resolviam novos problemas. As línguas mais antigas foram modificadas pelas gerações sucessivas. Lingüistas modernos, contudo, identificaram grandes números de palavras em uns cinquenta vocabulários e em numerosas línguas modernas que podem remontar até cerca de 5000 a.C. (uns 7.000 anos atrás), a uma “fonte comum” proto-indo-européia. Pode-se argumentar que esta fonte comum acaba levando mais para trás, até a língua originariamente criada pelo povo Cro-Magnon. De qualquer maneira, porém, não há dúvidas quanto à formação da fala e da linguagem ter possibilitado grandes saltos para diante no desenvolvimento humano (DEFLEUR, 1993, p. 31).

Surge, portanto, uma variedade de idiomas e simultaneamente diversas habilidades lingüísticas de se comunicar. O dizer ao outro que precisa de sua ajuda para abater o búfalo para se alimentarem, pois, se não o fizer podem morrer de fome, se torna mais complexo, no sentido referente à quantidade de termos disponível para esta comunicação, à variedade de palavras, assumindo assim um aparato de complexidade.

Nesse sentido, analisar historicamente as formas comunicativas pelas quais os seres humanos utilizam para relacionarem entre si se torna fundamental por ser através delas que os indivíduos permutam informações e mantêm contato uns com os outros. Estas informações, mensagens etc., estabelecem um perfil comunicativo, determinando uma forma consciente de ação, de acordo com as informações assimiladas. Contudo, a comunicação é uma relação social e tem suas bases na realidade, nas relações concretas que os indivíduos mantêm uns com os outros. Assim, a complexificação da comunicação, consequência das transformações ocorridas no modo organizacional da sociedade, faz surgir meios de comunicação que contribuirão de forma ampla para reforçar e expandir a comunicação humana, uma vez que possibilitam que a relação comunicacional ocorrida nas sociedades pré-capitalistas e no alvorecer do modo de produção capitalista se realize não mais num arcabouço limitado, expandindo, assim, para além das fronteiras locais e nacionais, assumindo uma extensão a nível mundial. Como colocou Vera Veiga França (2001, p. 41), “a modernidade não descobriu a comunicação – apenas a problematizou e complexificou seu desenvolvimento, promovendo o surgimento de múltiplas formas e modulações de sua realização”.

Esta mudança na forma de comunicação efetivada por intermédios do surgimento dos meios de comunicação, promoveu uma profunda transformação nas relações sociais. Sem os meios de comunicação, o se comunicar fazia parte da relação próxima, interpessoal, daqueles que se comunicavam. Desta forma, antes do aparecimento da escrita a troca de informações ocorria de forma direta com o uso da fala ou de gestos, ou ainda indiretamente, por intermédio da interpretação de fenômenos naturais, a exemplo de fumaças no meio de florestas ou através de desenhos. Segundo Iannone,

Talvez a afirmação seja um tanto exagerada, mas o desenho é, sem dúvida, uma das formas mais primitivas de expressão utilizada pelo homem. Os desenhos pré-históricos foram a maneira pela qual os homens, desconhecendo ainda a escrita, registram suas impressões sobre o dia-a-dia ou fatos que consideraram importantes (IANNONE, 1994, p. 10).

Contudo, a escrita inaugura uma nova forma de se comunicar na história da humanidade. Agora, além da fala, seria possível a comunicação por intermédio de textos. Com a xilogravura (o desenho), e com a litografia (a escrita), passa a ser reproduzida, logo,

podendo ser vista e lida ao mesmo tempo por centenas e milhares de pessoas de lugares distantes. Vemos aí o alvor do que Benjamin interpretou como a era da reprodutibilidade técnica.

Com a litografia, a técnica de reprodução atinge uma etapa essencialmente nova. Esse procedimento muito mais preciso, que distingue a transcrição do desenho numa pedra de sua incisão sobre um bloco de madeira ou uma prancha de cobre, permitiu às artes gráficas pela primeira vez colocar no mercado suas produções não somente em massa, como já acontecia antes, mas também sob a forma de criações sempre novas. Dessa forma, as artes gráficas adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana (BENJAMIN, 1985, p. 166).

Com a prensa gráfica de Gutenberg, meados do século XV, desponta na história da humanidade uma nova forma de comunicação, a realizada para inúmeras pessoas através da impressão de textos. A fundição de tipos de metal juntou-se aos progressos em máquinas impressoras e de tinta para tornar possível a impressão de textos, e toda uma gama de reprodução gráfica rápida e precisa tornou-se afinal acessível (WILLIAMS, 1992, p. 97). Essa história

Começa por volta de 1450 em Mainz, Alemanha, com uma dessas reuniões de materiais e técnicas e idéias que mudam o curso da História. [...] Esse foi o início da comunicação moderna. A história dos quinhentos anos de desenvolvimento da comunicação desde aquele tempo é uma história da relação dinâmica do homem com as máquinas no processo de comunicação. A diferença entre a comunicação anterior e a posterior a 1450 consistia simplesmente em que o homem finalmente conseguiu fabricar uma máquina que reproduzia a comunicação interpessoal. Era, evidentemente uma transformação monumental. Infelizmente, não conhecemos as primeiras palavras impressas em tipos móveis. A mais antiga amostra conservada é uma indulgência papal, impressa por Johann Fust e Peter Schoeffer em 1454. O primeiro livro foi, ao que tudo indica, a Bíblia de 42 linhas, impressa antes de 1456, provavelmente por Johann Gutenberg (RIVERS & SCHRAMM, 1970, p. 15).

O século XV viu-se, repentinamente, convulsionado por um descobrimento tecnológico revolucionário: *a invenção da imprensa*, por Gutenberg (PERUZZOLO, 1972, p. 62). A técnica da impressão gráfica possibilitou a reprodução em larga escala de um mesmo texto, o que pressupõe não mais o alcance de um público reduzido. Desta forma, um

texto produzido em Trier (Alemanha), poderia ser lido por um cidadão daquela cidade e ao mesmo tempo por um cidadão que vagava pelo interior do Chile.

Contudo, a comunicação via escrita, mesmo representando um modo “revolucionário” na forma comunicativa entre os seres humanos se esbarrava no limite educativo da sociedade. Da época de seu surgimento a meados do século XX, a maior parte da população mundial não possuía a habilidade da leitura. Com isso, a comunicação por intermédio da escrita não atingia a todos os indivíduos de uma sociedade da mesma forma, e tratando-se dos arcaicos meios de transportes bem como das vias de locomoção, a rapidez da comunicação através de textos se esbarrava na precariedade das geográficas vias de comunicação existentes entre as populações. Desta forma,

A comunicação à distância continuava a ser difícil. Na América do Norte, as notícias dos eventos de 1688 custaram a chegar. O desembarque de Guilherme de Orange e a queda de Jaime II ocorreram em novembro e dezembro, “na época do ano errada para que os relatos chegassem à Nova Inglaterra com rapidez”. Portanto, a chegada de Guilherme à Inglaterra só foi conhecida em Boston no começo de abril de 1689. Na Carolina, só depois Guilherme foi proclamado rei, porque a notícia sobre sua coroação levou ainda mais tempo para chegar àquela região. (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 101).

O desenvolvimento tecnológico proveniente da sociedade industrial vai proporcionar simultaneamente à comunicação um avanço tecnológico, rumo ao rompimento, no âmbito da comunicação, das fronteiras naturais entre as nações (os oceanos não serão mais empecilhos para países por eles separados comunicarem instantaneamente). Em meados do século XIX, embalado pelo contexto social dominado agora pela tecnologia, emerge na sociedade uma nova forma de comunicação, a realizada por intermédio de ondas elétricas. Nesse sistema de comunicação, através do código Morse,

A corrente elétrica passa, instantânea, de um extremo a outro do fio. Uma interrupção da corrente significa uma faísca. Por conseguinte, uma faísca poderia ser um sinal numa linguagem em código. A ausência da faísca seria outro sinal. “Pontos e barras” constituiriam a nova linguagem (PASTORE, 1964, p. 31).

William Fothergill Cooke e Charles Wheatstone, segundo Burke (2004), embora haja discordância entre os historiadores dos pioneiros desta forma de comunicação, são os

responsáveis pelo desenvolvimento da telegrafia. Através da telegrafia mensagens poderiam ser passadas e recebidas por indivíduos de lugares distantes através da utilização de aparelhos interligados por fios.

A primeira mensagem telegráfica foi britânica. Feita entre Cooke e Wheatstone – um físico também interessado em música e inventor de uma concertina -, que originalmente haviam trabalhado de modo independente, cada qual encarando o outro com suspeita. Usando um sistema de agulha, Cooke telegrafou a Wheatstone da estação de Camden Town, uma semana depois da inauguração formal da Ferrovia de Londres e Brimingham em 1837. Wheatstone respondeu imediatamente de uma sala sombria, iluminada somente por uma vela, na estação de Euston, tendo experimentado o que chamou em suas próprias palavras “uma sensação de tumulto” como nunca havia sentido antes, “sozinho na sala quieta, eu ouvi o clique das agulhas”. “Senti toda a magnitude da invenção”, prosseguiu Wheatstone, “pronunciada para ser prática, além de todo sofisma ou disputa” (BRIGGS & BURKE, 2004, p. 143).

Podemos perceber aí o quanto os avanços tecnológicos impressionam o ser humano. Até mesmo os seus inventores são tomados por sensações de espanto frente à suas criações. A forma comunicativa inaugurada com a telegrafia representou o termo inaugural para o que veio posteriormente a ser desenvolvido pela radiofonia, a transmissão da fala humana via equipamentos tecnológicos. A telegrafia se tratava de um meio de comunicação em que as informações eram transmitidas por aparelhos interligados por fios. Tempos depois a técnica de transmissão foi se desenvolvendo e dispensando os fios, porém, se tratava de uma comunicação que exigia habilidades técnicas daquele que enviava e recebia as informações através dele repassada, além de ser necessário o domínio de um conjunto de saberes que permitia àqueles que se comunicava, compreender o que estava sendo dito, como, por exemplo, dominar a técnica da comunicação realizada através do código Morse.

Poucas décadas se passaram para a comunicação telegráfica dar lugar à comunicação tecnológica via radiodifusão. Chegamos aqui ao objeto de nossa preocupação nesta pesquisa. Com a técnica da comunicação via rádio, aliando escrita e ondas eletromagnéticas, os seres humanos estabelecem novas relações entre si. Profundas transformações surgem novamente no âmbito social. A primeira e grande mudança pode ser vista no modo de comunicação. A escrita e o código Morse que exigiam determinadas habilidades dos interlocutores para estabelecerem uma relação comunicativa (a escrita, a

habilidade da leitura e o código Morse, o domínio dos códigos que os decifram), são fundidos com o rádio, ampliando a sua recepção atingindo toda população através das transmissões por meio dele realizadas.

A fala humana veiculada pelo rádio dispensava as habilidades aprendidas no âmbito escolar e desta forma, a popularização do rádio tornou-o hegemônico sobre os demais existentes até sua criação (jornais, revistas e telégrafos). Analfabetos e alfabetizados não se diferenciavam frente à comunicação transmitida através do rádio no quesito recepção da mensagem. Enquanto um texto era acessível apenas àqueles que dominavam a leitura, o conteúdo transmitido pela radiodifusão dispensava esta habilidade tornando receptível por ambos sem distinção. Nesse sentido, através do rádio têm-se a “capacidade de se comunicar com um público que não necessita [de] uma formação específica para decodificar a mensagem” (PRADO, 1989, p. 28).

Contudo, na sociedade moderna a comunicação assumirá aspectos diversos, e será caracterizada pela forma de sua realização. Já na década de 1930 Bertolt Brecht, um dos primeiros teóricos a tratar do rádio, através de seu texto “teoria do rádio (1927-1932)”, dirigindo suas palavras aos técnicos que trabalhavam no rádio, coloca que “na minha opinião, vocês deveriam tentar fazer do Rádio uma coisa realmente democrática”; “vocês deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução” (BRECHT, 2008, p. 01). Assim, é possível pensar que a comunicação realizada através do rádio pode desempenhar determinados papéis, dependendo de quem o dirige. E isso se dá devido, primeiro, ao contexto de sua inserção, e segundo, pela interferência da teoria na interpretação das formas comunicativas.

Nesse sentido, o sociólogo Nildo Viana (2007a) faz uma interessante discussão no texto “Para Além da Crítica dos Meios de Comunicação” (pp. 11 – 44) que contribui com nossa análise. O autor destaca que as teorias que se baseiam no termo “meios de comunicação de massa” são problemáticas, ideológicas, uma vez que colocam num mesmo plano, de forma homogênea, todos os meios de comunicação, assim como toda sociedade, e não conseguem perceber que longe de ser homogênea a sociedade moderna é determinada pela luta de classe, ou seja, pela não homogeneização. É interessante perceber que “a expressão *mass communication* passou a figurar de modo crescente em títulos de livros,

revistas científicas e trabalhos [...] generalizando-se seu uso em meios acadêmicos” (NETTO, 1972, p. 23).

Portanto, com a crítica às concepções que se baseiam no termo “meios de comunicação de massa” o autor propõe o termo “*meios tecnológicos de comunicação*” para se referir àqueles meios através dos quais a comunicação é mediada fundamentalmente pela tecnologia, como a TV, o rádio, a Internet, etc. Para justificar o uso deste conceito o autor analisa a comunicação, que segundo ele “é uma relação social” (VIANA, 2007a, p. 13) que no mundo moderno ocorre basicamente de duas formas: a *comunicação entre iguais, sendo igualitária, horizontal e a comunicação entre desiguais, sendo autoritária, vertical*.

A comunicação horizontal, igualitária, se dá quando indivíduos em condições iguais estabelecem uma permuta de mensagens/informação, havendo o emissor e o receptor da mensagem, e, reciprocamente, o receptor, posteriormente, assume o lugar do emissor e o emissor do receptor. Neste caso há uma correspondência comunicativa entre ambos. É mais comum acontecer uma comunicação horizontal quando esta é mediada apenas pela fala, embora não seja descartada a sua possibilidade pela mediação de outros meios de comunicação, a exemplo do telefone, e mesmo por outros meios tecnológicos (rádio, internet etc). No entanto, para isso acontecer é necessário que haja a correspondência e interesse do emissor em manter uma comunicação horizontal, que estabeleça um modo de comunicação que proporcione a sua realização.

Já a comunicação vertical, autoritária, ocorre quando os interlocutores estão em situação de desigualdade. Ou seja, quando o emissor comunica, passa uma mensagem, uma informação, e o receptor a recebe sem haver a correspondência entre ambos, isto é, sem que o receptor exerça o direito à resposta da mensagem e informação recebida. Essa forma de comunicação também pode ocorrer em situações que o emissor tem o monopólio da fala e dificulta a réplica do outro, este caso é mais comum quando a interlocução é mediada pelo tempo, num debate, por exemplo, em que um dos debatedores utiliza a maior parte do tempo, impedindo uma resposta mais sistemática do outro.

Contudo, há na questão da comunicação diversas implicações. É preciso considerar que através dos meios de comunicação são veiculados determinados interesses, valores, cultura, enfim, um conjunto de questões associadas ao contexto histórico daquele que emite

esta comunicação. O diálogo entre dois indivíduos que buscam um acordo entre matar ou não o búfalo para se alimentarem, por exemplo, é realizado de forma direta, interpessoal, logo, pressupõe a troca de informações dentro dos parâmetros culturais de ambos. Com a escrita, mais especificamente, com a técnica da reprodução gráfica, o que é comunicado ultrapassa as barreiras geográficas do contexto histórico onde está inserido o comunicador. Desta forma, ocorre por meio do texto uma divulgação não só da informação que quer passar, mas de um conjunto de elementos culturais. Como expressa Raymond Williams, “a invenção e o desenvolvimento dos meios materiais de produção cultural são um capítulo notável da história humana” (1992, p. 87).

Nesse sentido, a comunicação exerce além do papel informativo, o papel de divulgador cultural, de interesses particulares ou coletivos. Assim, não causa estranhamento um indivíduo escocês dominar os aspectos fundamentais da cultura chilena e vice versa, e ainda, reproduzir, da cultura divulgada, os aspectos que dela achar conveniente. Por esta via, o limite comunicativo realizado por intermédio do texto não atinge todos da mesma forma, tanto pela diferença cultural existente entre quem o escreveu e quem a recebe, quanto pelo domínio da leitura; e podemos ainda falar da interpretação que atinge caminhos variados estando de acordo com os valores e interesses do leitor.

Bem, como colocamos anteriormente, o aparecimento da técnica da reprodução gráfica representou uma profunda transformação no aspecto comunicativo, conseqüentemente, nas relações sociais. Porém, mesmo com o alcance amplo conseguido por intermédio desta, a comunicação através da escrita limitou-se àqueles que dominavam a habilidade de leitura. Além disso, o contexto histórico em que surge é que vai possibilitar a sua reprodução bem como o modo de sua reprodução. Com o desenvolvimento da sociedade rumo à industrialização, novas necessidades surgem no âmbito comunicativo. Através de experiências científicas o ser humano conseguiu perceber que era possível transmitir conteúdos informativos através de ondas eletromagnéticas, surge então o telégrafo com fio, posteriormente o telégrafo sem fio, e paralelamente o telefone, e ainda, o cinema.

Contudo, além dos aspectos cronologicamente históricos dos meios de comunicação é preciso compreender as especificidades sociais que implicaram em determinar o

funcionamento destes meios de comunicação. Do surgimento da escrita à radiodifusão, o contexto social no qual surgiram perpassava pela relação entre classes sociais e mediando a relação entre as classes estão as expressões culturais que vão criar uma variedade expressiva de comunicação. Acontece que no capitalismo as classes existentes estão submetidas fundamentalmente à sua relação com a propriedade. Nesse sentido, uma discrepância desigual da sociedade será estabelecida e o poder material vai, no entanto, interferir amplamente no modo de comunicação.

Com a propriedade privada dos meios de produção temos no âmbito da comunicação a propriedade privada dos meios de comunicação. Grandes corporações comunicativas vão sendo criadas e utilizando dos meios de comunicação para atender a objetivos particulares. As determinações da propriedade privada passam a caracterizar a comunicação. Estas são utilizadas como meio para alcançar elevados lucros e são, de forma hegemônica, criadas, editadas, modificadas e transmitidas para a sociedade de dentro de organizações e preparadas tecnicamente para moldá-las aos seus interesses. Dos jornais às radio difusoras tem-se uma comunicação realizada por indivíduos inseridos nestas organizações. Como expressão do contexto histórico caracterizado pela hegemonia do modo de produção capitalista vimos despontar neste contexto, portanto, ora uma comunicação voltada para a divulgação de mensagens mercadológica, industrializadas, ora para a divulgação de mensagens e informações políticas (ocorre de forma hegemônica a comunicação política estatal e partidária, e subordinadamente, a comunicação de grupos e classes oprimidas). Hohlfeldt (2001) ressalta que

O século XIX, de fato, viu nascer a industrialização cultural, e a comunicação, assim, conheceu um novo patamar de funcionamento, a massificação, graças às conquistas industriais e ao imenso alargamento dos públicos [...]. A imprensa, definitivamente, tornava-se uma mercadoria dentro do sistema capitalista de produção (2001, p. 93).

Assim, com o alvorecer e desenvolvimento do capitalismo a comunicação geral passou a sofrer profundas interferências da comunicação realizada por “meios de comunicação”, nascendo assim uma cultura industrializada, estando sob o controle e propriedades de grandes organizações.

São produtos de organizações gigantescas, com estrutura administrativa complexa. Empregam os serviços de centenas de profissionais. Em vulto de recursos econômicos, humanos e materiais envolvidos, não diferem significativamente de outros grandes empreendimentos industriais, comerciais e de prestação de serviços de nossos dias. Em virtude disso, para as grandes organizações de comunicação de massa, a pesquisa não é um luxo, mas uma questão de sobrevivência, no mercado altamente competitivo em que se acham inseridas (NETTO, 1972, p. 16).

Nesse sentido, na sociedade moderna a comunicação assume uma ampla complexidade exigindo de rigorosas pesquisas para possibilitar a compreensão de seus aspectos específicos. Diante da complexidade que assume a comunicação via meios de comunicação é que surgem diversos pensadores que buscarão explicar no âmbito da teoria as múltiplas determinações que envolvem a esfera comunicacional. Surgem escolas cujos integrantes buscarão estudar a fundo o modo de comunicação na sociedade moderna, é o caso da Escola de Frankfurt na Alemanha; o CIESPAL (Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para América Latina) a partir do qual originaram vários centros de estudos nos países latino-americanos (Quito, Venezuela, Chile e México) com o intuito, segundo Berger, de difundir os interesses norte-americanos (BERGER, 2001, p. 246); nos Estados Unidos a Escola de Chicago, Escola de Palo Alto, também o campo de estudo da Semiótica (campo de estudo preocupado com os processos de formação de significados a partir de uma perspectiva pragmática) (ARAÚJO, 2001, p. 119); o campo dos Estudos Culturais através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Inglaterra; a escola francesa, enfim diversas outras tendências vão surgindo cada uma suportada por recursos heurísticos próprios. Assim, vão aparecendo vários estudos estimulados pela busca compreensiva deste fenômeno complexo denominado, comunicação.

E se tratando da sociedade moderna vemos o despertar de diversas interpretações sobre os meios através dos quais a comunicação vem sendo realizada, ou, veiculada. Isso expressa o que inicialmente destacamos da concepção de Benjamin (1985) das “teses sobre as tendências evolutivas da arte, nas atuais condições produtivas”.

Esses diversos estudos, no entanto, tornaram explícitas muitas das questões relacionadas à comunicação, desde aquelas que privilegiavam análises relacionadas à questão técnica e sua interferência na sociedade, passando pelas tendências culturalistas,

sociológicas e diversas outras. Assim, no século XX vemos o despertar da comunicação realizada através de meios tecnológicos, e dentre esses meios está a comunicação efetivada por meio da radiodifusão. Vejamos, portanto, algumas expressões teóricas sobre o rádio, as quais serão fundamentais para a sistematização desta pesquisa.

## 1.2. O rádio como meio tecnológico de comunicação

As primeiras experiências de transmissão de sinais eletrônicos à distância, sem auxílio de fio, foram efetivadas em 1894 pelo italiano Guilherme Marconi<sup>2</sup>. Conseguira transmitir um sinal a aproximadamente uns 100 metros de distância (PERUZZOLO, 1972, p. 248). Mas foi o engenheiro norte americano Lee de Forest em 1916 que

Fez a primeira demonstração pública de radiodifusão, realizando com sucesso uma transmissão da Torre Eiffel em Paris. Em 1916, era instalada a primeira estação de Rádio em Nova York, que se ocupava, esporadicamente, em transmitir notícias, músicas de câmara e gravações em disco. Nesse mesmo ano o povo americano acompanhou os resultados das leis presidenciais através dessa emissora (Idem, p. 249).

Outros estudiosos dos meios eletrônicos de comunicação descreveram ainda que as primeiras transmissões de rádio no mundo foram realizadas em 1920 nos Estados Unidos, pela KDKA como afirma João Baptista Pereira,

Sem falar nas tentativas experimentais, a primeira transmissão radiofônica no mundo foi feita a 2 de novembro de 1920, pela KDKA, Westinghouse Electric Co., em Pittsburgh (Pensilvânia), informando os resultados das eleições presidenciais americanas (1992, p. 87).

---

<sup>2</sup> O pioneirismo na transmissão radiofônica na história da humanidade é outra questão que abrange diversas discordâncias. Alguns historiadores delegam ao padre brasileiro Roberto Landell de Moura a realização da primeira transmissão da fala humana via ondas eletromagnéticas. Além dele, como descreve Perter Burke (2004, p. 159), também houve pioneiros do rádio em outros países, como A.S. Popoff (1859-1906) na Rússia, Edouard Branly (1844-1940) na França e Augusto Righi (1850-1920) na Itália. E nos bastidores das descobertas científicas está descrito na história as lutas políticas referentes ao pioneirismo do rádio. Portanto, quando Guglielmo Marconi (1871-1937) chegou à Grã-Bretanha em junho de 1896 para demonstrar o que chamava de “desenvolvimentos na transmissão de sinais e impulsos elétricos”, um escritor do *Quartely Review* pôde avaliar que “mr. Marconi” tinha “somente introduzido outro modo de fazer o que já havia sido feito anteriormente”. Foi “sua nacionalidade, sua juventude e imerecidas tentativas de depreciar seu próprio sucesso” que “atraíram a atenção da imprensa” (Idem, p. 159).

Com o desenvolvimento da tecnologia radiofônica, cada vez mais foi se conseguindo transmitir o conteúdo informativo de forma mais límpida, diminuindo ascendentemente, o ruído do som veiculado, que inicialmente, apesar de causar espanto e atrair a atenção pública, incomodava a audição. As primeiras transmissões radiofônicas causaram um grande espanto nas pessoas acostumadas com o visível. A fala humana, antes do aparecimento do rádio, era ouvida tendo à frente aquele que emitia as palavras, associando o visível, aquele que falava, ao invisível, o som. Com a radiodifusão a figura humana desaparece de sua frente. Este é substituído por uma caixa que fala. Compreender que aquela “coisa” se tratava de um receptor de ondas eletromagnéticas causou inquietações e surpresa à população. Contudo, passou pouco tempo e o rádio tornara uma das principais companhias para os solitários viventes do mundo moderno.

O rádio transformava a vida dos pobres, e sobretudo das mulheres pobres presas ao lar, como nada fizera antes. Trazia o mundo à sua sala. Daí em diante, os mais solitários não precisavam mais ficar inteiramente sós. E toda a gama do que podia ser dito, cantado, tocado ou de outro modo expresso em som estava agora ao alcance deles. Surpreendente, portanto, que um veículo desconhecido, quando a Primeira Guerra Mundial acabou, houvesse conquistado 10 milhões de lares nos EUA no ano da quebra da Bolsa, mais de 27 milhões em 1939 e mais de 40 milhões em 1950? (HOBSBAWM, 1995, p. 194).

A partir de então, a preocupação dos técnicos que nele trabalhavam passou a ser a qualidade do som, o que dispensava para estes, a preocupação do conteúdo. Novas técnicas foram incorporadas às existentes e em breve conseguiu-se que o conteúdo veiculado chegasse aos receptores de forma límpida, sem ruído, possibilitando ao ouvinte compreender perfeitamente o conteúdo transmitido, e, assim, foi-se, paralelamente ao desenvolvimento da qualidade técnica do som, ampliando-se cada vez mais o seu alcance.

As novas técnicas desenvolvidas para as transmissões radiofônicas possibilitaram, desta forma, uma relação mais intensa entre os diversos centros de transmissões e a sociedade, uma vez que a qualidade do som não mais causava estranhamento aos ouvidos do ouvinte. Contudo, algumas problemáticas interferiam profundamente nas transmissões radiofônicas, tratando-se do seu controle realizado fundamentalmente pelo Estado e toda a produção cultural por organizações burocráticas. Segundo Lia Calabre,

O sistema de radiodifusão instalado nos diversos países seguia dois modelos básicos. O primeiro era centrado na estreita ligação entre o rádio, a educação nacional e o controle estatal (este é o caso da maioria dos países europeus na primeira metade do século XX). O segundo, estritamente comercial e para o qual o sistema norte-americano serve de paradigma, era formado por um conjunto de emissoras montadas sobre uma estrutura predominantemente comercial, voltadas para os interesses do mercado e financiadas pela verba da venda de publicidade. (2003, p. 02).

Estes dois modelos básicos apontados por Lia Calabre já haviam sido notados por Raymond Williams, quando se referia às modificações ocorridas nos meios de comunicação na comunicação moderna. E em relação à radiodifusão o mesmo coloca que esta

(como mostraram e continuam mostrando as controvérsias a respeito de sua organização) está basicamente envolvida com questões de uma ordem diretamente econômica e política, e muitas vezes tanto é especificamente determinada por ela quanto constitui fator significativo de sua reprodução e modificação (WILLIAMS, 1992, p. 211).

Assim, diante do contexto de descontentamento social conseqüente do modo de produção capitalista o Estado assume o controle das diversas emissoras de rádio se apropriando daquelas cujas transmissões alcançavam maior amplitude e passa a utilizá-las como meio de educação e divulgação cultural, objetivando assim a manutenção e reprodução da ordem estabelecida. Na Inglaterra, por exemplo, para não citar a Rússia, o rádio é, para todos os efeitos e propósitos, propriedade do governo, controlado e operado por ele (MERTON e LAZARSELD, 2000, p. 120).

A questão técnica se torna pedra fundamental das emissoras de rádio, e internamente são organizadas tendo à frente da produção do conteúdo a ser transmitido, profissionais com alto grau de conhecimento técnico. Surgem cursos acadêmicos para contribuir com esta especialização e diversas instituições que vão estabelecer um diferencial destes indivíduos que se especializam no campo comunicacional. O desempenho do técnico enquanto comunicador e membro da organização pode dar origem a um tipo de treinamento destinado a aperfeiçoar-lhes as habilidades comunicadoras (HALLIDAY, 1975, p. 64). É a partir do predomínio da ação dos especialistas técnicos no rádio que surge uma especificidade da programação radiofônica, a qual passa ser

popularizada intencionalmente por estes técnicos como principal fonte de informação e de conhecimento.

Assim, o alcance das transmissões e a qualidade das mesmas ao serem controladas pelo Estado recebem denominações que as distinguirão, tratando-se das AM (Amplitude Modulada - Ondas Médias) e FM (Frequência Modulada). Depois do estranhamento inicial causado pela transmissão da voz humana, o rádio se torna no Brasil, da década de 1930 até meados da década de 1950, no principal veículo de comunicação sendo presença indispensável no cotidiano das pessoas.

Grande parte do conteúdo transmitido é moldada aos interesses estatais e de empresas privadas, e assim vão interferindo na configuração social ocorrendo assim uma profunda interferência cultural com bases mercadológicas e por outro lado uma divulgação em larga escala de interesses nacionais e patrióticos originados dos interesses estatais. No embalo das novidades comunicacionais oferecidas com o surgimento do rádio são criadas pelos países imperialistas as redes de comunicações internacionais. O exemplo do “símbolo do poderio crescente dos Estados Unidos na rede mundial da comunicação a distância na virada dos anos 30, é a Internacional Telegraph & Telephone” (MATTELART, 2002, p. 71). Assim,

O advento do rádio dá novo alento às estratégias de internacionalização da propaganda governamental. [...] a União Soviética que inicia, já em 1929, transmissões regulares de programas em alemão e francês e no ano seguinte, em inglês e neerlandês. [...] Em 1931, a Igreja Católica equipase com um instrumento poliglota, a Rádio Vaticana. É da Alemanha, não obstante, que parte a real dinâmica da internacionalização radiofônica. [...] Em 1933, é inaugurada a estação de ondas curtas de Zeesen nos arredores de Berlim, que irradia programas destinados a numerosas comunidades de alemães imigrados e também em inglês, para os Estados Unidos. Três anos mais tarde, quando dos Jogos Olímpicos de Berlim, ela chega a emitir em 28 línguas diferentes. Em 1935, o fascismo de Mussolini prova compreender antecipadamente o valor do rádio na propaganda proselitista ao transmitir programas em árabe para a África e o Oriente Médio. Em 1936, durante a guerra civil espanhola, a utilização do rádio em línguas estrangeiras pelos dois campos faz pressentir o papel estratégico desse novo meio de propaganda (Idem, p. 82).

O Brasil também, ainda na década de 30, estava inserido nesta propagação das rádios emissoras a nível mundial, “passou a irradiar programas para a América Latina,

Estados Unidos, Inglaterra e França” (CALABRE, 2005, p. 02). Em Goiás, só no alvor da década de 50 surge a rádio Brasil Central cuja potência de seus equipamentos tornou possível veicular uma comunicação que atingisse países vizinhos ao Brasil.

Com o rádio, no entanto, os principais acontecimentos do cotidiano chegavam rapidamente ao conhecimento das longínquas pessoas. Além das notícias do dia-a-dia o rádio possibilitou a divulgação de um conjunto de produções culturais através de músicas, radionovelas, textos, informações, etc. Com isso ocorre através do rádio a divulgação cultural de determinados lugares para outros distantes, proporcionando assim uma ampla fonte de expressão cultural.

Contudo, a partir da década de 1920 a divulgação cultural realizada por intermédio do rádio, assume aspectos diversos. De um lado emissoras estatais divulgam fundamentalmente conteúdos políticos. Diante do quadro mundial de disputa entre os países imperialistas o rádio é utilizado de maneiras variadas. Ora como instrumento político como são os casos da Alemanha de Hitler, Itália de Mussolini, Estados Unidos de Roosevelt e Brasil de Vargas, e ainda por grupos contestadores em diferentes partes do mundo, e ora como instrumento de divulgação cultural. Neste último caso a complexidade se torna mais profunda, uma vez que as expressões culturais divulgadas pelas rádios emissoras vão do nível local, passando pelo nacional ao nível mundial.

Mundialmente a comunicação radiofônica ficaria submetida hegemonicamente aos interesses de grandes agências de comunicação.

A influência do anunciante foi provavelmente maior no apogeu do rádio, quando uma grande porcentagem de todos os programas patrocinados era escrita pelas agências de propaganda para seus clientes, e as estações faziam simplesmente o papel de fornecedores de tempo e canais. As redes e estações tinham o direito de recusar, mas o dedo do anunciante era facilmente identificável. Esse era o período em que os programas comerciais insistentes e repetitivos começaram a encher o ar (RIVERS, 1970, p. 157).

Nesse sentido, os norte-americanos dominaram o campo comunicacional divulgando nos países subdesenvolvidos uma cultura baseada na produção comercial. O exemplo mais claro se trata da chegada das radionovelas da Coca-Cola no Brasil que seriam constantemente divulgadas na década de 1940. A publicidade interna e externa em âmbito

nacional e a divulgação cultural ficariam preponderantemente sob o controle estatal. Músicas, radionovelas etc., estariam em sua maior parte voltadas para a propaganda nacionalista e comercial. É nesse sentido “que as modalidades comerciais manifestas de controle e seleção se tornam, de fato, modalidades culturais” (WILLIAMS, 1992, p. 104) e no nível local, nas diversas partes do globo terrestre as milhares emissoras de rádio mesclavam a cultura local, veiculando produções culturais de artistas da localidade, com as expressões culturais provenientes dos meios urbanos mais desenvolvidos. E paralelo a essas divulgações eram transmitidos conteúdos políticos do Estado nacional e ainda conteúdos de divulgação de mercadorias de empresas transnacionais.

Representando então um forte adereço de divulgação comunicacional e ampla fonte educacional e informativa o rádio é rapidamente controlado pelo Estado e submetido a regras, a exemplo da “Lei do Rádio de 1912, a primeira desse tipo nos Estados Unidos. Mensagens “radioamadoras” estavam restritas por lei para comprimentos de onda de 200 metros ou menos, limite ampliado em alguns estados para 425 metros em 1915” (BURKE, 2004, p. 162-163). As emissoras comerciais encontram um caminho livre para sua expansão. Tanto que a publicidade comercial interna e externa aos Estados Unidos passa a ser dominada por um cartel privado

Que se chamava Radio Corporation of América (RCA). Seus principais membros: General Electric, Westinghouse e American Telephone & Telegraph Company. De acordo com o ajuste do cartel, a General Electric e a Westinghouse operariam estações com o propósito de estimular a venda de aparelhos receptores domésticos que seriam fabricados por elas e a subsidiária da AT&T, a Western Electric. Nesta fase, as estações não comerciais eram consideradas participantes lucrativas do plano já que seus programas induziam à compra de aparelhos fabricados sob os rótulos da RCA, da GE e da Westinghouse. A AT&T não deveria transmitir mas sim, ser a fornecedora exclusiva dos cabos que conectavam os estúdios e os transmissores. [...] No dia 28 de agosto de 1922, às cinco da tarde, a estação da AT&T em Nova Iorque, WEAJ, transmitiu o primeiro comercial e a radiodifusão americana nunca mais foi a mesma. (BAGDIKIAN, 1993, p. 174).

Esta questão colocada por Bagdikian (1993) deixa claro do porquê que a primeira emissora criada no Brasil teve o envolvimento da Westinghouse<sup>3</sup> na sua fundação, como

---

<sup>3</sup> Informamos desde já que foi uma estratégia dos proprietários da Westinghouse para ampliar o mercado consumidor dos aparelhos receptores por eles fabricados.

veremos no tópico seguinte, sobre o rádio no Brasil. Assim, desde então, o rádio representará um dos principais meios de divulgação cultural e de informação e educação social a nível mundial. O Estado rapidamente busca controlar o conteúdo divulgado pelas radio difusoras, bem como, o seu funcionamento, fazendo isso através da transformação dos canais radiofônicos em concessões privadas.

O contexto histórico do século XX, permeado por constantes enfrentamentos políticos realizados pelos países imperialistas, no entanto, vai propiciar o estabelecimento de uma forma de comunicação mediada por interesses voltados fundamentalmente para a divulgação política, ligada especialmente à intensificação ampliada da política estatal e por outro lado, sofrendo uma ampla influência da ampliação das relações sociais baseadas nas trocas mercantis. É com o rádio que ocorre de forma ampliada e de forma mais rápida, a propagação política estatal. Desde a primeira aparição do rádio, percebe-se esta característica intencional da comunicação por intermédio dele realizada.

Através da radiodifusão, no entanto, inaugura-se uma nova era no campo comunicacional. Os noticiários de jornais que exigiam certa concentração do leitor e um ambiente propício à leitura, são substituídos pelo barulho constante das ondas radiofônicas. As notícias e informações repassadas através do rádio recebem da melodia musical um adorno para atrair ou, na pior das hipóteses, para agradar a quem recebe tais comunicações. Além disso, exigiu um aparato técnico, tanto no que diz respeito à tecnologia utilizada quanto na habilidade de especialistas. As mensagens veiculadas eram frutos de um processo de produção técnica o qual criou no campo da radiodifusão esta dinâmica ágil e sem intervalos vagos dos programas que conhecemos na atualidade.

A forma comunicativa divulgada pelo rádio representou, no campo social, um importante meio educativo. Brecht faz uma discussão interessante quando trata do rádio como distribuidor de mensagens, no sentido de que a forma de funcionamento da rede radiofônica existente na atualidade apenas distribui mensagens e não permite a troca comunicacional. Ele chega a defender a idéia de que deveria existir um receptor e um transmissor em cada residência. Nesse sentido, segundo ele,

O rádio seria o mais admirável aparato de comunicação que se poderia conceber na vida pública, um enorme sistema de canais; quer dizer, seria, caso ele se propusesse não somente a emitir, mas também a receber; ou,

não apenas deixar o ouvinte escutar, mas fazê-lo falar; e não isolá-lo, mas colocá-lo numa relação. O rádio deveria, portanto, sair da esfera do fornecimento e organizar o ouvinte como fornecedor (BRECHT, 2007, p. 03).

Assim, é indispensável partir do pressuposto que a mensagem veiculada pode assumir diversas formas, dependendo de quem a transmite. Vejamos: se um grupo de mulheres resolve expressar através do rádio seu descontentamento com o preconceito sofrido na sociedade, buscarão divulgar seus interesses almejando obviamente fortalecer a sua luta; o Estado, por sua vez, poderá utilizar dos mesmos equipamentos para propaganda política, enquanto os negros poderão também expressar o seu descontentamento com o racismo existente. Enfim, uma variedade de concepções pode ser veiculada pelo rádio. Nesse sentido, o que determina a comunicação no rádio é quem o utiliza e com qual objetivo. Essa forma de tratar o rádio permite perceber as formas comunicativas divulgadas em toda a história do rádio, assim como as variantes existentes na atualidade como as rádios comunitárias, livres, clandestinas, enfim, comerciais, políticas etc.

Contudo, na sociedade moderna surgem os meios tecnológicos que vão permitir a efetivação de uma comunicação em larga escala, para longas distâncias. A maior parte deles acaba sendo transformada em mercadoria, para uso privado, ou ainda, transformada em propriedade estatal. Nos dois casos a comunicação realizada passa por um processo de edição, sendo previamente organizada, produzida, enfim, criada de acordo com os interesses de seus dirigentes. Neste caso, o maior percentual daqueles que faz uso destes meios, passa uma mensagem, uma informação, para receptores, dificultando a reciprocidade da comunicação, cuja característica passa ser a unidimensionalidade, a verticalização e o autoritarismo.

Contudo, para que ocorra a transmissão de conteúdo através desses meios tecnológicos de comunicação, estes precisam, indispensavelmente, estarem em boas condições técnicas, ou seja, que os aparelhos utilizados estejam funcionando corretamente. Quem tem uma proximidade com emissoras de rádio, por exemplo, sabe muito bem que os dispositivos utilizados na sua transmissão apresentam constantes problemas, logo, necessitam de constantes reparos. Além disso, no atual contexto histórico, é necessário que um conjunto de pessoas dedique um tempo na produção dos conteúdos a serem

transmitidos. Necessita-se também de um local apropriado para a instalação da aparelhagem e, ainda, da permissão do Estado para a sua instalação. Isso tudo pressupõe gastos e uma quantia elevada de dinheiro.

Assim, o acesso ao uso dos transmissores radiofônicos passa a ser hegemonicamente de exclusividade de determinados indivíduos cujo poder aquisitivo lhe permite arcar com as constantes despesas de manutenção de seus equipamentos e equipe técnica. Devido às dificuldades de mantê-las em funcionamento, grande parte dos proprietários de emissoras buscaram no rádio norte-americano, o exemplo para a sua manutenção. Assim, uma maneira encontrada para suprirem essas necessidades foi recorrer ao comércio, provocando assim, a mercantilização dos meios de comunicação. Segundo Melvin L. DeFleur e Sandra Ball-Rokeach “a mais espantosa das condições sociais que rodeou o desenvolvimento inicial do rádio foram a propriedade e a motivação do lucro” (1993, p. 113).

A mercantilização (o tempo é a principal mercadoria das emissoras de rádio<sup>4</sup>) dos meios de comunicação vai dar origem ao capital comunicacional<sup>5</sup>, a partir do qual o modo de funcionamento dos meios de comunicação sofrerá profundas alterações, evidenciando agora, uma programação dominada pela propaganda mercadológica. Com isso, o conteúdo informativo das rádios emissoras sofre profundas influências comerciais, norteando toda a programação para o que convém aos seus proprietários, o lucro. Raymond Williams faz referência a esta questão quando ele trata da obra de arte no contexto comercial. De acordo com suas próprias palavras

Quando a obra se tornou mercadoria, produzida para ser vendida com lucro, os cálculos internos de qualquer tipo de produção de mercado levam diretamente a novas formas de controle cultural e especialmente de seleção cultural. Tornamo-nos tão habituados às relações de mercado que pode parecer simplesmente banal observar que tipos de obras que dão prejuízo serão, na produção de mercado, reduzidos ou não terão continuidade, enquanto tipos que dão lucro se expandirão. Esses efeitos podem ser interpretados como os efeitos das escolhas das pessoas e, na verdade, freqüentemente é assim (WILLIAMS, 1992, p. 103).

---

<sup>4</sup> Para fazer uso de emissoras de rádio, é preciso pagar pelo tempo que será gasto na veiculação daquilo que deseja. As propagandas, atualmente, são veiculadas, em sua maioria, num tempo estimado de trinta segundos, podendo variar de acordo com o poder aquisitivo de quem está financiando a propaganda.

<sup>5</sup> O capital comunicacional é aquele voltado para o investimento capitalista nas empresas de comunicação, cada vez mais oligopolistas (VIANA, 2007b, p. 20).

Essa interferência do comércio nas programações das emissoras de rádio vai provocar, incisivamente, uma alteração em seu ambiente organizacional constringendo esta a assumir cada vez mais um caráter de empresa. Ou seja,

Tem-se a estruturação do mecanismo radiofônico como empresa econômica, tanto quanto possível dentro dos moldes comumente adotados pelos setores empresariais, e, como êstes, de um lado, buscando a rentabilidade, acima de quaisquer objetivos (PEREIRA, 1967, p. 55).

É criada uma estrutura interna adotada e aplicada às emissoras, estabelecida em uma organização hierárquica com profissionais cada vez mais especializados e treinados para funções determinadas. Assim, antes de um conteúdo ser veiculado para uma determinada população (local, nacional ou internacional) este passa pelo crivo dos especialistas que o colocarão de acordo com o objetivo pelo qual almejam atingir, por outro lado, mesmo as transmissões que acontecem em tempo real (que tecnicamente se denomina de “transmissões ao vivo”) são rigidamente planejadas de forma que, uma entrevista, por exemplo, esteja dentro dos parâmetros pré-estabelecidos pelos profissionais que estão nos estúdios, de onde são controlados todos os equipamentos que efetivam a veiculação para receptores. Assim, cabe ao repórter, que vai para a entrevista sabendo o que pode ou não ser dito, intervir quando o entrevistado fugir do assunto almejado pela emissora. Não é de espantar, portanto, que uma entrevista realizada aleatoriamente pelas ruas de determinada região, ao ser re-transmitida, sofra alterações não sendo veiculada da mesma forma que ocorreu. Com o processo de edição que ocorre nos estúdios das emissoras, corta-se uma passagem da entrevista aqui, outra ali, enfim, o conteúdo gravado sofre alterações até estar de acordo com os fins desejados pelos proprietários e dirigentes da emissora.

Esta intervenção dos técnicos que atuam nas emissoras de rádio é mais comum e mais visível no campo publicitário. Os comerciantes ao procurarem uma emissora de rádio para fazer sua propaganda, geralmente passam para o produtor da propaganda, a idéia que quer propagar (o faz em forma de texto, ou verbal). Ao receber o anúncio o técnico, acostumado ao campo da propaganda comercial, o qual domina os aspectos técnicos referentes à forma que deve ser uma propaganda para atrair a atenção pública, interfere no anúncio quando sugere uma mudança no texto e ainda no formato da propaganda, quando esta é também repassada pelo anunciante. Algumas emissoras, por sua vez, possuem os

próprios técnicos que realizam esta produção publicitária. Contudo, diante do processo de mercantilização e burocratização das relações sociais, surgem também as agências publicitárias que terão uma relação íntima com as emissoras de rádio. João Baptista Pereira faz uma referência a esta questão que esclarece esta intervenção realizada pelos técnicos publicitários de agências voltadas para a propaganda comercial. Vejamos em suas palavras:

O grupo de publicitários, compostos de várias subcategorias – que quase sempre se ligam formal e profissionalmente às agências de propaganda -, coloca-se a serviço do anunciante (cliente da agência), para orientá-lo pelos meandros da moderna propaganda. O publicitário considera-se um técnico que, dominando um conjunto de princípios básicos sobre os quais se fundamenta a atual arte ou técnica publicitária, coloca-se como espécie de assessor principalmente do grande anunciante. Êste por sua vez, embora sabendo da necessidade de anunciar, e para isso dispendo de verbas, nem sempre domina a práxis do anúncio, motivo por que apela para a orientação do especialista. Como se vê, as relações do publicitário com a estação radiofônica são decorrências da posição intermediária em que se situa a agência, ao se colocar entre um anunciante e um veículo promocional (PEREIRA, 1967, p. 65).

Portanto, a grande parte dos proprietários e dirigentes de emissoras de rádio busca no comércio lucrar com a mercantilização dos programas, divulgando mercadorias (uma forma de incentivar a sociedade ao consumo de produtos industrializados) e lucram também com a propaganda do Estado e de partidos políticos. Em todos estes casos, consequência da unidimensionalidade da comunicação por ela realizada, perpassa o modo de comunicação hegemonicamente existente na sociedade moderna, ou seja, o modo de comunicação vertical, autoritário. Assim, o rádio como meio tecnológico de comunicação, a partir do ponto de vista de Nildo Viana, pode ser “propriedade privada ou estatal” (VIANA, 2007a, p. 15).

Nesse sentido, a comunicação vai receber um tratamento especial do Estado. Os meios tecnológicos são submetidos a uma organização formalmente estabelecida em critérios constitucionais pautados em legislações, para que o conteúdo divulgado não entre em contradição com os seus princípios políticos. Com isso, para colocar uma emissora de rádio em atividade, passa a ser necessário que, aquele que venha desejar fundar uma rádio, deva solicitar a permissão do Estado, o qual responde através da emissão de uma concessão, um canal por onde ocorrerá a transmissão da emissora. Essa concessão é

concedida, por sua vez, após o pagamento de uma taxa, que deve ser renovada anualmente, e caso isso não ocorra é suspenso o direito de seu exercício, e ainda submetido ao pagamento de multas. De um lado então, as emissoras radiofônicas exercerão o papel de fontes de rendas para seus proprietários, através de sua mercantilização, e de outro, como meios de divulgação de propaganda política do Estado<sup>6</sup>.

Contudo, diante das questões analisadas até então, podemos afirmar que as emissoras de rádio nada mais são do que um meio tecnológico de comunicação utilizado para transmitir um conjunto de conteúdos informativos os quais sofrerão a interferência a) daqueles que o produz de acordo com os objetivos de quem solicita o seu trabalho, e b) do contexto de sua inserção, sendo expressões das relações sociais. Existirão, portanto, de forma predominante 1) as emissoras que estão a serviço do Estado, cujo objetivo principal é a divulgação política, e 2) aquelas que são dominadas fundamentalmente pelo capital comunicacional, sendo estas fontes de renda para os seus proprietários. Portanto, a questão fundamental relacionada à comunicação no capitalismo “seria não os meios utilizados e sim o modo como se realiza a comunicação” (VIANA, 2007a, p. 13).

Nesse sentido, o conteúdo transmitido tende a constranger a sociedade a agir conforme ao que é apreendido pelo rádio ou responder àquilo que é transmitido. Um acontecimento histórico que pode exemplificar a reação do público ouvinte ao conteúdo transmitido pelo rádio se trata da famosa história “A Invasão dos Marcianos” contada por Orson Welles através da rádio CBS (Colúmbia Broadcasting System – Estados Unidos) em seu programa Radioteatro Mercury. Na década de 1930 Welles dramatiza a peça *A Guerra dos Mundos* de Howard Koch e dá um aspecto de realidade à encenação transmitida pelo rádio inserindo músicas e empregando uma fala com tonalidade jornalística. Muitas pessoas ligaram o rádio após o início da narração, não ouvindo a introdução onde ele informava que se tratava de um rádio teatro. Foi o suficiente para o pânico se espalhar pela cidade de Nova York. Esse exemplo é visível quando mobilizou uma população inteira, diferentemente das programações rotineiras que o efeito se faz sentir de forma sensível, nem tanto visível quanto a reação às palavras ditas por Orson Welles em 1938.

---

<sup>6</sup> Existem ainda os meios de comunicação que exercem o papel de divulgador de interesses contrários ao do Estado e do capital comunicacional, porém, não percebemos essas expressões nas primeiras emissoras de rádio que surgiram em Goiás, embora existiam em jornais e revistas. Por isso, optamos por enfatizar esses dois perfis que predominaram nas primeiras emissoras.

Assim, a radiofonia passa a assumir um importante papel educativo cujas técnicas empregadas na construção da programação trazem um alto teor de estratégias pedagógicas voltadas para atingir determinados fins. Contudo, a educação social almejada através do rádio, está intimamente ligada aos objetivos desejados por quem, dele, faz uso. Nesse sentido, despontam na sociedade, programações e emissoras de rádio de cunho religioso (que estão a serviço de instituições religiosas); programas políticos (que geralmente são financiados por indivíduos integrantes de partidos políticos, e pode-se ainda incluir aí os programas voltados para a questão ecológicas, negra, feminista, homossexuais etc. e ainda os programas político/estatais); programas comerciais (que tanto pode ser voltado para a promoção de mercadorias, quanto para a promoção de pessoas, artistas etc.), enfim, a educação desejada por aqueles que utilizam do rádio, vai ser determinada pelo objetivo de quem está utilizando as emissoras. Nesse sentido, diante destas possibilidades educativas que foram sendo realizadas através do rádio é que as principais superpotências que disputavam a hegemonia mundial durante a Segunda Guerra Mundial utilizaram-no de forma ampla como instrumento de educação nacional, através da propaganda. A partir da década de 1930, diante do contexto de rivalidades e enfrentamento entre os países mais desenvolvidos o rádio foi utilizado exaustivamente como instrumento político.

Foi nesse sentido que,

A rádio NHK (Nippon Hoso Kyokai) do Japão, antes e depois da guerra, com sua junta de diretores, parecia se assemelhar à BBC. Houve pressão antes e depois da guerra do Japão com a China, em 1937, para se concentrar em transmissões que exaltassem “o espírito nacional”, incluindo emissões como o “tema do dia”, que incorporavam o hino nacional, canções patrióticas e chamadas para que os súditos do imperador fizessem uma reverência na direção de seu palácio (BRIGGS, 2004, p. 228).

De acordo com Peter Burke (2004, p. 224) no Canadá, “a radiodifusão foi usada deliberadamente para reforçar a identidade nacional, como já havia sido feito com a política de transporte”. Em outros países formas semelhantes de uso do rádio foram efetivadas.

Na Europa Oriental, a principal função do rádio (e mais tarde da televisão) foi definida como a “formação de uma consciência do Estado socialista”. Já a agência de radiodifusão italiana, a RAI, Radiotelevisione Italiana, fomentou a política de objetivar um público unificado. Nos EUA, desde o

início as transmissões foram integradas ao sistema de negócios, havia uma divisão, como acontecia na imprensa, entre, de um lado, os realizadores e apresentadores dos programas (geralmente os que ganhavam mais, as “celebridades”); e, de outro lado, os vendedores que arrecadavam as receitas dos anúncios (BURKE, 2004, p. 228-229).

Podemos ainda, citar o clássico exemplo do uso político do rádio na Alemanha de Hitler, cujos métodos utilizados por Goebbels – ministro da propaganda alemã – em seu controle se assemelham de forma equivalente ao que aconteceu no Brasil de Vargas na década de 1930 e 1940 tendo à frente Lourival Fontes (questão que veremos no tópico seguinte). O rádio foi para o nazismo o principal meio comunicacional entre o Estado e a população. E uma das principais medidas tomadas por Goebbels para assegurar a comunicação realizada por Hitler através das emissoras com a população foi sua ordenação de que se fizessem audições comunais.

A audição comunal de transmissões consideradas importantes tornou-se uma característica da vida na Alemanha nazista. Muitas delas eram feitas em horas de trabalho, o que levava as fábricas e escritórios a suspender a atividade, para que fosse atingida toda a força de trabalho do país. Os restaurantes e cafés tinham de possuir aparelhos de rádio, para essas ocasiões públicas; além disso, instalavam-se postes com alto-falantes nas ruas... [Assim] o Terceiro Reich alcançou uma cobertura radiofônica mais densa do que qualquer outro país do mundo. Os elos humanos, nessa rígida rede, eram os “guardiães radiofônicos” do partido nazista, que tinham o dever de levar os que viviam em seu quarteirão a ouvir os programas prescritos pelo partido, de cagüetar os que ouviam transmissões estrangeiras e de enviar relatórios sobre, por exemplo, reações produzidas na audiência, preferências e pedidos dos ouvintes para uma agência coordenadora central (GRUNBERBER, apud. WYKES, 1975, p. 94).

Outro importante exemplo na história da radiodifusão que coloca em destaque o perfil político do rádio e sua amplitude mundial a partir da década de 1930, o qual influenciou de forma contundente o conteúdo das emissoras brasileiras nas décadas de 1940, 1950 e 1960, se trata das notícias criadas pelo Repórter Esso “(com notícias da United Press Associations (UPA) e a supervisão da agência de publicidade McCann-Erickson, o radiojornal da Standard Oil Of New Jersey – mais tarde tipificado como síntese noticiosa)” (KLÖCKNER, 2008, p. 07).

O noticiário existia nos Estados Unidos desde 1935. A partir dali, se estendeu para 60 emissoras de rádio, em 15 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela). Em particular, no sul da América Latina (Argentina, Uruguai, Brasil e Chile), o Esso é referido em livros e em sítios da Internet como a mais importante síntese noticiosa do rádio e da televisão em cada país (Idem, p. 19).

Luciano Klöckner, conta em seu livro *Repórter Esso* um fato que aconteceu no Brasil que exemplifica o quanto as notícias veiculadas pelo rádio influenciam no comportamento de determinados indivíduos da sociedade, conseqüentemente, nas relações sociais. Segundo ele, através do *Repórter Esso* conseguiu-se uma audiência tão ampla que as notícias repassadas através do rótulo Esso eram a comunicação fiel entre Brasil e o resto do mundo. Ele coloca que a população confiava de tal forma na programação que acabou criando a idéia de que se “não deu no *Repórter Esso*, não era verdade. Ninguém acreditava” (KLÖCKNER, 2008, p. 15). Nos fins dos anos de 1945, conta o autor, a população brasileira aguardava, através do Esso, a informação do fim da Segunda Guerra Mundial. E para assegurar a notícia de última hora do Esso, que era repassada no Brasil através da rádio Nacional do Rio de Janeiro, um dos locutores desta rádio armou acampamento dentro da emissora para que, no momento que recebesse a notícia do fim da Guerra, pudesse informar à população. Aconteceu que outra emissora concorrente, a rádio Tupi, acabou recebendo primeiro a informação do fim da Guerra através de uma agência que a abastecia, e a veiculou.

Os ouvintes, indignados, reuniram-se em frente ao prédio da emissora, na Praça Mauá, protestando e querendo saber o porquê de o Repórter Esso não ter veiculado a informação. Afinal, ele era ou não a “Testemunha Ocular da História”. “O Primeiro a Dar as Últimas Notícias”? (Idem, p. 15).

O descontentamento daquelas pessoas que aguardavam de frente à emissora uma explicação desta “gafe” logo acabou quando o locutor desmentiu a informação repassada pela rádio concorrente. Neste momento

A calma da multidão de certa forma retornou, pois o que não podia acontecer, naqueles tempos de instabilidade geral, era o Repórter Esso,

“olhos e ouvidos de quem não podia nem ver, nem ouvir o que se passava na guerra”, não divulgar a notícia em primeira mão e perder a credibilidade (KLÖCKNER, 2008, p. 15).

Assim, questões políticas veiculadas através de notícias e denominadas, do ponto de vista estatal, de conteúdos informativos e educativos, ao serem veiculadas pelas emissoras de todo o mundo passou a influenciar no contexto social. Nesse sentido, diante do que discutimos até então, percebe-se que o contexto de inserção das rádio emissoras interfere incisivamente em sua forma comunicacional. Nesse sentido, podemos levantar a seguinte questão: e no Brasil, que forma assumirá a comunicação através do rádio, ou melhor, como as rádios emissoras serão utilizadas? Antes, porém, de analisar esta questão, faremos uma breve discussão do contexto brasileiro, o qual proporcionou profundas influências no modo de funcionamento e de utilização das emissoras de rádio nas diversas partes do país.

### **1.3. Uma breve discussão do contexto histórico brasileiro e goiano de 1937 a 1950**

A grande crise no regime de acumulação capitalista que assolou o mundo em 1929, trás como consequência para o Brasil, profundas mudanças em sua estrutura social. Iniciando a década de 1930, medidas protetivas foram tomadas pelo Estado brasileiro no sentido de organizar política e economicamente o cenário nacional para favorecer e fortalecer a expansão capitalista. Como afirma Boris Fausto, tratava-se de criar as condições para a rápida expansão do capitalismo no Brasil (FAUSTO, 1970, p. 18), superando assim, “o atraso e transformar o Brasil num país desenvolvido do ponto de vista econômico” (CAPELATO, 2003, p. 119). Logo no início da década de 1930, o Estado brasileiro, tendo à frente a figura de Vargas, inicia então uma constante intervenção no campo social em busca de uma reordenação das relações sociais, propondo essencialmente a regularização formal da exploração do trabalho. E faz isso,

A partir da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (novembro de 1930) – e a proteger a força de trabalho, promover sua limitada organização econômica, incentivar o aproveitamento do operário nacional. O anacrônico padrão de relações, sintetizado na frase tantas

vezes citada, “a questão social é uma questão de polícia”, começou a ser substituído por outro que implicava o reconhecimento da existência da classe e visava a controlá-la com os instrumentos da representação profissional, dos sindicatos oficiais (FAUSTO, 1970, p. 108).

Mesmo com as medidas tomadas pelo Estado brasileiro para criar as condições para a expansão capitalista no pós 1930, o capital no Brasil enfrentava fortes crises causando constantes insurreições operárias. Para manter a ordem, no entanto, o Estado intensifica o controle social instaurando um regime de forte repressão que se inicia em 1937 se estendendo até 1945, período este marcado pela ditadura através da instituição do Estado Novo. Uma das justificativas para o golpe era a necessidade de produzir mudanças capazes de colocar o país num patamar de progresso material que pudesse equipará-lo às nações mais prósperas do mundo (CAPELATO, 2003, p. 119). Neste momento ocorrem várias mudanças no campo social. De forma sintética, segundo Maria Helena Capelato,

A questão social deixou de ser um “caso de polícia” como no período anterior, mas passou a ser um caso de Estado.

No plano político, o autoritarismo, que sempre marcou presença na sociedade brasileira, foi reforçado nesse período. Foi introduzida no país uma nova cultura política. As liberdades relativas que existiam no período anterior foram extintas nesse momento em nome do progresso dentro da ordem.

O progresso material, sinônimos de desenvolvimento econômico, de fato ocorreu, demonstrando que a meta primeira do governo estado-novista foi atingida em parte. O Brasil nessa época, deu um salto em termos de superação do “atraso”, mas os resultados não chegaram a beneficiar as classes populares como um todo (CAPELATO, 2003, p. 140).

Neste contexto, entre outras medidas,

1. Extinguiu o Federalismo, desaparecendo também os governadores, [e partidos políticos] substituídos por interventores.
2. Permitiu ao governo (artigo 177) aposentar ou demitir funcionários cujas atividades e pensamentos não estivessem de acordo com os do governo.
3. Criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), com a função de controlar o que podia (e não podia) ser veiculado nos meios de comunicação de massa. O DIP funcionou como um órgão de censura que não permitia publicar nenhuma notícia desfavorável ao governo. Greves e até informações policiais eram censuradas. (RIBEIRO, 2001, p. 03-04).

O foco do Estado nesta fase era integrar o território brasileiro às exigências e necessidades expansionistas do capitalismo. As bases para uma industrialização nacional foram o fundamental das práticas governamentais estadonovistas.

É neste momento que vemos avançar sobre Goiás, a idéia de reorganização do Estado para intensificar a sua industrialização. “Economicamente, tinha-se de criar mecanismos que reorientassem a economia do setor agrário exportador para o setor urbano industrial” (SILVA, 2001, p. 136). Nesse sentido, as intenções do governo nacional, logo se fizeram sentir em terras goianas. A intervenção estatal em Goiás ficou por conta de Pedro Ludovico, através do qual, o Estado nacional conseguia efetivar seus interesses, promovendo a sua industrialização, conseqüentemente, o avanço do capitalismo, alterando, assim, o espectro social deste Estado.

No final da década de 1920, Goiás apresentava-se pouco urbanizado, enfim, com um capitalismo pouco desenvolvido. Havia uma “extrema precariedade dos meios de transporte e fragilidade da produção industrial” (LINHARES E SILVA, 1999, p. 03). Porém, um aumento significativo de indústrias já ocorria. Segundo Ana Lúcia,

A expansão capitalista que ocorrida em Goiás após 1930 atingiu também o setor industrial, e houve um significativo aumento do número de estabelecimentos industriais instalados na região, constituindo-se as indústrias alimentícias, de serviços e transformação de minérios não-metálicos, que eram as de maior número (SILVA, 2001, p. 156).

Com o desenvolvimento industrial, surge a necessidade de elevadas quantidades de força de trabalho para a produção, o que fez com que o Estado tomasse medidas para atrair grande levas de trabalhadores que passaram a chegar de todos os lugares do Brasil, inclusive, de outros países.

De Minas Gerais seguem os maiores quantitativos de migrantes para Goiás, conforme estatísticas de 1940 e 1950, recolhidas do estudo de Graham e Hollanda Filho (apud Estevam, 1997, p. 91): 44, 7% e 53,3%, respectivamente. Em seguida aos mineiros, os maranhenses (21,3% e 16,7%) e os baianos (20,6% e 15,7%) engrossam o povoamento das terras goianas.

...Há na década de 1940 um aumento sem precedentes dos negócios e da população (47%), que deixa o Estado de Goiás atrás somente do

crescimento verificado no Paraná e no Mato Grosso, e com quase o dobro do crescimento do país (BORGES, 2004, p. 191).

Com isso, centros urbanos e industriais foram surgindo rapidamente em várias partes do Estado. Em 1942, ano em que é fundada a primeira emissora de rádio em Goiás, já era possível encontrar alguns pólos industriais, bem como, centros urbanos bem organizados, é o caso de Anápolis, Ipameri, Goiânia, Catalão etc. Mesmo havendo uma economia determinada pela produção no campo (agricultura e agropecuária), as indústrias começavam a ocupar lugar de destaque, o que veio a se efetivar na década seguinte com a reorganização espacial promovida pelo Estado através da construção de Brasília; criação de rodovias ligando o Estado às principais capitais do país, bem como a construção de usinas hidrelétricas, proporcionando facilidades no abastecimento de energia para todo o Estado, e, fundamentalmente, foi o que possibilitou a instalação de indústrias e comércios. Isso tudo, por sua vez, pressupõe produção e circulação de mercadorias. Segundo Sodré, citando Marx, “a circulação de mercadorias [...] é o ponto de partida do capital. Ela não aparece senão onde a produção mercantil e o comércio já atingiram certo grau de desenvolvimento” (SODRÉ, 1976, p. 05).

Nesse sentido, as características classistas em Goiás despontavam com clareza na década de 1940. Nesse período havia nas cidades os operários, que trabalhavam em indústrias e na construção civil. Contrastando aos operários estavam os proprietários das unidades produtivas; além desses, profissionais autônomos compunham o quadro social goiano em conjunto com representantes do Estado; havia ainda outras classes como o lumpemproletariado que era uma preocupação dos governantes locais, uma vez que esses saíam mendigando pelas ruas e pelas casas, o que fez com que o governo local criasse órgãos e medidas para a retirada destas pessoas das ruas da cidade; existia também a classe camponesa, os latifundiários, pequenos burgueses e ainda, comunidades indígenas que eram submetidos à vida urbana, cujos costumes iam sendo alterados. Em relação aos indígenas, segundo um operário da construção civil da cidade de Goiânia “andavam aos bandos aí pela rua. Eles vinham fazer compras... índios carajás. Uma vez, eu vi uma turma indo embora carregando painéis. Os índios também sofrem, coitados...” (BOARI, 1940, p. 23).

Diante desta realidade onde as classes se defrontavam no cenário urbano, é que as cidades surgiam, dando origem aos bairros operários, bairros comerciais, centros e periferias etc. Uma questão interessante, no que se refere aos operários que vieram para Goiás na década de 1930, é que, em sua maioria, eram descendentes das grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro e até mesmo de outros países. Segundo uma pesquisa realizada por estudantes do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Goiás, realizado em 1987, de título: “Memória Social de Trabalhadores da Construção de Goiânia”, ao se discutirem as formas que vinham esses operários para trabalharem na construção da capital colocaram que isso se dava de duas formas.

A primeira, por recrutamento direto pelo capital, muitas vezes intermediado pelo Estado. Nesse tipo de recrutamento, eram utilizadas diferentes estratégias, desde a propaganda direta através de cartazes e anúncios de jornal, realizada nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, até a ação das firmas empreiteiras que, ao assinarem os contratos das edificações com o Estado, se comprometiam a transferir para o canteiro de obras um núcleo de trabalhadores já qualificados, muitos dos quais estrangeiros. Esse núcleo de trabalhadores desempenhará uma dupla função: a de se responsabilizar pela execução das tarefas mais técnicas do processo construtivo e, como responsáveis pela rotina de trabalho, pelo treinamento e subordinação dos trabalhadores oriundos das correntes migratórias, às condições do trabalho assalariado.

A segunda é explicada através da mobilidade do trabalho, constituindo as correntes migratórias. Nesse caso, os operários chegam “espontaneamente”, motivados pela esperança de uma nova vida e atraídos pelo fascínio que o capital exerce, já que está sendo criado um mercado de trabalho promissor (WIEDERHECKER, 1987, p. 07-08).

O modo de produção capitalista na década de 1940 em Goiás, no entanto, apresentava certas dificuldades para se desenvolver, porém, já demonstrava suas profundas contradições nos centros urbanos que se formavam. E para favorecer o seu desenvolvimento o Estado cria algumas estratégias para que isso viesse a se efetivar. Uma das primeiras realizações foi a transferência da capital de Goiás para Goiânia. Como colocou Bernardes, “a construção da nova Capital satisfazia aos anseios de expansão do sistema capitalista” (BERNARDES, 1989, p. 30). Além disso, criou incentivos para industriais instalarem suas fábricas neste Estado. Segundo um editorial publicado na revista *Goianidade*, organizada pela Associação Goiana de Imprensa,

Ao transferir a Capital do acidentado terreno onde estava encravada a antiga Vila Boa para a planície situada próxima ao município de Campinas, o governador Pedro Ludovico Teixeira criou uma lei para incentivar as pessoas com maior poder aquisitivo a construir indústrias de produtos diversos. Vasculhando sua memória, Venerando de Freitas Borges lembra que esta lei isentava de impostos durante um período de 10 anos qualquer cidadão que se aventurava em edificar a sua fábrica (GOIANIDADE, 1992, p. 56-57).

Esta citação nos permite visualizar como o Estado agia para facilitar e criar as condições para as relações de produção capitalista se expandir para o centro do país. Além disso, outra medida tomada foi a divulgação da idéia da Marcha para o Oeste, através da qual se dizia buscar o progresso para Goiás.

Na perspectiva do Governo Federal, tinham de se criar mecanismos que favorecessem o setor industrial, seja rebaixando os custos de reprodução da força de trabalho industrial, seja criando mercado para os produtos industriais. Foi dentro deste projeto que se elaborou uma política de Marcha para o Oeste (SILVA, 2001, p. 142).

A Marcha para o Oeste, portanto, era “o processo de ocupação do centro-oeste do país” (CHAUL, 2002, p. 222). Contudo, a idéia de “progresso” muito discutida no campo da história de Goiás, trás consigo uma concepção nem tanto realista que busca difundir uma concepção cuja crença está na melhoria de vida a partir do avanço do capitalismo. Isso, inclusive, está presente em grande parte de autores que escreveram sobre Goiás. Campos coloca como o interventor estatal em Goiás utilizava deste discurso. Segundo ele,

Para Pedro Ludovico, progresso é sinônimo de desenvolvimento. E assim como a cidade de Goiás é sinônimo de atraso, Goiânia torna-se um símbolo do progresso, expressão de um Estado que rompe com seu passado. O progresso é um objetivo buscado através da colonização, da construção de estradas e da mudança da capital (CAMPOS, 2004, p. 22).

Nesta estratégia política estabelecida por Pedro Ludovico que Goiás foi sendo organizado. Em 1945, finda a luta entre os países imperialistas. No Brasil ocorrem mudanças no plano social, político e econômico, com a criação de uma nova constituição e o fim do Estado Novo. Voltam os partidos políticos a disputar a direção do Estado. Grande

parte dos órgãos fiscalizadores são instintos surgindo uma nova organização social orientada pela mudança ocorrida no regime de acumulação capitalista.

E o que tem haver o rádio em Goiás com todas estas questões aqui discutidas? O rádio, assim como os outros meios de comunicação (jornais e revistas) existentes em Goiás na década de 1930 e 1940 contribuiu, à sua maneira, para a formatação de um ambiente propício à efetivação dos interesses do Estado. Foi, entre tantas outras estratégias criadas pelo Estado nacional, um dos meios por onde divulgava constantemente as suas intenções.

O governo procurou ampliar a base de apoio através da propaganda política, arma muito importante num regime que se volta para as massas. É preciso só lembrar que o regime nazista transformou-a num dos pilares do poder. O ministro Joseph Goebbels criou uma máquina de propaganda que serviu de modelo a vários governos (CAPELATO, 2003, p. 122-123).

Daí, a importância de buscar compreender como se dava essa relação das emissoras de rádio em Goiás com o Estado e com o capitalismo. Nosso propósito nos próximos capítulos é o de colaborar com o discernimento dessas particularidades históricas.

## CAPÍTULO II

### A HISTÓRIA DO RÁDIO NO BRASIL E A ORIGEM DOS MEIOS TECNOLÓGICOS DE COMUNICAÇÃO EM GOIÁS

#### 2.1 O Rádio no Brasil

A maioria dos historiadores que se dedicou ao estudo do rádio no Brasil relata que seu surgimento se deu no início da década de 1920. Segundo Pereira (1967, p. 47), o rádio “difundiu-se com incrível rapidez, principalmente pelo mundo ocidental, tendo chegado ao Brasil, em caráter definitivo ou regular [*em 1922*], dois anos depois” da primeira transmissão realizada nos Estados Unidos realizada pela KDKA em novembro de 1920.

Esta data se refere a uma transmissão radiofônica ocorrida no Rio de Janeiro que veiculou a comemoração do Centenário da Independência, evento esse que teve como principal discursador pelo rádio o presidente Epitácio Pessoa. Por outro lado, alguns estudiosos afirmam que antes das transmissões ocorridas no Rio de Janeiro uma emissora de Pernambuco já funcionava em caráter experimental. Walter Sampaio relata que

O Rio de Janeiro é considerada a primeira cidade brasileira a instalar uma emissora de rádio. Antes disso, porém experiências já eram feitas por alguns amadores, existindo documentos que provam que o rádio, no Brasil, nasceu em Recife, no dia 06 de abril de 1919, quando, com um transmissor importado da França, foi inaugurada a Rádio Clube de Pernambuco por Oscar Moreira Pinto, que depois se associou a Augusto Pereira e João Cardoso Ayres (SAMPAIO, 1971, p. 19).

Já Gisela Swetlana Ortriwano afirma que

Oficialmente, o rádio é inaugurado a 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do Centenário da Independência, quando, através de 80 receptores especialmente importados para a ocasião, alguns componentes da sociedade carioca puderam ouvir em casa o discurso do Presidente Epitácio Pessoa (ORTRIWANO, 1985, p. 13).

Enfim, é em 1923 que se efetiva definitivamente o uso constante de transmissões radiofônicas no Brasil.

Podemos considerar 20 de abril de 1923<sup>7</sup> como a data de instalação da radiodifusão no Brasil. É quando começa a funcionar a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada por Roquete Pinto e Henry Morize, impondo à emissora um cunho nitidamente educativo (ORTRIWANO, 1985, p. 13).

Nesta primeira década do rádio no Brasil, o seu uso era restrito a grupos de indivíduos que tinham condições financeiras para arcar com as despesas provenientes de seu funcionamento. O rádio nascia como meio de elite, não de massa, e se dirigia a quem tivesse poder aquisitivo para mandar buscar no exterior os aparelhos receptores, então muito caros (ORTRIWANO, 1985, p. 14). Por se tratar de emissoras que surgiam e eram financiadas por determinados grupos<sup>8</sup>, várias das primeiras emissoras receberam a denominação “Rádio Clube” ou “Rádio Sociedade”. De acordo com Clarêncio Neotti (1980, p. 135) “o título Rádio Clube especifica bem como foram os inícios da radiodifusão. Grupos de intelectuais e artistas encontravam o grande veículo de difusão de suas obras”, por isso a existência de emissoras com este nome nas várias partes do Brasil.

Esta situação da propriedade restrita do rádio durou pouco tempo, pois, logo, a habilidade de produção de transmissores e receptores de rádio passou a se tornar acessível à sociedade. Um ano depois, já eram 563 as licenças expedidas pelo Departamento dos Correios e Telégrafos, órgão encarregado das normas do serviço de radiodifusão, para a instalação de emissoras e utilização de aparelhos receptores (KLÖCKNER, 2008, p. 136). Assim, de meados da década de 1930 em diante ocorre o surgimento acelerado de rádios emissoras no Brasil. Contudo, o acesso de indivíduos integrantes das classes subalternas às emissoras de rádio só veio ocorrer, segundo Lia Calabre (2003), após o término da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>7</sup> João Baptista, estudioso do rádio no Brasil, e principalmente em São Paulo, parece concordar com esta informação e ainda descreve como Roquette Pinto viu o aparecimento desta emissora. Em suas palavras “a PRA-2, Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi fundada em 20 de abril de 1923, pelos Professores E. Roquette-Pinto e Henry Morize. Eis como Roquette-Pinto descreve o aparecimento desta emissora: “... em 1923, um de seus discípulos mais humildes e mais dedicados procurava-o (a Morize) para pedir-lhe que tomasse a dianteira num grande movimento civilizador, que seria a prática da radiotelephonia educadora. Mal terminada a exposição do plano idealizado, e o velho mestre, no seu gabinete de S. Januário, erguia-se commovido, abraçando o seu discípulo. Desde aquelle instante, foi o guia magnífico de uma campanha cívica, ora triumphante, culminada na fundação da Rádio Sociedade (PRA-2) (PEREIRA, 1967, p. 49-50).

<sup>8</sup> A autora acima citada ainda coloca que a manutenção das primeiras emissoras se dava através “de mensalidades pagas pelos que possuíam aparelhos receptores, por doações eventuais de entidades privadas ou públicas e, muito raramente, com a inserção de anúncios pagos, que, a rigor, eram proibidos pela legislação da época” (Idem, p. 14),

Assim, com várias emissoras existindo em diversas partes do Brasil, inicia-se então, uma luta entre os proprietários de rádio emissoras na busca por financiadores de suas programações. O caminho trilhado pela radiodifusão no Brasil, fundamentalmente a partir do início da década de 1930, passa, assim, a ser profundamente influenciado por sua mercantilização, ou seja, a sua transformação, de forma hegemônica, em fontes de divulgação comercial, e ainda, em fontes de renda para seus proprietários.

A partir do início do decênio de 30, o rádio sofre transformação radical. Em 1931, quando surge o primeiro documento sobre radiodifusão, o rádio brasileiro já estava comprometido com os “reclames” – o anúncio daquele tempo – para garantir sua sobrevivência.

A publicidade foi permitida por meio do decreto nº 21.111, de 1º de março de 1932, que regulamentou o Decreto nº 20.047, nove anos após a implantação do rádio no país (ORTRIWANO, 1985, p. 15).

A partir daí acelera-se a criação de emissoras por todas as partes do território nacional, pois, o rádio, além de prestígio social se tornou fonte de riqueza rápida. Como o acesso de parte da população que possuía condições financeiras para arcar com a compra das peças para montagem dos transmissores era relativamente fácil, então, o rádio passou a ser utilizado por indivíduos que residiam inclusive próximos uns dos outros. Isso teve como consequência a interferência da programação de uma emissora na transmissão daquelas que eram próximas. Esta questão foi utilizada pelo Estado como justificativa para se efetivar o controle das rádios emissoras. Pois, do ponto de vista estatal, só por meio da liberação de prefixos, através dos quais as emissoras passariam a funcionar e transmitir seu conteúdo em um canal determinado, é que poderiam ser corrigidos estes problemas técnicos, evitando a interferência de uma emissora em outra. Ainda na década de 1920, a rápida multiplicação de emissoras fez com que surgissem protocolos internacionais de utilização de frequências e de alcance das ondas sonoras (CALABRE, 2003, p. 01).

Por outro lado, as determinações do rádio no Brasil são conseqüentes de questões mais profundas e estão intimamente associadas ao desenrolar dos acontecimentos políticos e econômicos que ocorriam globalmente. Com o mundo envolvido na Segunda Guerra Mundial, Getúlio Vargas, com o propósito de estabelecer as condições para o avanço do capitalismo industrial no país adotou medidas políticas que acabaram por afetar de forma profunda as emissoras de rádio existentes.

Entretanto, antes mesmo de Getúlio Vargas assumir-se como ditador do Estado brasileiro o controle e regularização das emissoras de rádio já ocorriam através de órgãos específicos. A primeira atuação do Estado brasileiro no controle do conteúdo das rádios emissoras aconteceu por intermédio de um decreto criado em 1924.

Através do Decreto nº 16.657, de novembro de 1924, o presidente Arthur Bernardes aprovou o Regulamento dos serviços civis de radiotelegrafia e radiotelephonia. As emissoras de rádio destinadas à radiodifusão (broadcasting) foram classificadas por esse decreto como de tipo experimental. O governo preocupou-se em controlar o conteúdo e o caráter daquilo que era transmitido (CALABRE, 2003, p. 02).

Até porque as rádios emissoras já começavam a ser utilizadas como meio de propagação política por grupos que eram contrários ao governo. Lia Calabre em seu texto *A Participação do Rádio no Cotidiano Brasileiro*, descreve que

Ainda em 1932, no mês de maio, o rádio dava amostras de sua capacidade de mobilização política. A cidade de São Paulo exigia a deposição do então Presidente Getúlio Vargas, as rádios paulistas, em especial a rádio Record se transformavam em poderosas armas. Em julho, teve início o movimento que ficou conhecido como a Revolução Constitucionalista, que tinha como principal exigência a convocação de eleições para a formação de uma Assembléia Constituinte: o país necessitava de uma nova Constituição. A cidade logo foi cercada pelas forças federais, isolada, utilizou as emissoras de rádio para divulgar os acontecimentos a outras partes do país. Em outubro São Paulo entregava as armas. O rádio saiu do conflito revigorado por sua destacada atuação. Alguns profissionais do setor, como o locutor César Ladeira, se tornaram conhecidos em âmbito nacional (CALABRE, 2004, p. 71).

É neste contexto que o Estado busca controlar mais intensamente as emissoras de rádio, com a criação do Departamento Oficial de Propaganda – DOP em 1931. A partir de então a abertura de emissoras de rádio seria fortemente controlada e deveria ser realizada a partir de trâmites burocráticos perpassados pelo consentimento estatal. O Estado brasileiro mostra-se a partir dos anos de 1930, preocupado seriamente com o novo meio, que definia como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa” (ORTRIWANO, 1985, p. 15), e por essa questão impõe a regulamentação do seu conteúdo.

Mesmo estando sob um forte controle estatal, o rádio não deixou de ser utilizado por indivíduos que contestavam a atuação do governo, e neste sentido, em meados de 1930

percebe-se um crescimento considerável de emissoras, sendo utilizadas como meio de crítica de determinados grupos da sociedade ao governo. Com isso, o Estado intensifica ainda mais o controle das emissoras de rádio substituindo o DOP pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural – DPDC em 1934, que representaria também, uma intensificação da propaganda política do governo.

Portanto, até o final da década de 1930, as emissoras de rádio estiveram sob o controle do DPDC (Departamento de Propaganda e Difusão Cultural), o qual substituiu o DOP (Departamento Oficial de Propaganda), e como estratégia de tentar evitar qualquer brecha que possibilitasse a sua utilização por grupos contestadores, reforça o controle sobre os meios de comunicação e o DPDC é substituído finalmente pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) em 1939. Segundo Jambeiro, “O D.I.P., a partir de 1939, vai representar o aperfeiçoamento máximo do controle da informação em todo o território nacional” (JAMBEIRO, 2001, p. 13). Carone coloca que

Ele é “diretamente subordinado ao Presidente da República” e objetiva “centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional, interna ou externa, e servir, permanentemente, como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas, na parte que interessa à propaganda nacional”. Cabe-lhe, por sua vez, fazer censura de teatros e cinemas, estimular produção do cinema nacional, “coordenar e incentivar as relações da imprensa com os Poderes Públicos”, propaganda no exterior, proibir entrada de “publicações estrangeiras nocivas aos interesses brasileiros”, organizar programa de rádio-difusão, etc (CARONE, 1977, p. 171).

É neste contexto que o Estado intensifica a atuação de órgãos estatais em todos os meios de comunicação e principalmente sobre o meio tecnológico de comunicação predominante da época, o rádio. Nelson Werneck Sodré narra um episódio que ocorreu na cidade de São Paulo no período do Estado Novo que nos deixa claro como era a atuação desses órgãos. Vejamos:

As duas grandes organizações do Estado Novo foram, sem a menor dúvida, o DIP e a DOPS. A história das mazelas policiais de tal regime ainda não foi contada, mas foram numerosas as publicações que, desde 1945, as denunciaram, em aspectos parciais. O depoimento de Everardo Dias pode servir de exemplo, simples exemplo, pois, dessa forma ou de outra, milhares de pessoas foram presas, torturadas, assassinadas, vigiadas: “O autor passou meses ou anos, durante um bem acidentado

período (de 1917 a 1937) conversando nos presídios e respondendo a vários processos. Sempre vigiado, sempre suspeitado. De 37 em diante, durante o terror branco do Estado Novo, teve de viver como um ser abúlico, para não ser encarcerado, ou talvez pior. Tinha de dizer o que fazia, onde morava, que profissão exercia, de que vivia, que amizades cultivava... Vivia num subúrbio da capital e tinha, para tomar o trem, que exibir um salvo-conduto... Sempre a mercê de tiras nem sempre delicados e compreensivos, pelo contrário exigentes e rosnando ameaças... Apesar desse clima, como só restava, para a imprensa livre um recurso, o da clandestinidade, foi este bastante usado (SODRÉ, 1966, p. 439-440).

Assim, mesmo em período de forte repressão ainda havia aqueles meios de comunicação que expressavam interesses contrários às intenções do Estado, porém, de forma clandestina, mesmo que num momento ou noutro seus dirigentes acabassem sendo aprisionados e torturados.

Os vários órgãos fiscalizadores dos meios de comunicação foram implantados em cada Estado da Federação e tinham como função supervisionar todo conteúdo informativo em órgãos de imprensa (jornais, revistas, rádios). Esses mecanismos de fiscalização que representavam o DIP nos Estados eram os DEIPs (Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda) que no caso de Goiás era representado inicialmente por Câmara Filho, e posteriormente por Gerson de Castro Costa<sup>9</sup> e eram responsáveis pela função de divulgar a política expansionista estabelecida pelo Estado nacional em Goiás e controlar o conteúdo dos vários meios de comunicação. Através do DEIP se elaborava também programas de rádio, colunas de jornais e revistas que dizia respeito ao ícone do Estado nacional<sup>10</sup>.

Além da representação do DEIP, havia também os representantes do DIP em Goiás que eram os redatores daquele órgão os quais também agiam no controle das informações veiculadas pelos meios de comunicação no Estado, e faziam isso descrevendo os acontecimentos do dia a dia e enviando, através de relatórios diários, à central do DIP no Rio de Janeiro.

Eram cinco redatores, entre eles e representante do DIP em Goiás, que residia em Goiânia, estava Francisco Pimenta Neto, o qual foi, junto a Venerando de Freitas Borges

<sup>9</sup> Gerson também estava à frente da coordenação da Revista Oeste, órgão do governo do Estado.

<sup>10</sup> Ao fazer uma leitura de jornais e revistas da época, podemos perceber o quanto isso era constante. Citamos como exemplo, a Revista Oeste, os jornais *O Popular* e *O Anápolis*. Os acontecimentos que envolviam Vargas eram semanalmente divulgados. Até mesmo as festividades referentes ao seu aniversário eram anualmente divulgadas.

(então prefeito de Goiânia, escolhido pelo interventor Pedro Ludovico), os responsáveis pela “organização” da primeira emissora de rádio de Goiás criada com o consentimento do Estado. Abordaremos os detalhes desta relação do DIP e DEIP com os meios de comunicação e com o rádio em Goiás no terceiro capítulo desta pesquisa. Por enquanto, trataremos de forma mais geral, em âmbito nacional das determinações que cercavam as emissoras de rádio em todo o país.

No período que precedeu o fim da Segunda Guerra Mundial, portanto, como tentativa de assegurar a reprodução e expansão do capitalismo no Brasil, o Estado instituiu uma legislação baseada em uma forte repressão social. Os partidos políticos foram extintos, e os integrantes de partidos que tentavam qualquer forma de organização contrária à idéia estatal vigente eram fortemente torturados, o que aconteceu também e fundamentalmente com movimentos operários e camponeses que existiam nas várias partes do Brasil. Os meios de comunicação recebem um tratamento diferenciado. São encarados como fortes aliados na busca da efetivação dos seus interesses através da ampla divulgação de seu ideário, que era facilitado com a utilização de meios tecnológicos.

Nesse sentido, o ano de 1939 representou para a radiofonia brasileira, um período de profundas transformações. Diante do contexto de forte repressão o rádio é utilizado intensamente pelo Estado para a divulgação de uma comunicação baseada na publicidade política. Surge neste período o *Goebbels brasileiro* na pessoa de Lourival Fontes, o qual faz com os meios de comunicação no Brasil o que Goebbels fez com os meios de comunicação na Alemanha. As emissoras são fortemente controladas e passam a atuar em rede. É instituída uma legislação que estabelecia que em uma hora determinada do dia todas as emissoras, num mesmo prefixo, deveriam retransmitir a programação criada pelo Estado e veiculada pela Rádio Nacional. Lourival Fontes é encarregado pela formatação de um programa que seria veiculado num mesmo instante por todas as emissoras do Brasil, semelhante à “audição comunal” estabelecida por Goebbels na Alemanha, é quando ele “defende a instituição do programa *Hora do Brasil*, iniciado em julho” de 1935 (SAROLDI, 2005, p. 21). Desta forma, a criação de um programa para ser ouvido, simultaneamente, em todo o território nacional, e que fosse capaz de integrar à Capital Federal os vilarejos mais distantes, somente se efetivou em 1939, já com a *Hora do Brasil* (CALABRE, 2003, p. 05).

Em relação ao rádio neste período, final da década de 1930, Lourival Fontes dizia o seguinte:

Dos países de grande extensão territorial, o Brasil é o único que não tem uma estação de rádio “oficial”. Todos os demais têm estações que cobrem todo o seu território. Essas estações atuam como elemento de unidade nacional. Uma estação de grande potência torna o receptor barato e, portanto, o generaliza...

Não podemos desestimar a obra da propaganda e de cultura realizada pelo rádio e, principalmente, a sua ação extra-escolar; basta dizer que o rádio chega até onde não chegam a escola e a imprensa, isto é, aos pontos mais longínquos do país e, até, à compreensão do analfabeto (Lourival Fontes, *Voz do Brasil*, 20 fev 1936, apud, SAROLDI, 2005, p. 21).

Neste ínterim, os assuntos discutidos na *Hora do Brasil* viriam recheados de músicas as quais recebiam uma atenção especial do então coordenador da propaganda no Brasil, e buscava exemplo de sua utilização nas emissoras mexicanas. Lourival Fontes manifestava sua

Simpatia pelo exemplo do México, onde, segundo ele, a música popular foi não apenas censurada, mas “padronizada”. Isso evitaria que fatores estranhos ao país ou os próprios compositores viessem a deturpar o que fora fixado como “música popular mexicana” (Ibidem, p. 21).

O desejo de Lourival Fontes de ter no Brasil uma rádio oficial do Estado é efetivado, quando a Rádio Nacional do Rio de Janeiro é apropriada pelo Estado para ser a sua porta voz, sendo transformada na estação de rádio “oficial” do governo. Foi assim que “a ditadura Vargas se apropriou da Rádio Nacional do Rio de Janeiro e a transformou em veículo oficial do Estado Novo” (REBOUÇAS E MARTINS, 2007, p. 04). Isso aconteceu em março de 1940 quando

Getúlio Vargas institui o decreto-lei nº 2.073, criando as Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União. O texto oficial determinava: Considerando que todo o acervo da Companhia estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande e empresas a ele filiadas teve origem direta ou indireta em operações de crédito realizadas no estrangeiro e em contribuição dos cofres públicos do Brasil;...

Considerando que a Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande deve ao Patrimônio Nacional importância superior a L3.000.000,00 que recebeu a título de adiantamento para ser deduzida de excesso da receita bruta;

Considerando que foi com tais recursos, provindos do Tesouro, que a mesma empresa adquiriu ações de outras sociedades que fazem parte do seu acervo;...

Considerando que é de relevante interesse para a economia do país e, portanto, de utilidade pública, a manutenção e desenvolvimento das atividades de tais empresas, sob a orientação e responsabilidade do governo;

Considerando que se impõe desde logo a direção dessas empresas por agentes do Poder Público, para que se resguarde seu patrimônio e se assegure os direitos dos credores;...

Decreta:

Art. 1º:

Ficam incorporadas ao Patrimônio da União

a) Toda a rede ferroviária de propriedade da Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande ou a ela arrendada.

b) Todo o acervo das Sociedades “A Noite”, “Rio Editora” e “Rádio Nacional”.

c) As terras situadas nos Estados do Paraná e Santa Catarina, pertencentes à referida Companhia Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande (SAROLDI, 2005, p. 53-54).

A rádio Nacional é transformada na principal emissora de rádio do Brasil, sendo ouvida em todo o território nacional tornando-se também referência para aquelas emissoras que foram surgindo nas diversas partes do interior do país<sup>11</sup>. A rádio Nacional, por sua vez, sofria fortes influências de emissoras norte-americanas, e seus programas eram adequados para funcionarem da mesma forma que aquelas dando ênfase ao comércio e às produções culturais criadas por empresas transnacionais voltadas para a publicidade e, fundamentalmente foi modificada para servir à divulgação das intenções políticas de Getúlio Vargas. Nesse sentido,

Caberia então aos mecanismos desenvolvidos pela PRE-8 [rádio Nacional do Rio de Janeiro] a reprodução do sistema de dominação vigente, através da criação de produtos que simbolizassem e antes de tudo sintetizassem o conjunto dos valores éticos dominantes ou aqueles que fossem passíveis de manipulação por parte das classes detentoras do poder econômico e político (GOLDFEDER, 1980, p. 48).

Mesmo estando especificamente a serviço do Estado, a rádio Nacional continuou sendo administrada por uma empresa privada.

---

<sup>11</sup> Em Goiás, além da rádio Nacional, na década de 1940 ouvia-se também as emissoras Tamoio e Marick Veiga, ambas do Rio de Janeiro e a rádio Tupi de São Paulo. A rádio Nacional, portanto, dominava a audiência no interior, principalmente devido às programações de radionovelas.

Diferentemente do tratamento dispensado a outras emissoras estatais, a Rádio Nacional continuou a ser administrada como uma empresa privada, sendo sustentada financeiramente pelos recursos oriundos da venda de publicidade. Entre os anos de 40 e 46 a Rádio Nacional tornou-se uma campeã de audiência e captadora de altos investimentos publicitários, como foi o caso da chegada da Coca-Cola ao mercado brasileiro - a empresa investiu uma quantia significativa na época para colocar no ar Um Milhão de Melodias, um programa criado exclusivamente para o lançamento do produto (CALABRE, 2004, p. 71-72).

Para se ter uma idéia da amplitude que atingiu o rádio na sociedade brasileira recorremos a uma passagem do livro *Cor, Profissão e Mobilidade*, no qual o autor João Baptista Borges Pereira faz uma referência aproximada à quantidade de prefixos cedidos pelo Estado para a abertura de novas emissoras e ainda da quantidade de receptores existentes no país comparando-o com outras regiões. Nesse sentido afirma que segundo a UNESCO,

Entre todos os países de língua portuguesa e espanhola, espalhados pelos quadrantes do globo, o Brasil com 934 prefixos situou-se em 1º lugar, quanto ao número de transmissoras. Nesta classificação, o México aparece em 2º lugar, com 400 prefixos; o Paraguai, em último, com apenas 13. Paralelamente a este desenvolvimento de transmissoras, idêntico aumento ocorria em relação ao número de aparelhos receptores. Assim, em 1926, Roquette-Pinto estimava a existência de 30 mil aparelhos funcionando em todo o Território Nacional, alguns inclusive fabricados pelos próprios interessados. Ainda, segundo a mesma UNESCO, em 1952, entre países de língua portuguesa e espanhola, o Brasil colocava-se em segundo lugar, com 2 milhões e quinhentos mil aparelhos, dentro de uma escala aberta pela Argentina (2 milhões e 900 mil) e fechada pela Nicarágua (20 mil). Dez anos após, em 1962, o Brasil, com 4 milhões e 700 mil receptores, ascende para o primeiro posto, enquanto a Argentina, igualando-se ao México, com 3 milhões e 500 mil aparelhos, passa a ocupar o segundo lugar (PEREIRA, 1967, p. 59).

A estreita relação da rádio Nacional com empresas norte-americanas trás para o Brasil a veiculação constante do *Repórter Esso*. A sua primeira aparição em território brasileiro se dá através da rádio Nacional.

Em 1941, por necessidade imperiosa de nos colocarmos a par da II Guerra Mundial, surgiu o “Repórter Esso”, exatamente às 12h45m do dia 28 de agosto, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro [...] Preparado pela UPI – United Press International, seguiu as normas rígidas e funcionais dos

noticiários radiofônicos norte-americanos (ORTRIWANO, 1985, p. 20-21).

O Repórter Esso representou um marco na expressão formal do jornalismo mundial, e fundamentalmente brasileiro. Notícias que antes eram obtidas através de jornais, cujos textos longos eram lidos pelos microfones das emissoras, passam a ser veiculadas de forma direta e objetiva. Isto é, acontecimentos que às vezes demoravam semanas para serem publicados através dos jornais, e posteriormente divulgados pelas emissoras, agora passam a ser diretamente veiculados através de um linguajar simples e breve, de forma que atingisse todas as pessoas da sociedade. É quando começa o jornalismo dinâmico e de olho nos acontecimentos sociais para possibilitar o conhecimento instantâneo do que ocorria no Brasil e no mundo.

Por outro lado, começa a ocorrer através da rádio Nacional uma avalanche de propagandas de mercadorias produzidas por empresas estrangeiras (indústrias de refrigerantes, creme dentais, sabonetes etc).

Na década de 40, as empresas multinacionais passam a ter no rádio um aliado para sua entrada no mercado brasileiro - como já vinha ocorrendo em outros países das Américas. Em 1941, era lançada na Rádio Nacional a primeira radionovela no Brasil: Em busca da Felicidade. Segundo o sociólogo brasileiro Renato Ortiz, as radionovelas eram utilizadas nos Estados Unidos e em alguns países da América Latina como estratégia para o aumento na venda de produtos de higiene e de limpeza (ORTIZ, 1988). Em busca da felicidade era um original cubano de Leandro Blanco adaptado por Gilberto Martins a pedido da Standart Propaganda, que além de patrocinar o programa escolheu o horário matinal para seu lançamento. A experiência parecia ousada, o horário escolhido era de baixa audiência, entretanto o patrocinador criou uma estratégia para avaliar a receptividade do novo gênero oferecendo um brinde a cada ouvinte que enviasse um rótulo do creme dental Colgate. Logo no primeiro mês de promoção chegaram 48000 pedidos comprovando a eficácia comercial da nova programação. Com o sucesso do gênero logo surgem novas radionovelas em outras faixas de horários. A Nacional se transformou em uma verdadeira fábrica de ilusões, suas novelas marcaram época, forjaram hábitos e atitudes, despertaram polêmicas e fizeram muito sucesso junto ao público ouvinte (CALABRE, 2004, p. 72).

Podemos citar o exemplo da interferência de empresas estrangeiras no rádio brasileiro através do programa *Um Milhão de Melodias* estreado em 6 de janeiro de 1943 e transmitido às quartas-feiras às 21h35 pela Rádio Nacional.

O programa patrocinado pela Coca-Cola era a principal peça promocional para o lançamento do refrigerante no Brasil. Nele, o anunciante ganhava lugar de destaque equivalente ao das estrelas do desfile semanal. Para realizar *Um Milhão de Melodias* conjugavam-se mais uma vez os talentos de Radamés Gnattali, José Mauro e Haroldo Barbosa. [...] Para corporificar *Um Milhão de Melodias* foi criada a Orquestra Brasileira de Radamés. O objetivo era nacionalista dar à música brasileira um tratamento orquestral semelhante ao dispensado às composições estrangeiras (SAROLDI, 2005, p. 61).

Com a mercantilização do rádio, portanto, surge na década de 1920, de forma embrionária, o capital comunicacional no Brasil, utilizando termos *frankfurtianos*, é o início da indústria cultural no rádio. Nesse sentido que “a mercadoria é plenamente integrada no clima do programa, individualiza o programa, dando-lhe inclusive o seu próprio nome” (LOPES, 1988, p. 116). Com a publicidade como suporte da programação, o objetivo principal passa a ser o de alcançar grandes audiências, mercado para os produtos anunciados (ORTRIWANO, 1985, p. 16). Além das mercadorias propagadas, a mercantilização abrangia também os artistas que partindo dos grandes centros culturais (São Paulo e Rio de Janeiro) foram sendo popularizados através das grandes emissoras tornando-se conhecidos no interior do país, razão pelo qual se tornaram em atrativos fundamentais e garantia de “casa cheia” dos programas de auditórios das cidades do interior.

Almejando o aumento de audiência essas os integrantes destas emissoras utilizavam de várias estratégias para assegurar e atrair novos investidores, a exemplo da utilização da música como atrativo, radionovelas etc, mesclando-as com a cultura local. É nesse sentido que Neotti (1980, p. 138) relata que “para adaptar à ordem estabelecida na sociedade ocidental capitalista, o rádio deve buscar o maior número de audiência, oferecendo o maior número de iscas (sincretismo), com uma linguagem acessível ao maior número de consumidores”. Nesta busca por audiência almejada pelas diversas emissoras espalhadas pelo país é que vão ocorrer as diversas divulgações culturais no rádio brasileiro.

Paralelo à questão política estatal presente no rádio brasileiro, portanto, o contexto histórico estabelecido pelo capitalismo no qual as emissoras estavam inseridas, vai influenciar profundamente as programações e a comunicação radiofônica de todo o país, e inclusive, das emissoras das cidades interioranas. A mercantilização pela qual são submetidas tem seu alvor já na década de seu surgimento em 1920. Porém, ocorre que não havia a legalização formal expedida pelo Estado que controlasse o seu uso para a publicidade comercial o que só veio ocorrer em 1932. Mas, ainda assim, a maior parte dos proprietários de emissoras conseguia mantê-las em funcionamento recorrendo ao comércio local. A publicidade ocorria durante a programação através de sugestões emitidas por locutores que orientavam os ouvintes a recorrerem a determinada farmácia, por exemplo, caso quisessem um medicamento para dor de cabeça.

Já na sua primeira década de existência o seu funcionamento foi regulamentado pelo Estado e liberado para exploração comercial. Estabeleceu-se assim uma relação incisiva entre o veículo, o Estado e a empresa privada que fez do rádio a primeira indústria cultural do país (LOPES, 1988, p. 110).

Assim, a expressão cultural que passa predominar no rádio, principalmente a partir de 1930, esteve em grande parte associada à produção industrial. É neste contexto que se deu, em 1934, o surgimento dos Diários e Emissoras Associadas, que costumeiramente passou a ser denominado pelos historiadores de “império jornalístico de Assis Chateaubriand”. A denominação “império dos Diários Associados” deveu-se à quantidade de meios de comunicação que era de propriedade de Chateaubriand chegando às casas dos 100 na década de 1950. Os meios de comunicação integrantes dos Diários Associados incluíam jornais (34), emissoras de rádio (36), televisão (18), agências de notícias, revistas semanais e infantis, além de editoras. A primeira emissora que é criada de forma legalizada em Goiás, por exemplo, passou a fazer parte desta rede dos Diários Associados.

Com a mercantilização do rádio Chateaubriand detinha em suas mãos uma ampla fonte de enriquecimento efetivado a partir do momento em que ocorre uma avalanche de propagandas provenientes de empresas norte-americanas que buscavam investimento em emissoras no Brasil. Assim, a questão política no rádio brasileiro mesclava-se com a questão comercial, formando uma dupla característica fundamental do rádio existente no

país. Neste ínterim surgem os programas de auditório que atraíam um grande público e passaram a ser um item fundamental na definição social de uma rádio. Rádio novelas, programações musicais, “reclames”, enfim, o perfil do rádio foi sendo moldado ao contexto que o envolvia de modo que a audiência fosse cada vez mais ampliada, assegurando assim, a divulgação política e comercial realizada pelo rádio.

Com diversas estratégias utilizadas pelos técnicos do rádio, então, para assegurar e atrair audiência para as emissoras é que concomitantemente a política varguista era amplamente divulgada e ouvida em Goiás pelos rádios receptores ali existentes. No que diz respeito ao contexto goiano, no período em que nasce o rádio no Estado, e às questões institucionais que o envolve, pode-se afirmar que são conseqüências do contexto mais amplo determinadas em primeira instância pela luta travada pelos países imperialistas, que influenciou as relações sociais no Brasil, as quais influenciaram, simultaneamente, o contexto histórico social de Goiás, logo, interferindo no perfil das programações radiofônicas.

Partindo então deste referencial discutido até aqui, buscaremos a partir de agora fazer uma descrição cronológica da história das primeiras emissoras de rádio fundadas em Goiás que se deu na década de 1940. Analisaremos algumas das especificidades de cada emissora desta época atentando ainda para as experiências comunicacionais que ocorreram através de meios eletrônicos antes mesmo da inauguração da primeira emissora de rádio no Estado.

## **2.2. Os meios tecnológicos de comunicação em Goiás: *da rádio telegrafia e do sistema de alto-falantes à rádio difusão.***

O início da comunicação realizada por intermédio de instrumentos tecnológicos em Goiás representou um dos seus principais elos com outros Estados. Esta surge numa época em que a forma dominante de comunicação à distância existente se dava por intermédio de cartas e alguns poucos jornais, cuja comunicação demorava dias e até semanas para chegar aos lugares mais longínquos. No início do século XX o sudeste de Goiás encontrava-se mais desenvolvido industrialmente que a região norte, conseqüência de sua proximidade com as fronteiras industriais de São Paulo. Segundo Oliveira e Reichstul,

O Centro-Oeste é uma criação do Sudeste e, no que se refere ao setor agrário, pode ser considerado como uma “reserva de acumulação primitiva” para a expansão do sistema capitalista, já que seu setor industrial é inexpressivo e cresce em função da renda gerada pelas atividades agropecuárias (apud BORGES, 2000, p. 15).

Barsanufu Gomides acrescenta que

A partir das primeiras décadas do século, com o desenvolvimento urbano-industrial de São Paulo e a expansão da fronteira agrícola, a posição de Goiás na divisão regional do trabalho foi redefinida: além de exportador de gado, o Estado especializou-se também na produção e exportação de produtos agrícolas básicos para os mercados do Sudeste (BORGES, 2000, p. 15).

Essa proximidade de Goiás com São Paulo, no entanto, é que proporcionará o desenvolvimento produtivo rumo à industrialização da parte sudeste de Goiás. Nesse sentido, expressivamente o Estado apresentaria no início da década de 1920 um norte dominado pelas grandes fazendas sob o comando de coronéis e um sul começando a se engajar na economia mundial, cuja produção era baseada em pequenas propriedades e dando início à industrialização do Estado.

Com esta inserção da indústria na região sudeste, serão desenvolvidos determinados aspectos estruturais em algumas cidades que diferenciarão das mesmas da região norte. Uma primeira questão é a presença de inúmeras indústrias. Outro elemento que surge nesta região para proporcionar o desenvolvimento industrial nos centros urbanos foi a geração de energia através da Usina Hidrelétrica de Goiás. Em “maio de 1913, é inaugurada na cidade de Ipameri a primeira Usina de Goiás” (CARVALHO, 1958, p. 04) que no início da década de 1920 é ampliada recebendo o nome de Hidrelétrica de IÇA.

A cidade foi a primeira do Estado a contar com sistema de energia elétrica e iluminação pública, de telefone e telégrafo e com cinema. A partir de 1921 passou a dispor de uma agência do banco do Brasil, a primeira do Estado. Foram implantadas indústrias com instalações modernas, como charqueadas e máquinas de beneficiamento de arroz movidos a energia elétrica ou a vapor.

Ipameri tornou-se um significativo centro comercial, com grandes casas comissárias e consignatárias que controlavam o comércio de boa parte do Estado. A posição geográfica da cidade possibilitou aos comerciantes locais controlarem o comércio do Planalto Central, enviando regularmente carros de bois e tropas de burros carregados de mercadorias importadas às

idades de Planaltina, Formosa, Santa Luzia e Cristalina (BARSANUFO, 1990, p. 104).

Ipameri será também a cidade onde surgem os primeiros serviços telefônicos. A chegada do telefone na cidade causou impacto na população. A “implantação da Central Telefônica e da rede de linhas por toda a cidade, e sua inauguração ocorreu em 1920” (JUNQUEIRA, s/d, p. 48). O desenvolvimento industrial da região de Ipameri é facilitado com a chegada das Estradas de Ferro Goiás. Com ela, chega uma leva de migrantes estrangeiros.

Em 1913, com a penetração da “Estrada de Ferro Goiás”, aparecem na vida do município outros portugueses, os Morgados. Trabalhando inicialmente na construção do leito da Estrada de Ferro. [...] Com o advento da Estrada de Ferro aqui também se radicaram alemães e italianos (VEIGA, 1994, p. 55).

A inauguração da estação ferroviária na cidade proporciona o surgimento dos primeiros sírios comerciantes. Com esta leva de estrangeiros, a cidade sofre algumas mudanças no campo social com o aparecimento de vários estabelecimentos comerciais.

Os imigrantes dedicavam-se principalmente às atividades dos setores secundário e terciário. As charqueadas, as fábricas de banha e as grandes máquinas de beneficiamento de arroz foram, na sua maioria, instaladas na região por espanhóis e italianos. [...] o comércio varejista e atacadista estava sob controle dos árabes ou “turcos”, como eram chamados, por serem provenientes de territórios que até o final da Primeira Guerra Mundial estiveram sob o controle da Turquia. Esses comerciantes chegavam como vendedores ambulantes acompanhando a ponta da estrada de ferro e em seguida se fixavam nas cidades e povoados como pioneiros do comércio regional (BORGES, 1990, p. 105).

Junto a esses migrantes um indivíduo proveniente da capital Rio de Janeiro se instala na cidade, Waldemar Leone Ceva, o qual era um enviado do governo federal para a instalação da rede telegráfica da estrada de ferro que ligava Goiás a Minas Gerais. Como veremos mais à frente, esse conjunto de questões decorrentes da industrialização da região de Ipameri e a presença de um engenheiro em eletrônica foi o que proporcionou à cidade, o desenvolvimento da comunicação através de inúmeros meios eletrônicos de comunicação.

Contudo, mesmo com a estrada de ferro apontando na região sudeste de Goiás, em início da década de 1920, as dificuldades de locomoção pelo interior das terras goianas eram ainda obstáculos na agilidade do tráfego e das informações. A chegada da estrada de ferro no Estado representou, por sua vez, na linguagem de Luís Palacín (1989, p. 91), “uma revolução na comunicação em terras goianas”. De fato, os trilhos de ferro contribuíram para a velocidade da comunicação, uma vez que o Estado estava mergulhado num contexto cuja estrutura geográfica pautava no predomínio do cerrado, florestas e pouquíssimas estradas de rodagem, as quais começavam a se desenvolver nas proximidades das estradas de ferro. E das poucas estradas existentes, algumas eram ainda privatizadas, cujo tráfego exigia do transeunte, o pagamento de uma autorização para a passagem. Nesse sentido, “a construção, conservação e exploração econômica das estradas de rodagem ficaram quase que exclusivamente a cargo de empresas particulares” (BORGES, 2000, p. 53).

O transporte dominante nos anos de 1920 eram os famigerados *carros de bois*, e ainda os cavalos que trafegavam em “trilhas” abertas pelas movimentações diárias, os quais começavam a dividir espaço nas estradas com os recém chegados automóveis. Em relação à dificuldade de comunicação proveniente das barreiras naturais apresentadas em Goiás e sua rapidez com os trilhos de ferro, Luís Palacín narra um episódio ocorrido em 1925 envolvendo o capitão Cordolino de Azevedo, goiano e residente no Rio de Janeiro, que exemplifica o que acabamos de tratar. Ele afirma que

A chegada da estrada de ferro em Goiás tinha revolucionado as comunicações. Nota o autor que, quando ele viajou para o Rio, necessitou de 29 dias para percorrer a cavalo as 110 léguas que separavam a cidade de Goiás do fim da estrada de ferro, então em Uberaba; agora, em 1925, em dois dias chegou de Uberaba a Goiás; uma carta antes demorava 30 dias do Rio a Goiás, agora 6 (PALACIN, 1989, p. 91).

Se os trilhos de ferros representaram uma “revolução” nas comunicações em Goiás, mesmo com as intermináveis problemáticas que envolviam o tráfego do trem-de-ferro sob os trilhos no Estado, é possível, assim, pensar que a integração de meios eletrônicos de comunicação no Estado, veio representar uma mudança no modo de comunicação em terras goianas.

Assim, num contexto em que Goiás começa a ser integrado ao modo de produção que predominou após a Segunda Guerra Mundial, a comunicação por missiva, jornais e

centrais locais de telefones expressa o quão as relações sociais aqui estabelecidas na década de 1920 estavam atrasadas em relação às grandes metrópoles brasileiras, principalmente Rio de Janeiro que já contava com emissoras de radiodifusão.

Nesse sentido, durante nossa pesquisa surge uma informação referente aos meios eletrônicos de comunicação no Estado de Goiás que nos chamou a atenção por ser uma novidade que não conhecíamos até aqui; foi quando Sílvio Medeiros, locutor que esteve no início das atividades da primeira emissora de rádio legalizada de Goiás, nos contou que a maioria dos radialistas que trabalharam como locutores nas primeiras emissoras de rádio, aprenderam o ofício em *sistemas de alto-falantes*. A partir daí começamos a perceber que antes de surgir a primeira emissora de rádio, já aconteciam em várias partes do Estado transmissões comunicativas por intermédio de outros meios tecnológicos de comunicação e que não se tratava propriamente da radiodifusão.

Ao depararmos com esta informação buscamos conhecer melhor do que se tratavam estes sistemas de alto-falantes. Logo tomamos conhecimento que o sistema de alto-falantes era um sistema bem simplificado de comunicação composto por um microfone, um aparelho amplificador e os alto-falantes, e todos os aparelhos interligados com fios. Os alto-falantes são semelhantes



*Alto-falante coaxial utilizado na década de 1920 e início de 1930, idealizado por Herman J. Fanger*

aos equipamentos utilizados por anunciantes e vendedores ambulantes. A distância da transmissão da comunicação ocorrida através dos sistemas de alto-falantes era dependente do alcance e da alimentação dos fios utilizados. Assim, um fio extenso possibilitava levar os alto-falantes a uma longa distância, embora isso não permitisse ao transmissor, ouvir o volume nem mesmo controlar a frequência do que transmitia. Nesse sentido, a maioria dos proprietários de sistemas de alto-falantes colocava os transmissores, próximo ao amplificador.

Após tomar conhecimento dos sistemas de alto-falantes, através do jornal *Informação Goiana*, fomos surpreendidos por uma nova informação, que antes dos sistemas de alto-falantes, determinada população de Goiás se comunicava com outros estados através de telégrafos. Depois de várias pesquisas, concluímos enfim que a comunicação eletrônica em Goiás tem início através da radiotelegrafia, passando posteriormente a dividir espaço com os “*sistemas de alto-falantes*”.

De acordo com os dados e documentos que conseguimos a comunicação por intermédio da radiotelegrafia, inicia-se em Goiás no ano de 1920, época que Goiás e Tocantins formavam um único Estado. A primeira estação de radiotelegrafia foi montada em São José do Tocantins. Segundo depoimento dos seus agentes, a instalação deste sistema de comunicação em Goiás não foi uma tarefa muito fácil, pois, os trâmites para montagens de aparelhos eletrônicos de comunicação requeriam certa quantia de dinheiro. Entretanto, a legislação estabelecia que era obrigação do Estado arcar com todas as despesas de montagens desses aparelhos. Foi por intermédio desta questão que os seus idealizadores efetivaram a construção de redes de comunicação eletrônica no Estado.

O financiamento de sua fundação se tratava de uma verba que deveria ser cedida pelo Estado. Contudo, para se efetivar a montagem dos aparelhos era necessária a autorização do setor judiciário e do próprio Estado. Assim, os trâmites para a montagem da radiotelegrafia em Goiás iniciam-se ainda em 1920. Discutiremos mais detalhadamente esta questão no capítulo seguinte.

Com o passar dos anos, chegando à década de 1930 a telegrafia já estava presente em várias partes do Estado. Através de uma publicação realizada por um redator do jornal *Informação Goiana*, é possível perceber a amplitude tomada pela telegrafia no Estado. O mesmo descreve o que percebeu de uma estação de radiotelegrafia montada na cidade de Goiás, capital do Estado na época. Chama a atenção o título dado à publicação, “O Rádio em Goiás”. Vale ressaltar que em 1920 havia no Brasil apenas algumas experiências de radiodifusão na cidade do Rio de Janeiro. O rádio, da forma que conhecemos atualmente, passou a ser uma constante no país a partir de 1923, como afirmamos anteriormente. Naquela época, portanto, a expressão rádio, não assumia a mesma concepção que veio assumir posteriormente com a rádio difusão.

Nesse sentido, o rádio em 1920, era concebido como as estações de transmissões que ocorriam através da telegrafia. Os espaços onde instalavam os aparelhos de telégrafos passaram a ser denominados de “estações de radiotelegrafia”. A respeito da descrição do redator sobre a telegrafia em Goiás, ele relata:

Vimos um aparelho Siemens em serviço com a linha norte que coleta as estações de Itaberaí, Jaraguá, pno, crn, slu, pln, frm e Anápolis. E do sistema morce com signaes impressos na fita. Outro aparelho deste tipo faz o serviço da linha de leste/oeste com estações de registro, Cuiabá,

oeste e Anicuns, Palmeiras, Morrinhos, S. Rita, Jataí, Mineiros; Leste. Pelo segundo fio trabalha o Baudot. Não só em TR, Translação ou Renovação de corrente elétrica, como também para o serviço local. Esse tipo tem a vantagem de dar pronto escoamento a correspondência telegráfica, imprimindo sinais diretamente sobre a fita a empregar-se (Jornal *Informação Goiana*, fevereiro de 1930).

A radiotelegrafia e os sistemas de alto-falantes marcaram uma época em que o rádio era inexistente nestas terras e iniciante na comunicação no Brasil. Foi um meio indispensável para a comunicação interna do Estado com sua parte externa. Os aparelhos transmissores da telegrafia, denominados “cigarras”, possibilitavam a comunicação através da interligação dos mesmos por fios. Na atual circunstância é difícil imaginar o que representava a comunicação naquele contexto em que cidades do interior de Goiás eram interligadas a outros estados através de extensos fios. É um exemplo de sua importância na relação comunicacional mantida entre os seres humanos. Os sinais recebidos eram impressos em papéis e posteriormente decifrados. Por quinze anos a comunicação de Goiás com outros estados, foi amplamente realizada através da radiotelegrafia.

Contudo, na década de trinta ao lado da radiotelegrafia, surge em Goiás uma nova forma de se comunicar através de meios eletrônicos, a comunicação por intermédio dos sistemas de alto-falantes. Estes possuíam uma característica diferente da telegrafia que despertava a atenção de muitas pessoas. A questão fundamental dos sistemas de alto-falantes é que possibilitavam a transmissão da voz humana através de aparelhos denominados alto-falantes. Num contexto dominado pela comunicação interpessoal, onde os interlocutores diariamente comunicavam entre si sem a presença de uma comunicação veiculada por intermédio de qualquer outro meio eletrônico, ao aparecer os sistemas de alto-falantes, a primeira atitude da população foi de espanto, ao ouvir sair de um aparelho a voz humana.

Havia outra diferença entre a radiotelegrafia e os sistemas de alto-falantes. A radiotelegrafia não era acessível a toda população. Na década de 1920 seu uso era restrito a indivíduos ligados ao governo. Desta forma, a maior parte da população não tinha conhecimento ou contato com a comunicação realizada através da telegrafia, o que tornava a comunicação à distância algo desconhecido e incompreensível nas várias partes do Estado. Já os sistemas de alto-falantes, desde a sua primeira aparição no Estado, mantiveram uma relação íntima entre proprietários, alto-falantes e população. Uma vez que

os sistemas de alto-falantes era um meio de possibilitar que alguém que se comunicasse através destes aparelhos fosse ouvido por várias pessoas ao mesmo tempo, isso significa que os indivíduos que os utilizavam os colocavam em atividade visando atrair a atenção pública. Nesse sentido, mesmo sendo propriedade privada, e cujas transmissões eram restritas à localidade onde estava instalado, o sistema de alto-falantes permitiu que a comunicação realizada por intermédio dele, fosse recebida por várias pessoas ao mesmo tempo, e, fundamentalmente, por pessoas descendentes de várias classes sociais, diferentemente da telegrafia que no início ficou a cargo do governo.

Os sistemas de alto-falantes representaram em Goiás, no entanto, a escola primária para os radialistas que trabalharam nas primeiras emissoras de rádio que surgiram na década de 1940, como expressou Sílvio Medeiros<sup>12</sup>. Estes existiram em grande quantidade por todo o território goiano.

Agora, os sistemas de alto-falantes diferem das emissoras de rádio pela forma que realizavam a transmissão de seu conteúdo<sup>13</sup>. Através dos sistemas de alto-falantes a comunicação ocorria, como colocamos anteriormente, através de alto-falantes enquanto que a radiodifusão propiciava uma comunicação entre o emissor, que se localizava num determinado lugar, no estúdio, e o receptor, através de um aparelho receptor sem fio. Os sistemas de alto-falantes exigiam a utilização de fios e, devido a isso, não possibilitavam que o conteúdo transmitido atingisse longas distâncias, restringindo-se às proximidades onde estava instalado. Nesse sentido, tornava possível, inclusive, que o emissor visualiza-se o receptor, que poderia estar a alguns metros de distância do mesmo.

Já no sistema da radiodifusão, o emissor, através de aparelhos transmissores envia a comunicação para receptores localizados a longas distâncias, podendo ser ouvido dentro de casas, e mesmo em outras cidades, o que torna o locutor, alguém invisível, desconhecido pela grande maioria dos ouvintes da emissora. Desta forma, a comunicação que ocorre através da radiodifusão, estabelece um patamar de homogeneização da comunicação que

---

<sup>12</sup> Sílvio Medeiros foi um dos primeiros locutores de rádio de Goiás. Convidado por outro locutor integrou o quadro de profissionais da primeira emissora de rádio do Estado.

<sup>13</sup> A organização e o modo de funcionamento da programação dos sistemas de alto-falantes era basicamente a mesma das emissoras de rádio, com programas variados com músicas, programas “informativos”, novelas, etc. Em relação à estrutura interna, observamos que apenas a Amplificadora Cultural de Anápolis tinha uma equivalência ao rádio, com uma equipe técnica que organizava e atuava na produção dos programas. Discutiremos de forma mais detalhada a questão referente à tecnologia empregada tanto nos sistemas de alto-falantes quando nas emissoras de rádio no terceiro capítulo.

passa a criar no público ouvinte um espectro determinado pela cultura por ele divulgada. Por outro lado, alguns proprietários de sistemas de alto-falantes em Goiás desenvolveram, eles próprios, aparelhos de transmissão sem fio, transformando os sistemas de alto-falantes em pequenas emissoras de radiodifusão, com uma potência mais reduzida do que as rádios emissoras, e com uma característica específica, formalmente ilegal frente ao Estado.

Portanto, tudo indica que a primeira experiência comunicacional realizada em Goiás utilizando-se de sistemas de alto-falantes ocorreu na cidade de Ipameri no final da década de 1920. O jornal *Ypameri* de 1927 informa:

Alto falante na Praça da Liberdade

Por iniciativa do sr. Victorino Bevinhati, proprietário da casa de modas a Esmeralda, brevemente o público ypamerino<sup>14</sup> terá ocasião de ouvir, de um possante alto falante cuja campânula será collocada em frente a mesma casa, as irradiações emanadas dos principaes paizes americanos e europeus.

Terá uma derivação para a confeitaria Floresta para o prazer de seus frequentadores (*YPAMERI*, nov. 1927).

De acordo com Adolvando<sup>15</sup>, residente naquela cidade, o alto-falante na Praça da Liberdade, foi o motivo de encontro e de entretenimento da população nas tardes da pequena cidade. Era basicamente um transmissor de músicas e também de recados dos casais que se encontravam ali de frente ao comércio onde estava instalado que ora ou outra, o locutor fazia o convite aos presentes para “conhecerem ou fazerem uma visita à confeitaria”.

O segundo serviço de alto-falantes criado em Goiás surge no final da década de 1930 na cidade de Anápolis. Segundo Haydée Jayme<sup>16</sup> no livro *Anápolis: sua vida, seu povo*, “a primeira estação radioamadora de Anápolis foi instalada por Bráulio Vitoriano. No

---

<sup>14</sup> A respeito das citações, mantemos intactos os escritos originais preservando as questões gramaticais como poderá ser visto em todas as citações utilizadas neste texto.

<sup>15</sup> Adolvando Carlos de Alarcão foi um dos entrevistados que contribuiu sobremaneira com esta pesquisa passando informações valiosas sobre os sistemas de alto-falantes e sobre rádio emissoras. Foi ouvinte constante de emissoras de rádio da época e guarda ainda importantes documentos e informações sobre o rádio em Goiás.

<sup>16</sup> Em relação a este serviço de alto-falantes não conseguimos dados que detalhasse o seu modo de funcionamento. Embora não tenha sido possível detalhar as especificidades deste alto-falante, achamos importante cita-lo como integrante da história do rádio em Goiás, uma vez que trata de um meio eletrônico através do qual ocorreu uma forma de comunicação no Estado.

final da década de 1930, quando Anápolis era ainda uma pequena cidade” (JAYME, 1981, p. 259).

Através de uma passagem no livro *Ipameri Nossa Terra, Nossos Bisavos, Nossos Avos, Nossos Pais...* de Nildo Junqueira, está colocada uma informação de que na década de 1930 outro serviço de alto-falantes foi montado na cidade de Ipameri como podemos observar em suas palavras: “na década de 30, Waldemar instalou uma rádio com programas ao vivo, nas tardes de domingo, ele como radialista e Edith [*sua esposa*] como relações públicas” (LOPES, s/d, p. 61).

Esta mesma informação nos foi passada por Adolvando Carlos quando buscávamos na cidade alguns dados sobre uma emissora de rádio daquela região. Segundo ele,

Waldemar Leone Ceva, depois de se tornar no primeiro rádio amador de Ipameri e do Estado de Goiás, com o prefixo, PP2UA, o mesmo já nos anos trinta montou em sua residência uma rádio amplificadora. Com auxílio de sua esposa, Sra. Edith Vaz Lopes Ceva, transmitia nas tardes de domingo para a Praça da Liberdade programas de músicas e notícias sociais da cidade, o que proporcionava alegrias aos frequentadores da praça naquelas tardes preguiçosas de domingo e feriados (ALARCÃO, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Ao conversar com várias pessoas de Ipameri, os mesmos demonstraram simpatia por aquela forma de comunicação. Alguns expressaram que era uma relação íntima entre ouvinte e locutor. “Era bom ouvir seu nome sendo falado pelo alto-falante” exclamou um ouvinte do sistema de alto-falantes. Até mesmo as músicas chamavam atenção, pois o costume na região era o de ouvir alguns músicos da cidade que cantavam ao vivo e não se conhecia ainda as músicas existentes nas grandes cidades. Waldemar começou a colocar algumas músicas para tocar nos alto-falantes que ninguém conhecia. Com o tempo foi-se familiarizando com aquele som, e logo, as pessoas se juntavam na praça para ouvir as canções que ele trazia de outros lugares.

Encontramos no arquivo do jornal *O Anápolis* de março de 1936 uma notícia informando que estava sendo realizada a fundação de uma “sociedade anônima por meio de ações” para a criação de uma rádio emissora na cidade de Anápolis.

Estação Radio-Emissora  
Eis outro ideal, cuja realização marcha a passos de gigante.

A possibilidade da fundação em nossa cidade de uma poderosa estação emissora, já se transformou na mais formosa das realidades. A reunião de domingo ultimo, convocada pelos Irmãos Cardoso, teve pleno exito, resolvendo-se a fundação de uma sociedade anonyma por meio de acções, no sentido de se installar em Annapolis uma possante estação Radio-emissora. Comissões e orçamentos já foram elaborados e á idea triumphante nomes de responsabilidade em nosso meio financeiro e social hypothecaram todo o apoio material e moral.

Sabemos, mais, ser intuito de seus organisadores dotar Annapolis de uma emissora um tanto poderosa, cujas irradiações possam ser ouvidas até na Capital do Paiz.

E assim Annapolis, fazendo jus ao seu bastante significativo cognome de Ribeirão Preto goyana terá, ao lado de recursos materiaes, indispensáveis a todo o movimento e social, um vehiculo poderoso que transportará na azas da fama, através dos espaços a gloria de seu nome, edificada pelos esforços de um povo intelligente e laborioso.

(Jornal *O Anápolis*, 13 de outubro de 1940).

O grupo de acionistas da emissora foi criado chegando a ser formada uma comissão de dirigentes com funções determinadas para dar prosseguimento à fundação da emissora. Dois meses depois desta publicação de outubro de 1940, no dia 05 de janeiro do ano seguinte, através do jornal *O Anápolis* o mentor desta iniciativa informava à população, o grupo que integrava a comissão que assim se formou:

Directoria

Director-Presidente: dr. Zaqueu Crispim.

Director-Gerente: Sebastião da Costa Ferreira.

Director-Thezoureiro: Alderico Borges de Carvalho.

Conselho Fiscal: Dr. Bomfim d'Abbadia, dr. Raymundo Pires da Nobrega e Benedicto Mathias.

Suplentes: Pedro de Sá Guimarães, José Abdala e dr. Nicanor de Faria e Silva.

Nos meses posteriores novas publicações realizadas pelo jornal clamavam aos acionistas que pagassem a mensalidade para tornar possível a fundação da rádio. Foram várias chamadas e em 1942 o jornal faz a última referência à emissora, com a seguinte publicação:

Rádio Transmissora Anapolina, S/A

AVISO

A vista do despacho do Snr. Ministro da Viação, mandando que se faça o depósito na D.R., pede-se aos Snrs. acionistas, nos termos da lei e de acordo com os Estatutos, efetuarem o pagamento das prestações em atraso, com urgência.

A DIRETORIA (*O Annapolis*, 18 de janeiro de 1942).

Daí em diante não houve mais nem uma publicação no jornal fazendo referência à rádio Transmissora Anapolina. Ao buscar pela informação de quem era o diretor responsável pelas tramitações referentes à construção da emissora chegamos ao dado de que se tratava do mesmo editor/proprietário do Jornal *O Anápolis*. Não conseguimos informações que comprovasse se a Rádio foi fundada, mas pressupomos que não, já que aquele que estava por trás da sua fundação, que também era o editor/proprietário do principal jornal da cidade, não fez mais nenhuma publicação referente à emissora.

Bem, após a rádio Amplificadora de Ipameri, portanto, foi criado outro serviço de alto-falantes na cidade de Anápolis com o nome Amplificadora Cultural de Anápolis, fundada por Abelardo Velasco em janeiro de 1942. Nesta época, após um período funcionando em forma experimental e ainda como sistema simplificado de alto-falantes, a Amplificadora Cultural foi transformada em uma pequena emissora de rádio e podia ser ouvida através de aparelhos receptores. Sobre a Amplificadora Cultural Haydée afirma que “funcionava no segundo pavimento do Cine Teatro Imperial e suas transmissões eram captadas pelos aparelhos de rádios receptores de quase toda a população” (FERREIRA, 1981, p. 259).

Em outro livro publicado recentemente por Hélio Rocha há um depoimento de José Gonçalves Cunha, diretor-geral da atual rádio Imprensa e “conhecedor da história do rádio em Anápolis”, onde afirma que:

A primeira experiência radiofônica na cidade aconteceu em 1938, por meio da Amplificadora Cultural de Anápolis, que funcionava no Prédio do Cine Imperial, na Praça João Pessoa, hoje, James Fanstone, instalada por iniciativa de Abelardo Velasco (ROCHA, 2007, p. 138).

Como podemos observar aqui nos deparamos com duas publicações as quais informam datas diferentes a respeito da fundação da Amplificadora Cultural. Dados iguais a este foram uma constante durante esta pesquisa, principalmente através dos depoimentos que conseguimos. Buscamos resolver esta questão cruzando informações. Neste caso as várias fontes conseguidas foram de grande contribuição para estabelecer um critério na exposição dos dados. Podemos exemplificar esta questão no trato realizado às duas informações repassadas pelos dois autores anteriormente citados, a respeito da data de fundação da Amplificadora Cultural de Anápolis.

Diante das duas informações, buscamos por documentos que nos esclarecessem esta dubiedade e encontramos o mesmo dado passado por Haydée no arquivo de *O Anápolis*, na publicação de 11 de janeiro de 1942, onde foi noticiado o seguinte:

Amplificadora Cultural de Anápolis

Não há um só coração por mais misantropo que seja, por mais satisfeito que viva, que não encare um objetivo que lhe proporcione um pequeno toque de recordação, ao ouvir o despertar da “Amplificadora Cultural de Anápolis” que é, hoje, o orgulho da cidade, há pouco instalada á praça de João Pessoa, no coreto do Jardim Público, entre os magestosos edifício do Hospital Evangélico e do Cine Teatro Imperial. Belas e seletas gravações são executadas. [...]

Somente á criação de um homem criação de um idealista, criação, sim, do dr. Abelardo Velasco, que, com a organização dessa Amplificadora acaba de levantar um pavimento de vida na construção desta progressista e hospitaleira cidade, deixando cair um tijolo de reconhecimento no coração de cada anapolino conciente, e aos demais, como eu, a boa impressão que faremos ver aquele que queria tranquilisar-se conosco e os filhos deste Goiaz tão bom. Outrossim, encorajando a nossa mocidade para o cooperativismo não só do estado de Goiaz como também do Brasil (*Jornal Annapolis*, 11 de janeiro de 1942).

A Amplificadora Cultural, portanto, foi criada em janeiro de 1942, pouco antes de ser inaugurada a primeira emissora formalmente legalizada de Goiás. A Amplificadora, por sua vez, se diferenciava das emissoras de rádio apenas no quesito “legalidade”, pois foi uma emissora fundada sem a permissão do Estado e funcionou por um bom tempo na “clandestinidade” com um aparato técnico organizacional semelhante às emissoras que surgiram posteriormente. O modo de funcionamento deste serviço de alto-falante pode ser observado através das palavras de Haydée Jayme. Segundo a autora,

Além dos programas musicais, Abelardo promovia bailes e matinês dançantes no vasto salão onde era instalada a Amplificadora.

Citaremos agora alguns programas da Amplificadora Cultural de Anápolis:

Hora da criança: - onde a criançada concorria a testes de conhecimentos gerais, com prêmios para as respostas certas. Programa de Estúdio e Discoteca às suas Ordens. (FERREIRA, 1981, p. 259-260).

Podemos afirmar, portanto, que a primeira emissora de rádio que realizou transmissões comunicacionais para rádios receptores no Estado de Goiás foi a Amplificadora Cultural de Anápolis. Isso contraria a grande parte, senão todas, as

concepções existentes a respeito da história do rádio no Estado. A Amplificadora Cultural iniciou suas atividades como sistema de alto-falantes, porém, logo após sua inauguração, ainda no início do ano de 1942, Abelardo, seu proprietário, consegue transformá-lo em transmissora para rádios receptores. Isso, obviamente, muda a questão informativa referente à história do rádio no Estado, como veremos mais à frente.

Depois da Amplificadora Cultural de Anápolis, enfim, em 1942, é fundada no Estado de Goiás, na cidade de Goiânia, a primeira emissora de rádio cuja concessão para funcionamento foi concedida pelo Estado, a rádio Clube<sup>17</sup> de Goiânia. É inaugurada no dia 05 de julho de 1942, funcionando na frequência 1230 KW e no início contava ainda com um auditório com sessenta poltronas que foi ampliado posteriormente para quatrocentos lugares. Esta emissora inicia suas atividades com uma programação altamente planejada, nos moldes das principais emissoras do país, as quais eram ouvidas de forma límpida no Estado. Assim,

O Estado de Goiás ingressaria na era da comunicação de massa em 1942, com a chegada da primeira emissora de rádio da nova Capital. Fundada por um grupo liderado por Francisco Braga Sobrinho e o ex-deputado Castro Costa, a Rádio Clube chegava como a maior atração da década. Não é difícil imaginar o significado da presença do rádio num momento em que os jornais tinham pouca circulação e, por isso mesmo, só eram acessíveis a um número muito restrito de pessoas (GOIANIDADE, 1992, p. 115).

Além das pessoas supracitadas que estiveram envolvidas na edificação desta emissora as pessoas que entrevistamos também ressaltaram que a sua fundação foi obra de Venerando de Freitas Borges (prefeito de Goiânia na época) e Francisco Pimenta Neto que era escritor e fazia parte de um grupo de indivíduos que efetivava a comunicação do Estado ao DIP no Rio de Janeiro. Sílvio Medeiros, um dos locutores desta época na rádio Clube nos contou que “Venerando de Freitas Borges que foi o primeiro prefeito de Goiânia foi também o presidente da rádio Clube de Goiânia. Era 1230 a frequência da rádio Clube. Depois Virou rádio K, agora é rádio 730”. (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

---

<sup>17</sup> A rádio Clube que na década de 1980 é adquirida por Jorge Kajuru, tem o nome alterado por influência do proprietário recebendo a inicial de seu segundo nome, se transformando assim, na rádio K. Posteriormente, com novo proprietário, a emissora é nomeada rádio 730 AM, nome este existente atualmente. A razão social da emissora, no entanto, permanece o mesmo, ou seja, rádio Clube.

José Cunha Júnior<sup>18</sup>, outro locutor da rádio Clube na década de 1940, nos disse que além de Venerando, “teve o Francisco Pimenta Neto. Sabia muito, já veio com escolaridade de rádio. Ajudou muito [...] ele foi um elemento que um dia alguém deve se lembrar e dar um destaque ao Pimenta”.

Encontramos esta informação de que Venerando e Pimenta Neto foram os fundadores da emissora em um jornal editado pela Associação Goiana de Imprensa (AGI) publicado em 2003, em um artigo que tratava da pessoa de Francisco Pimenta Neto e dizia o seguinte: “Francisco Pimenta Neto foi jornalista associado a AGI, escritor e radialista, tendo participado da fundação de duas emissoras de Goiânia: a Rádio Clube e a Rádio Brasil Central (Jornal da AGI, 2003, p. 2)”. [grifo nosso]

Em 2004 a AGI publica através do mesmo jornal um artigo intitulado “Nas Ondas do Rádio” e numa passagem coloca que,

O Estado de Goiás ingressaria na era da comunicação de massa em 1942, com a chegada da primeira emissora de rádio da nova Capital. *Fundada por Venerando de Freitas Borges e Francisco Pimenta Neto*, a Rádio Clube chegava como a maior atração da década. Não é difícil imaginar o significado da presença do rádio num momento em que os jornais tinham pouca circulação e, por isso mesmo, só eram acessíveis a um número muito restrito de pessoas (Jornal da AGI, 2004, p. 54). [grifo nosso]

Se voltarmos na quarta citação colocada anteriormente, retirada da revista *Goianidade*, editada pela Associação Goiana de Imprensa, a qual publicou esta última informação no jornal editado por ela mesma, perceberemos que se trata da mesma citação que colocamos anteriormente, com uma pequena alteração nos nomes dos fundadores da rádio Clube. Enquanto na revista *Goianidade* eles colocaram que a fundação da emissora deve-se a “um grupo liderado por Francisco Braga Sobrinho e o ex-deputado Castro Costa”, aqui no jornal publicado em 2004 dizem que foi “fundada por Venerando de Freitas Borges e Francisco Pimenta Neto”. Durante o tempo que pesquisamos sobre o rádio em Goiás, foi esta a informação que prevaleceu no discurso dos mais conhecedores da história do rádio em Goiás.

Esta questão é colocada também por Ubirajara Galli em seu livro *A História do Batismo Cultural de Goiânia*, porém, ressalta ele que a rádio Clube foi idealizada por

---

<sup>18</sup> Segundo Sílvio Medeiros a sua presença na rádio Clube deveu-se a José Cunha Júnior, o qual lhe fez o convite e facilitou a sua inserção na emissora.

Francisco Pimenta Neto. Aqui nem mesmo o nome de Venerando aparece em seu texto. Como afirma ele

O idealizador maior das suas primeiras ondas sonoras foi Francisco Pimenta Neto, nascido em São Tomás de Aquino (MG), no dia 21 de março de 1900. [...] No final de 1941, aluga um sobrado que pertencia a Aldemar de Andrade Câmara, médico particular do Interventor Pedro Ludovico, localizado na Rua 29, Centro, quase esquina com a Avenida Tocantins, para montar a primeira sede. Esse sobrado foi construído por Albatênio Caiado de Godói, que assinou, junto com Pedro Ludovico, o decreto definitivo da mudança da capital. Depois deste local pioneiro, a emissora montou seus estúdios na rua 2, nº 5, Centro, onde permaneceu por muitos anos.(GALLI, 2007, p. 38).

Portanto, a partir de duas questões colocadas por locutores da época, com os quais realizamos uma entrevista, Sílvio Medeiros e Juvenal de Barros<sup>19</sup>, podemos tirar uma conclusão a respeito dos fundadores desta emissora. Segundo Sílvio Medeiros, em uma entrevista concedida à Associação Goiana de Imprensa em agosto de 1978, e publicada através do livro “Imprensa Goiana: depoimentos para a sua história”, ele afirma que na época que trabalhou na rádio Clube, essa “ainda não era emissora pertencente à rede associada. Era presidente naquela época, o então prefeito, dr. Venerando de Freitas Borges” (MEDEIROS, 1980, pág. 323). Já Juvenal de Barros, em um pequeno artigo publicado em 1989 pelo jornal *O Popular* afirmou que,

*Depois de um tempo, veio para Goiânia o talentoso e experiente homem de rádio, Francisco Pimenta Neto (considerado o pai da radiofonia goiana) que tirou a Rádio Clube da fase do “...acabaram de ouvir... e vamos ouvir agora...”, brindando os seus ouvintes com programas produzidos e montados, aproveitando mais e melhor os valores da época (BARROS, 1989, s/p). [grifo nosso]*

Diante destas duas questões colocadas anteriormente, a primeira de que Venerando era presidente da rádio Clube e Francisco Pimenta Neto tenha chegado a Goiânia já numa fase em que a emissora já estava funcionando, então pode-se concluir que os verdadeiros fundadores/proprietários da emissora não foram esses dois como nos foi afirmado por várias pessoas com quem conversamos no decorrer desta pesquisa. Pimenta Neto foi tão somente um dos dirigentes que esteve à frente da organização da rádio Clube. Parece haver

---

<sup>19</sup> Juvenal de Barros foi um dos primeiros locutores da segunda emissora de rádio do Estado. Segundo ele, atuou também na rádio Clube de Goiânia.

uma concordância entre os entrevistados que Francisco Braga Sobrinho e Castro Costa financiaram os primeiros equipamentos da emissora, gasto esse transformado posteriormente em ações.

Assim, através de uma nota publicada pelo Jornal *O Popular* em julho de 1942, redigida por Romeu Pires Campos Barros, é possível esclarecer esta questão referente à propriedade da emissora. Esta se tratava de uma sociedade anônima cuja razão social era Rádio Clube de Goiânia S.A. Não conseguimos informações que precisassem quem eram os acionistas. Através do jornal, Romeu, que era o secretário da emissora, cobrava dos acionistas, as mensalidades em atraso, estipulando uma data para tal pagamento, que se não fosse efetuado seria cobrado judicialmente. Contudo, em vários documentos, como em publicações do jornal *O Popular*, sempre aparece o nome de Venerando de Freitas Borges como realizador das negociações para a fundação da emissora.

Venerando era, na época, prefeito de Goiânia, nomeado por Pedro Ludovico, o qual “com a Revolução de Trinta, fora designado Interventor Federal em Goiás” (TELES, 2004b, p. 97) por Getúlio Vargas. Assim, sua posição privilegiada contava com maior influência nas questões sociais, e a criação da rádio Clube foi obra de seu esforço, com a contribuição financeira das pessoas supracitadas, quando buscou em empresas de São Paulo, meios para que fosse fundada em Goiânia. Os trâmites para a sua criação começaram no início de 1941. *O Popular* de 19 de janeiro de 1941 informa:

Em sua última viagem a S. Paulo o pref. Venerando de Freitas que é também Presidente da “Voz do Oeste” teve ocasião de tratar da construção dos aparelhos necessários á montagem da transmissora desta Capital, verificando já estarem bem adiantados os serviços de montagem. Dentro de poucos dias, estará em Goiania o socio gerente da Sociedade Técnica Paulista, afim de se ultimarem as demarches (Jornal “O Popular”, 19 de janeiro de 1941).

A licença desta emissora foi concedida em agosto de 1941, ou seja, onze meses antes da sua inauguração, como noticiou o jornal *O Popular*:

Obtida a licença para a montagem da Estação Radiodifusora Há tempos, fundou-se nesta Capital a Radio Clube de Goiania S.A., tendo sido eleito seu Presidente o Prefeito Venerando de Freitas Borges. Realizadas as primeiras reuniões, conforme já noticiamos, tratou-se logo de conseguir a necessária licença para a montagem da Estação radiodifusora, a primeira a ter existência no Estado de Goiaz.

Agora, segundo diversos telegramas recebidos em Goiânia, acaba de ser concedida a permissão para montagem da referida emissora que será a maior do Brasil Central.

Os dirigentes da Radio Clube de Goiânia esperam estar com a Estação funcionando nos primeiros dias do próximo ano, já tendo para esse fim, sido confeccionado o transmissor de 2.000 wats que deverá chegar a esta Capital, no menor prazo possível.

Trata-se, como se vê, de empreendimento de elevada significação para a vida econômica e social do Estado.

(Jornal *O Popular*, 23 de agosto de 1941).

Em fevereiro de 1942 chegaram a Goiânia os técnicos que vieram de São Paulo para fazer a avaliação do espaço onde os equipamentos da emissora seriam instalados:

Em vista que aqueles técnicos, srs. Vitorino Ribeiro e José Afonso de Carvalho, fizeram à nossa redação, acompanhados dos srs. Prefeito Venerando de Freitas e Antonio Lisboa, respectivamente Presidente e Diretor-Técnico da Radio Clube de Goiânia, tivemos oportunidade de obter amplas informações a respeito da grande difusora que está sendo aguardada com vivo interesse por parte do povo goiano.

Os referidos técnicos, conforme disseram a um dos nossos redatores, pretendem iniciar os trabalhos no menor prazo possível, afim de que os mesmos estejam concluídos no prazo máximo de 40 dias.

(Jornal *O Popular*, 05 de fevereiro de 1942).

A emissora funcionou primeiramente num sobradinho da Av. Tocantins, esquina da Rua 2; depois foi transferida para um prédio, também adaptado, da mesma Rua 2, onde hoje funciona, em prédio novo, as instalações comerciais do CERNE, e, depois de alguns anos, foi para um prédio próprio dos Diários e Emissoras Associadas, na Av. Goiás, na chamada e bastante conhecida na época como a “pracinha dos associados” (BARROS, apud *O Popular*, 1979).

Em maio de 1942 o mesmo jornal anuncia a chegada dos equipamentos que, dias depois, seriam utilizados na inauguração e transmissão da emissora:

Encontram-se nesta Capital, desde os primeiros dias desta semana, os aparelhos da Radio Clube de Goiânia.

Assim, de um para outro momento, estará no ar aquela possante emissora que levará a todo o Brasil Central a voz da Capital do Oeste Brasileiro.

(Jornal *O Popular*, 14 de maio de 1942).

Como dissemos anteriormente, a rádio Clube foi inaugurada no dia 05 de julho de 1942 transmitindo o evento histórico de Goiás que foi denominado “*Batismo Cultural de*

*Goiânia*” e teve como principal orador o então prefeito Venerando de Freitas Borges<sup>20</sup>. A equipe técnica que integrava a emissora em sua inauguração era composta pelas seguintes pessoas: Diretor Regional: Alberto; Diretor Artístico: Pimenta Neto; Técnico de Som: Lizita, Sasse e Pinheiro; Programadora: Gilda Ladeira e Locutores: Iamerô, Wilmar Guimarães, Waldyr Gonzaga, Antônio Caldas, Pimenta Filho e Cunha Júnior.

Tudo que acontecia na cidade passava pelos microfones da Clube, incluídas aí festas de carnaval, inaugurações diversas de uma cidade que nascia ali, e paradas de 7 de setembro (lembre-se: estávamos em tempo de nacionalismo, puxado pela ditadura do Estado Novo) (GALLI, 2007, p. 39).

Logo depois da fundação e inauguração da rádio Clube de Goiânia, ainda em 1942, foi criado outro sistema de alto-falantes, o *sistema de alto-falantes Marisa*. Desta vez, no bairro de Campininha, em Goiânia, hoje Campinas, na Praça Joaquim Lúcio. Na época Campininha era uma espécie de pequeno vilarejo que veio a integrar Goiânia nos tempos posteriores. Segundo Emydio Sasse, fundador do sistema de alto-falante Marisa,

Resolvemos criar uma emissora de rádio, pois naquele tempo só existia a Rádio Clube, que funcionava precariamente, dada a situação da energia elétrica no Estado de Goiás. Fundamos a Rádio MARISA.

A nossa intenção era a de criar uma emissora no bairro de Campinas, porque os moradores, sempre bairristas, e como Goiânia tinha a Rádio Clube, Campinas também deveria ter a sua emissora (*IMPRENSA*, 1980, p. 171).

O sistema de alto-falantes Marista, semelhante à Amplificadora Cultural de Anápolis, iniciou suas atividades através do sistema de alto-falantes e posteriormente foi transformado numa pequena transmissora de rádio. Sílvio Medeiros narrou alguns fatos a respeito da Amplificadora Marisa, época em que, segundo ele, “sapiava” no rádio, ou seja, ficava observando a forma que as pessoas faziam a locução no estúdio. Sílvio Medeiros contou que

Aqui em Goiânia, por exemplo, o rádio começou com serviço de alto-falante. Serviço de alto-falante Marisa, onde é a rádio Difusora lá, no

---

<sup>20</sup> Venerando de Freitas Borges organizou uma coletânea, publicada em forma de livro com o título “Samburá”, e conta com o discurso feito por ele na inauguração da emissora. Discutiremos mais detalhadamente este discurso de Venerando realizado pela emissora no tópico dois do terceiro capítulo, onde discutiremos a questão política no rádio em Goiás.

mesmo prédio. Só que o prédio, se não me engano, é um pouquinho mais alto. E a praça Joaquim Lúcio ficava lotada. Especialmente no domingo. Gente pegava o ônibus aqui, Tereca, eles chamavam ele de Tereca, ônibus vei pra daná. Passava ali no lago das rosas, era um atoleiro danado.

(MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Este sistema de alto-falante, no quesito legalidade, funcionava semelhantemente à Amplificadora Cultural de Anápolis, ou seja, na clandestinidade. No início de suas atividades veiculava sua programação apenas para os ouvintes que estivessem ali por perto. Posteriormente, seus proprietários conseguiram adquirir um pequeno transmissor que poderia ser captado por receptores com cristais. Assim, o sistema de alto-falante Marisa amplia seu raio de alcance. Fomos informados por Sílvio Medeiros que ela foi impedida de funcionar depois de um determinado tempo em atividade, por não estar autorizada pelo Estado. Segundo ele, “depois veio fiscalização porque não podia né. Não tava legalizado; porque começou a aumentar a potência. Chegou a ouvir em Trindade. Aí veio a fiscalização e teve que parar” (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Este funcionou pouco tempo com o nome Marisa<sup>21</sup> e foi negociado posteriormente passando a proprietário “Paulo de Castro, de Uberlândia, que instalou a Rádio Difusora, que, posteriormente, a vendeu à Cúria Metropolitana” (IMPRESA, 1980, p. 171) e até hoje mantém o mesmo nome e continua no mesmo lugar.

Em relação à legalização dos meios eletrônicos de comunicação, até mesmo os sistemas de alto-falantes, pelo que consta em publicações do governo realizadas através do Jornal *O Popular* e de *O Anápolis*, deveriam ser legalizados, sendo cadastrados junto ao Estado. E para o registro eram exigidos vários documentos. Através dos jornais da época, o Estado realizava a cobrança a sua legalização. Vejamos o teor das publicações:

De acordo com as instruções recebidas da Diretoria da Divisão de Rádio do Dip, o Diretor Geral do departamento estadual de Imprensa e Propaganda de Goiaz avisa aos interessados que para o registro de alto-falantes são exigidos todos os documentos de que trata a portaria de 27 de agosto de 1942: - certidão de idade ou casamento, prova de ser brasileiro nato, licença da Prefeitura local para o funcionamento e horários, e recibos da associação Arrecadadora de Direitos Autorais. Os requerimentos de registros devem ser solicitados sob os títulos de

---

<sup>21</sup> O nome MARISA é uma fusão dos nomes dos sócios que montaram os sistemas de alto-falantes, tratando-se de “Marinari” e “Sasse”, cuja fusão nasceu MARISA.

“SERVIÇO DE ALTO-FALANTE TAL...” e nunca para “Empresa de Propaganda” ou “Serviço de Radiodifusão”.

(Jornal *Annapolis* Anno VII, Num. 393. 21 de março de 1943).

O quesito “prova de ser brasileiro nato” estava na legislação do rádio brasileiro de 1931 o que levou alguns indivíduos a burlar a lei criando identidades falsas. É o caso de João Simonetti, italiano que passa a residir no Brasil a partir de 1930. O mesmo entra com um processo junto ao Estado pedindo por uma concessão para fundar uma emissora de rádio na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Durante o processo de avaliação dos dados é informado que estrangeiros não têm a autorização para fundar meios de comunicação no país. Contudo, ao vir para o Brasil, João Simonetti acaba se aproximando de Assis Chateaubriand, o qual mantendo relações de amizade com Getúlio Vargas solicita do mesmo uma mudança na identidade de João Simonetti. O pedido foi concedido e João Simonetti é naturalizado brasileiro e se transforma em proprietário e fundador de várias emissoras de rádio no interior de São Paulo e ainda de emissoras de televisão.

Retornando, portanto, ao nosso percurso histórico, após a Amplificadora Marisa de Goiânia, voltamos novamente para a cidade de Ipameri. Segundo Adolvando Carlos de Alarcão, no início da década de 1940,

O sr. João Perfeito, funcionário da estrada de ferro, montou em um anexo à sua residência, na rua Cel. Francisco Vaz da Costa a Rádio PRB1 – Rádio Amplificadora de Ipameri. Com programas de jornalismo, programas de músicas do cancioneiro popular, músicas raiz e marketing do comércio e das indústrias locais. A PRB1 por mais de seis anos proporcionou alegria e entretenimento à toda comunidade ipamerina (ALARCÃO, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Esta emissora, semelhante às amplificadoras de Anápolis e de Goiânia, veio posteriormente a realizar transmissões para rádios receptores. Em uma conversa informal com Rames Basílio, uma das pessoas que estiveram envolvidas nos serviços de alto-falante da cidade, ele nos contou que em Ipameri se ouvia claramente as emissoras de rádio do Rio de Janeiro e de São Paulo, pois, já existiam em Ipameri muitos aparelhos de rádio receptores. Esta questão vai interferir incisivamente na programação deste sistema de alto-falante, cujo proprietário, se inspirava naquelas emissoras para formatar a sua programação.

Assim, posterior à fundação da Amplificadora de Ipameri foi criado outro sistema de alto-falantes na cidade por volta de 1943. De acordo com Adolvando,

No período de 1943 a 1945 também funcionava em Ipameri uma rádio evangélica, a Rádio Amplificadora Cruzeiro que era administrada pelo pastor José da Cunha Júnior da igreja Batista, que transmitia programas sociais e de evangelização da sociedade (ALARCÃO, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Em Goiás, portanto, as amplificadoras existiram em grande número, superando o número de emissoras de rádio. Nesse sentido, concordamos com Silvio Medeiros o qual nos disse que a maioria das emissoras de rádio surgiu do serviço de alto-falante. Em Goiás, foram criados, assim, primeiro os serviços de alto-falantes, e, posteriormente, as emissoras de rádio. Claro que não foi dos sistemas de alto-falantes, transformados em rádio, que surgem as emissoras, como aconteceu com o sistema de alto-falantes Marisa que é transformado na rádio Difusora. Na verdade é um sincretismo. Os sistemas de alto-falantes acabaram de certa forma, influenciando as emissoras de rádio que surgiram na década de 1940, quando deles é que saem grande parte dos profissionais do rádio, como veremos mais à frente.

Assim, após os serviços de alto-falantes de Ipameri, em 1946, surge a segunda emissora de rádio em Goiás edificada a partir do consentimento do Estado, tratando-se da rádio Carajá de Anápolis, funcionando através do prefixo ZYJ-3, ondas médias, 1.480 khz, fundada na travessa Barão do Rio Branco, esquina com a rua Engenheiro Portela. A emissora atrasou sua inauguração, que era para acontecer em novembro de 1946, porque era preciso a autorização técnica de um especialista enviado pelo Estado para fazer a sua vistoria. Naquela época, toda e qualquer emissora que viesse ser colocada no ar, deveria ser inspecionada por um técnico enviado pelo Estado. A empresa Byington & Cia, produtora de materiais eletrônicos, a mesma que “produziu o rádio Cruzeiro, primeiro aparelho fabricado pela indústria brasileira” (SOARES, 1994, p. 40) era quem estava à cargo do Governo para inspecionar as emissoras de rádio que fossem sendo abertas no interior do país.

De acordo com Haydée Jayme,

Em 1946, chegaram a esta cidade, vindos de Bauru, Estado de São Paulo, João e Ermetti Simonetti, para aqui instalarem a primeira estação radiofônica.

Resolvidos os trâmites legais, João Simonetti voltou a Bauru, ficando aqui o seu filho Ermetti, que, em dezembro de 1946, colocou no ar a Rádio Carajá de Anápolis, com o prefixo ZYJ-3 (FERREIRA, 1981, p. 261).

Ermetti Simonetti era filho do italiano João Simonetti o qual era um empresário que vivia nesta época na cidade de Bauru, São Paulo, onde foi também fundador de outras emissoras de rádio (Bauru Rádio Clube, Rádio Emissora Terra Branca etc). Como colocamos anteriormente, João Simonetti mantinha um grande vínculo com o empresário Assis Chateaubriand, o qual detinha a propriedade de inúmeras concessões de meios de comunicação que ele denominou *Diário dos Associados*<sup>22</sup>, e ambos, desde a década de 1930, mantinham fortes laços de amizade com Getúlio Vargas.

Após o findar da Segunda Guerra Mundial, João Simonetti e Assis Chateaubriand continuaram mantendo fortes relações com o governo. Foi esta amizade que facilitou os trâmites para que Chateaubriand fundasse a primeira emissora de TV do Brasil a PRF-3 TV Difusora de São Paulo em 1950 e João Simonetti a primeira emissora de TV no interior do Brasil, na cidade de Bauru, a TV Bauru Canal 2. É isso que descreve a pesquisadora Valquíria A. Passos.

O ano de 1950 foi marcado pela implantação da televisão no Brasil, colocando o país como o quarto do mundo na radiodifusão de imagens. Um empresário, do tipo visionário, chamado Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, contrariando todos os indicativos de uma pesquisa feita pelos americanos no país, decide implantar a televisão. Chateaubriand, torna-se na época, dono de um império chamado Diários Associados, composto por 36 emissoras de rádio, 34 jornais e 18 canais de televisão.

No início da televisão, os primeiros jornalistas e apresentadores foram importados do rádio, fazendo uma locução radiofônica com imagens. Este modelo durou alguns anos, até a adoção do modelo americano de linguagem televisiva.

---

<sup>22</sup> Em termos de curiosidade, Juvenal de Barros, um dos locutores da rádio Carajás de Anápolis, nos contou que iniciou no rádio trabalhando em emissoras de São Paulo. Em 1945, quando integrou a equipe técnica da rádio Tupi de São Paulo, Assis Chateaubriand adquire suas ações e passa ser proprietário da emissora. O fato é que Chateaubriand não pagava em dia o salário de seus funcionários. Assim, quando alguém perguntava a Juvenal onde trabalhava, ele respondia: “Trabalho no diabo dos associados”, pelo fato de receber o salário com atraso.

O telejornalismo nasceu praticamente junto com a primeira emissora, a PRF-3, TV Difusora de São Paulo, no dia 18 de setembro de 1950. Este nome durou poucos dias, passando depois a chamar-se TV Tupi. (KNEIPP, 2000, p. 02).

Na década de 50, o empresário João Simonetti já cogitava implantar na cidade de Bauru uma emissora de TV.

Só não se tem certeza da data exata em que a televisão bauruense entrou no ar, entre os últimos anos da década de 50 e o início dos anos 60. Oficialmente, a TV Bauru – Canal 2, primeira emissora interiorana da América Latina, entrou em funcionamento no dia 1º de agosto de 1960, mas antes disso a emissora já operava, sem que a Presidência da República tivesse concedido, ainda, a licença em caráter experimental (KNEIPP, 2007, p. 06).

Como pode ser percebido, a rádio Carajá de Anápolis tinha por trás de sua fundação um empresário que mantinha fortes vínculos com o Estado. Porém, ao criar a Carajá em Anápolis, João Simonetti concede ao seu filho a direção da mesma, o qual passou a dirigi-la juntamente com sua esposa, Elidia Simonetti. No início da década de 1950, dezembro de 1951, Ermetti Simonetti falece e a Rádio recebe um novo proprietário. Segundo Hélio Rocha:

A viúva de Ermetti, Elidia, continuou ligada à emissora. Quando Anápolis comemorou o cinquentenário, ela era a diretora-artística. Nessa época, a Carajá se tornara Sociedade Anônima, tinha como diretor-presidente, Plínio Gonzaga Jayme; como diretor vice-presidente, Eurípedes Gomes de Melo, como diretor-superintendente, Fernando Cunha Júnior; como diretor-comercial Félix Jayme Neto; e Elidia como diretora-artística (ROCHA, 2007, p. 137-138).

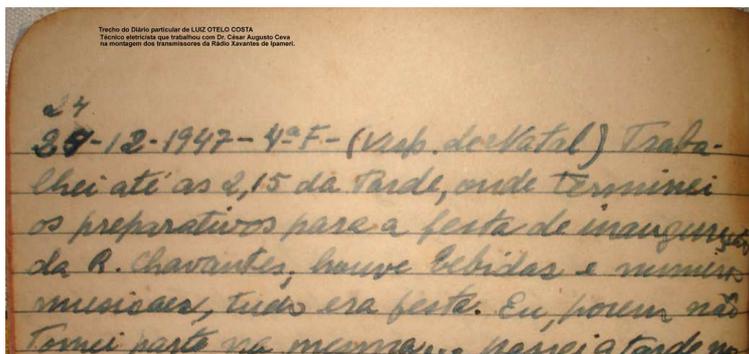
Naquela época a emissora já inicia suas atividades com um grupo bem formado de técnicos especializados em rádio difusão os quais foram responsáveis por colocá-la em atividades. Assim estava formada a equipe que a dirigiu: Diretor Presidente: Ermetti Simonetti; Diretor Vice-Presidente: Elidia Simonetti; Diretor superintendente: José Eleutério (Zezé); Diretor do Regional: João Inocêncio da Silva (Vulgo Nico); Diretor Comercial: Juvenal de Barros e Diretor Artístico: Ermetti e Elidia Simonetti; Locutores: Ermetti Simonetti, Elidia Simonetti, Juvenal de Barros, Antônio Eleutério (popular Carijó), Antônio Afonso de Almeida, Carlos Araújo, Isaac Abrão, Lourival Batista Pereira, Laila Issa, Nane, Marina Eleutério, Herácito Penna Júnior, Antônio Carlo, Maria Rosa, Alfredo Rosa e Maria Prótis.

Atualmente a rádio Carajá “já não existe. Sua frequência foi mudada para 770 khz, e o seu nome para *Voz do Coração Imaculada*, dirigida pelos Frades Franciscanos da Imaculada” (ROCHA, 2007, p. 138).

No ano seguinte à instituição da rádio Carajá de Anápolis, em 1947, é fundada na cidade de Ipameri a terceira rádio emissora legalizada do Estado de Goiás, a rádio Xavantes, obra de César Augusto Ceva, filho de Waldemar, aquele que já citamos anteriormente, responsável pela criação de outros serviços de alto-falantes na cidade. César Augusto Ceva recebe do ministro da aviação e obras públicas, em 16 de março de 1947, a permissão para funcionar sobre o prefixo CYO-3. A emissora tem início com uma equipe técnica formada por: Presidente: César Augusto Ceva; Vice-Presidente: Rafa Ceva; Sonoplastas: Jeová Santana e Neftali Vieira Sobrinho; Técnico em rádio difusão: Luiz Otelto Costa; Locutores: Rames Abrahão Basílio, Humberto Wilson de Oliveira, Neif Nadi, Joi Martins e Jeová Luna.

Um fato curioso que demonstrou ser de grande importância para os profissionais e para as pessoas que mantêm vínculo com a rádio Xavantes relaciona-se à data de sua fundação. Os atuais dirigentes da emissora fizeram em 2007 uma comemoração de 60 anos de seu surgimento e percebemos que eles tinham certa dúvida sobre a data correta de sua edificação. Quando buscamos compreender isso, percebemos que tomaram esta data tendo como referência uma anotação de um diário feita por um técnico eletricitista que trabalhou com César Augusto na montagem dos transmissores da emissora, Luiz Otelto Costa. Contudo, percebeu-se que nenhum profissional da emissora havia tido contato com esta anotação.

Conseguimos então entrar em contato com a filha de Luiz Otelto, Beth Costa, e pedimos que ela nos passasse uma xérox deste diário por ser um documento importante para a comprovação da data em que foi fundada a emissora e um importante documento para nossa pesquisa. Com muita simpatia a mesma nos concedeu a foto do diário assim como outros documentos. Abaixo colocamos a passagem do diário de Luiz Otelto em que ele se refere à inauguração da Xavantes.



Trecho do diário particular de Luiz Otelo Costa, técnico electricista que trabalhou com César Augusto Ceva na montagem dos transmissores da rádio Xavantes de Ipameri.

Transcrição do diário:

24  
 24-12-1947 - 4ª F -  
 (Vesp. De Natal)  
 trabalhei até as 2,15 da tarde, onde terminei os preparativos para a festa de inauguração da R. Chavantes; houve bebidas e números musicais, tudo era festa. Eu, porém não tomei parte na mesma... nesse a tarde no

Esta data de inauguração da emissora se aproxima de uma matéria publicada pelo jornal da cidade *Folha do Povo* em junho de 1947 que diz o seguinte:

Uma Emissora em Ipameri

Dentro em breve Ipameri possuirá uma Estação Rádio Emissora, legítimo esforço de seus filhos pelo progresso cada vez maior de sua terra.

[...]

Aguardemos, portanto, a fundação da Rádio Emissora de Ipameri, Avante Ipamerinos! (Jornal *Folha do Povo* de Ipameri, julho de 1947).

Em outubro do mesmo ano, outro jornal da cidade, o jornal *O Liberal* confirma a data de fundação da emissora quando publica:

Rádio Chavantes

Segundo publica nosso contrade "O Ipameri", foi autorizado o funcionamento da rádio Chavantes.

É mais um progresso para nossa cidade e cumprimentamos o sr. César Augusto Ceva pela iniciativa louvável. Não ignoramos que tal empreendimento tenha sido executado com grande sacrifício financeiro e sò lamentamos que não se possa iniciar desde logo a arrecadação das prováveis rendas da radio. E isso porque ninguém ignora que uma estação transmitindo em carater experimental não póde fazer propaganda comercial e nem política.

Grande seria a renda da Chavantes, pois sobra dinheiro ao PSD para sua campanha. Que pena. (Jornal *O Liberal* de Ipameri, 30 de outubro de 1947).

De fato o jornal *O Ipameri* fez uma publicação em março daquele ano se referindo à emissora, publicação esta que homenageava César Augusto Ceva pela obra. Vejamos uma pequena parte da publicação:

#### Rádio Chavantes

Abriram-se as páginas do livro de registro das grandes realizações ipamerinas para o assentamento da inauguração da Radio Chavantes.

[...]

Sejamos gratos a César Augusto Ceva por este notável empreendimento que legou á terra de Francisco José Dutra. E não é por nada, não. É porque um povo que sabe distinguir merecimentos, reconhecer valores e distribuir justiça é um povo que se exalta por si mesmo, tornando-se credor do respeito e admiração gerais.

Salve César Ceva! Salve Rádio Chavantes! (Jornal *O Ipameri* de Ipameri, de março de 1947).

César Augusto era descendente de uma família que mantinha estreitos envolvimento com partidos políticos da região. César Augusto e seu pai, Waldemar Ceva, dominavam a habilidade com eletrônica e eram eles mesmos que fabricavam os próprios transmissores. Foi assim que César criou os aparelhos utilizados nas primeiras transmissões da rádio Xavantes. Através de uma passagem do livro de Nildo Junqueira podemos perceber a habilidade de Waldemar na produção de transmissores de rádio. Em suas palavras,

Waldemar teve passagens interessantes e as vezes hilariantes, como rádio amador na terra. Durante a 2ª guerra mundial, principalmente na entrada do Brasil na guerra. O comando do 6º B.C. [*Batalhão de Caçadores*] em Ipameri recebeu uma comunicação do Comando Geral da 4ª Região de Juiz de Fora, que um radio amador de Ipameri estava intervindo em suas comunicações, o PY2UA. Foi um oficial a sua casa e solicitou que encerrasse suas comunicações, pois interferia no Comando em Juiz de Fora. Passou alguns dias, e lá estava Waldemar novamente com seu PY2UA, no ar, e nova reclamação, indo o Coronel Pirineus requisitar as peças básicas de seu transmissor. Mas, não durou muito, e após uma semana lá estava Waldemar no ar. E o oficial requisitou novamente as “novas” peças. Daí algumas semanas o cel. Pirineus ficou surpreso que o Comando de J. de Fora reclamava do Waldemar no ar. Foi quando o Cel. explicou que o homem era um gênio, e que era suficiente ter uma lâmpada na mão que a transformava em radio transmissor. Riram muito e deixaram Waldemar sossegado com as transmissões (LOPES, s/d, p. 61).

Esta mesma habilidade de Waldemar foi desenvolvida por seu filho César que também montava seus próprios transmissores, como nos disse numa conversa Rafa Daher que na época era casada com César e o acompanhava nas atividades que envolviam a emissora,

Ele era rádio amador. [...] César era muito ligado a rádio e muito conhecedor também. Então montagem de aparelhos, ele montava aparelhos. E os aparelhos dele, todos eram montados por ele. Mas ia sempre aumentando a potência para poder chegar mais distante.

Aí o tempo era curto, porque estas coisas demoram, e tem que pedir peças de fora e tudo isto. Então ele já estava com um aparelho dele quase pronto, pra ele. E transformou num aparelho de emissão, num sei se ele aumentou a potência, como foi, sei que ele transferiu, ao invés de ser um transmissor de rádio amador ele passou a ser um transmissor para diversas cidades (CEVA, entrevista realizada no dia 27 de dezembro de 2007).

Ainda segundo Rafa Daher, as peças utilizadas na montagem dos transmissores da rádio Xavantes foram trazidas de São Paulo e eram peças muito caras o que demandava certas quantias de dinheiro para a sua aquisição. Além das peças, também havia os gastos com o salário de funcionários o que fez com que César Augusto não conseguisse arcar com as despesas conseqüentes das exigências diárias para o seu funcionamento (gasto também com energia, reposição e reparo das peças etc.) estrangendo-o a vendê-la.

Foram dificuldades financeiras que o levaram a passar os direitos que detinha da rádio Xavantes para o governo do Estado, Jerônimo Coimbra Bueno. Já em meados da década de 1950, Jerônimo repassou os direitos de uso do canal da rádio para uma instituição religiosa de Ipameri, os quais permanecem dirigindo-a até hoje.

Chegamos então a 1950 quando é fundada a rádio Brasil Central em Goiânia por Jerônimo Coimbra Bueno, o mesmo que adquiriu de César Augusto Ceva os direitos da rádio Xavantes de Ipameri. Não entraremos em detalhe sobre esta emissora já que a nossa proposta de pesquisa limita-se à década de 1940. Mas constatamos que a partir dos anos cinquenta houve liberações de inúmeras concessões de rádio para o Estado de Goiás, o que conseqüentemente, proporcionou o aumento de emissoras no Estado, passando a sociedade goiana, de norte a sul, a conviver com a presença do rádio em seu cotidiano.

Como observamos a radiotelegrafia, os sistemas de alto-falantes e as rádios emissoras fizeram parte de uma mesma história em que a comunicação era realizada com a utilização de meios tecnológicos. A história das três primeiras emissoras de rádio criadas legalmente no Estado restringiu-se aos anos compreendidos entre 1942 e 1947, juntamente com a primeira emissora ilegal, fundada em janeiro de 1942. Em 1950 surge a quarta emissora de rádio legalizada, a quinta transmissora para rádios receptores, inaugurando um novo tempo da radiodifusão no Estado de Goiás.

Analisaremos no próximo capítulo os aspectos específicos da relação das primeiras emissoras com a sociedade goiana em três tópicos. Primeiramente discutiremos a sua relação com o contexto histórico estabelecido sob o avanço e expansão do capitalismo no Estado; no segundo momento buscaremos compreender como se deu a sua relação com o Estado e com partidos políticos e por fim expressar as diversas questões que as compunham, as quais serão determinantes na caracterização da cultura por elas expressada.

## **CAPÍTULO III**

### **O RÁDIO EM GOIÁS: economia e política**

A origem do rádio no Estado de Goiás é fruto de uma série de acontecimentos. Além disso, a concepção de grande parte dos profissionais e daqueles que ousaram publicar pequenos textos se referindo à sua história, é demarcada por amplas confusões, tanto no que se refere à data precisa de seu surgimento quanto pela clareza nas questões que mantinham relações com as emissoras. No entanto, muitas das confusões são provenientes da não compreensão dos elementos constituintes do rádio goiano, conseqüência da inexistência de um estudo sistemático sobre o mesmo, cujas noções ou informações existentes nos discursos dos profissionais do rádio no Estado, vêm carregadas de valores tradicionais, do pensamento corrente e do círculo profissional em que está inserido, sem maiores aprofundamentos.

O rádio em Goiás é produto de diversas determinações, que juntas vão caracterizando e estabelecendo um perfil mais ou menos aproximado da forma que existiu, e das conseqüências de sua existência. Muitas questões provenientes das primeiras emissoras permanecem vivas até hoje, seja na memória de quem as viveu, seja no modo de funcionamento das emissoras atuais. A história do rádio em Goiás, portanto, pode ser remontada tomando como pressupostos aspectos fundamentais que tornarão um guia na compreensão de seus diversos aspectos.

Nesse sentido, estruturalmente, as emissoras podem ser compreendidas em três questões fundamentais, os quais compõem este terceiro capítulo, a saber: 1) a sua relação com a expansão capitalista no Estado no período de seu surgimento; 2) a sua relação com a política estabelecida por Getúlio Vargas no início da década de 1940 e sua relação política após os anos de 1945, logo, a relação do rádio com o Estado e com partidos políticos; e por fim 3) a cultura do rádio goiano que se apresenta como uma complexa expressão de seu tempo.

A década de 1940 é apresentada pela historiografia goiana como o período em que Goiás dá grandes saltos em direção ao seu desenvolvimento econômico rumo à sua inserção

no modo de produção estabelecido pelo capitalismo. É nesta dinâmica desenvolvimentista que surge o rádio, o qual representará mais um elemento de grande importância para a expansão capitalista, para a reprodução ampliada do capital, cujo processo de ampliação provoca a mercantilização e burocratização das relações sociais, e, conseqüentemente, a mercantilização e burocratização da comunicação, através da qual ocorre o aparecimento do capital comunicacional, e conseqüentemente a sua burocratização, com o surgimento de um corpo burocrático, um grupo de indivíduos em vias de especialização, buscando estabelecer um caráter comunicacional moldado num campo específico e determinado por características próprias, a especialidade na habilidade da comunicação via meios tecnológicos. Como coloca Tragtenberg (1992, p. 216),

O processo produtivo capitalista caracteriza-se pela produção e reprodução ampliada do capital [...] Assim, a inovação tecnológica [...] conflui para um estuário: a acumulação da mais-valia relativa e a reprodução ampliada do capital.

É através da expansão capitalista na qual Goiás passa a ser parte constituinte que vão se formando as bases fundamentais das emissoras de rádio que surgem no Estado. A partir desta questão outras vão surgindo, sendo conseqüência e ao mesmo tempo aliadas da estruturação do rádio como campo profissional em desenvolvimento. Nesse sentido é que o rádio mantém, num primeiro momento, uma relação íntima com a questão político/partidária, devido ao contexto de seu surgimento, sendo expressão direta do Estado, e num segundo momento, assumindo uma certa autonomia comunicacional se posicionando de forma privada diante dos partidos políticos.

No início da década de 1940, há no Estado o predomínio das vontades e política estabelecida por Getúlio Vargas. O fim do Estado Novo demarca ao mesmo tempo a reestruturação política rumo à democracia representativa. É o início do fim da hegemonia política de grupos familiares e a demarcação de uma transição da hegemonia política de um indivíduo para a representação político partidária por sufrágio universal. Ao mesmo tempo ocorre uma re-configuração da postura radiofônica e da comunicação diante das expressões políticas.

Neste contexto histórico o rádio tende a se fortalecer enquanto instituição autônoma e se tornar uma expressão, um divulgador e ao mesmo tempo um produtor cultural. A

cultura do rádio em Goiás vai ser determinante na compreensão de sua forma de existência. É constituído por diversos elementos que juntos expressam a cultura do rádio em Goiás. Por trás desta expressão cultural radiofônica, no entanto, a sua mercantilização e burocratização, e sua relação com a política e com o Estado, serão o pano de fundo para a sua caracterização cultural.

É seguindo nesta seqüência analítica que buscaremos a partir de agora, nas questões específicas do contexto histórico que surgem as emissoras, e nas suas especificidades, realizar uma reconstrução da sua história, utilizando para isso, as fontes e os documentos reunidos até este momento da pesquisa.

### **3.1. O rádio e a expansão do capitalismo em Goiás na década de 1940**

No período em que é fundada a primeira emissora de rádio em Goiás o assunto prevaiente no Estado se tratava da Marcha para o Oeste. Em todos os meios de comunicação existentes aparecia estampado o discurso encampado por Pedro Ludovico na sua política de desenvolvimento industrial do Estado, idéia esta proveniente da política estabelecida por Getúlio Vargas no país. Várias cidades já apresentavam resultados desta política iniciada ainda no início da década de 1930 como o desenvolvimento de alguns pólos urbanos demonstrando as características ampliadas do capitalismo.

Neste ritmo lento, contudo, constante, Goiás ia sendo transformado de meio rural em meio urbano. As grandes fazendas cedendo lugar às pequenas propriedades. As matas, transformadas em pastos para criação de gado e para plantações voltadas para o consumo interno e para exportação, ao redor das quais iam se formando pequenas vilas que em anos posteriores seriam transformadas em povoados e cidades. O avanço do capitalismo pelas terras goianas começou a passos lentos na década de 1930, e deu um grande salto na década de 1940.

O preparo contextual para o avanço neste período remonta a tempos anteriores. Desde finais do século XIX já ocorriam trocas comerciais realizadas na região sul do Estado, mais precisamente na cidade de Entre - Rios, atual Ipameri<sup>23</sup>. Conta Nildo

---

<sup>23</sup> Uma curiosidade referente à formação do nome de Ipameri é que o primeiro nome de Ipameri foi Vai e Vem e a explicação que escritores da cidade dão ao nome, se trata de lendas que segundo a tradição era Vai e Vem por se tratar da travessia que tribos indígenas realizavam sob o rio Braço, através de uma árvore

Junqueira que um homem denominado Francisco Vaz da Costa, morador daquela cidade, viajava vários dias até o Rio de Janeiro, onde fazia compras de mercadorias, como tecidos, sal, pólvora, chás etc, e revendia na pequena cidade. Na década de 1920,

As primeiras cidades a sentirem o impacto da modernização foram Ipameri e Catalão. Em 1920 esses dois centros urbanos servidos pela ferrovia já se distinguiam da maioria das cidades goianas pelos seus aspectos urbanos modernos e seus traços culturais em geral (BORGES, 1990, p. 104).

O contexto de Goiás na década de 1940 caracterizara-se fundamentalmente pela intenção dos representantes do Estado em criar as condições para a expansão do capitalismo nesta região. Foi nesse sentido ocorreu a mudança da capital da cidade de Goiás para a cidade de Goiânia. Como coloca Chaul

O Estado de Goiás, na época da edificação de Goiânia, era essencialmente agrário, com uma população quase que totalmente rural, dedicada à agropecuária. Desta forma podemos notar a expansão capitalista cada vez mais ativa com a construção de Goiânia, demonstrando a transição em que o rural e o urbano se mesclavam (CHAUL, 1999, p. 109).

Contudo, a transferência da capital representava uma decisão política que enfrentaria grandes rivalidades, principalmente de um grupo que detinha o poder político do Estado desde meados de 1910. A mudança da capital foi uma estratégia política de Pedro Ludovico, primeiro para cortar o cordão umbilical do Estado com aqueles que vinham lhe gerindo, tratando-se dos caiados que administravam do Estado a partir da cidade de Goiás.

Com a mudança da capital, no plano regional/político, Pedro Ludovico almejava enfraquecer os caiados e posteriormente assumir o domínio político do Estado. Isso começou logo no início da década de 30 com a idéia da construção de Goiânia e a promessa de ser esta a futura capital do Estado. O lema político era uma extensão do lema criado por Getúlio Vargas, isto é, a busca pelo progresso.

---

tombada sobre o rio, uma espécie de “pinguela”. Posteriormente, o nome foi substituído por Entre-Rios pelo fato da cidade ter sido fundada entre os rios Braço e Corumbá. Contudo, pelo fato de existir várias cidades em outros estados com este nome, resolveram transformar a sua tradução do Tupi-Guarani no nome da cidade. A tradução de entre rios para o tupi-guarani ficaria então Y-pan-meri. Adequando o nome ao idioma português, substituíram o “Y” por “I” e suprimiram o “n” ficando, portanto, Ipameri.

A idéia do progresso associa-se com industrialização; a transformação de um espaço dominado pela produção agrária para um espaço urbano industrial, o que seria o equivalente à dominação do capital na produção. Enquanto os caiados almejavam certo retorno à política centrada no poder ditatorial de sua oligarquia, um poder centrado nas mãos de grupos familiares, Pedro Ludovico lutava para centralizar o poder nas mãos do Estado com a característica peculiar de valorização das decisões determinadas pela democracia, uma forma ideológica de manter as decisões nas mãos do Estado amalgamado na ideologia de que é através deste que ocorre a representação da sociedade. Obviamente que era uma proposta política muito mais convincente do que aquela que, até então, privilegiava abertamente os interesses de grandes fazendeiros que sob fortes repressões declaravam atender aos interesses públicos. Daí, a estratégia política de Pedro Ludovico de dar atenção às pequenas cidades e vilarejos e não só, à capital, que logo viria a ser Goiânia.

No início de 1930, ao ser instituído o Estado Novo, Pedro Ludovico é denominado interventor em Goiás, logo, dotado de poderes absolutos. Getúlio Vargas delegou a ele o poder de decisão de qualquer questão política que se referisse ao Estado. Para evitar possíveis posições adversárias, Ludovico tratou de nomear prefeitos e representantes em cargos públicos em todas as cidades do Estado. Com isso dominaria sobremaneira todas as instâncias do Estado. Esta medida política colocava à frente a efetivação dos interesses políticos de Getúlio Vargas, a busca pela industrialização e a inserção do Estado na estrutura política e econômica nacional com um pé na produção capitalista.

A Pedro Ludovico foi dado todo o suporte possível com a finalidade de se efetivar de forma rápida o desenvolvimento do Estado, uma vez que as fontes naturais de matérias primas das terras goianas possibilitava o rápido desenvolvimento da industrialização. Contudo, o avanço industrial do Estado se esbarrava nas dificuldades provenientes do escoamento da produção. Na década de 1930 o meio mais rápido para transportar a produção para outros estados era de responsabilidade das tradicionais Marias Fumaças.

Assim, ao chegar à década de 1940 os problemas de locomoção pareciam ter um fim. Várias cidades já estavam interligadas por estradas asfaltadas as quais se expandiam para fora do Estado. A tecnologia utilizada nas indústrias foram se ampliando para o campo. Agora o trabalhador rural confrontava com a máquina e esta trazia o descontentamento para muitas pessoas que substituídas no campo pela máquina, restava

recorrerem ao trabalho na cidade. Esta foi uma realidade vivida pela população goiana ainda na década de 1940, época em que o capitalismo começava a ganhar força e tomar proporções que determinava o perfil do Estado na economia nacional e foi também uma das questões que promoveu o abarrotamento e o crescimento de centros urbanos. Segundo Barsanufu (1990, p. 89),

Não ocorreu na região, porém, de imediato, uma mecanização intensiva no campo, e as relações de produção também não se transformaram no mesmo ritmo do crescimento da produção agrícola. Regimes de trabalho como a “camaradagem”, a parceria e outros, continuaram coexistindo com o trabalho assalariado em ascensão. No entanto, o capital controlava cada vez mais a propriedade da terra e a economia agrária se inseria largamente no processo de produção mercantil.

Diante deste quadro desenhado pela política desenvolvimentista encampada em Goiás por Pedro Ludovico, que podemos compreender a relação do rádio com a expansão do capitalismo no Estado. O embrião desta relação pode ser vista à distância, ainda nos anos de 1920, época que Goiás mantinha comunicações com outros estados pelas vias férreas que beirava a cidade de Ipameri e por telégrafos das cidades de Porto Nacional e de Goiás. O centro goiano ainda era dominado pelo cerrado e não demonstrava as transformações que o capital viria impor em tempos posteriores. Em 1920 na região de Porto Nacional, temos as primeiras experiências comunicacionais no Estado, realizado através de meios eletrônicos de comunicação, que ocorreu com a utilização de telégrafos.

Aí iniciara a história da comunicação eletrônica com o Estado de Goiás e, conseqüentemente, a relação do capital com a comunicação no Estado. Em 1920 o capitalismo em Goiás estava presente fundamentalmente em torno da construção da estrada de ferro, o que demandava um grande número de mãos de obra, e, do outro lado, estava presente também na produção de lavouras onde era empregada uma forma de assalariamento dos trabalhadores.

Com a penetração da via férrea em território goiano, os grilhões que prendiam a economia agrária regional a uma situação de quase estagnação, foram quebrando ao ritmo da expansão dos trilhos. No sul do Estado avança o processo de urbanização. Algumas cidades se modernizaram e novos centros urbanos surgiram (BARSANUFO, 1990, p. 87).

Na década de 1930 o capital toma feições mais claras nos pequenos centros urbanos que se formavam. O trabalho assalariado, expressão jurídica do capital, se fazia presente nas charqueadas, curtume, fábricas de sapatos, beneficiadoras de arroz, feijão e milho, no campo, enfim, já estava presente nas pequenas e grandes indústrias, enquanto outras iam se formando, o que permitia ao capital adentrar sobremaneira na produção e na exploração da mão de obra.

Na década de 1930 o capital mantinha uma relação íntima com a produção rural. A maior parte da comercialização da produção estadual se dava no próprio Estado. Era uma produção voltada quase que exclusivamente para o consumo interno. Com a construção de Goiânia a utilização do trabalho operário se alarga estando presente de forma ampla na construção civil onde era empregada uma grande leva de migrantes, inclusive migrantes estrangeiros que buscavam em Goiás uma esperança de vida melhor, naquele mundo dominado e já castigado pelo capital.

Com a chegada definitiva da estrada de ferro e com a ligação do Estado com outros estados através de estradas é que a produção tomou novos rumos, atendendo principalmente ao capital nacional, localizado de forma hegemônica em Minas Gerais e São Paulo. Goiás se torna uma espécie de colônia, onde sua produção era escoada para atender aos interesses e ao abastecimento das grandes cidades do Brasil. O grande número de trabalhadores que se dirigiam para o Estado iam se aglomerando nos centros urbanos. A comunicação realizada através dos telégrafos já não atendia mais a necessidade do capital e nem a amplitude que a produção industrial assumiu na década de 1930. Em finais de 1920 já vimos aparecer na cidade de Ipameri uma comunicação por intermédio de um rádio amador, e seu proprietário Waldemar Lopes Ceva, responsável e enviado pelo Estado para construir o telégrafo junto à estrada de ferro, que estava sendo construída para ligar Minas a Goiás, utilizava o prefixo PY2UA, que segundo Nildo Junqueira, o mesmo prestou vários serviços à população ipamerina emitindo informações e estabelecendo a comunicação da cidade com outros estados.

Neste período Ipameri era sede do exército, denominado de 6º Batalhão de Caçadores. A comunicação entre os comandantes do exército de Ipameri e Juiz de fora era realizado através do rádio amador. No início da década posterior, o mesmo Waldemar surpreendia a população ipamerina com a instalação de um serviço de alto-falantes com

programas ao vivo na cidade. Era o início da expansão da comunicação por intermédio de aparelhos tecnológicos em Goiás e o início da sua relação com a expansão capitalista no Estado.

O seu alcance era ainda menor do que aqueles atingidos pelos telégrafos, pois, enquanto o telégrafo interligava cidades do interior de Goiás a outros estados, os serviços de alto-falantes restringiam suas transmissões à localidade, num raio de cinquenta metros de onde estava instalado. Porém, enquanto o telégrafo caracterizava-se pela transmissão por intermédio do código Morse, os serviços de alto-falantes transmitiam a voz humana. Uma questão interessante é que mesmo as programações deste serviço de alto-falante restringindo-se ao entorno da Praça da Liberdade, praça que se localiza no centro da cidade de Ipameri, ocorria durante a programação o anúncio de comércios locais.

Ipameri estava localizada num ponto estratégico por onde os interesses políticos de Vargas começavam a dar frutos. A industrialização da cidade iniciou antes mesmo dele assumir o poder do Estado Nacional. Na década de 1930 Ipameri já estava tomada por grandes indústrias. Com isso, o sistema de alto-falantes criado na cidade por Waldemar Ceva tem seu início demarcado por sua relação com o comércio. Sua mercantilização é estabelecida assim que entra em atividade, anunciando e divulgando os comércios locais, que em troca dos anúncios, recebia uma determinada quantidade em dinheiro. Segundo a nora de Waldemar que nos concedeu uma entrevista, Rafa Ceva, ele recebia uma “gratificação do comércio” local pelos anúncios que realizava.

É no contexto de predomínio das indústrias, portanto, que pode ser compreendida as possíveis questões que possibilitaram o surgimento da comunicação eletrônica na cidade. Uma das questões a ser ressaltada foi a existência de três usinas hidrelétricas que abasteciam a cidade. Todas elas construídas pelas mesmas pessoas, ou seja, pelo major Aristides Rodrigues Lopes e seu filho Edison. A primeira usina é construída ainda na década de 1920 nas margens do rio Iça. Posteriormente, na década de 1930 foi a vez do rio Veríssimo receber a segunda hidrelétrica da região; por fim, a terceira hidrelétrica foi montada no rio Braço dando origem à Empresa Luz e Força de Ipameri.

Desde 1920, portanto, Ipameri já contava com uma rede elétrica e até as ruas eram clareadas por lâmpadas colocadas em postes. O abastecimento de energia da cidade foi possibilitado através de um contrato de 25 anos fechado entre Aristides Rodrigues e a

Câmara Municipal de Ipameri, no qual foram estabelecidas, inclusive, as horas de funcionamento da rede elétrica e os preços a serem cobrados da comunidade usuária que não poderia ultrapassar a marca dos 3\$000 (três mil reis) por lâmpada de 10 velas, e 4\$000 (quatro mil reis) por de 16 velas.

Outra questão que possibilitou o surgimento de alto-falantes na região foi a habilidade de determinadas pessoas para a fabricação e montagem de aparelhos transmissores. Esta foi uma das características da família Vaz Lopes que esteve à frente de várias obras na cidade, como da construção de hidrelétricas, a instalação de telefones na região, telégrafo, alto-falantes e na década de 1940 do rádio. Além disso, as gerações anteriores da família Vaz Lopes, desde Aristides, década de 1910, foram integrantes do governo regional, facilitando politicamente, os trâmites legais para sua instalação. Assim, com este conjunto de questões, vemos surgir os vários alto-falantes na região; o primeiro construído ainda na década de 1920, como vimos no segundo capítulo e o último na década de 1940.

Após este grande número de alto-falantes criados em Ipameri, fruto do avanço industrial sobre as terras goianas, que se deu no início 1940, como já colocamos no segundo capítulo, ocorre em Anápolis a primeira tentativa de fundação de uma emissora de rádio através de uma sociedade anônima, demonstrando desde já, as novas características assumidas pela expansão capitalista, com a mudança jurídica da propriedade privada.

O mentor desta iniciativa foi o mesmo que adquiriu do fundador do jornal *O Anápolis*, Nicanor de Faria e Silva, a propriedade do jornal, tratando-se de Arlindo Cardoso. Arlindo publica em outubro de 1940 através do jornal uma nota convidando interessados em participar da fundação da emissora através da compra de ações.

Os irmãos Cardoso, que não tem poupado esforços no sentido de ser a nossa cidade dotada de uma estação emissora de rádio, vem por nosso intermedio convidar a todas as pessoas interessadas para uma reunião hoje, a 1 hora da tarde, no “Club Recreativo Anapolino”, afim de ser discutida a possibilidade da fundação de uma sociedade anonyma, por meio de acções, no sentido de ser installada em Anapolis uma estação radio emissora, nobre e elevado ideal, que faz parte integrante, nos tempos actuaes, do progresso de uma cidade.

Anapolis pelo seu desenvolvimento já não poderá prescindir desse melhoramento, como fonte de cultura e índice desse progresso.

A nossa folha secundando elevado ideal da firma Irmãos Cardoso transmite a todos o convite solicitado, formulando os melhores votos para que a reunião tenha desusada concorrência e pleno êxito. Sobre os resultados da mesma daremos em nosso próximo numero noticias detalhadas (Jornal “O Anápolis”, 13 de outubro de 1940).

Posteriormente Arlindo informa a população de que havia sido criada a sociedade anônima para possibilitar a fundação da emissora que foi nomeada de Rádio Transmissora Annapolina S/A. Assim foi noticiado:

A possibilidade da fundação em nossa cidade de uma poderosa estação emissora, já se transformou na mais formosa das realidades. A reunião de domingo ultimo, convocada pelos Irmãos Cardoso, teve pleno exito, resolvendo-se a fundação de uma sociedade anonyma por meio de acções, no sentido de se instalar em Annapolis uma possante estação Radio-emissora. Comissões e orçamentos já foram elaborados e á Idea triumphante nomes de responsabilidade em nosso meio financeiro e social hypothecaram todo o apoio material e moral. Sabemos, mais, ser intuito de seus organizadores dotar Annapolis de uma emissora um tanto poderosa, cujas irradiações possam ser ouvidas até na Capital do Paiz. E assim Annapolis, fazendo jus ao seu bastante significativo cognome de Ribeirão Preto goyana terá, ao lado de recursos materiaes, indispensáveis a todo o movimento e social, um vehiculo poderoso que transportará na azas da fama, através dos espaços a gloria de seu nome, edificada pelos esforços de um povo intelligente e laborioso. (Jornal “O Anápolis”, 13 de outubro de 1940).

Após este primeiro contato com acionistas, e criada a sociedade anônima, os mentores da idéia de fundar uma emissora em Anápolis convocaram novas reuniões através das quais criaram os primeiros dirigentes da emissora ficando com a gerência da emissora o diretor-gerente Sebastião Costa Ferreira e diretor-tesoureiro Alderico Borges de Carvalho. Neste mesmo ano ficou acordado que o pagamento das prestações pelos acionistas deveria ser realizado nos dias 22 de cada mês através do Banco de Crédito Real. Acontece que esta idéia foi passada para o papel e daí não saiu. Os acionistas que compraram ações da emissora não pagavam as mensalidades o que dificultou a concretização da idéia, levando Arlindo a apelar para publicações constantes através do jornal O Anápolis convocando os acionistas a pagarem suas mensalidades. Chegou até a publicar um poema que dizia

Homens de negocio e ocupados  
Não devem confiar na memória;  
Dão prejuízo ou são lesados  
Mesmo assinando uma promissória.

C. Ferreira  
(Jornal Anápolis Anno VI, Num. 261. 23 de fevereiro de 1941).

Em junho de 1941 chegaram a publicar uma nota através do jornal *O Anápolis* informando que as tramitações para a fundação da emissora estava prestes a serem resolvidas, estando por trás da busca pela resolução das questões burocráticas um coronel da cidade, o sr. Cordolino de Azevedo.

No dia 18 de janeiro de 1942 o jornal faz a última referência à emissora, sendo desfeita a sociedade anônima e a partir daí a idéia de fundação da Transmissora Anapolina pairou no ar, esmaecendo em esquecimento logo que chega a Anápolis um sistema de alto-falantes que em pouco tempo é transformado na Amplificadora Cultural que passa a transmitir sua programação para rádios receptores atingindo vilarejos do entorno da cidade.

A amplitude de sua programação assegurava-lhe o retorno financeiro através de anúncios do comércio local. Na época em que a amplificadora funcionava em Anápolis a população inteira já ouvia as programações das principais emissoras do país, rádio Nacional do Rio de Janeiro e rádio Tupi de São Paulo, como colocou Sílvio Medeiros, “entravam aqui com uma potência muito boa. A gente ouvia claramente aqui. Eu acompanhava a programação todinha”.

Abelardo Velasco, proprietário da Amplificadora Cultura de Anápolis, conseguia assegurar seu funcionamento, concorrendo com as grandes emissoras do país, através de atrações que promovia na própria emissora. Foi uma das primeiras emissoras do Estado a se espelhar nas grandes emissoras do Rio de Janeiro e construir um auditório, onde um público poderia ir assistir ao vivo as suas programações. A questão é que para poder entrar no auditório as pessoas tinha que pagar uma determinada quantia em dinheiro, como se faz atualmente para assistir a um filme no cinema, através da compra de ingressos.

Assim que colocou a Amplificadora em funcionamento, Abelardo transmitia apenas músicas e anúncios de publicidade. Este perfil da emissora lhe rendeu uma crítica do redator do jornal *O Anápolis* em outubro de 1942 quando foi publicada uma nota elogiando Abelardo pela fundação da Amplificadora, e ao mesmo tempo, solicitando ao mesmo que além dos programas musicais e comerciais também reservasse alguns minutos para a programação cultural.

AMPLIFICADORA CULTURA DE ANÁPOLIS

Como melhoramento que tem beneficiado a nossa cidade, devemos salientar, com justiça, a instalação da “Amplificadora cultural de Anápolis” que nos alegra todos os dias com seus programas de músicas selecionadas e agradáveis e anúncios comerciais.

Admiramos as organizações metódicas e constantes, tal como a Amplificadora, que vem pondo em realce o seu diretor-proprietário, dr. Abelardo de Velasco.

Um benefício, aliás, relevante, poderia ainda prestar ao povo de Anápolis o dr. Abelardo, instituindo um quarto ou meia hora educativa, a exemplo do que fazem as grandes emissoras.

Para isso poderia convidar, em cada semana, um dos nossos 14 advogados, dos 9 médicos, dos 5 engenheiros, dos 5 farmacêuticos e dos 5 dentistas além do professorado, que é grande, a fazer uma palestra sobre os vários assuntos educacionais e higiênicos, agora que atravessamos a estação mais quente do ano, por isso mesmo infestada de moscas. Também seria interessante se versasse sobre a alimentação, leituras, repouso, moral, enfim, tudo que viesse aprimorar a nossa educação e costumes.

É uma sugestão e não uma crítica, o que vimos de fazer, porque, de fato, a Amplificadora, pelo que já tem feito, merece os nossos sinceros aplausos.

(Jornal Annapolis Anno VIII, Num. 372. 25 de outubro de 1942).

Um fato curioso é que o jornal O Anápolis fez várias publicações traçando elogios ao proprietário da Amplificadora Cultura como vimos na publicação acima. Contudo segundo Haydée Jayme Ferreira (1981, p. 259-260) no livro *Anápolis: sua vida, seu povo*, em fevereiro de 1942 o jornal publica uma nota de protesto conta a Amplificadora pelo fato de esta ter realizado um anúncio que dizia: “Façam suas propagandas pela Amplificadora, pois anúncio feito com música aparece, ao passo que o jornal a gente rasga e desaparece”. O ditado, onde inclui dinheiro, não inclui amizade, ou, “amizade, amizade, negócios à parte”, parece descrever bem a relação do jornal com a Amplificadora.

Funcionando concomitantemente à Amplificadora Cultural estavam outros quatro serviços de alto-falantes na cidade de Ipameri. A questão comercial também perpassava os seus programas. A PRB-1, por exemplo, privilegiava em suas programações o marketing do comércio e das indústrias locais. Esta permaneceu por mais de seis anos em atividade na cidade. Seu proprietário, um funcionário da Estrada de Ferro, o sr. João Perfeito, privilegiava informações locais, com programas jornalísticos, programas de músicas com canções populares. Com o sistema de alto-falantes, conseguia manter financeiramente a família e os reparos dos equipamentos de transmissão.

Goiânia também possuía um sistema de alto-falantes, como colocamos no capítulo anterior, se trata do sistema de alto-falantes Marisa que foi instalado em Campinas na Praça Joaquim Lúcio. Os rendimentos deste sistema provinham de anúncios do comércio e de eventos promovidos no próprio local. Uma das formas utilizada pelo proprietário para lucrar com o sistema de alto-falantes foi através do envio de recados por pessoas que ali se reuniam para ouvir as suas programações e iam em busca de uma paquera. Assim, quem quisesse enviar um recado para alguém pagava uma determinada quantia em dinheiro para o locutor, que o lia no microfone e podia ser ouvido através dos alto-falantes que apontavam para a rua à frente.

A gente ia lá pra Campinas pra namorar, paquerar e curtir o alto-falante. Então ce chegava lá, e pagava não sei quanto lá. Aí ó. Tem aquela menina lá de vestido vermelho, muito bonita, procura saber o nome dela... É Tereza, num sei o quê lá. Procurava saber o nome dela. Diz que Silvio oferece pra Tereza a música tal, pa pa pa, admiração, pa pa pa. Então era uma maneira de conquistar as menina lá (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Após os recados, apresentavam os comerciais. Segundo Sílvio Medeiros, transmitiam muitos anúncios de farmácias e lojas cujos proprietários buscavam aumentarem as suas vendas através da propaganda pelos alto-falantes. “Ó se tem problema compra o remédio na farmácia tal... aí começou a idéia do mercado..., marketing do mercado... de rádio. Aí começou” (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

O proprietário do sistema de alto-falantes Marisa também construiu um auditório para programas ao vivo. Ali aconteciam shows de calouros, teatros, apresentações musicais com artistas da cidade e região e intercalando à programação, propagandas do comércio local. Segundo Sílvio Medeiros, uma estratégia que utilizavam para atrair o público para o auditório e também uma forma de convencer os anunciantes da importância deste sistema de alto-falantes para suas vendas, foi o sorteio de prêmios. Assim, o locutor pedia uma camiseta de proprietários de lojas para sortear, e junto ao sorteio anunciava o nome do comércio. Aconteceu, posteriormente, que as roupas sorteadas muitas vezes não serviam para o ganhador, foi quando tiveram a idéia de repassar um “vale prêmio” que a pessoa poderia ir até a loja e escolher a roupa que lhe servisse. Com isso, segundo Medeiros, foi conquistando devagar o comércio da cidade, quando começaram a perceber que suas vendas estavam aumentando.

Na década de 1930, portanto, os centros urbanos mais desenvolvidos do Estado, Anápolis, Ipameri e Goiânia, contavam com sistemas de alto-falantes os quais mantinham uma relação íntima com o comércio local. Pode-se dizer que iniciava aí, a relação capital e comunicação no Estado. Os meios eletrônicos de comunicação iniciados através dos sistemas de alto-falantes em Goiás pode ser considerado o embrião da integração do comércio nos meios de comunicação, o início da mercantilização da comunicação no Estado, o alvor do capital comunicacional em terras goianas.

O mercado criado em torno da radiofonia goiana foi sendo ampliado chegando a ser criados comércios para a comercialização de aparelhos receptores além de serviços para consertos de rádio, com o aparecimento de profissionais especializados em técnica de reparos em aparelhos radiofônicos. Através do jornal “O Popular” e da revista “Oeste” podemos perceber a existências deste comércio que começava a se formar.

O jornal “O Popular” de outubro de 1942 tinha, por exemplo, como anunciante em seus exemplares uma empresa que concertava aparelhos de rádio. Vejamos o anúncio que era colocado nos seus exemplares:

Fonte: Jornal “O Popular” de 04 de outubro de 1942.



A revista “Oeste”, um órgão criado para estar a serviço do Estado, também possuía seus anunciantes os quais eram ligados a empresas especializadas no reparo de aparelhos de rádio receptores e através dela também podemos perceber o mercado que ia se expandindo a partir das rádios emissoras. Semelhante à revista Oeste e o jornal O Popular, o jornal O Anápolis também divulgava constantemente as empresas de reparo de rádio receptores. Em

1941 este último anunciava: “seu Rádio tem pouco volume, muito ruído? Troque as válvulas, estão cansadas. Válvulas Philips para radio Americano e Europeu. Annapolis. Goyaz” (O Anápolis, maio de 1941). Como é possível perceber, as empresas norte-americanas e européias conseguiram expandir seu mercado consumidor, chegando a dominar a distribuição de receptores no Brasil.

Nesse sentido, a tecnologia empregada na transmissão da comunicação via rádio, contribuía tanto para a expansão e intensificação de uma comunicação pautada em valores axiológicos, vertical, quanto para a criação de um mercado de serviço, voltado para o reparo desta mesma tecnologia. Esta questão pode ser percebida tanto em Goiânia, a partir da criação da rádio Clube, quanto em Anápolis com a fundação da rádio Carajás e também em Ipameri com a rádio Xavantes. Em Anápolis a comercialização de rádios receptores começou logo nos anos de 1937.

Neste período a presença do rádio no Estado demonstrava já sua participação e contribuição na expansão do capitalismo com a criação de inúmeros comércios em torno deste meio de comunicação. Por volta de meados de 1930 chega à cidade de Anápolis o primeiro comércio de rádio receptores. Até então, a comercialização de receptores estava nas mãos de empresas localizadas nas grandes metrópoles do Brasil, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

O comércio era de propriedade dos irmãos Cardoso, os mesmos que eram proprietários do jornal “O Anápolis”, e os mesmos que fizeram a tentativa de fundação da rádio Anapolina. Distribuíam rádio da empresa norte-americana RCA Victor, os quais “funcionavam apenas com eletricidade e havia ainda a necessidade de se instalarem postes para a colocação de antenas” (FERREIRA, 1981, p. 264), o que demonstra aí que os gastos aumentavam ainda mais com a aquisição de um deste aparelho, e, além disso, constringia determinadas pessoas a abrirem novos comércios, a exemplo da comercialização de antenas. A forma de funcionamento dos aparelhos receptores aumentava ainda os gastos com eletricidade ampliando o rendimento do Estado com o abastecimento de energia elétrica. Anápolis, desde a década de 1920, semelhante à cidade de Ipameri, já era abastecida por energia elétrica gerada pela empresa “Força e Luz”, que abastecia as indústrias locais, as residências e a iluminação das ruas da cidade.

Para atrair os consumidores anapolinos o proprietário do comércio de rádio receptores da cidade, realizava exposições de vários modelos de aparelhos no Cine Teatro Imperial de Anápolis. Com isso, a expansão deste meio de comunicação era facilitada, e com um grande número de receptores no Estado, a audição dos programas das grandes emissoras do país chegavam de forma límpida aos ouvidos da população goiana.

Ocorre neste período a integração do Estado na rede de comunicação nacional, preenchendo os calados espaços das cidades e vilas dos interiores com uma tonalidade urbana, através da divulgação longínqua das principais mercadorias norte-americanas, as quais recebiam uma atenção especial da programação das grandes emissoras do país. Época em que

A Standard Propaganda, uma das agências de publicidade que mais apostou no patrocínio das radionovelas no Brasil (Grupo Gessy-lever), na década de 40, viu-se gratificada pelo inusitado retorno de suas mensagens publicitárias que eram inseridas ao longo daquelas apresentações (TAVARES, 1999, p. 42).

A necessidade de divulgação da produção de mercadorias realizadas pelos países mais desenvolvidos e pelo capital nacional é atendida pela comunicação tecnológica, a qual contribuiu amplamente para a sua efetivação. Nesse sentido, os comércios de rádio receptores logo foram se expandindo. Goiânia, Ipameri e dezenas de outras cidades foram abrindo seu próprio comércio de rádios receptores e assim, o rádio-mercadoria, ia se expandindo e adentrando aos mais longínquos e calados espaços do centro do Brasil, colocando a população goiana em contato com a informação que era transmitida das metrópoles brasileiras. Nesse sentido, Goiás passou a receber constantes informações e ouvir às programações cariocas e paulistas, sem ter a possibilidade de escolher a característica e conteúdo de tais programações.

Além da comercialização de rádios receptores começaram a surgir os comércios voltados para a comercialização de peças para reposição e manutenção de tais aparelhos. Na década de 1930 surgem em Goiás os técnicos em manutenção eletrônica para rádio receptores. Os aparelhos eram caros, tendo em vista que era uma tecnologia de ponta e super avançada para a época. O rádio era o que de mais moderno existia em termos de comunicação eletrônica.

Os primeiros aparelhos comercializados pesavam muitos quilos e quando ocorria algum problema técnico havia a dificuldade para transportá-lo até a oficina onde seria concertado. Parece-nos que devido ao preço dos primeiros aparelhos receptores que estavam à venda no Estado, poucas pessoas os adquiriram. Contudo, em pouco tempo, os rádios-portáteis tomaram conta do comércio cujo preço permitiu a sua popularização, logo, a sua aquisição pelos indivíduos de classes subalternas.

Os primeiros receptores eram móveis muito pesados havendo, assim, a dificuldade em seu transporte. Isso fez com que os técnicos que atuavam no reparo de receptores fossem até as casas e atendessem em domicílio. Técnicos estes que recebiam uma formação por empresas instaladas no Rio de Janeiro e São Paulo, como é o caso da formação do proprietário de um comércio de rádio receptores em Goiânia que se especializou em técnico através da General Electric em São Paulo. Dona Rafa Ceva nos contou que tinha um desses aparelhos receptores que era do tamanho de um armário de livros, algo monstruoso que necessitava várias pessoas para transportá-lo. A sua restauração era realizada por um técnico da cidade que ao ser chamado ia até sua casa carregando uma caixa de ferramentas e ali mesmo, fazia o reparo do rádio. Quando necessitava de peças que o mesmo não tinha ali presente, buscava o que necessitava em comércios de São Paulo.

Com o tempo foi se desenvolvendo uma tecnologia mais compacta e em finais da década de 1930 receptores já recebiam um lugar especial em cima de mesas e colocados em destaque nas salas das residências. Ouvir o rádio em finais de semana e em finais de tarde junto à família foi se transformando, desta forma, numa tradição. Portanto, junto à expansão de rádios receptores ocorreu no Estado uma expansão de oficinas para reparar rádios receptores. Jornais e revistas da época que recorriam ao comércio local para a sua manutenção financeira divulgavam a existência destes comércios criando propagandas e logotipos para a sua propagação, os que lhes rendiam certos lucros. Foi nesta investida que realizavam a divulgação deste tipo de comércio que iniciava em Goiás.

Neste ritmo o capitalismo ia se expandindo pelas terras goianas e adentrando ao campo da comunicação. Antes mesmo de iniciar a década de 1940, e anterior ao surgimento da primeira emissora do Estado, o capital comunicacional predominava nas grandes emissoras do Brasil. Em várias partes do Estado o comércio mantinha, desde já, uma

relação íntima com o rádio e com os sistemas de alto-falantes que já existiam nas três principais cidades.

Neste contexto surge a rádio Clube em Goiânia. Esta buscou na rádio Nacional do Rio de Janeiro o exemplo para criar sua programação. É possível imaginar que espécie de interferência a rádio Nacional realizava quando sua programação, a musical, por exemplo, era dominada pela música norte-americana.

Através de programas como *Um milhão de melodias*, *Aquarelas das Américas*, *Aquarelas do mundo*, *Nas asas de um Clipper*, *A hora da Broadway*, *Your hit parade*, *Big broadcasting*, *Matinal da exposição* e outros que tais, a música norte-americana foi invadindo os lares brasileiros (COLLECTOR'S EDITORA, 1996. Apud: FERRARETO, 2001, p. 118).

Junto à música e às informações veiculavam propagandas de empresas transnacionais, nacionais e locais, que lhe proporcionava o sustento financeiro necessário para continuar existindo. Como coloca Tavares (1999, p. 43), “imagine agora essa força posta a serviço da propaganda comercial, bem orientada, e você verá o que o rádio representa como conquistador de mercados, como vendedor de produtos e utilidades e como prestador de serviços!”.

Nesse sentido, ao lado da questão política, que discutiremos no tópico seguinte, havia nas bases da emissora, a questão comercial que lhe proporcionava possibilidade de existência, uma vez que o único apoio que a emissora recebia do Estado se tratava de um aparato político e não financeiro. Nesse sentido, a manutenção financeira da emissora era buscada no comércio local e recebia ainda uma contribuição de empresas nacionais e estrangeiras. As propagandas de comércios locais realizadas na primeira emissora eram faladas, não existia ainda a técnica da gravação de propagandas, o que mudou na segunda metade da década de 1940.

Os comerciais (anúncios) começaram a chegar, todos apresentados ao vivo, “no gogó”, como se dizia. [...] O comércio adorou a idéia do rádio e ele foi o primeiro a despertar no empresário goiano que ele podia anunciar de forma constante. Como tinha muito espaço na programação, os anúncios eram baratos e se repetiam de forma exagerada, dado também à pouca presença de empresas compradoras de espaço (GALLI, 2007, p. 39).

Fernando Cunha Júnior conta que se lembra bem de empresas brasileiras que anunciavam pela rádio Carajá de Anápolis como CD Horse, que produzia o Calco Róis, Glostone e Melhoral. Assim, vemos nas emissoras goianas uma expressão do capital norte-americano, que criava estratégia para sua reprodução em escala cada vez mais ampliada, criando, inclusive programas para atingir públicos específicos. Segundo Ortiz, determinadas agências norte-americanas,

Financiadores do rádio comercial, em particular firmas como Procter and Gamble, Colgate-Palmolive, Lever Brothers, começavam a produzir as denominadas “óperas de sabão” para vender seus produtos às donas-de-casa. Durante a recessão econômica, elas buscavam combater a queda nas compras, aumentando o volume das vendas, o que necessariamente implicava em se atingir um público maior. Como o horário diurno era mais barato que o horário nobre, essas firmas começam a produzir day-time series para mulheres (ORTIZ, 1988, p. 19).

Essas empresas e outras que anunciavam na emissora já enviavam gravadas as propagandas que eram colocadas no ar. Além das empresas que enviavam as propagandas para as emissoras do interior do país, a rádio Nacional também exercia certo controle sobre essas emissoras e passava a interferir nas suas programações.

Existiam fortes ligações entre a produção da programação das emissoras e o mercado, como pode ser observado nos sugestivos nomes dos programas irradiados, tais como Rádio Almanaque Kolinos, acontecimento Aristolino, Repórter Esso ou Cancioneiro Royal. Muitos programas eram produzidos e gravados nas emissoras cariocas, em especial na rádio nacional, e depois redistribuídos para o restante do país. Essa prática reforçava a fama obtida pelos artistas da emissora e o fascínio que a Capital Federal exercia sobre o interior. A modernidade que chegava pelo rádio tinha características urbanas, difundindo para os moradores do interior, hábitos das grandes cidades. A publicidade era feita de forma direta, com anúncios, ou indireta, embutida nos textos dos programas, criando o mercado de consumo para os produtos. O rádio foi um excelente veículo de divulgação de novos hábitos de consumo, sendo o preferido pelas multinacionais para o lançamento de novas marcas e produtos (CALABRE, 2004, p. 29).

Com isso a população goiana passa a conviver diariamente com as infindáveis propagandas realizadas pelo rádio local e nacional. Propagandas que constringia a população ao consumo das mercadorias propagadas. Como expressa Tavares (1999, p. 43),

O moço do rádio é o speaker, que entra na intimidade dos lares argumentando, convencendo e até mesmo criando hábitos artificiais, fazendo com que o público consumidor masque goma ou tome refrigerante com gosto de sabão Aristolino...

A expansão do capitalismo em Goiás que tomou uma expressão mais ampla na década de 1940 pode ser visto também na comunicação realizada através dos vários meios eletrônicos de comunicação existentes. Enquanto o início do rádio no Brasil é demarcado pelo domínio político e posteriormente é transformado em mercadoria, em Goiás o início da história dos meios eletrônicos de comunicação apresenta-se atrelado ao capital comunicacional. Foi assim nos sistemas de alto-falantes na década de 1930 e ampliou ainda mais na década de 1940 com as rádios emissoras que passaram a divulgar mercadorias estrangeiras no Estado.

Foi diante desta investida do capitalismo sobre as terras goianas que vemos surgir algumas especificidades no rádio goiano. Uma delas é a especialização de pessoas no ramo da radiofonia, os quais possibilitaram a manutenção dos investidores no rádio bem como a ampliação em escala ascendente do raio de alcance da transmissão das emissoras. Esses especialistas foram responsáveis pela criação de uma estrutura comercial possibilitando aos proprietários das emissoras, um rendimento tal que suprisse os gastos com as despesas provenientes dos reparos de equipamentos de transmissão, da manutenção dos profissionais etc. José Cunha Júnior, um dos três primeiros locutores da rádio Clube, nos contou que “Tinha os técnicos. Que começaram como operadores de rádio, depois, foram servir de técnicos. Aí que deu maior consistência e deu mesmo razão de ser da nova categoria que surgia, da nova atividade”.

E como neste período, década de 1940, não existiam ainda as agências voltadas exclusivamente para o *marketing*, as quais surgiram apenas em 1954 na cidade de Goiânia, cuja primeira agência de publicidade foi a WM<sup>24</sup>, então, o lado comercial da emissora ficava por conta dos próprios locutores.

Então a publicidade de maneira geral, ela era confeccionada, era criada na própria rádio. Na própria rádio a gente criava propaganda e ela era apresentada em textos, lida pelo locutor no estúdio. Praticamente naquela época não existia nem uma propaganda gravada. A propaganda gravada só

---

<sup>24</sup> Este nome WM foi uma invenção daquele que a fundou, Walter Meneses, o qual nomeou a agência com as iniciais de seu nome.

os anunciantes nacional, o que era relativamente pouco, os grandes anunciantes nacional que de repente mandava discos com a propaganda gravada e essas propagandas então eram levadas ao ar (Fernando Cunha Júnior, entrevista gravada em 10 de maio de 2007).

Mesmo assim, segundo Juvenal de Barros a Carajá tinha um representante comercial proveniente de São Paulo cujo nome era Radico, “o nome da agência que capitalizava toda a publicidade das emissoras do interior”. Este vinha para Goiás trazendo patrocínios de anunciantes das grandes cidades. Ao fazer contato com comerciantes e fechar contrato com os mesmos, ele fazia as propagandas, as gravava em discos de vinil e levava para as emissoras do interior. Parte do pagamento que as empresas faziam pela propaganda ele repassava para a emissora que fazia a sua divulgação e a outra parte ele embolsava.

José Cunha Júnior, locutor da rádio Clube de Goiânia, conta que aí ele começou

A trabalhar no comércio. Dada a desenvoltura eu comecei então a fazer também propaganda, que era o detalhe principal do rádio. A propaganda que era a manutenção do rádio, e era a maior escola, era a parte de falar, de escrever, de contactar. Tudo isso eu aprendi na profissão. A falar, a escrever, a ouvir, a dar indicações, foi tudo com o tempo eu fui aprendendo. Foi muito bom porque eu pude transmitir isso aos que estavam chegando. Todos entraram na mesma e todo mundo aprendeu igualmente. E foi para o mercado.

Esta atividade de fazer o contato com patrocinadores era realizada pessoalmente pelos próprios locutores. Acontece que a propaganda ainda não havia conquistada a confiança dos proprietários do comércio local, questão que vinha se transformando de forma lenta. Como nos contou Sílvio Medeiros, os comerciantes não acreditavam no poder da propaganda. Mesmo assim, os locutores conseguiam manter a emissora com anúncios do comércio local. E para conseguirem anunciantes utilizavam de estratégias para convencê-los. Assim, no alvor do rádio em Goiás ao invés de pedirem uma determinada quantia em dinheiro para realizar a propaganda na emissora, os locutores pediam mercadorias para serem sorteadas em seus programas. Durante o sorteio faziam a propaganda do comércio que fez o repasse da mercadoria. Foi assim que a passos lentos foram conquistando a confiança dos comerciantes que logo começaram a sentir a força da propaganda quando perceberam certo aumento em suas vendas.

Mesmo não acreditando na propaganda, uma forma que os comerciantes utilizavam para divulgação comercial se tratava de anúncios em placas e faixas que eram fixadas pelos postes da cidade e também nas porteiras e árvores no meio rural. Na década de 1942 era comum se deparar com propagandas da Casa Pernambucana, de acordo com Sílvio Medeiros, uma das primeiras casas de comércio que fez uso do sistema de alto-falantes para divulgar anúncios. Além das Casas Pernambucanas empresas de ônibus também faziam anúncios através do rádio.

Toda fazenda que você ia, toda estrada que você ia, toda porteira que você via na estrada, Tecidos Casas Pernambucanas. Então, logicamente, foi o primeiro cliente do serviço de alto-falante. Tecidos, Casas Pernambucanas... Então só falava isso. Um textim rápido. Aí tinha lá as firmas de pedatela. Expresso pedatela, que fazia a linha Goiânia/Anápolis. Tudo com Ford, carro pequeno, naquele tempo era luxo. Era executivo, não era qualquer um que viajava não. “Viaje pelo expresso pedatela, mais rápido e agilidade, não sei o quê... Marli, expresso Marli, não sei mais o quê”. No começo, as primeiras empresas de ônibus faziam propaganda. E farmácia. Tinha muita farmácia também. Padaria, casa de tecidos.

José Cunha Júnior nos falou também que o salário dos profissionais que trabalhavam no rádio advinha da propaganda que a emissora fazia dos comércios locais. Segundo ele,

A rádio pagava. A rádio tinha rendimentos e pagava. Os rendimentos vinham pela publicidade que a rádio fazia. Aí a rádio passou a ser auto-suficiente, porque ela passou a fazer propaganda... tinha direito ao dinheiro que entrava com essa propaganda. E aí foi outra maneira do pessoal se conscientizar e entrar pra faixa da necessidade do rádio como elemento atuante, como elemento de renda (José Cunha Júnior, entrevista realizada em julho de 2006).

Assim, o salário dos profissionais que trabalhavam na emissora era estabelecido de acordo com a quantia de dinheiro que a emissora recebia. Assim, após pagar as contas referentes aos gastos internos o que restava era dividido entre os funcionários. Nesse sentido, até 1945 nem se ouvia

Falar em salário mínimo. O que a rádio recebia de patrocínio, e ajuda da prefeitura, do Estado, eles faziam uma divisão lá. Olha tem que pagar tanto pra técnico, tanto pra isso, tanto pra aquilo. Taxa pra manutenção da aparelhagem, o resto rateava entre os funcionários. As vezes cê nem sabia o que ia receber. Nos primeiros meses não sabia o que ia receber não. Falava esse mês deu tanto. Então você sabia que tava melhorando porque

ia aumentando. Aumentava um pouquinho em cada mês, aí cê falava, ó tá melhorando. Mas não tinha esse negócio de salário não (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Assim, para melhorar os salários, eles [os locutores] acumulavam as funções de corretor, produtor e apresentador, isto é, vendiam, produziam e colocavam no ar o anúncio (CRUZ, 1999; Apud. BIANCO, 1999, p. 102). Nesse sentido, a publicidade era fruto do trabalho dos próprios locutores. José Cunha Júnior, de acordo com as várias entrevistas que realizamos, parece ter sido o primeiro locutor de rádio de Goiás a criar esta estratégia de ir até os comerciantes para convencê-los a pagar por anúncios a serem divulgados pela rádio Clube. Walter Meneses, o primeiro publicitário do rádio de Goiás, nos contou do modo que Cunha Júnior ia até aos comércios, época em que uma das principais avenidas de Goiânia, avenida Goiás, ainda não era asfaltada. Segundo ele,

O Cunha Júnior encostava a bicicleta dele por aqui ó. E não tinha cadeado, não tinha nada não. E saía. Ninguém roubava bicicleta. O Cunha Júnior faturava de bicicleta. Pegando anúncio na rua aí. Esse grande radialista que você conheceu. (MENESES, entrevista realizada em 29 de março de 2007).

Perguntamos a Cunha Júnior desta sua especialidade na emissora, quando corria atrás de anunciantes montado numa bicicleta. O mesmo colocou que no início era difícil conseguir patrocinadores, pois, quase ninguém acreditava em propaganda, mas, foi um processo rápido e logo, havia uma grande quantidade de comerciantes que recorria à emissora para fazer anúncios. Vejamos em suas próprias palavras a história de sua busca pela publicidade. Segundo ele o interesse dos comerciantes pelo rádio

Foi crescendo que todo mundo era anunciante. Virou uma febre. Deu um resultado extraordinário. E aí me tornei corretor. Eu fui o principal corretor, modéstias patas, eu fui o principal corretor da rádio no início do aparecimento dela. Era locutor. Era locutor já com nome. Já com a experiência, com voz timbrada, preparada pra ficar... Corria atrás. Arranjei uma bicicleta e girava os comércios todo, com essa bicicleta. Bicicleta ficou famosa. Eles gostavam, pagavam direitinho. Porque eu fazia o seguinte: eu fazia o texto, bolava o texto, criava o texto, às vezes com ajuda do próprio comerciante. E às vezes com outros elementos. Eu vendia a propaganda, fazia o contrato, e fazia a leitura depois, porque eles queriam que eu lesse o texto, então eu fazia a leitura, fazia a redação, fazia a venda do contrato. Eu vendia o anúncio, escrevia, falava e ainda colhia a assinatura do contrato, vendia publicidade, fazia tudo, eu até recebia.

Cunha Júnior e outros locutores que entrevistamos colocaram uma questão que parece ser uma característica comum nas emissoras que surgiram na década de 1940, tratando-se das funções desenvolvidas pelos locutores. A questão é que o contexto vivido em Goiás, estabelecido sob um capitalismo ainda em expansão, que contrastava com a política coronelística, contribuiu para que várias atividades em torno de uma mesma profissão fossem realizadas por uma única pessoa. Este é o caso da *profissão de locutor*.

Além da locução exercida na emissora os profissionais desempenhavam outras atividades, uma exigência que surgia com o aparecimento e hegemonia das relações sociais capitalista. Neste sentido, a locução no rádio exigia que nos bastidores houvesse um produtor e redator de textos (utilizados na propagação de propagandas e na própria organização dos programas); um roteirista, um técnico em regulagem de som, o qual possibilitava que a qualidade da transmissão fosse audível pelos receptores; um jornalista para colher informações a serem veiculadas; além do corpo burocrático responsável pela direção e coordenação da emissora.

Esta organização implantada nas emissoras proporcionou um estreitamento formal na relação rádio e capital, que foi aprofundando e ampliando cada vez mais. Isso é perceptível nas principais emissoras do país, onde haviam programas que eram criados especificamente para a divulgação de mercadorias nacionais e internacionais. No dia 19 de janeiro de 1942, por exemplo, dá início ao famoso programa *Em Busca da Felicidade*, que era transmitido por várias emissoras de rádio do Brasil, principalmente pela rádio Difusora de São Paulo e pela rádio Nacional do Rio de Janeiro. O programa foi criado para divulgar o creme dental Colgate. Apresentado em forma de rádio teatro, focava questões do cotidiano das pessoas como “a esposa abnegada que descobre a infidelidade do marido depois de 16 anos de felicidade conjugal... O problema da filha ilegítima... Os sofrimentos da amante que também é mãe...” (O Popular, janeiro de 1942).

Inspirados nestes programas, os profissionais do rádio em Goiás começaram a criar programas para a divulgação de determinados comércios como é o caso do programa “Viva o Samba” na rádio Clube de Goiânia que era patrocinado por uma casa de tecidos; outro programa da rádio Clube foi o “Entre na Moda” patrocinado por lojas de roupas. Sílvio Medeiros nos contou que criou o programa “Sua Majestade o Neném” para fazer a propaganda de um comércio de roupas para recém nascidos. Segundo ele,

Era patrocinado por uma casa de artigos infantis. O Trio Iraquitã gravou uma música lá: “sua majestade o neném”... uma música muito conhecida. Então servia de prefixo pro programa. Então o que acontecia: eu convocava as mães pra cada uma levar seu bebê, sua criança, pro auditório. Então tinha uma comissão julgadora pra escolher o bebê mais bonito. Ganhava um prêmio, ganhava um enxoval completo durante um ano da loja. Então é isso que a gente fazia.

Walter Meneses também esclareceu como se dava a comercialização de programas na rádio Clube. Segundo ele, além de programas cujo conteúdo era voltado para o comércio havia ainda uma espécie de terceirização de programas. Isso acontecia quando alguém adquiria um horário na emissora, e posteriormente revendia os direitos de uso do programa para outras pessoas. Ele mesmo adquiriu vários programas e os revendeu posteriormente a um preço mais alto do que aquele que comprou, era uma forma que utilizava para lucrar através da rádio Clube.

Além da comercialização dos programas, como bem colocou Sílvio Medeiros, a emissora lucrava com programas de auditório. A rádio Clube iniciou com programas de auditório num espaço que comportava sessenta pessoas, que posteriormente foi ampliado para quatrocentos lugares. Nesses programas de auditório as pessoas assistiam a programações que eram apresentados ao vivo. Para entrar no auditório, semelhante ao que acontecia na Amplificadora Cultural de Anápolis, cada



*Programa de auditório na rádio Clube de Goiânia*

pessoa deveria pagar. A programação variava entre apresentação musical de artistas locais, radioteatro, sorteio

de prêmios através dos quais divulgavam determinados comércios, shows de calouros e recados que também eram pagos. Essa estrutura organizacional da rádio Clube era semelhante ao programa de auditório da Amplificadora Cultural de Anápolis, e foi um exemplo para os programas de auditório da rádio Carajá de Anápolis e da rádio Xavantes de Ipameri que funcionavam estruturalmente de forma equivalente.

Uma das novidades existente na rádio Carajá para atrair o público para os programas de auditório eram os programas voltados para o público infantil como “o programa “Brincadeira Carajá” e “Revolução Infantil-Calourinhos” que ficava sob o

comando de Juvenal de Barros, coadjuvado pelo locutor Antônio Afonso de Almeida” (FERREIRA, 1981, p. 262). Além de cantores locais, mensalmente os proprietários promoviam bailes e shows com cantores e cantoras do Rio de Janeiro e de São Paulo. Era também uma forma de encher o auditório e conseqüentemente, as gavetas das bilheterias. Todos esses eventos tinham um custo para o proprietário da emissora, já que custeava a passagem dos artistas bem como as apresentações realizadas. Esses gastos eram repassados para os ingressos vendidos na bilheteria dos auditórios.

A questão comercial pode ser notada com algumas especificidades na rádio Carajá de Anápolis. Assim que foi fundada esta contou com uma equipe responsável pela parte publicitária, de aquisição de investimentos. Como colocou o jornal O Anápolis (24 de julho 1949), a emissora atendia “eficientemente a todas as necessidades do anunciante e defendendo arduamente seus interesses”. Outra forma de lucrar com seus horários era a sua comercialização para partidos políticos. Contudo, a emissora tendia a ficar do lado do mais forte, tratando do PSP que tinha como líder político Jonas Ferreira Alves Duarte. Além de Jonas, contava também com o apoio político do senador Sócrates Dinis. Porém, a emissora não deixava de fazer publicidade para outros partidos quando publicava chamadas da UDN, porém, em menores quantidades.

Agora, a publicidade realizada pela rádio Xavantes de Ipameri era semelhante à realizada rádio Clube de Goiânia, a qual ficava por conta dos próprios locutores. Assim que a emissora começou a irradiar sua programação em forma experimental uma das dificuldades para a sua ampliação e manutenção foi a ilegalização na realização de propagandas, uma vez que isso era permitido pelo Estado quando este liberava a concessão para uso do canal de transmissão. Enquanto não se tinha o vínculo formal e legal, a emissora era proibida de realizar propaganda. Contudo, assim que conseguiu a liberação da concessão contou logo com o investimento de partidários, como fez o PSD, que assegurou parte de seus gastos.

Rames Basílio nos contou que ele próprio ia até aos comerciantes para constrangê-los aos fazerem anúncios pela emissora. Semelhante ao que acontecia em Goiânia, os comerciantes locais não acreditavam no poder das propagandas. Assim, a maior parte das despesas ficava por conta do próprio proprietário da Xavantes, César Augusto Ceva.

Segundo sua esposa, Rafa Daher Seva, ao perguntá-la quem financiava a emissora, ela respondeu

A emissora tinha que ter renda e a renda vem da propaganda. Então o que se fazia? Propaganda aqui na cidade, alguma outra propaganda, mas era só dentro da cidade mesmo. E era muito pouco, porque não é todo mundo que quer fazer propaganda. De forma que pesava muito e a gente tinha que arcar com as despesas. Porque tinha empregados, tinha que pagar os empregados. Foi muito difícil.

Com o tempo, não havendo retorno financeiro e os gastos aumentando cada vez mais, César repassa os direitos de uso da emissora para um integrante da UDN, Jerônimo Coimbra Bueno, o mesmo que nos anos 50 é convencido por Pimenta Neto a construir uma emissora na capital que tivesse uma potência de veiculação a nível nacional. Convencido disso cria nos anos 50 a rádio Brasil Central.

O fim da Segunda Guerra Mundial provoca no Brasil o fim de um regime político, o fim do Estado Novo. Essa mudança política se fará sentir diretamente nos meios de comunicação. A rádio Clube, da sua fundação aos anos de 1945, tinha uma programação predominantemente política, voltada para a divulgação dos ideários de Getúlio Vargas. Com o fim da Segunda Guerra e a deposição de Vargas se torna fundamentalmente comercial e passa a reservar mais tempo de suas programações para o comércio local. Isso não quer dizer que a questão política deixa de existir na emissora, o que acontece é o predomínio do capital comunicacional. Assim, a relação partidária com a emissora passa a ser realizada por intermédio de sua comercialização. UDN (União Democrática Nacional) e PSP (Partido Social Progressista) disputavam os horários, e quem pagava mais, mais tempo tinha em sua propaganda política. Como expressou Juvenal de Barros “era uma espada dos dois lados [...] faturava, queria era faturar”.

Outra forma lucrativa criada a partir da existência do rádio em Goiás, que ocorria de forma legal a partir de uma transação financeira estabelecida pelo governo federal desde 1932 através do decreto 21.111 de 1º de março e perdurou até 1964, era por intermédio de registros dos aparelhos receptores que eram vendidos para a população. Quem adquiria um rádio receptor era obrigado a pagar anualmente um imposto referente ao aparelho. Quem não o fizesse dentro do prazo estabelecido arcaria com despesas convertidas em multas. Através dos jornais da época é possível perceber a fiscalização que o Estado exercia no

controle dos aparelhos existentes, quando, através dos vários jornais, publicava notas informando os dias estabelecidos para a renovação do cadastro dos usuários. Em 23 de março de 1941 O Popular publicava a seguinte nota:

#### Registro de Aparelhos de Radiofusão

A Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, nesta Capital, científica aos possuidores de aparelhos receptores de radiodifusão que o prazo para registro e renovação de registro dos mesmos terminará no dia 31 de março corrente, segundo estipula o decreto federal nº 21.111, de 1º de março de 1932.

Esse registro, que é de caráter obrigatório, ainda que para os aparelhos instalados em automóveis, está sujeito á taxa de 5\$00, paga em selo postal, sendo imposta a multa de 25\$000 a todo aquele que o deixar de efetuar dentro do prazo supra, como dispõe o art. 2º do decreto lei nº 2.979, de 23 de janeiro deste ano.

Diariamente, das 8 ás 17 horas, na Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos, serão atendidos todos os interessados.

Esta mesma publicação sairia também em 30 março do mesmo ano no jornal O Anápolis, e demonstra o controle que o Estado exercia sobre os meios de comunicação. Obviamente que além de controlar a distribuição de receptores o Estado conseguiria com esta medida lucrar com os impostos pagos para a regularização dos aparelhos.

A comercialização de rádios receptores foi se ampliando chegando a ser acessório de automóveis, como é possível perceber na citação acima, algo inusitado para o período. Assim, com as mudanças ocorridas nas relações de produção de todo o mundo o rádio ia assumindo novas configurações e uma caracterização que predominaria nas várias emissoras até os tempos atuais, que foi a ascendência do capital comunicacional neste meio de comunicação. Com isso, começou a ocorrer constantemente a divulgação de mercadorias pelas várias partes do Estado, constringendo a população ao consumo de mercadorias provenientes de empresas estrangeiras. Questão que ainda era novidade para a época, uma vez que a maior parte dos produtos consumidos eram produzidos em fábricas locais e se sabia de sua procedência. Além disso, o consumo ocorria quando havia a necessidade ou a falta em casa de tais produtos. Assim, se comprava uma determinada mercadoria no momento de cozinhar o arroz, o feijão, ou quando iam procurar por uma blusa para se agasalhar, e sentia a sua falta, daí, recorria a um centro comercial para adquiri-la. Nesse sentido,

O banho de civilização americana atingia os brasileiros em todas as frentes. Para comer e beber, havia suco V-8, Quaker Oats e enlatados Swift. Para as janelas, venezianas de alumínio Pan-American. Para a cozinha, o batalhão de auxiliares eletrodomésticos da GE. Para os olhos lentes Ray-Ban legítimas da Bausch & Lomb. Para a barba, lâminas Gen, folheadas a ouro. Para os dentes, escovas Prophylactic. Para os cabelos, Fixbril e Brylcreem. Para as axilas, desodorante Magic. Para a pele, Cosmetic Oiler e talco Night & Day. Para ouvir, vitrolas Silvertone, rádios Zenith. Para fotografar, filmes da Eastman Kodak. Para ler os tipos inesquecíveis de Seleções, lâmpadas Edison/Mazda. Para escrever seco com tinta líquida, Parker 51. De Hollywood, vinha o recado: nove entre dez estrelas do cinema usavam sabonete Lever. Jane Wyman, Brenda Marschall e Rita Hayworth trocavam receitas para manter a cútis aveludada, nas páginas de Vida doméstica. A senhora Gary Cooper recomendava o batom Tange, 'o mais vendido da América'. Mas só Colgate possuía o 'sensacional emuliente Karanuva'. Constance Moore preferia escovar os dentes com Kolynos. E as cinco gêmeas Dionne tomavam banho com sabonete Palmolive, por causa de seus 'balsâmicos azeites de oliva e de palma'. Ainda havia os batons e rouge Opalescent, Sporting Pink e Red Raspberry de Helena Rubinstein, a feiticeira internacional da beleza. (...) Nos anúncios de jornais e revistas, casais americanizados vestiam roupas que nada tinham a ver com os trópicos, nem com a renda média dos casais brasileiros (NOSSO SÉCULO, 1980. Apud. FERRARETO, 2001, p. 117).

Com o rádio adentrando nas casas e em constante contato com a população os hábitos locais vão mudando aos poucos. Agora, ao adoecer, substituía-se o medicamento caseiro por aquele que era propagado pelo rádio e vendido na farmácia. Com os constantes anúncios transmitidos pelo rádio de uma determinada mercadoria, anúncio este recheado de informações que a fantasiava como algo que deveria indispensavelmente fazer parte do cotidiano das pessoas, houve conseqüentemente, a corrida para os comércios, constringendo-as assim, ao consumo de forma supérflua e cada vez mais ampliada.

E assim o capitalismo teve como agente contribuinte para a sua expansão as emissoras de rádio existente no Estado. A expansão industrial contou com o rádio para a criação da idéia de determinadas mercadorias serem indispensável para a vida. Com o processo de divulgação das produções industriais, essas iam adentrando à vida rural dando uma tonalidade urbana às antigas casas de adobe. O sabão de quadro ou de bola, produzido com ingredientes fabricados na própria cidade foi dando lugar aos sabonetes fabricados fora do país e neste ínterim, o rádio era o principal instrumento de sua divulgação.

Os quatro cantos do Estado foram sendo preenchidos por aparelhos receptores de rádio. Isso ocorre já nos anos de 1930 e a população entra em contato com as programações

das grandes emissoras do país. Ao ser fundada a primeira emissora de rádio no Estado a população se sente atraída a ouvir algo mais familiar e assim, começam a sintonizar o rádio na emissora que transmite um conteúdo que lhe chama a atenção, que ao ouvir, exclama: “eu conheço esta pessoa!”. E foi assim que as três primeiras emissoras de rádio legalmente autorizadas pelo Estado, funcionando ao mesmo tempo, foram conquistando os ouvintes locais e assegurando e atraindo cada vez mais anunciantes.

Com isso há um fortalecimento do capitalismo que além de avançar na realidade, avançava também de forma ideológica, cultural, através das ondas do rádio e vai dominando as emissoras, provocando, assim, a sua mercantilização e burocratização. Nesse sentido, finalizamos este tópico, asseverando o fato de que o rádio em Goiás deu ampla contribuição para a expansão do capitalismo sobre as terras de Goiás. Vejamos agora, como se dava a relação das primeiras emissoras de rádio de Goiás com a política partidária e com o Estado.

### **3.2. O rádio em Goiás e sua relação com o Estado e com partidos políticos na década de 1940**

Antes de tratar da relação entre as três primeiras emissoras de rádio com o Estado e com partidos políticos, voltaremos por um instante ao ano de 1920, quando em Goiás grandes fazendeiros buscavam utilizar de meios tecnológicos de comunicação para efetivar seus interesses políticos. Nesse período Goiás estava atolado no lamaçal da incomunicação. As dificuldades de tráfego por estradas era uma constante. Os caminhos de ferro ainda não haviam atingido as principais cidades e nem adentrado ao interior das terras goianas.

Nesse sentido, a comunicação realizada por intermédio de meios tecnológicos era aqui ainda inexistente até a década de 1910. A comunicação entre indivíduos residentes em Goiás com pessoas de outros estados era realizada basicamente através de telegramas. Em nível mundial o rádio não havia ainda surgido e o telégrafo era o meio dominante de comunicação eletrônica à distância. Enquanto no Brasil o rádio veio surgir apenas em 1922, em 1920 encontramos as primeiras experiências de comunicação por intermédio de meios

eletrônicos no norte do Estado de Goiás. Tratava-se de uma rede telegráfica interligadas por fios ligando a cidade de Porto Franco (no Estado do Maranhão) e São José do Tocantins. Essa mesma linha telegráfica passaria pelas cidades de Carolina, Pedro Afonso, Porto Nacional e outras cidades do interior do país.

Foi uma obra do governo do Estado, e as tramitações para sua instalação se igualavam às burocráticas formas existentes para a liberação de canais de TV. Na época, os representantes partidários de Goiás apresentaram uma proposta de instalação de uma rede telegráfica, o que ocorreu por intermédio do Correio e Telégrafos, a partir do qual foram enviados para o senado os trâmites legais baseado na lei 4040 de 03 de janeiro de 1920, que tornava legal e uma responsabilidade do governo a liberação de verbas para a construção de meios eletrônicos de comunicação.

Dada a precariedade do Estado, principalmente do norte de Goiás, as primeiras seções de votação no senado vetaram as possibilidades de sua construção, cujas primeiras ementas para a edificação da rede telegráfica foram apresentadas pelo deputado Aires da Silva. Este mesmo cidadão foi responsável pela abertura de diversas estradas ligando o norte do Estado de Goiás ao Maranhão, e do norte às cidades do sul do país, abrindo possibilidades de escoamento da produção realizada nas grandes fazendas e da própria criação de gado da região. Basileu França (1979, p. 76) demonstra as obras políticas de Aires da Silva:

Aproximadas como agora se acham as duas bacias potamográficas do S. Francisco e do Tocantins, cujos trabalhos rodoviários promete o denodado Dr. Aires da Silva que terão de se levar por diante, muito benefício experimentará com esse grandioso feito a longínqua cidade de Porto Nacional, que mais facilmente será integralizada nos centros de maior irradiação do País.

Após o veto do pedido de Aires da Silva para a construção de uma rede telegráfica no Estado, o governo do Estado de Goiás recorreu a uma nova tentativa de construção da rede telegráfica, baseado na mesma lei 4040. Foi então que o deputado Olegário Pinto intercedeu às tramitações evidenciando que o pedido se tratava da efetivação de uma lei, e por isso, a sua aprovação não deveria ser negada. Colocou também a importância de certas cidades do norte do Estado como Porto Nacional, cidade onde residia na época o deputado Aires da Silva, para o desenvolvimento econômico do Estado de Goiás. E como a

comunicação via estradas ainda era um empecilho para o seu desenvolvimento, não havendo meios mais ágeis de comunicação desta região com outros Estados, foi então que o deputado Olegário Pinto justificou a importância dos telégrafos, o que poderia facilitar o desenvolvimento desta parte do país, conseguindo, assim, a sua aprovação.

A construção da rede telegráfica em Goiás representou o primeiro contato do Estado com meios tecnológicos de comunicação. O seu uso era particularmente realizado pela cúpula governamental. Aires da Silva era quem estava à frente de sua utilização e o fazia fundamentalmente para se comunicar com indivíduos que integravam o governo de outros estados, e internamente, com integrantes do governo do próprio Estado. O início da comunicação eletrônica em Goiás, portanto, se dá mantendo uma relação íntima com o Estado, onde a maior parte da população não sabia de sua existência.

Dez anos depois de a primeira estação radiotelegráfica ser instalada, vimos chegar à capital do Estado, que na época era a cidade de Goiás, a sua primeira estação de radiotelegrafia, cuja divulgação foi realizada pelo jornal *Informação Goyana*, em fevereiro de 1930, publicando uma matéria intitulada “O Rádio em Goyaz”. Contudo, não se tratava propriamente de uma estação de rádio como conhecemos atualmente. Correspondia a uma estação de radiotelegrafia. Esta estação foi também obra do governo do Estado e utilizada especificamente como meio de comunicação do governo. Neste período a radiotelegrafia contribuiu para a comunicação entre o governo do Estado e o governo federal. Neste período a telegrafia foi muito utilizada nas tramitações de envio das primeiras leva de migrantes estrangeiros a Goiás, descendentes da Itália, Portugal, Japão e Alemanha. Segundo Luís Palacín (1989, p. 67),

Somente nas primeiras décadas do século XX se iniciou a imigração européia em Goiás, em moldes muito modestos. Em 1920, três núcleos coloniais mais importantes desenvolveram-se em Goiás: um de italianos em Inhumas; outro também de italianos no município de Anápolis (Nova Veneza); o terceiro, de portugueses, na fazenda Capim Puba no atual município de Goiânia.

Em 1924, organizou-se a colônia de Uva. 300 famílias, num total de 299 pessoas, instalaram-se no referido núcleo, as demais dispersaram-se.

Em Anápolis, no ano de 1929, formou-se um núcleo de 7 famílias japonesas. Nos anos seguintes juntaram-se outras famílias; estes pequenos grupos prosperaram pelo seu trabalho sistemático e pelas semelhanças de clima e solo. Foram estas as primeiras levadas de colonos europeus que vieram para Goiás.

Os representantes políticos do Brasil que residiam naqueles países, baseando na lei estadual n. 124, de 12 de julho de 1896, iniciaram uma política de envio de famílias para Goiás, cujo objetivo declarado por eles se tratava de mãos de obra especializadas que seria uma grande contribuição para o progresso do Estado. Exemplifica-se esta questão a partir do caso de imigrantes enviados da Alemanha para Goiás. O representante do Brasil naquele país se tratava de João Campos, cônsul do Brasil, e afirmava “serem esses emigrantes homens laboriosos e ordeiros e [...] seria uma optima aquisição para o estado” (Informação Goiana, 1924).

Com isso, Goiás vai cada vez mais recebendo estrangeiros, principalmente alemães. Acreditando no progresso do Estado por intermédio do uso de forças de trabalho estrangeira o governo chegou a expressar que “os nossos votos são para que venham, não milhares, mas milhões de alemães para o grande estado Central, que tanto precisa de braços” (Brasil Caiado, 1924).

No dia 07 de fevereiro de 1930 era então inaugurada a primeira estação de radiotelegrafia<sup>25</sup> da capital do Estado (Goiás) com a presença das principais autoridades que integravam o governo do Estado juntamente com os representantes dos telégrafos, responsáveis pela liberação do direito de construção de redes telegráficas no país. A estação foi obra do então presidente Alfredo Lopes de Moraes e do senador Ramos Caiado e estava sob os cuidados de um funcionário contratado, dirigido por Eufrozino de Moraes Branco, que também era integrante da cúpula governamental goiana.

Pode-se dizer que foram as primeiras experiências de comunicação eletrônica no Estado em que o governo consegue uma interligação comunicacional entre cidades e Estados. Esta estação radiotelegráfica da cidade de Goiás, por exemplo, estava interligada com estações do norte do Estado, e ainda interligava sete cidades entre elas Itaberaí, Jaraguá e Anápolis. Outros aparelhos localizados na mesma estação radiotelegráfica da cidade captavam os sinais enviados do leste e oeste do Estado, interligando a federação de Cuiabá a Anicuns, Palmeiras, Morrinhos, Santa Rita, Jataí e Mineiros. A radiotelegrafia em

---

<sup>25</sup> Esta estação de radiotelegrafia instalada na cidade de Goiás funcionava através do sistema Marconi. Eram utilizados aparelhos Siemens, e se comunicava através de morse. A comunicação dispensava a utilização de fios para interligar os aparelhos e já havia nesta época a preocupação da interferência de uma estação a outra, questão esta que ocorreu na transmissão de radiodifusão ainda no início da década de 20 nos Estados Unidos, e foi uma das justificativas do Estado para o estabelecimento de uma legislação e o controle das emissoras de rádio. Os sinais transmitidos entre as estações em Goiás eram impressos em fitas que posteriormente eram interpretados pelos técnicos que recebiam os sinais.

Goiás chega quando as estradas de ferro eram anunciadas em Bonfim (atual Silvânia). É uma expressão da ação estatal na “busca pelo progresso” do Estado, e a corporificação do avanço capitalista pelo interior de Goiás.

Após esse período em que ocorrem as primeiras relações do Estado com os meios eletrônicos de comunicação, através das estações de telégrafos, saltamos para a década de 1940, mais precisamente para julho de 1942, quando Goiás vive um novo período, momento em que ocorre uma nova investida do Estado no uso político de novos meios eletrônicos de comunicação, desta vez, utilizando-se de uma tecnologia bem mais avançada do que os telégrafos, tratando-se do uso da radiodifusão<sup>26</sup>.

Para compreender a relação que as três primeiras emissoras de rádio legalmente fundadas em Goiás mantinham com a questão política partidária é indispensável levar em conta o contexto histórico no qual o Estado estava inserido neste período. Até 1945 Goiás estava sendo organizado política e economicamente sob o ideário nacionalista de Getúlio Vargas cujo símbolo de seu interesse era estampada pela propagada idéia da “Marcha para o Oeste”. Para colocar em prática esta política desenvolvimentista em Goiás Vargas delegou a Pedro Ludovico o governo absoluto do Estado.

Neste período, no campo político, os adversários de Pedro Ludovico se restringiam a grupos oligárquicos compostos por famílias descendentes da época do coronelismo, fundamentalmente a família Caiado que residia nas mediações da cidade de Goiás, grupos estes atados e peados pela ditadura do Estado Novo. No período estabelecido sobre o poder dos Caiados em Goiás a forma de relacionamento dos meios de comunicação e a sociedade se dava através de uma legislação pessoal, ou seja, uma legislação onde o controle ocorria de forma pessoal, ou melhor, era controlado ou reprimido aquele meio de comunicação que divulgasse informações que ofendessem a moral dos membros que estivessem no poder. Joaquim Rosa (1980, p. 230), jornalista de Ipameri, conta que

Em Goiás, no tempo dos Caiados, em que o regime era muito mais arrojado, não havia censura<sup>27</sup>. O sujeito escrevia o que quisesse, só que

---

<sup>26</sup> Não percebemos nenhum uso político dos sistemas de alto-falantes. Todos eles eram propriedades privada de indivíduos que não integravam partidos políticos, e os utilizavam especificamente como meio de entretenimento e paralelamente, como fonte de rendimento.

<sup>27</sup> Não havia uma censura legalizada, formalmente sistematizada em uma legislação. Mas havia uma censura direta aos jornais e emissoras de rádio da época. O próprio Joaquim Rosa (1980, p. 230) descreve como se dava a censura aos jornalistas. Segundo ele “a censura era feita na época da seguinte maneira: o governo exigia que se remetesse à delegacia o original; aí eles cortavam e devolviam; cortavam os censurados, ou

agüentava as conseqüências. Ou a polícia vinha buscar, como aconteceu comigo mais de uma vez, ou então o sujeito tomava uma tunda ou empastelava a matéria.

A inexistência de partidos políticos, resultado da política nacional encampada por Vargas, permitiu a Ludovico estabelecer uma política voltada para a efetivação em Goiás, do que Vargas vinha fazendo para o Brasil, ou seja, da busca pelo progresso, que tinha na industrialização do país o seu principal objetivo.

Ao iniciar a década de 1940, Goiás demonstrava os resultados da política desenvolvimentista empregada por Ludovico. As lutas em torno da criação de uma nova capital se transformara em história passada, e tornara realidade. Restava apenas a sua promulgação formal o que se efetivou no dia 05 de julho de 1942 através do evento que se denominou Batismo Cultural de Goiânia. Este evento foi mais uma expressão da efetivação política de Getúlio Vargas em Goiás através da ação do interventor escolhido por ele para estabelecer no Estado um regime guiado por suas pretensões políticas.

Com o Batismo Cultural de Goiânia estava promulgada formalmente a inserção, não apenas da cidade, mas do Estado “no cenário político, administrativo e cultural brasileiro” (TELES, 2004b, p. 41). Goiânia iniciara este período estruturalmente delimitada pelos parâmetros modernos. Uma pequena cidade com 33 mil habitantes, com bairros formados, comércio, pequenas indústrias, estabelecimentos de ensino, enfim, todos os elementos que distingue uma cidade do meio rural.

Obviamente que ainda existiam alguns problemas estruturais na cidade como a dificuldade do abastecimento de energia que restringia à energia gerada por uma pequena usina instalada no córrego Bota Fogo (Usina Jaó). Muitas ruas ainda estavam sem a cobertura do asfalto; o abastecimento de água encanada não era acessível a toda população; sistema de esgoto em construção; enfim, problemas estes que eram comuns a todos os principais pólos urbanos do Estado, contudo, pólos que demonstravam o desenvolvimento nas terras goianas de centros urbanos e já apresentavam os problemas provenientes dos assentamentos em formas de vizinhanças nas cidades dominadas pelo capitalismo.

---

então jogavam fora, não devolviam. A censura era feita de outra maneira também: o jornal ficava pronto, mostravam ao delegado, muitos exigiam a própria página, para ele censurar. Aí então censurava e atrapalhava tudo; apagava, e até fazer outro para cobrir o espaço em branco, não tinha jeito; muitos deixavam o lugar em branco do artigo, e colocavam uma espécie de manchete: ‘censurado pela polícia’. Às vezes o delegado deixava sair com a censura preta, ou então não deixava sair. Estes eram os consertos de censura”.

É neste contexto que é fundada a primeira emissora de rádio no Estado. Rádios receptores não eram mais novidades. Existiam em várias partes do Estado. Neste período os programas mais ouvidos eram transmitidos pela rádio Nacional do Rio de Janeiro, Marick Veiga e rádio Tupi, ambas de São Paulo. Além de emissoras nacionais, emissoras de outros países também podiam ser ouvidas em Goiás, a exemplo de emissoras dos Estados Unidos e da Alemanha. No final de 1942, inclusive, acontece um fato interessante envolvendo um oficial da força aérea brasileira e o governo alemão. O fato é que o coronel Lysias Rodrigues escreveu um artigo que foi publicado em cerca de mil e seiscentos jornais norte-americanos, distribuído pela imprensa norte-americana *Wide Word Feature*, e ainda no Canadá, Grã-Bretanha, Austrália e China, no qual ele defendia a entrada da força aérea brasileira na guerra com intuito de “desafogar as forças aéreas norte-americanas, que poderiam, dessa forma, ser empregadas em outros setores da luta” (Apud. *O Popular*, novembro de 1942).

Acontece que logo após a publicação do artigo, um locutor de uma emissora de Berlim, transmitindo através de ondas curtas, inicia constantes ofensas ao oficial brasileiro; ofensas essas que eram ouvidas em várias partes do mundo, principalmente em Goiás. Assim, o rádio era utilizado pela Alemanha para a divulgação de seus interesses políticos na guerra, e de outro, os Estados Unidos, que também utilizaram os mesmos meios e seguindo as mesmas estratégias políticos, com foco econômico.

Nesse sentido, portanto, grande parte da população goiana já estava acostumada ao som radiofônico, não era mais um caso que despertava espanto como ocorria no início da década de 1930, período em que chegava a Goiás, os primeiros rádio receptores. Além dos rádios receptores existentes, havia também os sistemas de alto-falantes. Em Goiânia, quem quisesse desfrutar de informações e programas da localidade, se dirigiam à Praça Joaquim Lúcio, na antiga Campininha. Lá o sistema de alto-falantes Marisa transmitia um som mais conhecido e bem mais familiar. Logo este foi fechado pelo Estado. Não conseguimos informação sobre as causas de seu fechamento. As informações que temos é que foi fechada por não ser legalizada, e outra, por que o próprio proprietário, Emydio Sasse, com dificuldades financeiras para mantê-lo em funcionamento vende-o para uma instituição religiosa, que posteriormente o transforma na atual rádio Difusora, porém, isso ocorre já na

década de 1950. Mas, curioso que este fechamento se dá pouco antes de ocorrer a inauguração da primeira emissora de rádio de Goiânia, a rádio Clube.

A relação das primeiras emissoras de rádio em Goiás na década de 1940 com partidos políticos e com o Estado se dava de forma íntima e constante. Podemos perceber isso quando o prefeito da cidade de Goiânia, almejando contribuir com o Estado na busca por sua integração na economia nacional, buscou no rádio, um fortalecimento de suas idéias, no sentido de divulgar a concepção de ser profundamente importante a transferência da capital da cidade de Goiás para Goiânia.

A decisão para a mudança da capital já estava tomada em 1942, mas existiam muitas opiniões contrárias. Uma comunicação constante entre Estado e população seria a forma mais viável e rápida para amenizar as críticas e fortalecer os interesses do Estado. O interesse político existente na utilização da primeira emissora de rádio legalizada do Estado fica claro nos dizeres do próprio “fundador” da emissora.

Através das ondas hertzianas, projetamos nosso Estado, demonstrando que não é mais uma ficção geográfica, mas uma célula que vibra ao lado de seus irmãos.

Queremos que as ondas da ZYG-3 contribuam para a união dos brasileiros de todos os quadrantes da Pátria, batendo-se pela nossa cultura, pela nossa emancipação econômica, pelo fortalecimento da fé e preservação das tradições herdadas de nossos antepassados, cooperando com entusiasmo na campanha benemérita que o governo de Getúlio Vargas se impôs (BORGES, 1987, p. 105).

Nesse sentido, não haveria espaço na emissora para informações e conteúdos que contrariasse os interesses do chefe maior do Estado, Getúlio Vargas. Época em que a questão política se transformava em caso de polícia, num clima “essencialmente político e não se tinha outra modalidade de noticiário. Era exclusivamente político partidário” (MESQUITA, 1980, p. 205), e qualquer notícia que viesse contrariar a política estabelecida se transformava em caso de morte, como aconteceu na cidade de Ipameri com o jornalista Moisés Santana, o qual “tudo que pensava, escrevia. Por causa disso morreu com um tiro” (ROSA, 1980, p. 229). Além dele, o jornalista Egirineu também morreu na região de Campo Formoso, atual Orizona, vítima de embates políticos.

O rádio servia também à questão política como utilidade pública, ou seja, para divulgar possíveis problemas que aparecesse na cidade ou no Estado, que dependia da ação

do governo para corrigir. Assim, politicamente, o rádio era uma forma de auxiliar do governo quando anunciava que em determinado lugar havia algo errado. Um exemplo desta utilidade pública está no apoio dado pelo rádio em Goiânia ainda nos anos de 1942 à Liga Vicentina de Assistência aos Pobres (LVAP).

Neste período Goiânia, conseqüência da expansão das relações mercantis no Estado, apresentava a expressão das contradições desta sociedade em suas ruas, quando havia inúmeros mendigos que saíam pelas casas pedindo esmolas. Assim, são criados pela LVAP os serviços de assistência aos pobres. O serviço era financiado por moradores e pelo comércio local. Quem contribuísse com a instituição recebia da mesma uma placa que deveria ser colocada dependurada em sua porta, na qual constavam os seguintes dizeres: “É Vedado Esmolar Nesta Casa”. Esta placa proibia a mendicância na casa onde a mesma estivesse dependurada. Isso, obviamente, era uma forma de constranger a população a contribuir com a LVAP, a qual conseguiu muitos adeptos desta idéia. Com esta medida, a instituição divulgava a informação, através dos moradores e da própria emissora de rádio, que os pedintes deveriam procurar a instituição onde poderiam conseguir comida, roupas e um lugar pra dormir. Com isso, a LVAP retirava os mendigos das ruas e os localizavam em um único lugar.

Desta forma, os fazeres governamentais acabavam sendo divulgados pelo rádio, pois, ao corrigir o problema do não pagamento de salário para funcionários de determinada empresa, por exemplo, sua ação era divulgada pelo rádio e assim, acontecia a propaganda política do governo. Pode-se dizer então, que nesse sentido, o rádio divulgava direta e indiretamente os fazeres estatais, suas obras, mostrando suas falhas e onde deveria dirigir sua atenção para amenizar as críticas sociais. Foi com este intuito que surgem os repórteres de rua, que vão fazer uma determinada reportagem num bairro da cidade, e dali, fazer a divulgação para a população dos problemas ali existentes.

Após 1945, ao mudar sua relação com o Estado, devido a queda do Estado Novo, conseqüentemente o fim do DIP e o distanciamento de seus representantes da rádio Clube, esta emissora utiliza-se da utilidade pública para angariar verbas através da prefeitura da cidade. Assim, através de contrato firmado com o prefeito esta se encarregava de fazer a divulgação das obras governamentais bem como servir de olhos e ouvidos do governo.

Neste contexto a rádio Clube prestou constantes serviços à política desenvolvimentista de Getúlio Vargas. Formatava sua programação de acordo com a legislação estabelecida para os meios de comunicação. No período da Segunda Guerra Mundial é reforçado ainda mais o controle dos meios de comunicação através de um decreto redigido pelo ministro do trabalho Marcondes Filho, criado exclusivamente para deixar claro qual era o papel que os meios de comunicação deveriam exercer na sociedade neste período. Esse decreto foi divulgado pelos jornais e revistas controlados pelo Governo no Estado, sob o título “A Função da Imprensa em Face do Estado de Guerra”. Entre outras coisas, o decreto determinava que nenhum meio de comunicação poderia divulgar elogios aos inimigos de guerra. Era vetado o elogio ao comunismo e permitido o elogio à democracia. Proibia-se: a crítica ao Estado, ao patriotismo; o reclame das realizações prometidas pelo Estado; a divulgação e publicação de informações divulgadas pelos meios de comunicação dos países inimigos; a crítica ao regime nacional e a crítica à decisão do Estado em aderir à guerra (O Popular, novembro de 1942).

Desde o surgimento de seu nome, a rádio Clube teve como principal agente de sua fundação, Venerando de Freitas Borges, escolhido por Pedro Ludovico em 1935 para ser o prefeito da nova capital goiana. As primeiras tramitações para a construção da emissora se deram ainda em 1941 de acordo com uma publicação realizada pelo jornal “O Popular” em 19 de janeiro de 1941, segundo o qual,

Em sua última viagem a S. Paulo o Pref. Venerando de Freitas que é também presidente da “Voz do Oeste” teve ocasião de tratar da construção dos aparelhos necessários á montagem da transmissora desta Capital, verificando já estarem bem adiantados os serviços de montagem. Dentro de poucos dias, estará em Goiânia o sócio gerente da Sociedade Técnica Paulista, a fim de se ultimarem as desmarches.

A rádio Clube começa suas atividades no evento que demarcou para a história de Goiás, o desenrolar da ação estatal na efetivação do que se denominou a busca pelo progresso. Apesar de funcionar de forma experimental desde finais 1941, esta data foi o que demarcou a sua inauguração e é a data que delimita o surgimento da emissora. Este evento se trata do Batismo Cultural de Goiânia. As programações festivas deste evento foram retransmitidas pela rádio Clube a qual recebeu uma homenagem especial do então prefeito da cidade.

A idéia da Marcha para o Oeste era uma constante no discurso das referidas autoridades. No discurso proferido por Venerando aparece de forma clara o objetivo pelo qual regiam a política do Estado. Vejamos o início de seu discurso na inauguração da rádio Clube no mesmo evento que efetivava formalmente o Batismo Cultural de Goiânia.

Está a Rádio Clube de Goiânia definitivamente integrada à rede radiofônica do País. De ora por diante, a sua onda, como imenso tentáculo, abraçará todas as nobres causas, contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento de nossa Capital, divulgando o que aqui se realiza e, assim, tornando conhecido o esforço do homem nestas plagas, estimulando as forças vivas de nossa gente e o aproveitamento do inesgotável potencial da hinterlândia brasileira, a fim de que o Brasil tome conhecimento da energia e capacidade de nosso povo (BORGES, 1987, p. 105).

Não resta dúvida que a rádio Clube contribuiu para a divulgação dos fazeres políticos de Getúlio Vargas para o Brasil e para as ações políticas de Pedro Ludovico em Goiás. A comunicação entre Goiás e demais metrópoles, até então, ficava a cargo dos redatores do DIP que aqui residiam. Através de cartas, enviavam os acontecimentos locais para a central do DIP no Rio de Janeiro que através de vários jornais as divulgavam para todo o Brasil. Francisco Pimenta Neto, um dos redatores do DIP e uma figura que, junto a Venerando de Freitas Borges, regia a programação da rádio Clube, conta sobre as notícias que redigia sobre Goiás e enviava para o DIP no Rio de Janeiro. Segundo ele

Às vezes nós não tínhamos assunto, mas éramos obrigados a escrever qualquer coisa porque o DIP lá do Rio mandava que se escrevesse qualquer coisa para mandar para lá para compensar nosso trabalho. Então o José Luiz Bittencourt inventou que um galo tinha engolido um diamante e mandou esta notícia para o Rio. Todos os jornais do Brasil a publicaram com destaque. O galo nunca existiu nem tampouco o diamante. E mandamos também outra notícia de uma vaca que deu 35 litros de leite por dia. Também foi publicada. Na falta de assunto nós fazíamos isto (NETO, 1980, p. 183).

De fato, uma cidade do tamanho que se encontrava Goiânia no início da década de 1940, poucas notícias poderiam ser destaques na imprensa nacional pelo fato de que não havia grandes acontecimentos no cotidiano da cidade, embora fosse noticiado por jornais existentes na época, um grande número de mortes por motivos desconhecidos. Assim, a rotina da cidade se igualava ao que hoje se encontra nos pequenos e distantes vilarejos, porém, em estado de transformação rumo à modernidade. A questão é que a rádio Clube

veio para suprir este vazio comunicacional existente entre Goiás e demais cidades do Estado e ainda, representou o elo de ligação com outros Estados. A imagem que as pessoas de outros estados faziam de Goiás, como a terra improdutiva, dominada por índios e bichos perigosos, haveria agora de sofrer mudanças através das programações da rádio Clube.

Não há nenhum comentário nem mesmo um documento que trata diretamente sobre o controle que o DIP exerceu sobre a rádio Clube. Contudo, o fato de haver um integrante do DIP responsável pela programação da emissora justifica tal inexistência crítica. Contudo, é possível perceber a força política exercida pelo DIP aos jornais da época e à rádio Clube. O jornalista Oscar Sabino Júnior deu um depoimento à Associação Goiana de Imprensa, que aqui descrevemos, através do qual demonstra como agia o DIP em Goiás no controle dos meios de comunicação.

Antes da queda da ditadura estadonovista, os departamentos de imprensa e propaganda (dips) atuavam como compressores da liberdade de imprensa, funcionando aqui em Goiás com idênticos fins. Até 1945 eu estudava em Belo Horizonte e não militava ainda na imprensa goiana, mas segundo pesquisas em jornais da época, a censura era rigorosa e na maioria dos casos feita através de ofícios (em caráter reservado) à direção dos jornais, onde se proibia a veiculação de determinadas matérias ou notícias sobre certos assuntos políticos. Os dips estaduais recebiam, regularmente, orientação e recomendações do DIP nacional. Quando os jornais se excediam, eram advertidos em termos severos. Em Goiás, os jornais que combateram os despojos do Estado Novo foram o Jornal do Povo, dirigido por Alfredo Nasser, Salomão de Faria e Francisco de Brito, e O Anápolis, dirigido por Arlindo Cardoso e redatoriado por José Asmar (AGI, 2004).

O controle do DIP sobre a rádio Clube de Goiás, se dava através de um outro órgão do Estado que era uma espécie de uma ramificação do DIP, tratando-se do DEIP, que de forma simples, era o DIP funcionando nos Estados. Como colocamos no primeiro capítulo, nesta época em cada Estado foi instituído um DEIP que fazia o controle dos meios de comunicação além de promover eventos e propagandas para divulgar os interesses do Estado. Nesse sentido, os meios de comunicação seriam os principais meios de atuação do DEIP. Assim, jornais, revistas e a emissora de rádio existente na época seriam diariamente utilizados pelo DEIP. De acordo com uma publicação do jornal “O Popular” de 1942 o DEIP foi instituído em Goiás, ainda na década de 1930. Segundo o jornal,

Nomeado Diretor Geral do DEIP

Por ato do governo da república, datado de ontem, acaba de ser nomeado Diretor Geral do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, em Goiás, conforme indicação do interventor Pedro Ludovico Teixeira, o nosso prezado Diretor dr. Câmara Filho, que já vinha exercendo aquelas funções, desde 1935, ano em que foi creado no Estado o serviço de propaganda (O Popular, agosto de 1942).

Ou seja, foram dez anos de atuação do DEIP no Estado, já que a atuação do mesmo perdurou até finais 1945. Em 1938 Câmara Filho é substituído por Gerson de Castro Costa. Além disso, o DIP divulgava constantemente, através de vários meios de comunicação (jornais, revistas e do próprio rádio), a política desejada por Getúlio Vargas. É nesse sentido que a revista Oeste publica vários textos referindo-se à rádio Clube. Em um deles publica uma nota a respeito da inauguração da emissora, e o redator responsável pelo texto, Zecchi Abrahão, assim expressa a respeito da rádio Clube: “A Rádio-Clube de Goiânia é a voz de quem desperta; de quem se havia emudecido nos séculos da história” (OESTE, 1942, p. 50). Além disso, publica também uma entrevista com Gerson de Castro Costa (diretor geral do DEIP em Goiás) com a temática “A Propaganda e o Progresso de Goiaz”. Em uma passagem da entrevista (OESTE, nº 21, 1942), o redator expressa: “Através dessas palestras mensais com os chefes de repartições, OESTE tem esclarecido muita coisa, dando contas ao povo de como agem aqueles que têm à sua responsabilidade a gestão dos negócios públicos”.

A revista Oeste por sua vez, era um órgão criado para divulgar os ideais nacionalistas de Getúlio Vargas. Segundo José Mendonça Teles (AGI, 2004, p. 14) num artigo publicado pelo jornal da AGI esclarece que

Pelo decreto Lei nº 7045, de 5 de Fevereiro de 1943, a revista Oeste tornou-se oficial do governo, que a instituiu com as seguintes finalidades: divulgar assuntos de cultura em geral; fixar de modo particular, sempre que possível, as tendidas literárias e sociológicas regionais; instituir concursos literários; incrementar e patrocinar, publicamente, a divulgação de obras de méritos de autores goianos; contribuir para a orientação de pensamentos brasileiros num sentido nacionalista; colaborar com o governo e as instituições particulares nas solenidades dos dias de festa. Nacional; divulgar as realizações do governo; manter intercâmbio com as associações cultural dentro e fora do Estado.

A importância do estudo do rádio em Goiás, com a referência a esta revista se faz pelo fato de que os mesmos indivíduos que atuavam na organização da revista atuavam

também na organização da programação da rádio Clube de Goiânia. Nesse sentido, vários intelectuais goianos que escreviam na Oeste, escreviam, concomitantemente, textos e um conjunto de informações que eram divulgadas pela rádio Clube. Um dos principais redatores da Oeste que atuava na rádio Clube se tratava de Gerson de Castro. Além dele, Francisco Pimenta Neto e Marcelo Caetano da Costa que temporariamente fazia referência às obras realizadas por Getúlio Vargas, além de defesas explícitas do Estado. É possível perceber isso de forma mais clara através de um texto que ele escreve em dezembro de 1944, cujo título é “Getúlio Vargas e Pedro Ludovico”, o qual foi lido pelos microfones da rádio Clube, no qual ele coloca

Êste “gigante pela própria natureza, deitado eternamente em berços esplêndidos”, sacudiu, enfim, a inércia que o avassalava, erguendo-se pujante e soberbo pela mão firme e segura de – GETÚLIO VARGAS. De obscuro e desconhecido que era o Brasil, pela voz altissonante do grande brasileiro, proclamou por todo o Universo as suas qualidades e mostrou aos seus filhos do quando era capaz, colocando-se finalmente no lugar que lhe competia, entre as maiores potências do mundo. O Estado Nacional não foi um golpe político. Foi um fenômeno histórico necessário à vida nacional (COSTA, 1944, p. 931).

Assim, uma das principais utilizações do rádio realizada pelo Estado era a propaganda. E o que pensa o diretor do DEIP de Goiás, Gerson de Castro, a respeito da propaganda, ressaltando que Vargas instituiu o DIP com esta finalidade principal? Em uma entrevista concedida à revista Oeste, questionado se acredita no valor da propaganda, lembrando que a finalidade desta revista, segundo seus organizadores, é o de “esclarecer muita coisa à população”, Gerson coloca que

Acredito, sinceramente, no excepcional valor da propaganda. [...] Sou tão convicto da importância da arte de divulgar que subscrevo as impressionantes palavras de Benevides Mergulhão: “Se essa prodigiosa fonte criadora estancasse, haveria um colapso no progresso universal!”. Na realidade, tudo que se tem realizado no mundo é fruto exclusivo da propaganda – pouco importando os meios, vias de regra os mais variados, como a tribuna, as informações orais, o jornal, o rádio. Ela forma e modifica a opinião pública, levando ao conhecimento do povo elementos muitas vezes novos que influem em seus hábitos e em seus próprios destinos (OESTE, p. 867).

Estando Goiás, portanto, em contato constante com emissoras do Rio e de São Paulo, as quais também atuavam a serviço de Vargas, com o surgimento da rádio Clube em

Goiás, conseqüentemente, veiculando e priorizando uma comunicação nos moldes determinados pelo DIP, começa então a efetivar o que Gerson concebe com a propaganda, ou seja, “ela forma e modifica a opinião pública”.

O interventor em Goiás, lutava contra aqueles que almejavam o retorno à situação política anterior, centrada nas mãos dos grandes fazendeiros. Nesse sentido, assegurar o apoio populacional constringendo-os a acreditar no progresso e nas benesses amplamente divulgadas com a construção de Goiânia, seria o caminho para a garantia do poder tanto local, quanto nacional, com a permanência de Vargas.

A figura de Vargas era tão divulgada em Goiás que até seu aniversário era anualmente comemorado no Estado. Fato este divulgado por vários jornais e revistas da época. Na mesma entrevista concedida à revista Oeste Gerson deixa claro a função e o modo de atuação deste órgão (do DEIP), vejamos:

O Estado Nacional, quer no terreno doutrinário, quer no de suas grandes realizações práticas, vem tendo em Goiás uma divulgação oportuna e patriótica de seus objetivos. Além da comemoração de sua data magna, da do Dia do Presidente, continuamente o DEIP distribue comunicados, frizando a grande obra de brasilidade executada pelo Regime, pondo em relêvo, por outro lado, os consideráveis benefícios pelo mesmo proporcionados ao Estado de Goiás.

Quero, por fim, declarar que o DEIP está, afinal, empenhado na meritória obra de integração de Goiás no ritmo ascensional do progresso nacional, de modo que as até hoje incalculadas potencialidades econômicas-sociais da unidade mediterrânea sejam levadas em linha de conta para o bem estar e a prosperidade da Nação (COSTA, 1944, p. 868).

A rádio Clube até 1945 serviu constantemente aos interesses do Estado, de forma ampla e constante, uma vez que propagava diariamente programas que serviam de propaganda para o Estado. Vejamos como o DEIP utilizava a rádio Clube. O mesmo “cidadão” citado anteriormente, quando questionado pelo repórter da revista Oeste sobre qual era a relação do DEIP e a rádio Clube no que se refere aos interesses do Estado, o mesmo responde:

O DEIP vem mantendo assídua colaboração com a rádio-difusão. A única emissora goiana, a ZYG-3 [rádio Clube], mantém um programa diário, irradiado às expensas deste Departamento, a “Hora do Estado”, que vem certamente prestando um excelente serviço no tocante à divulgação dos atos e dos assuntos oficiais em geral. Com amplo noticiário, agora cuidadosamente redigido, a “Hora do Estado”, que se inicia às 10 horas da

manhã dos dias úteis, será dentro em breve transmitida diretamente das instalações do departamento, há pouco adquiridas. Ainda mais: O DEIP remete frequentemente, por via aérea, notícias de Goiás às principais emissoras do país, como a Rádio Nacional, a Rádio Tupí e outras. Esse noticiário é aproveitado de modo bastante satisfatório, como se pode verificar através das constantes irradiações que se ouvem quasi todos os dias (COSTA, 1944, p. 868).

Além dos programas criados e dirigidos pelo representante do DEIP havia dentro da própria emissora a presença de um dos intelectuais que fazia a redação de acontecimentos de Goiás para a sede do DIP, que se localizava no Rio de Janeiro. Trata-se de Francisco Pimenta Neto, o mesmo que a maioria dos profissionais do rádio remete o pioneirismo do rádio em Goiás<sup>28</sup>. Este, junto com o presidente da rádio Clube, que também era prefeito de Goiânia, foram dirigentes da primeira emissora em grande parte da década de 1940.

No livro “Anais do Batismo Cultural de Goiânia: 1942”, organizado por Pimenta Neto, há duas passagens que deixam ainda mais claro a relação da rádio Clube com o Estado. Um trecho do livro trata da passagem por Goiânia em 1942 de um integrante do Estado, que é a seguinte:

LIGA BRASILEIRA DE HIGIÊNE MENTAL – Representando esta entidade, o senhor Oswaldo de Campos, alto funcionário do Serviço Nacional de Doenças Mentais, fez uma saudação a Goiânia, pela Rádio Clube (NETO, 1993, p. 50).

Em uma segunda passagem trata da descrição de uma reunião dos representantes do Estado em Goiânia no ano de 1942, onde a rádio Clube transmitiu os discursos ali proferidos.

A Grande Orquestra de Goiânia, sob a regência do prof. Joaquim Edson de Camargo, abrilhantou a reunião, tendo a Rádio Clube de Goiânia irradiado todos os discursos e o DIP filmado todos os aspectos da solenidade (NETO, 1993, p. 53).

Como já foi colocado anteriormente, o Estado, através do DEIP, mantinha diariamente um programa na rádio Clube. Mas ao passar os olhos pela sua programação no ano de 1942, podemos perceber que estava voltada para uma forma de garantir a

---

<sup>28</sup> A AGI pode ser considerada a responsável por esta idéia de ser Francisco Pimenta Neto o pioneiro do rádio em Goiás. A mesma publicou em setembro de 2003, em homenagem a Pimenta Neto uma matéria intitulada “Francisco Pimenta Neto, Pai do Rádio Goiano”.

propaganda estatal, seja através de músicas que evidenciavam o sentimento patriota/nacionalista, seja através de novelas criadas nos moldes desejados pelo Estado. Além das programações voltadas exclusivamente para a propaganda explícita do Estado, na programação da emissora em 1942, existiam programas voltados especificamente para a propaganda estatal. Conseguimos em uma publicação realizada pelo jornal O Popular resgatar como era a programação da rádio Clube em novembro de 1942. Colocaremos aqui, apenas três programas que eram diretamente reservados para a propaganda do Estado. No tópico posterior, apresentamos a sua programação total.

Programação da rádio Clube de Goiânia em dezembro de 1942:

Das 9:15 às 10 – HORA DO ESTADO: noticiário e orquestras do salão.

Das 10:15 às 10:30 – PROGRAMA DA VITÓRIA: crônicas e músicas patrióticas.

Das 14 às 14:45 – GOIÁS EM FOCO: notícias sociais, bandas e bandinhas.

Fonte: (Jornal “O Popular”, novembro de 1942).

A rádio Clube era um forte instrumento de divulgação política. Através de suas ondas os fazeres e planos políticos de Pedro Ludovico chegavam rapidamente ao conhecimento de toda a população goiana e de populações de outros estados. Como ressaltou Venerando (1987, p. 105), “através das ondas hertzianas, projetamos nosso Estado, demonstrando que não é mais uma ficção geográfica, mas uma célula que vibra ao lado de seus irmãos”. Com a rádio Clube em funcionamento, os debates e enfrentamentos políticos se apagam do conhecimento das longínquas pessoas do centro político que representava Goiânia. Uma só voz e um só partido era ouvido por todo Estado, a voz da Marcha para o Oeste. Nesse sentido, Venerando (1987, p. 105) anunciava na inauguração da rádio Clube em julho de 1942: “de nosso programa, é lutar com afinco em prol de um Goiás progressista, que conta, mercê de Deus, com a ação firme e patriótica de seus filhos, orientados pela personalidade inconfundível de Pedro Ludovico Teixeira”.

Além disso, a população goiana ouviria agora, uma programação que correspondia à sua realidade, que expressava concomitantemente a cultura local. Com isso, a rádio Clube de Goiânia não teve muita dificuldade em conseguir audiência e ser ouvida por grande parte da população goiana. A comprovação de sua audiência poderia ser medida pelo constante contato da população com a emissora através de ligações por telefones e cartas recebidas pelos locutores.

Por volta de 1947 a emissora é vendida para os Diários Associados de Assis Chateaubriant. Neste ano cessa o domínio absoluto do Estado sobre a emissora. A partir de então, a questão política seria determinada predominantemente pelo capital comunicacional. Com o retorno das lutas partidárias, a rádio Clube seria um meio de divulgação política dos partidos, cujo acesso à emissora se dava pelo pagamento de determinados horários. Juvenal de Barros afirma que “a rádio Clube era uma emissora que ficava alheia às ligações políticas sem prejudicar nenhum partido político”. Questão esta que perdurou na emissora pelos tempos posteriores.

As outras duas emissoras que foram criadas após 1945, Carajá e Xavantes, tiveram um cunho especificamente determinado pelas relações sociais que viriam se estabelecer, tendo como determinação fundamental as relações de produção capitalistas. Porém, mesmo estas últimas, assim como a rádio Clube em seu início, mantinham uma relação íntima com o Estado e com partidos políticos desta época.

A esposa de César Augusto, fundador da rádio Xavantes de Ipameri, nos deixou bem claro sobre o perfil político daquela emissora. Segundo Rafa, César não teve muitas dificuldades em conseguir a concessão para colocar a rádio em atividade, uma vez que o objetivo que queriam alcançar com a construção da emissora era fundamentalmente político. Segundo ela

O fundador César Augusto Ceva, como rádio amador que era, procurava sempre melhorar seus equipamentos para ter melhor comunicação. Acontece que numa destas ocasiões em que ele estava construindo um transmissor mais potente para seu uso pessoal começa a campanha política para prefeito e o candidato estava interessado numa propaganda através de uma emissora para ter maior abrangência. São fatos muito particulares, mas é a origem da emissora. Ela nasceu por causa destas circunstâncias.

O objetivo principal da criação da rádio Xavantes foi o interesse político. Foi! Ela nasceu do interesse político daquele momento. (CEVA, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Depois de funcionar vários anos sob o comando de César Augusto Ceva foi vendida para Coimbra Bueno. Foi vendida pra ele. Estava disputando o cargo de governador do Estado. Depois a paróquia se interessou pela emissora comprando-a do proprietário da época. Porque o Coimbra Bueno se interessou pela Xavantes por causa da política dele. Ele era candidato a governo do Estado então ele se interessou e comprou. Mas também passada a política não tinha mais interesse. Mas aí a paróquia se interessou e comprou (CEVA, entrevista realizada em dezembro de 2007).

A UDN foi quem se interessou pelos equipamentos construídos por César Augusto, e através de Jerônimo Coimbra Bueno adquiriram seus equipamentos bem como os direitos de uso da concessão emitida pelo Ministério da Aviação e Obras Públicas. Ainda segundo Rafa, havia uma dificuldade proveniente do alcance da emissora. A sua potência era de 250 kw, que atingia as comunidades rurais nos arredores da cidade e as pequenas cidades vizinhas. E ela nos disse que ouviu Jerônimo dizer que mesmo tendo um alcance pequeno a emissora era importante para ele.

Neste período, segundo Rames Basílio, houve uma avalanche de programas políticos. Coimbra Bueno fazia a divulgação de seus ideários políticos nos três períodos em que funcionava a emissora, intercalado com a sua programação normal. Assim, após o término das eleições o mesmo perde interesse pela Xavantes e a devolve novamente para César Augusto. Portanto, é exclusivamente pelo viés políticos que surge a rádio Xavantes de Ipameri.

O mesmo sucedeu com a rádio Clube de Goiânia, que foi criada com o objetivo de alcançar fins políticos, porém, ao ser fundada, os dirigentes perceberam que para buscarem pelos seus objetivos através da emissora era imprescindível atender primeiramente para uma outra questão fundamental, a qual permitia a existência da emissora, tratando-se dos rendimentos da emissora. Os equipamentos utilizados precisavam ser reparados, os funcionários pagos para trabalhar, e todo o corpo burocrático era mantido por um salário para organizar a comunicação expressa pela emissora. Portanto, a questão econômica passa a ser a questão fundamental a qual permitia que os fins políticos almejados pelos fundadores de duas, das primeiras emissoras de Goiás, pudessem ser alcançado.

Assim, o rádio em Goiás nos anos que precederam 1945 foi caracterizado por sua ligação explícita com o Estado. Após 1945 a principal mudança que ocorreu foi que o Estado, mudando sua expressão jurídica, consequência da expansão do capitalismo com o fim da Segunda Guerra, altera a sua relação com as emissoras de rádio. Foi nesse sentido que

O rádio brasileiro estabeleceu-se a partir de uma dupla determinação: um veículo de comunicação privado, portanto subordinado às regras do mercado econômico, mas, ao mesmo tempo, controlado pelo Estado, que é responsável tanto pela liberação da concessão para o funcionamento das

emissoras (normalmente por um período de dez anos renováveis) quanto pela cassação das mesmas, caso haja desrespeito às leis do código de comunicação em vigência (CALABRE, 2004, p. 12).

A partir de então, a relação entre o Estado e rádio-emissora ainda ocorreria de forma próxima, com as emissoras ainda sendo utilizada para a propaganda estatal, porém, com uma intensidade bem menor do que antes. Agora, essas seriam alvos de partidos políticos que buscariam nelas um apoio nas campanhas políticas. Ressaltamos, porém, que a mudança que ocorreu na relação entre a rádio Clube e o Estado não anulou o papel dessa estar a serviço do Estado.

O Estado enquanto aparelho utilizado para a manutenção e reprodução dos interesses das classes dominantes mudou sua relação com as instituições existentes pelo simples fato de que as relações de produção alteraram sua forma jurídica, dando mais liberdade aos capitalistas expropriarem o mais trabalho, propiciando uma liberdade de distribuição das mercadorias produzidas nas unidades de produção. Nesse sentido, as emissoras entrariam nesta lógica tendo agora, enquanto integrante do capitalismo, a liberdade de modificar suas programações, bem como sua relação com a sociedade, no sentido de ser mais uma unidade produtiva a contribuir com o fortalecimento do capitalismo. No entanto, se aquela emissora buscasse, por exemplo, transmitir uma comunicação que estivesse pautada em valores axionômicos<sup>29</sup>, com certeza o Estado agiria no sentido de reprimi-la como aconteceu naquela época com algumas emissoras no interior de São Paulo e ainda acontece atualmente com as emissoras comunitárias. É nesse sentido que antes e depois de 1945 as emissoras de rádio continuaram sendo utilizadas na defesa dos interesses do Estado.

Uma das principais características do Estado capitalista é ele ter à frente de sua direção os partidos políticos. Portanto, como já colocamos, o Estado, enquanto capitalista, nas palavras de Engels, capitalista coletivo ideal, tem como função fundamental defender os interesses das classes dominantes. Nesse sentido, a relação dos partidos políticos com as instituições na sociedade teria um papel predominantemente mediado pelo capital. Assim, se antes de 1945 o Estado se relacionava com as emissoras de rádio sem ter que ressarcir em dinheiro o seu uso, a partir de 1945 isso é alterado e os partidos passam a ter que pagar

---

<sup>29</sup> Valores provenientes da classe proletária.

para os proprietários das emissoras para fazer uso de seus equipamentos para transmissão da comunicação de seu interesse.

Contudo, além de dominarem um grande número de emissoras através de contratos firmados com seus proprietários, os partidos foram criando os seus próprios meios de comunicação. Assim, um grande número de emissoras de rádio manteria uma relação íntima com partidos políticos. Assim, por um lado integrantes de partidos passam a utilizar das emissoras para alcançarem objetivos políticos e os proprietários das mesmas, por outro, a utilizá-las na busca pelo lucro, vendendo horários e programas, e, de forma peculiar, para partidos que deles faziam uso para seus interesses.

É nesse sentido que a emissora de rádio de Anápolis, rádio Carajá, se relacionava com os partidos políticos. Como era de início propriedade de um capitalista e posteriormente se transforma em propriedade por ações, aquela emissora se relacionava com os partidos através da sua mercantilização. Em 1946 o cenário político era diferente do início da década e a disputa político partidária estava voltando à ativa. Nesse sentido, as emissoras de rádio funcionavam como meio de conseguir o voto dos eleitores.

Contudo pelo fato de Anápolis ser uma das expressões econômicas do Estado, mantinha fortes laços com partidos políticos. Assim, a emissora foi fortemente dominada durante certo período pelo principal partido que concorria às eleições do Estado, tratando-se do PSP, representado por Jonas Ferreira Alves Duarte. Além dele era apoiado pelo senador Sócrates Dinis. Nesse sentido, a emissora tendia a apoiar o PSP e ser sua porta voz no campo político. Contudo, a hegemonia do PSP não impedia a emissora de fazer campanha para o partido adversário. Assim, a sua mercantilização era o que essencialmente determinava a relação dos partidos com a emissora. “Os horários eram pagos. Tinha os horários, contratava o horário pra suas dissertações políticas” (Juvenal de Barros, entrevista realizada em agosto de 2007).

O rádio em Goiás representou também uma ponte de ascensão política para aqueles que nele trabalharam. Um grande número de locutores e profissionais do rádio, devido ao prestígio que conseguiam alcançar com a sua popularidade, acabou aliando a partidos políticos e conseguindo ser eleitos. Esta questão pode ser vista nas três emissoras de rádio que surgiram em Goiás na década de 1940. Alguns exemplos podem ser citados como é o caso de César Augusto Ceva, proprietário e também locutor da rádio Xavantes de Ipameri

que na década posterior à criação da emissora foi eleito a prefeito da cidade. Além dele, também pela rádio Xavantes, Jerônimo Coimbra Bueno, governador do Estado. Pela rádio Carajá de Anápolis Juvenal de Barros foi nomeado delegado de Goiânia e Fernando Cunha Júnior integrou a cúpula governamental. Wagner Antônio Pimenta se torna ministro do tribunal superior do trabalho, o qual foi comentarista político também na rádio Carajá; Luís Bittencourt governador e posteriormente secretário da saúde. Outros nomes saíram do rádio como Ramos Jubé, João Neder, Alex Neder etc. E pela rádio Clube saiu Wilmar Guimarães a deputado. Sílvio Medeiros não integrou a partidos políticos, mas devido à sua popularidade pela rádio Clube foi dirigir um programa de TV na primeira emissora de Goiás, TV Rádio Clube.

De forma geral, foram estas as especificidades da relação mantida entre as três primeiras emissora de rádio legalizadas de Goiás com o Estado e com partidos políticos. A primeira e a terceira emissora, rádio Clube e rádio Xavantes, mantiveram relações mais estreitas com os mesmos, pois sua fundação foi obra de indivíduos que almejavam fundamentalmente objetivos políticos. Já a segunda emissora, a rádio Carajá, manteve relações com o Estado e com partidos políticos através do capital comunicacional. Assim, podemos agora passar para o tópico seguinte, onde discutiremos a cultura do rádio goiano.

## CAPÍTULO IV

### A CULTURA DO RÁDIO EM GOIÁS NA DÉCADA DE 1940

*A rádio Clube de Goiânia é uma alavanca poderosa,  
um veículo destinado a relatar, dia por dia,  
os acontecimentos mais importantes que se operam  
nos diversos setores de atividades de nossa vida.  
A música, os costumes, as tradições, as lendas e as  
riquezas de Goiás serão difundidos e divulgados  
através destes microfones.*

*Venerando de Freitas Borges*

A epigrafe que precede este parágrafo, apesar de fazer referência à rádio Clube de Goiânia, é uma expressão do que almejamos neste tópico, analisar a questão cultural no rádio em Goiás. A cultura do rádio em Goiás, no entanto, perpassa o que Venerando de Freitas Borges colocou, ou seja, pela veiculação da música, dos costumes, da tradição, de lendas e dos acontecimentos cotidianos de Goiás. Além disso, vemos uma questão mais complexa da questão cultural do rádio, tratando-se da sua relação com o contexto nacional e internacional vivido na época de seu surgimento.

Assim, poderemos avançar da compreensão da cultura do rádio em Goiás, quando analisar, por exemplo, a questão tecnológica que foi determinante no alcance das programações, bem como a qualidade do som transmitido, a interferência das rádios do Rio de Janeiro, de São Paulo e ainda dos Estados Unidos nas programações; as propagandas, as informações veiculadas, a forma que estava configurada as programações, enfim, a cultura do rádio em Goiás pode ser entendida nas suas múltiplas determinações. E é no sentido de resgatar esta história do rádio que propomos aqui realizar uma discussão da cultura do rádio em Goiás.

Podemos iniciar este capítulo pontuando a influência norte-americana na cultura do rádio em Goiás. Essas influências se davam por dois caminhos. O primeiro ocorria através das transmissões de emissoras que, através de ondas curtas, eram captadas por receptores

no Estado. É o caso da emissora Word Wide Broadcasting Foundation, de Boston, que conseguia chegar aos receptores em Goiás. A emissora conseguia audiência no Estado quando veiculava músicas de artistas brasileiros. Junto a essas músicas veiculavam músicas norte-americanas. A emissora chegou a ser divulgada por jornais de Goiás e um deles publica um texto colocando que o rádio *é um instrumento de aproximação de povos* e no mesmo texto convida a população a ouvir a sua programação nas quartas-feiras, dias em que eram veiculadas músicas brasileiras.

Outra forma de interferência dos norte-americanos na cultura do rádio em Goiás se dava indiretamente, através das veiculações das emissoras do Rio de Janeiro e de São Paulo. As principais veiculações de cunho cultural norte-americano se tratavam das propagandas encampadas por empresas daquele país.

Desde a década de 30, algumas grandes agências norte-americanas já atuavam no Brasil, como a J. Walter Thompson e a McCann-Erickson. O rádio aparecia como o veículo mais adequado à publicidade. Além da simples veiculação de textos ou jingles publicitários, os principais anunciantes usam técnicas comuns na época nos Estados Unidos (FERRARETO, 2001, p. 117).

Assim, uma série de comerciais foi sendo divulgada, principalmente, através da rádio Nacional do Rio de Janeiro, e chegava aos ouvidos dos habitantes de Goiás que diariamente passaram a conviver com esta cultura. Algumas dessas propagandas, como veremos mais à frente, eram também re-transmitidas por sistemas de alto-falantes e por emissoras de rádio em Goiás. Com isso, as empresas divulgavam seus produtos até mesmo nos longínquos lugares ainda de difícil acesso, como era o caso das terras goianas ainda na década de 1930. A população goiana então passa a conviver com frases ditas pelos meios eletrônicos voltadas para a publicidade de mercadorias produzidas por empresas transnacionais. Frases como

“Melhoral, Melhoral, é melhor e não faz mal”

“Cafiaspirina corta os resfriados. Cafiaspirina é Bayer, e se é Bayer é bom...”

“Pílulas de Vida do Doutor Ross, fazem bem ao fígado de todos nós...”

“A tosse me sufoca! Depressa Grindélia de Oliveira Júnior...”

“As camisas da Casa Kosmos não enrugam, as camisas da Casa Kosmos duram anos...”

“O mais completo fortificante: Biotônico Fontoura...”

“Basta ser um rapaz direito para ter crédito na A Exposição...”

“Sabonete Vale quanto Pesa é o ideal para o banho. Grande, bom e barato...” (TAVARES, 1999, p. 43).

Por outro lado, uma questão presente no rádio em Goiás se trata do conteúdo das programações e a forma comunicacional que as emissoras mantinham com a sociedade. Nesse sentido está a importância de conhecer quem está por trás da formatação da programação e que interesses teriam estes indivíduos com a criação de rádio emissoras. Estando essas nas mãos de indivíduos integrantes da classe dominante vão reproduzir em larga escala a comunicação verticalizada, logo, divulgando uma cultura referenciada pelos valores e interesses destas classes. Acreditamos que estas questões são fundamentais para se ter uma idéia mais ampla do funcionamento e da forma de transmissão estabelecida pelas emissoras neste período que estamos tratando, facilitando assim, o entendimento da questão cultural do rádio em Goiás.

#### **4.1. A Cultura do Rádio em Goiás no contexto da década de 1940**

Goiás na década de 1940 começava a ser integrado no capitalismo. O mundo assistia inquieto no início desta década à luta impetuosa das grandes representantes do capital mundial. O capitalismo sai fortalecido da Segunda Guerra Mundial. O mundo já estava mergulhado nas suas profundezas antes mesmo de se definir que seria o capitalismo a dominar todas as formas de vida existente no globo terrestre.

Goiás começava a passos lentos entrar na lógica mercantil que dominava o mundo. Porém, já demonstrava claramente as contradições que viria a ser a base da vida nesta sociedade. Meados da década de 1930 a classe operária, então incipiente neste estado, demonstrava o fardo que viria carregar nos tempos posteriores. Isso pode ser notado quando na construção de Goiânia, muitos operários descendentes de outras cidades foram constrangidos pela burocracia deste Estado, através de intensas propagandas nas grandes cidades, principalmente no eixo Rio/São Paulo, a vir para Goiás, pois dizia ser estas terras lugar de uma vida baseada no paraíso da liturgia bíblica.

As promessas de uma “vida melhor” não se realizavam quando os operários chegavam a Goiânia. Acabavam vivendo em estado de extrema miséria. A situação era agravada quando empresas particulares criavam formas de pagamento que prendia os trabalhadores dificultando ainda mais a vida na cidade, como foi o caso de alguns comerciantes criarem a forma de pagamento através de vales. Segundo Chaul

Ao que tudo indica, a maior parte era fornecida aos operários de firmas particulares. “As firmas particulares forneciam vales. Elas mesmas criaram as cantinas, forneciam vales para a própria cantina. Eles comercializavam a miséria do operário”. As práticas capitalistas haviam sido bem aprendidas pelos executores da construção da capital. Goiânia era viabilizada dentro desses parâmetros. A exploração da miséria do operário não era apenas uma forma de obter dele a mais-valia, mas também uma maneira de fixá-lo numa obra em que a mão de obra era abundante, e o “vale” significava sua prisão. Com os grilhões da promessa prendia-se o trabalhador. A situação de extrema penúria ou excessiva miséria levou, ao que nos consta, a agitação e greves operárias por volta de 1935 e 1936 (CHAUL, 1999, p. 113).

O sistema de salário por intermédios dos vales, no entanto, foi uma forma das empresas efetivarem a extração da mais-valia em escalas mais alargadas e foi através do qual o governo conseguiu efetivar a construção da nova capital para permitir ao Estado um avanço econômico que o colocasse dentro da política nacional e internacional então vigente. Com isso “a população do Estado aumentava rapidamente. O censo de 1900 deu para Goiás uma população de 255.284 habitantes; e o de 1920, registrou 511.919” (PALACÍN, 1989, p. 93).

A integração de Goiás nos moldes do capitalismo era o desejo daqueles que representava o Estado nacional. Segundo Clyce Louise e Elza Guedes (1987, p. 46), “para uma maior inserção de Goiás no mercado capitalista era necessário uma reorientação política. O PSR era o representante federal. A nova palavra de ordem do momento era: mudar é preciso”.

Em relação à mudança da capital para Goiânia,

O imperativo maior, por certo, era a viabilização da frente pioneira em Goiás: era, também a maior inserção de Goiás na economia de mercado; era o novo centro político capaz de dinamizar a economia de sul e sudoeste; era, por fim, o cumprimento de mais uma etapa da Marcha para

o Oeste, dentro do processo de acumulação capitalista em Goiás (WIEDERHECKER & CHAVES, 1987, p. 47).

Portanto, o interesse do Estado nacional através de um representante que para Goiás foi enviado, era o de colocar o Estado dentro da lógica mercantil estabelecido pelo capitalismo. No início da década de 1940 as relações sociais existentes em Goiás já apresentavam as características deste interesse estatal, e paralelamente havia a existência de grupos que estavam fora da lógica capitalista como indígenas e camponeses, porém, já sofrendo grandes influências da cultura proveniente da industrialização do Estado. Podemos perceber isso nas palavras de um trabalhador da construção civil que viveu nesta época. Segundo ele os índios, “andavam aos bandos aí pela rua. Eles vinham fazer compras... índios Carajás. Uma vez eu vi uma turma indo embora carregando panelas. Os índios também sofrem, coitados...” (BOARI, 1940, p. 23).

Ao chegar à década de 1940, Goiânia já era uma cidade formada, “era uma cidade perfeitamente estabelecida” (PALACÍN, 1989, p. 110), constituída de tudo aquilo que contém uma cidade moderna: bairros, fábricas, comércios, trabalhadores, patrões, dirigentes, enfim, classes sociais muito bem definidas e várias instituições estatais, além, é claro, das profundas contradições que estão mergulhadas a sociedade caracterizada pela relação entre classes sociais.

O leitor pode estar perguntando o que tem haver estas questões colocadas anteriormente com o rádio na década de 1940. Antes devemos ressaltar que o rádio é expressão das relações sociais. Assim, como já colocamos, Goiás começava a dar os primeiros passos na lógica capitalista e as decisões políticas que permeavam o Estado nas décadas de 1920, 1930 e 1940 vieram contribuir com esta lógica, ou seja, fortalecer e intensificar a reprodução capitalista nas terras goianas. Só assim, a partir desta questão essencial é que podemos compreender a cultura do rádio em Goiás.

Evidenciamos, contudo, que a questão cultural do rádio em Goiás está associada a um conjunto de questões que envolvem as emissoras, questões estas que o leitor perceberá que está intimamente ligada às temáticas e questões já discutidas nos capítulos e tópicos anteriores.

Remontar a questão cultural na história do rádio em Goiás é preciso retornar por um instante nos velhos sistemas de alto-falantes. A questão é que muitos dos locutores e profissionais que trabalharam nas emissoras de rádio, propriamente, tiveram uma grande participação naqueles sistemas. Além desses profissionais, alguns artistas também iniciaram aí a sua carreira. O sistema de alto-falantes MARISA, criado em Goiânia por Emydio Sasse e Marinari, por exemplo, representou um laboratório para locutores como Ivo de Melo, João Rosa, Norton Camargo Passos, Jeovah Bailão, Fued José Naciff e o próprio Emydio Sasse que depois atuaram em grandes emissoras, a exemplo da rádio Brasil Central. Além desses locutores, também foi um trampolim para alcançar a fama como os cantores Moraes César, Mario Nunes, Josafat nascimento, Conjunto Havaí etc.

Os sistemas de alto-falantes representaram em Goiás, portanto, uma das primeiras expressões de divulgação cultural do Estado. A partir de sua existência começam a ser ouvidas canções antes veiculadas apenas nas grandes cidades. Os cantores eram dispersos pelo território goiano e ao surgir estes sistemas, ocorre uma aglomeração dos artistas em torno de seus microfones, que diante de um público localizado buscavam uma forma de reconhecimento de sua habilidade artística.

Ao mesmo tempo em que o alto-falante Marisa divulgava alguns artistas, a Amplificadora Cultural de Anápolis possibilitava a outros serem ouvidos por um público. Em Anápolis os músicos contavam com ouvintes da emissora que se reunia em um auditório que comportava em torno de quatrocentas pessoas. Um palco foi construído e ali passaram vários artistas. Assim, uma das atrações da Amplificadora era a promoção de bailes e matinês dançantes com canções regionais, com a utilização de músicos da região. Além de artistas locais Abelardo, proprietário da amplificadora, promovia bailes com artistas de São Paulo e Rio de Janeiro, além de teatros e radionovelas com atores divulgados pela rádio Nacional.

Já em Ipameri os sistemas de alto-falantes que foram criados na cidade divulgavam músicas provenientes das grandes metrópoles que chegavam através de seus proprietários que os adquiria através de discos. Nesse sentido, ocorria, portanto, no quesito musical, uma mesclagem cultural com músicas regionais e músicas provenientes das grandes metrópoles.

Isso acontecia na cidade, principalmente, através das veiculações ocorridas através da rádio Amplificadora de Ipameri PRB-1.

Segundo Rames Basílio, locutor daquela amplificadora, ainda na década de 1930, os locutores que ali trabalharam se inspiravam na rádio Nacional para organizar sua programação<sup>30</sup>. Nesse sentido, a maior parte das músicas que veiculavam era proveniente da rádio Nacional e a transmissão acontecia da seguinte forma: conseguiram adquirir um rádio receptor, e ao sintonizá-lo na emissora do Rio, no momento de transmissão das músicas, o colocavam diante do microfone. Neste momento, nos contou ele, não poderia fazer barulho dentro do estúdio, pois, poderia atrapalhar a audição uma vez que o barulho iria sair nos receptores junto com a música. Assim, quem estava no estúdio precisava ficar em silêncio e cuidar para que ninguém fizesse barulho. Ao término da música, distanciavam o aparelho dos microfones e enquanto um locutor retornava à programação da emissora, outro ficava ouvindo o rádio a espera de uma nova música. Às vezes, nos contou ele, o locutor da emissora do Rio entrava a falar junto à música, o que atrapalhava um pouco a veiculação, saindo a voz do locutor junto da música. Além destas canções, tinham também alguns discos que adquiriam nas grandes cidades e traziam para a Amplificadora.

A questão que ficou mais em evidência sobre a intenção que havia por trás da criação de alto-falantes se tratava de “divertir a população, como também informar e até mesmo educar” (SASSE, 1980, p. 171). A diversão perpassava a veiculação de músicas e promoções de bailes e shows, bem como proporcionar a determinados públicos momentos de lazer. Como é o caso da Amplificadora Cultural de Anápolis, do sistema de alto-falantes Marisa de Goiânia e da Amplificadora PRB-1 de Ipameri, que criaram um programa para moças e rapazes enviarem recados através dos microfones. Na Amplificadora Cultural de Anápolis o programa se chamou “Discoteca às suas Ordens” e utilizava da frase “com muito amor e carinho...”. Assim, se alguém tivesse interesse em enviar um recado, escrevia em um pedaço de papel e enviava para o locutor que o lia no microfone. Em Anápolis

---

<sup>30</sup> Esta mesma questão, da influência da rádio Nacional em emissoras do interior do Brasil, é percebida também na rádio Clube de Goiânia. Segundo Sílvio Medeiros ele fazia imitações de humoristas do Rio e São Paulo que eram divulgados pelo rádio. Imitava o Golias, que na época estava começando, e Silvino Neto. A sua escola, contou ele, “foi do tempo da rádio Nacional, rádio Tupi de São Paulo. Vi aquilo, foi a minha escola”.

ocorre um fato interessante, proveniente dos valores tradicionais da região, a respeito da repressão ao namoro.

Se um jovem pretendia oferecer uma música à sua namorada, e os pais da dita cuja não devessem tomar conhecimento daquilo, o oferecimento saía mais ou menos assim: agora ouviremos a música “Manolita” (ou qualquer outra da época), que “alguém oferece a alguém”, com muito amor e carinho. Acontece que os “alguéns” já estavam previamente combinados... (FERREIRA, 1981, p. 259).

Outros programas da Amplificadora eram voltados para o lazer e expressavam uma forma de divulgação cultural como é o caso do programa “Hora da Criança” “onde a criançada concorria a testes de conhecimentos gerais com prêmios para as respostas certas. Programas de Estúdio e Discoteca às suas Ordens, tudo em 1943” (Idem, 1981, p. 260). Em Ipameri, na Amplificadora PRB-1, além deste programa voltado para o envio de recado, foi criado também um programa para envio de mensagens para aniversariantes. Essa era uma forma de informar à cidade quem eram os aniversariantes do dia, o que proporcionava um movimento de pessoas na casa do aniversariante para lhe dar os parabéns.

Além do lazer, iniciam-se com os sistemas de alto-falantes os programas informativos, voltados para anunciar os acontecimentos relevantes do cotidiano das cidades. Em Ipameri, quem passava pela Praça da Liberdade poderia ouvir as notícias das últimas semanas. Uma característica da informação repassada se tratava de notícias provenientes de jornais impressos. Era um jornalismo que, de certa forma, cansava o ouvinte uma vez que os locutores faziam a leitura de textos, às vezes, longos. Com o aparecimento das rádios emissoras, os sistemas de alto-falantes foram perdendo o prestígio, dando lugar aos alto-falantes volante, ou seja, em sistemas de alto-falantes instalados em automóveis e utilizados fundamentalmente em publicidade, o que permitiu ao emissor, percorrer as ruas e assim, divulgar o comércio local em todos os cantos da cidade, semelhante ao que ainda acontece atualmente.

A questão informativa através dos meios eletrônicos de comunicação inicia-se ainda com o telégrafo. Hélio Mesquita, jornalista do rádio Goiano, e editor do jornal Folha de Goiás, descreve que havia em Goiás um telégrafo que recebia noticiários nacionais e internacionais, emitidos pela ASAPRESS e pela IVADIA de imprensa internacional com a qual o jornal mantinha convênio. Assim, este jornalista conseguia publicar em Goiás,

notícias iguais às aquelas publicadas no eixo Rio/São Paulo, e, desta forma, ia convencendo o público goiano da qualidade de suas notícias. Assim, conta ele que

Naquele tempo, o pessoal em Goiânia fazia romaria às 17:45h no Aeroporto, esperando o avião da VASP que saía às 5:45h do Rio de Janeiro, para comprar os jornais. Só tinha uma banca de jornal naquele tempo, agência do Manarino. Então compravam os jornais para ler as notícias do Rio e São Paulo. Depois que se acostumaram a ver na Folha de Goiaz que o noticiário era idêntico, então passaram a comprar a Folha ao preço de cinquenta centavos o exemplar (MESQUITA, 1980, p. 206).

A informação proveniente de outros países, portanto, era divulgada sem nenhum problema em Goiás. Porém, a informação local, essa sim, era um problema. Era um problema porque numa época em que a questão política e o poder local estavam nas mãos de coronéis, divulgar uma informação que denegrísse a imagens de algum integrante de suas famílias poderia se transformar em casos de morte. Helio Mesquita (1980, p. 208) dá o depoimento de que

Teve colegas na Folha de Goyas que foram exportados de Goiânia, por via aérea, na presença do Comandante da Polícia Militar do Estado de Goiás, que naquele tempo era o Coronel Paiva. Ele, Coronel de Exército, não teve condições de dar segurança ao jornalista.

O jornalista era de cama e mesa. Fazia todo o noticiário. Porque não tinha especialização. E nem se podia pensar nisso, numa cidade provinciana e interiorana como Goiânia, que estava ensaiando seus primeiros passos e que tinha apenas um jornal diário, e uma estação de rádio: Folha de Goiaz e Rádio Clube, e O Popular, como jornal semanal. De maneira que um jornalista apenas fazia o noticiário internacional, o nacional, as colunas fixas e fazia a coluna social, com muito risco.

Publicar informações em Goiás até os anos de 1950 representava perigo para quem o fizesse. Isso aconteceu também nas emissoras de rádio, porém, o rádio, diferentemente dos jornais impressos, estava inserido na dinâmica estatal com profissionais que faziam a edição das informações antes de veiculá-las, moldando-as aos padrões estabelecidos pelos governantes. Nesse sentido vimos a ação da primeira emissora de rádio em Goiás, a qual era uma expressão do contexto histórico vivido em Goiás no início de 1940.

#### 4.2. A organização interna das primeiras emissoras de rádio de Goiás

Iniciando pela rádio Clube de Goiânia, o seu aparato técnico e sua organização interna correspondiam às relações sociais estabelecidas no Estado. No entanto, para demonstrar que o grau de desenvolvimento assumido pelas relações sociais acaba caracterizando as expressões jurídicas da sociedade, a primeira emissora criada na década de 1940 funcionava apenas durante o dia e uma parte da noite. Isso se dava, principalmente, porque a energia que abastecia Goiânia ficava à disposição da população até uma determinada hora do dia. Em Goiânia, por exemplo, a energia, ou melhor, a usina que gerava energia para a cidade era desligada numa determinada hora da noite. Como nos contou Sílvio Medeiros:

A rádio num funcionava 24 horas não. Tinha um que entrava seis horas da manhã e parava às oito horas. Inclusive naquele tempo Goiânia sempre teve um problema. Eu não me lembro bem a época, mas rodou a usina Jaó. Então arrumaram um motor de submarino, botaram na beira do Bota Fogo. E num tinha energia o tempo todo. Goiânia ficou muito tempo, três, quatro anos sem energia, funcionando com motor. Aí a sirene, pê..... olha já vai desligar a luz! E a meninada corria pra casa. Ai era lamparina, vela... Então isso ficou muito tempo. Então a rádio não tinha como funcionar.

Então a rádio não tinha luz, ela não tinha força comercial. Não tinha pra agüentar a noite toda não. Então abria seis horas da manhã, programa sertanejo, e até oito, nove horas da noite parava. É por aí. Pessoal dormia cedo (MEDEIROS, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Fernando Cunha Júnior, locutor e posteriormente proprietário da rádio Carajá de Anápolis, nos disse que aquela emissora “normalmente abria cinco, seis horas da manhã e ia até meia noite. Porque de madrugada não tinha audiência, nada. A madrugada era morta” (JUNIOR, entrevista realizada em maio de 2007). Anápolis, porém, já era abastecida por uma hidrelétrica. Assim, o que determinava o funcionamento da rádio estava associado à audiência, por não despertar a atenção dos anapolinos no período noturno.

Em Ipameri a rádio Xavantes que em 1947 inicia suas atividades também começava a funcionar às seis horas da manhã e ia até por volta das dez horas, em alguns dias estendia sua programação até às vinte e três horas.

Como já colocamos, no início da década de 1940, Goiás apresentava como integrante e contribuinte na reprodução do capitalismo, mesmo com sua estrutura física ainda longe de assumir as características das grandes metrópoles da época (Rio/São Paulo). A primeira emissora de rádio legalizada no Estado viria ser tão somente uma expressão das relações sociais vigente na época, contendo um aparato tecnológico que correspondia ao grau de desenvolvimento assumido pelo capitalismo. É neste contexto que em 1942 é criada a rádio Clube na cidade de Goiânia.

Como colocamos no primeiro capítulo, até 1942 havia alguns serviços de alto-falantes em Goiás que transmitiam para a localidade onde estava instalado, e entre eles a Amplificadora Cultural de Anápolis já realizava transmissões para rádios receptores, os quais já existiam em grande quantidade o que permitia, por exemplo, que houvesse a recepção de sinais radiofônicos das principais emissoras do país nesta época. Assim, antes da fundação da primeira emissora de rádio em Goiás já existiam vários aparelhos receptores em todo o Estado como colocou Haydée Jayme:

O primeiro contato dos anapolinos com transmissões radiofônicas deu-se ali pelos idos de 1926.

No casarão da antiga Cadeia Pública, construída em 1907, na sala livre, instalou-se um aparelho rádio-receptor, um verdadeiro monstro, enorme, quase do tamanho de um piano. No pátio da cadeia fincaram dois enormes mastros de madeira, de aproximadamente 15 metros de altura, para as antenas. Com todo esse aparato, o ouvinte colocava um aparelho em cada ouvido, e ficava quieto, silencioso... à espera de escutar algo. De repente, um sorriso alegre aflorava-se aos lábios e ele, felicíssimo, dizia: \_ Estou ouvindo um sonzinho... Os ouvintes se revejavam...

Já no início dos anos 30, chegou a Anápolis um aparelho de rádio “de verdade”. Era seu proprietário o Lage, que fora marido de Ada Centini. Tinha uma casa comercial, na esquina da rua do Comércio com a Barão do Rio Branco (atual Cosmorama), que era uma mistura de venda, loja e bar. Vendia cigarros, cujas marcas principais eram Jockey, Odaliska, Liberty, Yolando e outros que não me ocorrem.

O Lage comprou um rádio “de verdade”; a cidade toda tomou conhecimento daquela maravilha e o movimento comercial da sua casa aumentou consideravelmente, pois todos iam ali fazer suas compras, para terem a oportunidade de ouvir aquela “coisa” que transmitia vozes e músicas, sem disco nem nada...

Em 1937, os irmãos Cardoso, pioneiros em muitos empreendimentos em Anápolis, passaram a vender aparelhos de rádio. Funcionavam apenas com eletricidade e havia ainda a necessidade de se instalarem postes para a colocação de antenas (FERREIRA, 1981, p. 263-264).

A “comunidade” de Ipameri, onde foi criada a terceira emissora de rádio legalizada de Goiás, também teve contato com rádios receptores ainda na década de 1920. Numa entrevista concedida à AGI (Associação Goiana de Imprensa) Joaquim Rosa, que era editor de um jornal daquela cidade (jornal O Ipameri) conta que:

Um dia eu estava virando novidade na cidade; ninguém conhecia rádio; o único era de um coronel rico que tinha e dava à noite um espetáculo. Um dia, num sábado, eu estava lá, e ouvi um jornal falado de uma estação de São Paulo, e como o jornal de lá também estava atrasado, eu saí e fui direto à tipografia e redigi notícia de última hora; uma notícia lá que eu nem sei o quê... Primeira notícia de última hora que saiu no Ipameri, e foi pegada pelo rádio, saída em Goiás, em O Ipameri em 1927 ou 1926 (ROSA, 1980, p. 230).

Nas pequenas cidades onde a população não tinha capacidade financeira para adquirir os aparelhos receptores, os proprietários das emissoras criaram um meio para que seus programas fossem ouvidos. Vejamos nas palavras de Walter Meneses, como se ouvia o rádio em algumas cidades do interior de Goiás.

Vê esse serviço de alto-falante de propaganda que passa aí na rua, vote em fulano de tal? Tinha esse mesmo serviço de alto-falante fixo. Naqueles postes alto assim. Na cidade do interior. Com o bocal virado assim. Então aquele lado de lá ouve melhor o barulho. O de cá ouve menos. Geralmente eles põem dois, um pra um lado e outro, pro outro. Então, ali eles pegam o rádio, liga o rádio e bota no alto-falante, na amplificadora do alto-falante. Ela retransmite aquilo. O som sai um pouco deformado mas sai bom, sabe! Então ela retransmite (MENESES, entrevista realizada em março de 2007).

Outra questão referente ao uso tecnológico em Goiás ainda num estágio pouco avançado, mas que demonstra a amplitude que alcançava a comunicação via emissoras de rádio na década de 1940, são as transmissões que aconteciam de um determinado local da cidade para a emissora e desta para os aparelhos receptores. Hoje, com o alto grau de desenvolvimento da tecnologia permite-se fazer uma transmissão dos lugares mais longínquos para qualquer parte do mundo, sem grandes dificuldades.

Naquela época, a tecnologia começava a demonstrar como as transmissões seriam feitas no futuro próximo. Qualquer transmissão que fosse feita fora do local onde estavam

instalados os aparelhos transmissores ocorria através de um aparelho gravador que depois era levado para a emissora e reproduzida através dos transmissores, neste caso havia a dificuldade de transportar os equipamentos que eram utilizados para fazer as gravações<sup>31</sup> por serem muito pesados e ainda necessitava da utilização de fios, ou ainda, através de aparelhos que eram conectados à rede telefônica para enviar o conteúdo para o estúdio e de lá retransmitir para os aparelhos receptores. Segundo Fernando Cunha Júnior, fazendo referência à rádio Carajá de Anápolis,

Naquela época era tudo via fio. Lá não tínhamos nada em termos de transmissão de rádio, era tudo fio, ou seja, ia transmitir do estúdio, por exemplo, era via fio, e qualquer outra transmissão era via fio, com todas as dificuldades do mundo. Eu me lembro [...] a gente tinha um gravador lá. Esse gravador era uma caixa assim de uns 80 centímetros de comprimento, 20 a 30 de largura, era uma caixa imensa. Aquilo lá era o gravador que a gente usava pra fazer qualquer reportagem, qualquer gravação. Era um negócio assim... totalmente maluco... não tem o menor sentido em termos de hoje. A gente tinha realmente muita dificuldade em termos de tudo. 99% do tempo da rádio era feito em estúdio mesmo.

Foi nesse sentido que a tecnologia desenvolvida e empregada nas rádio emissoras em Goiás mesmo com suas limitações, e não poderia ser diferente, já que se vivia uma época em que as relações sociais estabelecidas no Estado começavam a ser inseridas no desenvolvimento alcançados pelos grandes centros urbanos, tanto contribuiu para a criação de um mercado consumidor para a recepção de um determinado conjunto informativo, quanto permitiu que grupos de pessoas utilizassem desta tecnologia para transmitir a comunicação que lhes interessava, uma comunicação de cunho mercantil.

Com a instalação da rádio Clube as transmissões passam a alcançar uma distância bem maior do que se conhecia até então. Enquanto, por exemplo, o serviço de alto-falantes Marisa de Goiânia restringia-se à localidade de Campinas, a Amplificadora Cultural de Anápolis, a localidade de Anápolis e o serviço de alto-falantes PRB-1 de Ipameri transmitia

---

<sup>31</sup> Nesta época para fazer a retransmissão de um determinado local da cidade ou fazia a gravação num aparelho que levado para o estúdio da emissora ligava nos transmissores para enviar para os rádio receptores, ou, precisava do apoio da empresa de telefonia para fazer a ligação dos fios para enviar via linha telefônica para a emissora. O serviço via telefone era muito caro e demandava muito trabalho na ligação dos fios, o que acabavam optando pela gravação. Os gravadores utilizados pesavam em torno de três quilos o que exigia um certo esforço físico de quem o carregava.

para a localidade de Ipameri, a rádio Clube alcançava todo o território Goiano, sendo, algumas vezes, ouvida pelos estados vizinhos.

Segundo noticiou o jornal “O Popular”, a emissora tinha uma potência de 2.000 wats que permitia ter um alcance que chegava a 400 quilômetros. Ou seja, a tecnologia utilizada para a transmissão desta emissora permitia que a comunicação realizada através dela tivesse um longo alcance, que, conseqüentemente, estaria em contato constante com um grande número de pessoas devido aos inúmeros aparelhos receptores que existia no Estado. Daí pode-se perceber a força que representava o rádio nesta época em que os únicos meios de comunicação que circulava no Estado era o jornal com circulação local e a revista “Oeste” com circulação semelhante aos jornais.

Assim, até 1946, como já colocamos, existiu em Goiás apenas uma emissora de rádio que funcionava com o consentimento do Estado, que foi a rádio Clube. Para a veiculação da comunicação por esta emissora foi montado um aparato técnico no sentido de tornar as programações mais atraentes para conseguir mais audiência e competir com as principais emissoras do país. A mesma organização interna desta emissora também existiu nas outras duas criadas na década de 1940 (a rádio Carajá de Anápolis e a rádio Xavantes de Ipameri).

Podemos perceber isso quando da organização dos programas das emissoras. Uma questão interessante é que para atrair o público e, conseqüentemente, aumentar suas rendas, os dirigentes das emissoras criaram programas de auditório que eram transmitidos para um público que assistia ao vivo às programações, num auditório montado no próprio local onde funcionava. Nestes programas apresentavam artistas locais assim como artistas de outros estados. Segundo Adolvando de Alarcão na rádio Xavantes havia



*Locutores no estúdio da rádio Xavantes na década de 1940 – Arquivo de Beth Costa*

Brilhantes apresentações, pois todo artista das rádios do Rio de Janeiro e São Paulo que vinha à Ipameri para se apresentar no Jóquei Clube, também fazia uma apresentação no palco da rádio Xavantes, e por lá

passaram Rui Rei e seu conjunto, Emilinha Borba, Marlene, Bievenido Granda, Ivan Curi, Ângela Maria, Carlos Galhardo etc. (ALARCÃO, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Durante esta pesquisa fomos percebendo que os artistas que vinham de outros estados para fazerem alguma apresentação em Goiás passaram e apresentaram nas três emissoras existentes na década de 1940. O que vemos hoje na televisão em programas de calouros, era o que existia nas emissoras. Os programas de auditório foi uma estratégia para aumentar sua audiência utilizada inclusive pelas amplificadoras que existiam no Estado. Quando perguntamos a Silvio Medeiros se existia música ao vivo na emissora ele respondeu: “o começo já tinha. Programa sertanejo. Tinha muitos programas sertanejos que era ao vivo. Tinha auditório, lá com sessenta poltronas. Eu me lembro do auditório direitinho lá”.

A esposa do fundador da emissora de Ipameri nos contou que na rádio Xavantes

Tinha programa musical, esportivo e de auditório. Naquele tempo ainda tinha aos domingos, tinha uma programação de auditório. E as pessoas tinham a oportunidade de se apresentar, quem gosta de cantar, quem gosta de tocar algum instrumento. Quem gosta de falar, contar alguma piada (CEVA, entrevista realizada em dezembro de 2007).

Adolvando nos contou que participava dos programas de auditório daquela emissora e, segundo ele, tinha “um palco auditório com capacidade de mais ou menos 400 pessoas” (ALARCÃO, 2007).



*Auditório da rádio Xavantes de Ipameri – Arquivo de Beth Costa*

Conseguimos uma foto do auditório da rádio Xavantes que demonstra claramente o quanto os programas atraíam audiência como pode ser visto a cima.

Através dos programas existentes nas emissoras, portanto, podemos ter uma idéia do como estavam organizadas a funcionar no período que marca a chegada do rádio em Goiás. Infelizmente, durante nossa pesquisa não conseguimos ter acesso a nenhum programa gravado das primeiras emissoras. Conseguimos contactar um senhor com o nome de Walter, funcionário de um hotel no centro de Goiânia que dizia ter gravado em uma fita, os programas da rádio Clube do ano de 1942. O mesmo dizia que poderia localizar a fita e nos conceder uma cópia. Contudo, até o presente momento, fizemos dezenas de visitas ao mesmo e ainda não conseguimos esta cópia. Em relação a materiais referentes a estas emissoras Walter Meneses coloca inclusive que a programação das primeiras emissoras de rádio “fez história, contudo, quase não tem material”.

Mesmo não tendo acesso ao áudio dos programas, conseguimos dados sobre a programação das três emissoras, a partir dos quais podemos visualizar como estavam estruturados a funcionar na década de 1940. Começamos pela rádio Clube de Goiânia.

#### **4.3. Programação da rádio Clube de Goiânia**

Em dezembro de 1942 a sua programação estava organizada da seguinte maneira: Das nove horas da manhã até as nove e quinze eram transmitidas músicas variadas, locais, nacionais e internacionais através do programa “Bom Dia”. As nove e quinze através do programa “Minha Terra” começavam a veicular músicas sertanejas de cunho local cujos principais cantores eram Zé Micuim e Chico Onça. Das nove e trinta às dez horas iniciava o programa “Hora do Estado” com noticiários diversos, principalmente com informações das ações de Getúlio Vargas e de seu interventor em Goiás Pedro Ludovico, e intercalando às informações veiculavam-se músicas interpretadas por orquestras. Das dez horas às dez e quinze, havia o programa “Solos Vários” com músicas instrumentais interpretadas por bandas e orquestras nacionais e internacionais.

Das dez e quinze às dez e trinta iniciava o “Programa da Vitória” com crônicas e músicas patrióticas. Através deste programa ocorria a divulgação, fundamentalmente, de cantores cujas músicas eram divulgadas pela rádio Nacional do Rio de Janeiro. Com este programa a emissora conseguia popularizar a música de cunho nacionalista e priorizar uma cultura estatal voltada para a propaganda do Estado através da música. Às dez e meia

iniciava o programa “Daqui, Dali” que finalizava às onze horas. Através deste programa a emissora divulgava músicas variadas, locais, nacionais e internacionais e intercalando às músicas, transmitiam informações de cunho local e propagandas comerciais. Das onze horas às onze e meia era a vez do programa “Almoço Musicado” com a divulgação de grandes orquestras.

De onze e meia às onze e quarenta e cinco havia o programa “Canta Brasil”, um programa exclusivo para divulgação de músicas nacionais. Novamente, outro programa para divulgação dos artistas propagados pela rádio Nacional. De onze e quarenta e cinco até doze horas era veiculado o programa “Humorismo” com gravações humorísticas. Interessante que através deste quadro a emissora colocava em público gravações enviadas pela rádio Nacional. Essas gravações eram impressas em discos grandes que ainda não se tratava do disco de vinil, os quais eram denominados pelos locutores da emissora de *bolachões*, por ter um formato e uma aparência de uma grande bolacha. Lia Calabre ao discutir as técnicas de gravações existentes nesta época descreve como eram esses discos. Segundo ela,

A técnica de gravação disponível na época utilizava discos que tinham sua base de alumínio recobertas por uma camada de acetato. Durante a Segunda Grande Guerra, com a utilização do alumínio para fins bélicos, as fábricas passaram a produzir discos de vidro. Como o risco de danos desses discos era grande, o método de distribuição de programas para as diversas regiões do país foi menos usado, voltando somente após o fim da guerra (CALABRE, 2004, p. 136).

Segundo um dos locutores que entrevistamos as gravações não tinha uma qualidade muito boa, chiavam muito, mas, mesmo assim, ouvia-se com clareza o que estava gravado. Para Goiás vinham, portanto, os representantes da RCA vídeos Colúmbia trazendo esses discos com as gravações de músicas norte-americanas, francesas, italianas. “Eram discos chapados, com agulha. Depois veio o vinil” (Silvio Medeiros, entrevista realizada em janeiro de 2004).

Às doze horas iniciava o programa “Sinfonia das Américas” que terminava às doze e trinta, cujas músicas veiculadas eram exclusivamente norte-americanas, enviadas por gravadoras dos Estados Unidos para a rádio Nacional, que as divulgava e posteriormente,

enviava as mesmas músicas para várias emissoras de rádio do interior do Brasil. Para Goiás, chegava para a rádio Clube de Goiânia, na época, a única emissora legalizada a funcionar no Estado. Às doze e trinta, nesta época, a emissora parava. Era a hora do almoço dos funcionários e a sua programação ficava fora do ar, ou seja, não veiculava nada.

Às quatorze horas voltava a programação da rádio Clube com o programa “Goiaz em Foco” através do qual veiculava informações de todo o Estado e intercalando às informações havia músicas de artistas brasileiros. Das quatorze e quarenta e cinco às dezesseis e quinze acontecia o programa “Presente Musical”, criado para estar à disposição do público que poderia oferecer músicas pedidas através de cartas, no próprio local ou ainda, através de telegramas que eram enviados através de códigos Morse recebidos na emissora através de um telégrafo ali instalado. Das dezesseis e quinze às dezesseis e trinta era a vez do programa “Hora Certa” novamente com músicas exclusivamente norte-americanas.

Às dezoito horas acontecia o programa “Crepúsculo” com crônicas religiosas e intercaladas às crônicas, músicas no ritmo de valsa. Às dezoito e quinze começava o programa “Bom Apetite” com músicas no ritmo de congas e rumbas. As dezoito e quarenta e cinco iniciava o programa “Novidades Musicais” com músicas enviadas pela rádio Nacional as quais não haviam ainda sido veiculadas pela rádio local. Das dezenove horas às dezenove e quinze, novamente outro programa para divulgação de músicas norte-americanas denominado “Broadway”. Este se tratava de programa pronto, produzido e enviado à emissora pela embaixada americana aqui do Brasil. Segundo Walter Meneses “era um serviço de divulgação cultural dos Estados Unidos que tinha representantes”. Além desse programa havia ainda um outro denominado Hits Parade, Frank e Maria (uma radionovela em que Frank era norte-americano e Maria cubana). Das dezenove e quinze às dezenove e trinta transmitiam músicas como tangos, rumbas e boleros. Das Dezenove e trinta às vinte horas transmitiam o programa “Recordando” através do qual transmitiam músicas antigas.

Às dezenove e quinze iniciava o programa “Comparações” criado para comparar músicas. Assim, veiculavam, por exemplo, uma música norte-americana e uma música local, e faziam comparações entre as mesmas. As vinte e uma hora e quinze às vinte e uma

e quarenta e cinco aconteciam os programas de estúdio. Com este programa divulgavam poesias criadas por escritores goianos, radionovelas, crônicas literárias e crônicas cômicas, havia também a divulgação de escritores goianos com a leitura de trechos de seus livros, piadas dialogadas, e radioteatro. Os programas deste horário eram: “Hora Sertaneja”, “Neste Mundo em que Vivemos”, “Caminho Sem Fim”, “Lar, Doce Lar”, “Páginas Goianas”, “Skets” e “Radioteatro”. Walter Meneses nos contou um conto que fazia sucesso nesta época, principalmente no meio rural que era um conto inspirado em Romeu e Julieta de Shakespeare, contudo, adaptado para a vida rural, denominado Lenço Preto<sup>32</sup>.

As vinte e uma e cinquenta iniciava o programa “Encantamento” que terminava às vinte e duas horas, no qual eram divulgadas crônicas literárias produzidas por escritores do Estado. Das vinte e duas às vinte e duas e quinze havia a veiculação do programa “Serenata” com orquestras de salão. Das vinte e duas e quarenta e cinco às vinte e três horas era a vez do programa “Boa Noite” com músicas românticas de artistas locais, nacionais e norte-americanas, momento em que eram desligados os aparelhos da emissora que voltavam a ser ligados novamente no dia seguinte às nove horas. Com esta programação da emissora pode-se visualizar o seu funcionamento e o modo sistemáticos que era produzida a sua programação.

Um fato curioso em relação à gravação das propagandas que intercalava a programação da rádio Clube é que até o final da década de 1940, era realizada no próprio

---

<sup>32</sup> “Lenço Preto”. Todas moças que ele via até briga elas fazia pra ser sua namorada. “Lenço Preto” não ligava, e a vida ele levava sem saber o que era amor. Mas, um dia de tardinha, por uma linda moreninha seu coração se apaixonou. Então se disse como quem ama:

\_ Como te chamas? Tu quer ser minha mulher?

\_ Eu sou a Rosa! (Ela responde). Sou filha do Zé Marconde e sua serei se você quiser.

Depois teve o namoro. E quando foi no casamento, a capela tava cheia de gente. Na hora do casamento o padre muito alegre disse:

\_ Quem souber alguma coisa que fale agora ou cale para sempre.

Quando todo mundo tava preparando para os negócios da aliança entra uma pessoa correndo e no ouvido do padre ele falou alguma coisa que o padre amarelou. E o padre continuou:

\_ Meus irmãos!

O padre falou assim solenemente

\_ Um momento! Tá suspenso o casamento. Isso é duro eu bem sei, mas é contra a nossa lei se casar irmão com irmão.

Alguém foi lá e falou que os dois eram irmãos. Porque a Rosinha separou-se do irmão. O irmão foi doado para outra família de origem pobre, foi criado sozinho, depois quis o destino que os dois se encontraram. É a versão camponesa de Romeu e Julieta. Só que o Romeu e Julieta, os dois não eram irmãos, e esses dois eram de fato. Então continuou a declamação do poema dele, depois aconteceu o seguinte. Os dois se amavam tanto.

\_ Quando foi no outro dia, todo mundo já sabia, o que na cidade acontecia. Encontraram os dois defunto e um bilhete assim dizia: Vice nós não poder se casar, resorvemos morrer juntos.

estúdio através de um gravador de fio, uma tecnologia anterior à fita cassete que conhecemos atualmente. Para esta época, ouvir a própria voz sair de um desses gravadores despertava a atenção das pessoas. Sílvio Medeiros conta sua experiência com este gravador.

Eles gravaram lá, naquele tempo era gravador de fio, gravador grande, gravador de fio. Não era nem de fita, gravador de fio. Gravador alemão. Eles gravaram minha locução. Eu ouvi minha voz pela primeira vez fiquei emocionado. Naquele tempo não tinha a tecnologia de hoje, de você ouvir sua voz. Maravilha.

#### **4.4. Programação da Rádio Carajá de Anápolis**

Em relação a esta emissora, não conseguimos encontrar os detalhes de sua programação, mas, conseguimos informações que nos dá uma visão geral do como a emissora estava organizada a funcionar. O diferencial desta emissora estava em sua programação de auditório. Na inauguração do auditório, seu proprietário, Ermetti Simonetti, elaborou uma programação especial com a presença de um artista popular na época denominado Tino Marzo. Com o tempo, os frequentadores dos programas de auditório foram aumentando, até que em determinada época, já não comportava mais as pessoas que ali se reuniam. Foi então que Ermetti resolveu ampliar o espaço. Na inauguração do novo auditório

A Carajá apresentou, em 3 atos, a comédia *Serão Homens Amanhã*, cujos atores, pela ordem de entrada em cena, foram os seguintes: Ermetti Simonetti, Ézio Coelho, Carlos Fernandes, Elidia Simonetti, garota Ireny Jacomossi, garotinho Ary Jacomossi, Nelsinho, Valentina Fernandes, Antônio Eleutério e Maria Eleutério (FERREIRA, 1981, p. 261).

Em todos os dias, durante à noite, acontecia o programa de auditório apenas para adultos. Na programação da noite havia programas para calouros, ou seja, para pessoas que quisessem fazer apresentações que não tivessem um cunho profissional. Além dos calouros, artistas do Estado apresentavam suas músicas no palco da emissora, com programas musicais para divulgação da cultura goiana e também de artistas nacionais como o saxofonista Ladário Texeira.

Além deles outros artistas famosos passaram pelos palcos da rádio Carajá como a soprano Geny Scowitz, Nelson Gonçalves, a cantora popular brasileira Linda Batista juntamente com o humorista Januário de Oliveira; Isaurinha Garcia também passou por ali, interpretando músicas do samba como “Ultimo Desejo”, “Aperto de mão”, “Edredom Vermelho”, “Aproveita Beleléu”, “Mensagem”, “Século do Progresso”, “O Sorriso de Paulinho”, “Pregão da Baiana” e outras mais. Isaura Garcia e Januário Oliveira eram artistas contratados da rádio Record do Rio de Janeiro e posteriormente deixam esta emissora sendo contratados pela rádio Nacional. Além dela, Pedro Raimundo (famoso pela música Adeus Mariana) entre diversos outros artistas que proporcionava à rádio Carajá uma tonalidade de reconhecimento na região tornando-a campeã em audiência através de sua programação que reunia artistas locais e artistas nacionais.

Ainda na década de 1940, ocorriam várias apresentações de teatro no palco do auditório da Carajá. Um reconhecido grupo de teatro goiano apresentou na Carajá, o grupo de teatro Agremiação Goiana de Teatro (AGT) encenando a peça “Terra Natal” que foi dirigida por Otavinho Arantes,

E interpretada pelos seguintes atores: Florami Alves Pinheiro, Vera Pinto, Otavinho Arantes, Tianinha Aquino, Ascânio Faria, Roldão de Oliveira, Osires Teixeira, José Cruciano, Teresinha André, Anita Abdon Ramos, Glória Freitas e Lázaro da Costa Ferreira (Idem, p. 262).

A criançada se divertia na emissora aos domingos pela manhã com programas exclusivamente infantis. Um dos funcionários da emissora, Antônio Eleutério, teve a idéia de construir um circo no palco do auditório da emissora, o qual ganhou um programa com o nome “Cirquinho Carijó” que se tratava de um pequeno circo que divertia a criançada. Segundo Hélio Rocha (2007, p. 136),



*Programa infantil no palco da rádio Carajá*

Além das famílias da própria cidade, de cidades vizinhas, como Corumbá de Goiás, Pirenópolis e Abadiânia, muitos pais viajavam a Anápolis

levando os filhos para assistir a esses programas, e também curtir o Cirquinho Carijó, apresentado por Antônio Eleutério, o palhaço Carijó.

Juvenal de Barros e Antônio Afonso de Almeida, locutores da emissora, também organizaram programas infantis de auditório que acontecia durante a semana. Os programas era “Brincadeira Carajá” e “Revelação Infantil-Calourinhos”. Durante a programação havia um acompanhamento musical de um artista de Anápolis, cujo nome é “Jandy e seu Regional”.

O principal programa apresentado pela emissora era a novela “Juramento Sagrado” interpretada pelo grupo teatral da emissora (Ermetti Simonetti, Ézio Coelho, Carlos Fernandes, Elidia Simonetti, garota Ireny Jacomossi, garotinho Ary Jacomossi, Nelsinho, Valentina Fernandes, Antônio Eleutério e Maria Eleutério) e era veiculado em todas as terças, quintas e sábados. Às sextas, às vinte e uma e trinta, era a vez de Juvenal de Barros apresentar um programa musical com músicas no ritmo de valsa, foxes e canções românticas. Sob a direção de Ermetti Simonetti acontecia às segundas, quartas e sextas um programa com a novela “Um Riso de Menina”. Um programa estudantil também foi criado na emissora por Fernando Cunha Júnior<sup>33</sup> que iniciou na emissora escrevendo os jornais falados. Sozinho redigia cinco jornais falados de cinco minutos, um de quinze minutos e outro de trinta minutos, e segundo ele, fazia isso todos os dias.

As informações colocadas em seu programa eram conseguidas através de fontes locais, com auxílio de um radiotelegrafista que enviava as informações para ele no estúdio, e, além disso, a emissora contava com a ajuda de uma agência de notícias e assim, conseguia manter diariamente um programa com notícias atuais, o que despertou muita atenção do público ouvinte tornando-a a principal emissora ouvida na região.

Às sextas-feiras as vinte e duas e trinta era a vez de Ermetti Simonetti apresentar o programa “Sons da Saudade” com narrações literárias e um conjunto que fazia seresta na cidade, formados pelos músicos Jandy, Nico, Pinheiro e Calazans. Dirigido por Antônio

---

<sup>33</sup> No início dos anos 50, com a morte de Ermetti Simonetti, assume o controle da emissora, Plínio Jaime. Fernando Cunha Júnior assume a parte comercial e adquire parte de suas ações, transformando-se assim, em acionista da emissora, chegando a ser diretor superintendente. Ambos, Plínio Jaime e Fernando Cunha Júnior, fundam posteriormente a rádio Santana. Após um tempo venderam suas ações para os frades franciscanos que mudaram seu nome para rádio São Francisco, hoje denominada rádio 96 FM.

Afonso de Almeida, é criado na rádio o programa “Paulo César”, “Gurilândia do Paulinho” e “Faça seu Pedido Musical”, que eram programas através dos quais veiculavam respectivamente, informações locais, radioteatro e músicas pedidas por ouvintes da emissora. Antônio Afonso foi também um dos primeiros locutores esportivos da cidade com um programa na emissora. Às segundas-feiras, às vinte uma e trinta horas, acontecia o programa “Serenata de Anápolis” que veiculava músicas regionais e locais. Músicas como Saudades do Matão, Último Beijo, Branca, Tardes de Lindoya, Saudades de Ouro Preto, Lágrimas de Virgem, Partir, Sertaneja, Luar do sertão etc.

Com esta programação, como foi expresso pelo jornal O Anápolis em 1949, a rádio Carajá de Anápolis se torna, “depois de integralizada em nossa vida comum, a legítima porta-voz da Cultura e Divulgação da Capital Econômica e Política de Goiás” (Jornal O Anápolis, 28 de agosto de 1949). Uma programação criada para atrair os ouvintes acostumados a ouvir as emissoras do Rio e de São Paulo. A estratégia que os técnicos daquela emissora utilizavam para isso era o de fazer uma interlocução dos programas com a população local. Assim eram formatados os noticiários através dos quais citavam o nome de determinada pessoa da cidade, e ainda transmitiam informações locais. Segundo Fernando Cunha Júnior “isso fazia com que de repente a emissora local tivesse preferência sobre a rádio Nacional”.

#### **4.5. Programação da rádio Xavantes de Ipameri**

A programação da rádio Xavantes de Ipameri sofreu uma grande influência do sistema de alto-falantes PRB-1, daquela mesma cidade. Isso aconteceu pelo fato de que alguns dos locutores que estavam na PRB-1 foram trabalhar na locução da emissora interferindo em sua programação, a exemplo de Rames Basílio, Leonardo Sobrinho, Belinha Machado e Neuza de Oliveira. Segundo Rames Basílio, “eles ouviam muito a rádio Nacional e implantaram aqui também, as novelas na rádio. Novelas que eram transmitidas também através da amplificadora de Ipameri PRB-1”. A rádio Xavantes “funcionava nos três períodos com funcionários alternados e remunerados” (Rafa Ceva, entrevista realizada em dezembro de 2007). A emissora iniciava suas atividades às seis da

manhã e funcionava até as vinte e duas horas, e em alguns dias estendia a programação até as vinte e três horas.

Na Xavantes vamos encontrar semelhante programação de auditório da rádio Carajá de Anápolis, com programas musicais voltadas para cantores e artistas locais. Os programas de auditório aconteciam em dias de Domingo. “As pessoas tinham a oportunidade de se apresentar, quem gosta de cantar, quem gosta de tocar algum instrumento. Quem gosta de falar, contar alguma piada. Quer dizer era uma programação pra divertir o povo” (Idem, 2007).

Algumas destas pessoas que apresentaram nos palcos da rádio Xavantes foram popularizados através da emissora a exemplo de Naim Chadud, Wilson Martucci, Marilda Terra de Deus, o Sambista Josias. O programa contava também com recitais de piano apresentado pelo professor de música Erik Peper.

Outras apresentações musicais que eram realizadas na emissora estavam associadas a eventos que aconteciam no Jôquei Clube da Cidade, o qual promovia constantemente shows com artistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Assim, ao passarem pelo Jôquei Clube apresentavam também nos palcos do auditório da Xavantes. E por lá passou o cantor Rui Rei e seu conjunto, Emilinha Borba, Marlene, Bievenido Granda, Ivon Curi, Ângela Maria, Carlos Galhardo e tantos outros.

Agora, uma das principais atrações da rádio Xavantes eram os programas esportivos que tinha como principal locutor Neif Nady e era auxiliado pelos comentaristas Benildo Nazetti e Jeová Luna. O que atraía audiência para a emissora com este programa é que sua transmissão acontecia ao vivo. Ou seja, os comentaristas do programa instalavam os transmissores nas mediações do estádio, cujo nome era CEPEM, onde aconteciam campeonatos de jogos de futebol, e de lá transmitiam para a emissora que fazia a distribuição das transmissões. Além de partidas de futebol, transmitiam também partidas de basquete que acontecia na quadra esportiva do Jôquei Clube de Ipameri, com a participação de um time da cidade organizado pelo Jôquei Clube e levava o mesmo nome J.C.I.

Então, pela manhã, das seis às oito horas, a emissora transmitia um programa com músicas sertanejas, músicas de artistas goianos. Às oito iniciava programas informativos, radiojornalismo, como nos contou Adolvando “a emissora sempre foi um instrumento de

informação, a rádio sempre fez parte da comunidade”. Das nove até doze horas, programas com músicas variadas, de artistas locais, nacionais e internacionais. Às doze horas voltava novamente o programa jornalístico com informações veiculadas pelos jornais locais e outras informações veiculadas pela rádio do Rio e São Paulo. Às quatorze horas voltava novamente o programa com músicas variadas. Às dezessete horas iniciava um programa que era novidade nesta emissora e no rádio em Goiás tratando-se dos programas religiosos que tinha a participação da igreja católica. Os programas eram diários e contava com a presença de religiosos da cidade<sup>34</sup>. Às vinte horas era a vez do programa de radionovelas através do qual transmitiam diariamente novelas veiculadas pelas radio Nacional. Das vinte horas e trinta até por volta das vinte e duas horas, voltava o programa musical com músicas variadas. Em finais de semana aconteciam os programas de auditório.

#### **4.6. O aspecto tecnológico e a organização interna das emissoras de Goiás**

Em relação às questões tecnológicas e à organização interna das emissoras na década de 1940 em Goiás, pelo fato do rádio ainda ser uma novidade e despertar atenção de quem ouvia sair a voz humana num receptor, eram estruturados e empregados de forma a atrair a atenção da população, e assim, estimular o público a ouvir a comunicação que por elas era transmitida. Assim, como estratégia para atrair o público local, foram montados auditórios que suportavam dezenas de pessoas. Os programas que eram transmitidos também podiam ser ouvidos pelas pessoas que possuíam um rádio receptor. Portanto, com o tempo o lucro das emissoras ia aumentando e, com isso, a possibilidade de melhorar os seus equipamentos, a tecnologia utilizada, assim como o espaço físico das emissoras, além, é claro, da possibilidade de contratar profissionais já acostumados na profissão.

É nesse sentido que a forma comunicativa existente, tendo como referência o modo de produção que se expandia e tomava conta de todas as instâncias do globo terrestre, recebia em Goiás na década de 1940 um forte aliado para a sua legitimação e reprodução em larga escala, tratando-se das emissoras de rádio. Os programas existentes nestas emissoras eram bem definidos produzidos por profissionais que os dirigia. As três

---

<sup>34</sup> No início da década de 1950, César Augusto Ceva vende os direitos de uso da emissora para a igreja católica existente na cidade. A partir daí a programação da emissora sofre alterações priorizando conteúdos de cunho religioso.

emissoras existentes nesta época, e de forma semelhante os serviços de alto-falantes, funcionavam a partir de uma programação que era elaborada no sentido de atrair audiência. Essas questões garantiam o bom salário dos profissionais que nelas trabalhavam. O fundador do sistema de alto-falantes Marisa em Goiânia coloca, por exemplo, que resolveu criar um sistema de alto-falantes que teria como “finalidade não só divertir a população, como também informar e até mesmo educar” (SASSE, 1980, p. 171).

Nesse sentido, desde os primeiros dias do rádio em Goiás as emissoras funcionaram tendo em seu interior um grupo de pessoas que trabalhavam sistematicamente na produção do conteúdo a ser transmitido. Nesta época, já era divulgado no Estado revistas especializadas no campo da radiodifusão que eram elaboradas por estudantes universitários do Rio de Janeiro e comercializadas no Estado. É o exemplo da revista “Antena” dirigida por Gilberto Afonso Pena o qual estava, em 1943, à frente do cargo de comunicação da empresa de transporte Aerovias S/A. A revista era publicada mensalmente e direcionada a radioamadores e técnicos da radiofonia, e desde aquela época, a sua comercialização ocorria por intermédio de contratos mensais ou anual.

A divisão do trabalho e a hierarquia determinavam o produto do trabalho ali desenvolvido respeitando à lógica determinada pela divisão social do trabalho, com profissões e atividades bem definidas. Nesse sentido as emissoras contavam com um conjunto de locutores que apresentavam as qualidades que são exigidas para se falar nos microfones de uma rádio emissora como voz grave e potente e uma expressão firme que contribui para atrair o público. Durante esta pesquisa percebemos que todos os entrevistados se expressam de forma semelhante aos radialistas mais famosos da atualidade.

Além dos locutores existiam ainda os diretores artísticos que eram responsáveis pela montagem da programação das emissoras, principalmente as programações de cunho artístico voltado para o entretenimento. Havia também os técnicos de som que buscavam sempre melhorar a qualidade do conteúdo transmitido no sentido de fazer com que aquilo que era veiculado não fosse estranho aos ouvidos do ouvinte, além, é claro de manter o bom funcionamento dos equipamentos utilizados na emissora para a transmissão da comunicação ali elaborada. Segundo José Cunha Júnior, “tinha os técnicos. Que começaram como operadores de rádio, tudo, depois, foram servir de técnicos. Aí que deu

maior consistência e deu mesmo razão de ser da nova categoria que surgia, da nova atividade” (JUNIOR, entrevista gravada em julho de 2006).

Esta nova atividade que Cunha Júnior narrou, era uma categoria presente na rádio Carajá de Anápolis que contavam com técnicos que vinham de São Paulo para fazer a manutenção de seus equipamentos. A rádio Clube de Goiânia contava com técnicos que ficavam a cargo de reparar os equipamentos utilizados. Já a manutenção dos equipamentos da rádio Xavantes de Ipameri era o próprio proprietário quem a fazia, auxiliado pelo técnico Luiz Otelo Costa. Além disso, buscava sempre melhorar a potência de seus transmissores. Foi o que nos contou a esposa de César Augusto Ceva. Segundo ela,

Mas a vontade dele [*do César Augusto Ceva*] era sempre aumentar o seu recurso para alcançar comunicação mais distante, para outros países, então tinha esta loucura. E quem é rádio amador, gosta muito de mexer com a aparelhagem também. Então o César era muito ligado a rádio e muito conhecedor também. Então montagem de aparelhos, ele montava aparelhos. E os aparelhos dele, todos eram montados por ele. Mas ia sempre aumentando a potência para poder chegar mais distante. E nesta ocasião ele estava construindo um aparelho, um emissor enorme, da altura disto aí [*mostrando uma escrivaninha que estava ao lado*], era uma coisa enorme que ele queria se expandir (CEVA, entrevista gravada em dezembro de 2007).

Existiam ainda os programadores responsáveis pela organização dos programas deixando-os numa ordem a ser apresentada. Além desses técnicos que eram voltados para a organização interna das emissoras, existiam aqueles que externamente contribuíam para o seu funcionamento que era os que eles denominavam “corretores”, agentes que buscavam financiamento para a manutenção da emissora. Muitos desses corretores eram os próprios locutores. Cunha Júnior, por exemplo, nos contou o seguinte:

Me tornei corretor. Eu fui o principal corretor, modéstias patas, eu fui o principal corretor da rádio no início do aparecimento dela. Corria atrás. Arranjei uma bicicleta e girava o comércio todo, com essa bicicleta. Bicicleta ficou famosa. Eles gostavam, pagavam direitinho. Porque eu fazia o seguinte: Eu fazia o texto, bolava o texto, criava o texto, às vezes com ajuda do próprio comerciante. E às vezes com outros elementos. Eu vendia a propaganda, fazia o contrato, e fazia a leitura depois, porque eles queriam que eu lesse o texto, então eu fazia a leitura, fazia a redação, fazia a venda do contrato. Eu vendia o anúncio, escrevia, falava e ainda colhia a assinatura do contrato, vendia publicidade, fazia tudo, eu até recebia (JUNIOR, entrevista gravada em julho de 2006).

Porém, algumas emissoras contavam com empresas especializadas que buscavam por financiamentos. Isso demonstra o quanto as emissoras de rádio contribuíam para a formação de um mercado de serviços, conseqüentemente para o fortalecimento do capitalismo. A rádio Carajá de Anápolis, por exemplo, era uma emissora que contava com uma empresa especializada no campo da publicidade para angariar patrocinadores, como nos contou Juvenal de Barros, um dos primeiros locutores daquela emissora. Segundo ele, “tinha o representante comercial da rádio Carajá, que era o sr. Radico, que era o nome da agência que captava todas as publicidades das emissoras do interior” (BARROS, entrevista gravada em agosto de 2007).

Sobre esta questão que ele colocou, as pequenas emissoras do interior passaram a ter efetivamente as suas agências de publicidade a partir de 1950, quando é criada em Goiás a primeira agência de publicidade no Estado. Como já colocamos anteriormente, a rádio Clube de Goiânia e a rádio Xavante de Ipameri contava com seus próprios profissionais para buscar financiamentos para a emissora. Ou seja, 1940,

Era uma época que ainda não existia agência de propaganda. Então a publicidade de maneira geral, ela era confeccionada, era criada na própria rádio. Na própria rádio a gente criava propaganda e ela era apresentada em textos, lida pelo locutor no estúdio. Praticamente naquela época não existia nem uma propaganda gravada (Fernando Cunha Júnior, entrevista realizada em maio de 2007).

E além de todo esse conjunto técnico havia os dirigentes responsáveis pela administração das emissoras e quem fazia o recebimento dos financiamentos adquiridos e o repasse para aqueles que trabalhavam nas emissoras, ou melhor, que pagava o salário para os profissionais que ali trabalhavam. Na rádio Carajá de Anápolis e na Xavantes de Ipameri eram os próprios proprietários que estavam na direção da emissora, enquanto que na rádio Clube havia o presidente que também era prefeito da cidade de Goiânia o qual deixou a direção para ser exercida por outra pessoa.

Em relação à rádio Carajá, no início da década de 1950, quando o proprietário da emissora faleceu, a emissora foi transformada em propriedade por ações. Segundo Fernando Cunha Júnior, locutor e, tempos depois, proprietários de parte das ações da emissora, “posteriormente ao falecimento do Ermetti, o controle reacionário da rádio foi

passando pra outras pessoas e finalmente nós tínhamos, Plínio Jaime e eu, mais alguns companheiros, tínhamos o controle da rádio”.

Portanto, diante deste conjunto de técnicos que trabalhavam nos bastidores das primeiras emissoras de Goiás, saía, então, um material comunicativo que era repassado, transmitido, para os rádios receptores existentes em todo o Estado, ressaltando que algumas vezes chegava a alcançar lugares fora do Estado, como colocou José Cunha Júnior:

A rádio Clube ela tinha um transmissor valente. Ela saía do Estado. O som chegava fora. Sempre você recebia cartas de várias cidades de Minas, São Paulo. Já tinha uma penetração fabulosa. Não era uma frequência batida. Era de quando em vez que extravasava o Estado (JÚNIOR, entrevista realizada em julho de 2006).

Já a rádio Carajá e a rádio Xavante tinham uma alcance local e atingia algumas vezes, as cidades vizinhas. A rádio Xavante, por exemplo, servia pra transmitir para as fazendas, para as cidadezinhas em volta do município (CEVA, entrevista realizada em dezembro de 2007). E a rádio Carajá de Anápolis, “tinha 25 mil wats, só. A rádio Brasil Central quando entrou, entrou com 50 mil. 25 mil wats tinha também a rádio Xavantes de Ipameri” (BARROS, entrevista realizada em agosto de 2007).

A rádio Clube de Goiânia conseguia, então, alcançar uma distância bem maior do que as outras duas emissoras. Segundo o técnico que montou a emissora, Vitorino Ribeiro, a emissora durante o dia alçava os quatrocentos quilômetros, aumentando ainda mais durante a noite. Mesmo assim, a rádio Carajá e a rádio Xavantes estavam em regiões estratégicas. Ipameri e Anápolis, na época, eram as cidades mais industrializadas de Goiás e onde estava localizada a maior parte da população do Estado.

Estas emissoras, no entanto, desempenhavam bem o seu papel de difundir uma comunicação pautada nos interesses desejados pelo Estado. Desempenhava nesta época um importante papel de divulgar as idéias estatais além de ser um forte trampolim para a criação de um mercado consumidor bem como de mercado de serviços que querendo ou não, contribuiu para que o Estado fosse rapidamente integrado ao modo de produção capitalista.

Portanto, desde as primeiras emissoras de rádio em Goiás, a comunicação via radiodifusão acontecia mediada por um aparato técnico bem elaborado. A tecnologia

empregada na primeira emissora possibilitava que a comunicação ali realizada ultrapassasse algumas vezes o território goiano. Porém, abrangia todo o Estado o que quer dizer que cumpria com o papel de mediadora dos interesses do Estado. Assim, as emissoras de rádio que aqui existiram na década de 1940, e ainda alguns serviços de alto-falantes que transmitiam para alguns bairros de algumas cidades, estavam organizadas de forma que todo material sonoro que era transmitido passava pela produção e elaboração técnica de um conjunto de profissionais que eram contratados para desempenhar o papel de produzir e elaborar a comunicação que por elas era transmitida.

É nesse sentido que podemos colocar que toda tecnologia empregada nas primeiras emissoras de rádio de Goiás, bem como toda tecnologia utilizada para a recepção da comunicação realizada através das rádio emissoras na década de 1940 contribuía para a reprodução em larga escala da comunicação desejada pelos integrantes da classe dominante neste Estado, uma vez que as emissoras estavam nas mãos de capitalistas que desejavam unicamente lucrarem ou conseguir objetivos políticos através delas.

Portanto, concluímos colocando que a tecnologia e a organização interna e externa que eram empregadas nas primeiras emissoras criadas em Goiás na década de 1940, eram dirigidas por indivíduos que buscavam atender aos interesses das classes dominantes, elaborando uma comunicação que correspondia aos seus interesses sendo assim uma comunicação autoritária, vertical. E a tecnologia utilizada contribuiu para que essa comunicação fosse transmitida para longas distâncias o que reforçou ainda mais a reprodução da comunicação vertical, uma vez que atingia um grande número de pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do rádio em Goiás é mais complexa do que imaginamos no início desta pesquisa. Diversas questões contribuíram para esta complexidade, entre elas, e fundamentalmente, a questão de ser o rádio um fenômeno social fruto das relações sociais. Assim, integrante da sociedade acaba sendo expressão de um contexto histórico mais amplo, dentro do qual sofre profundas interferências e onde vão sendo estabelecidas as suas especificidades. Assim, para a compreensão da origem e da história das primeiras emissoras de rádio no Estado de Goiás, foi fundamental partir da totalidade existencial do rádio, desde as formas primitivas de comunicação, passando pelo aparecimento dos meios de comunicação, chegando ao surgimento dos meios tecnológicos de comunicação.

Agora, o principal dificultador no desenvolvimento desta pesquisa foi a inexistência de bibliografias que tratasse especificamente sobre esta temática. Além disso, muitas das informações existentes não contribuíam para a fidedignidade de sua história. Foi necessária uma busca intensa e ampla de informações, ultrapassando inclusive o campo radiofônico, para se chegar a uma conclusão sobre os acontecimentos que envolveram as primeiras emissoras.

Grande parte dos profissionais que trabalham hoje no rádio, aqueles que estão há mais tempo neste campo profissional, por exemplo, não têm conhecimento da origem do rádio no Estado. O que sabem se baseia em suposições. Inclusive esta foi uma das razões de grande parte deles dirigirem a indivíduos x ou y, ou a emissora b ou c, o pioneirismo do rádio em Goiás. Além disso, um fato que nos chamou a atenção durante esta pesquisa, é que o pioneirismo do rádio no Estado é algo desejado pela maioria daqueles que estão envolvidos de forma direta ou indireta com as primeiras emissoras de rádio. Isso era mais evidente e repetido pelos entrevistados, principalmente pelos locutores que trabalharam nas primeiras emissoras. Até mesmo determinados radialistas de tempos posteriores à década de 1940, dedicam à emissora que trabalharam o pioneirismo do rádio goiano. Este acontecimento de certa forma nos proporcionou certa dificuldade para tratar as informações que adquirimos já que muitos enfatizavam o pioneirismo e deixavam muitas vezes de lado, os aspectos mais específicos que envolviam as emissoras.

Por fim, tivemos dificuldade em realizar em tempo hábil esta pesquisa devido a questões financeiras. Muitas fontes, orais fundamentalmente, residiam em cidades distantes de Goiânia, o que demandou tempo e condições financeiras para a locomoção e a estadia nestes lugares, uma vez que para conseguir as informações necessárias que possibilitasse a sistematização desta história tivemos que realizar várias viagens.

Outra questão é que algumas pessoas que possuíam informações valiosas sobre a origem do rádio não passavam estas informações no primeiro contato. Foi preciso um pouco mais de tempo para convencê-las da sua importância para esta pesquisa. Mesmo assim, algumas fontes orais, como é o caso da Norma de Alencar, locutora da rádio Clube de Goiânia e esposa de Sílvio Medeiros, não quis nos conceder uma entrevista. A mesma ainda se encontra viva e pode ser uma fonte de informações que venha contribuir para o conhecimento da história do rádio no Estado. Mesmo com a conclusão desta pesquisa, continuaremos tentando convence-la da sua importância para a história do rádio em Goiás e a nos conceder uma entrevista, o que poderá ser uma contribuição para a segunda parte deste estudo que será proposto para um projeto posterior, para retratar a história do rádio em Goiás no período de 1950 e 1960.

Em relação ao tratamento dado às informações conseguidas através de entrevistas, foi o que demandou mais tempo, mais leitura e principalmente muitos dados para não correr o risco de utilizá-la de forma precipitada. Desde o primeiro entrevistado, que foi Sílvio Medeiros, cuja entrevista foi realizada ainda em 2003, as informações passadas não confluíam com outras. Neste caso, foi de fundamental importância os documentos de jornais, tanto de arquivos de vários jornais de Goiânia, quanto de Anápolis e de Ipameri, cidades nas quais surgiram as primeiras emissoras. Assim, relacionando uma informação com outra e à luz da historiografia goiana e da teoria do rádio é que esta história aqui contada pôde ser organizada e tomar uma seqüência lógica e aproximadamente coerente com a forma que ocorreu no passado.

A razão de ser do segundo capítulo remonta esta tentativa de organização das informações num plano um tanto quanto descritivo e cronológico. O que está sistematizado é o que conseguimos em termos de informações. Deixamos alguns aspectos que não foram abordados neste capítulo para serem utilizados no terceiro capítulo, na tentativa de evitar a tautologia, embora tenhamos plena consciência que em alguns momentos foi impossível

evitar a sua realização. Uma questão que nos chamou a atenção foi a “quase” inexistência da questão religiosa no rádio em Goiás neste período. Apenas a rádio Xavantes de Ipameri mantinha um programa religioso que era coordenado por padres que residiam na região. Em Ipameri existiu também um sistema de alto-falantes (Cruzeiro) que era de propriedade de protestantes. Além desses, nenhum dos dados que conseguimos demonstra a relação de outras emissoras de rádio da década de 1940 com a igreja, o que muda, de forma incisiva, na década posterior, pois, logo no início de 1950, surgem diversas emissoras com caráter religioso. A primeira emissora religiosa é construída em Goiânia e surge do sistema de alto-falantes Marisa que é transformado na rádio Difusora, de propriedade da Cúria Metropolitana de padres católicos, existente até hoje. Enfim, a inexistência de bibliografias sobre o rádio goiano na atual circunstância, pode ser daqui para adiante, revertida em passado e dar início agora ao processo de aprofundamento nas reflexões e análises de fatos relacionados ao rádio em Goiás, que por ventura vierem à luz, e das informações esboçadas neste texto.

As conclusões aqui colocadas, no entanto, não foram expressas de forma aleatória, preservando assim o valor das informações conseguidas. Durante o processo de realização desta pesquisa, os dados, de certa forma, nos direcionaram a sistematizar este estudo de uma determinada forma, como se já estivesse pré-estabelecida a sua estrutura formal. Foi nesse sentido que surgiu o primeiro e o terceiro capítulo. Muitos dados eram incompreensíveis sem o suporte teórico e mesmo sem informações da historiografia do rádio e da historiografia goiana. Daí surgiu a necessidade de uma discussão teórica que foi realizada no primeiro capítulo. E diante das informações e tendo em vista o aspecto teórico e historiográfico, foi então que se originou o terceiro capítulo e suas subdivisões.

O segundo capítulo já era uma pretensão a priori, pensada logo no início da pesquisa. Mediante a reflexão dos dados conseguidos percebemos a ampla ligação que os elementos constituintes do rádio (programações, profissionais, a própria emissora etc.) mantinham com as relações sociais no qual as primeiras emissoras foram criadas. Goiás passava por algumas mudanças sociais profundas (tanto econômica, quanto política, cultural etc.) cujo principal incitador destas “transformações” estava no modo como ocorria a produção no Estado. Goiás já estava cercado pelo capitalismo e seu avanço sobre as terras goianas determinou, concomitantemente, o modo de existência das emissoras. Daí surge o

primeiro tópico do terceiro capítulo, onde o objetivo principal foi o de retratar aqueles dados referentes às primeiras emissoras que vislumbrava esta relação que as mesmas mantinham com o contexto histórico proveniente da relação avassaladora do capitalismo sobre as formas pré-capitalistas de produção ainda existentes no Estado.

A idéia do segundo tópico vem da mesma direção do anterior. Naquele contexto o Brasil e vários países do mundo estavam submetidos aos ditames do Estado ditatorial. O avanço do capitalismo necessitava da ação do Estado para sobreviver e determinados partidos assumiram esta missão de criar as condições políticas favoráveis para a sua manutenção. O rádio foi um dos principais meios de comunicação utilizado nesta estratégia política do Estado. Assumiu formas diferentes em sua utilização em vários países, e mesmo internamente aos parâmetros nacionais, tomou feições desiguais. É fácil imaginar o quanto representou uma força para as estratégias políticas do Estado quando naquele contexto a televisão ainda não vislumbrava a sua criação. O rádio era o único meio de comunicação à distância em que a comunicação poderia ocorrer de forma imediata. As informações reproduzidas e divulgadas através de jornais e revistas demoravam a chegar à população uma vez que depois de colhida necessitava ser passada para o papel, levada para a gráfica, impressa e posteriormente distribuída. Com o rádio, a comunicação acontecia de forma instantânea. Se se morria alguém na esquina vítima da ação de determinados coronéis, antes mesmo de o cadáver esfriar a informações já era passada para várias partes do país, bastava que o locutor falasse diante do microfone, e aquela informação saía nos alto-falantes dos receptores espalhado nas várias partes do Estado, enquanto que nos jornais a informação sairia semanas depois.

O rádio, portanto, era o meio hegemônico de comunicação e foi sua eficiência, amplitude que atingia e a possibilidade ágil de comunicação que o fez ser utilizado pelo Estado como instrumento político. Por isso a necessidade de esclarecer as especificidades desta relação em um tópico onde foi discutida a relação do rádio com o Estado e com partidos políticos.

Por fim, o quarto capítulo pode ser encarado como uma “exceção” no que concerne à sua criação pela direção dada pelos dados conseguidos, embora, posteriormente, fomos vislumbrando a sua real necessidade. Este surgiu no processo de qualificação desta pesquisa no programa da universidade, em que os professores da banca, juntamente com o

orientador, sugeriram que fosse realizada uma discussão da cultura do rádio goiano. Num primeiro momento parecia não ser possível esta idéia, contudo, após o fechamento do terceiro capítulo muitos dados não haviam ainda sido retratados, foi quando esta sugestão da discussão cultural do rádio possibilitou de forma fundamental, nesse quarto capítulo a conclusão sistemática desta pesquisa.

Durante o processo de desenvolvimento deste estudo, no entanto, percebemos o quanto a história da origem do rádio em Goiás é ainda desconhecida. Até mesmo os primeiros locutores demonstravam insegurança quando afirmavam que a rádio Clube foi a primeira emissora de rádio em Goiás. Percebia-se que diziam isso tendo em vista a sua experiência vivida na emissora somente, expressando um conhecimento desassociado de seu contexto mais amplo, dando a entender que não conheciam nada além da história daquela emissora. Outros chegaram a afirmar que a primeira emissora foi, na cronologia de surgimento do rádio em Goiás, a rádio Brasil Central, sendo esta a quarta emissora fundada em 1950. Outra questão é que a maior parte das informações que os radialistas e profissionais do rádio conhecem é proveniente de acontecimentos ocorridos nos anos de 1950 em diante. Isso fica claro em um trabalho de final de curso realizado por alunos de graduação da faculdade Alfa de Goiânia. O título também se referia à história do rádio em Goiás, no entanto, se refere especificamente à rádio Clube, sem mencionar as outras emissoras e outras formas de comunicação que ocorreram no Estado antes mesmo da rádio Clube entrar em atividade, e ainda, os dados que possuem não trata da emissora nos anos de 1940 e sim dos anos posteriores a 1950. Mesmo assim, isso não tira os méritos desta pesquisa, é um excelente trabalho de vídeo que trata da história da rádio Clube de Goiânia.

Enfim, chegamos à conclusão que a história do rádio em Goiás remonta à década de 1940. Uma história que tem seu embrião em 1920 quando ocorrem as primeiras experiências de comunicação por intermédio de instrumentos tecnológicos no Estado através de telégrafos. Após os telégrafos surgem os sistemas de alto-falantes, muitos dos quais foram transformados posteriormente em rádio emissoras. É no início de 1942 que surgem as primeiras experiências de transmissão comunicacional no Estado para receptores, e isso ocorre em Anápolis através da Amplificadora Cultural. Em julho de 1942 entra em atividade a rádio Clube de Goiânia. Quatro anos depois voltamos novamente para Anápolis onde é inaugurada em 1946 a rádio Carajás e por fim, em 1947, surge a rádio

Xavantes de Ipameri, fechando assim, esta história da origem do rádio em Goiás que aqui foi tratada nos seus três primeiros anos de existência.

Com o rádio o Estado sai do ostracismo e é levado a ser conhecido além de suas fronteiras. Informações eram enviadas por emissoras e também eram recebidas pelos receptores que passaram a divulgar constante e concomitantemente uma comunicação pautada em aspectos axiológicos, vertical, voltada para a divulgação dos interesses estatais e ao mesmo tempo para a divulgação cultural referenciada pelos valores e costumes norte-americanos. Goiás, a partir de então, não seria mais o mesmo. Os costumes da população deste Estado seriam amplamente modificados e a educação social receberia um novo aliado em direção à ampliação e expansão do capitalismo através das ondas do rádio.

Após toda esta discussão expressamos a nossa satisfação em contribuir com a historiografia goiana, oferecendo este material que possa ser utilizado daqui para frente por outros pesquisadores, e que estes possam traçar as suas críticas e até mesmo rever os dados aqui apresentados e assim, avançar e lapidar esta história que era desconhecida até então. E assim podemos finalizar expressando que foi esta a história do rádio em Goiás no período de 1942 a 1947.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 1985.

ARAÚJO, Carlos Alberto. **A Pesquisa Norte-Americana**. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., e FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teoria da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

AZEVEDO, Lia Calabre de. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **A Participação do Rádio no Cotidiano da Sociedade Brasileira (1923-1960)**. Curitiba, Ciência & Opinião, V. 1, n.2/4, jul. 2003/dez. 2004.

\_\_\_\_\_. **Políticas Públicas Culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque**. Estudos Históricos, Mídia, n. 31, 2003.

\_\_\_\_\_. **Na Sintonia do Tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica**. Niterói, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Historiador e o Rádio: relações em questão**. São Paulo, Intercom, 2005.

BAGDIKIAN, Bem H. **O Monopólio da Mídia**. São Paulo, Página Aberta, 1993.

BENJAMIM, Walter. **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. In: BENJAMIM, Walter. **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

BERGER, Christa. **A Pesquisa em Comunicação na América Latina**. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C., e FRANÇA, Vera Veiga (org.). **Teoria da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

BERNARDES, Genilda D'arc. **Construtores de Goiânia: o cotidiano no mundo do trabalho**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais/PUC, São Paulo, 1989.

BOARI, Adolfo. In: TELES, José Mendonça. *Memórias Goianienses: depoimentos*. Goiânia: UCG, 1985.

BORGES, Barsanufu Gomides. **Goiás nos Quadros da Economia Nacional: 1930-1960**. Goiânia, UFG, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Despertar dos Dormentes**. Goiânia, Cegraf, 1990.

BORGES, Pedro Célio Alves. **Formação e Representações do Estado em Goiás**. In: SOUZA, Dalva Borges (org.). *Goiás: Sociedade & Estado*. Goiânia, Cênone, 2004.

BORGES, Venerando de Freitas. **Samburá**. Goiânia, Autor, 1987.

BRECHT, Bertold. **O Rádio como Aparato de Comunicação: discurso sobre a função do rádio**. *Estudos Avançados*, vol. 21. n°. 60, São Paulo, Mai/Ago, 2007.

\_\_\_\_\_. **Teoria do rádio (1927-1932)**. In: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/664.html>. Acesso realizado em janeiro de 2008.

BRIGGS, Asa & BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

CALDAS, Waldenyr. **Cultura de Massa**. São Paulo, Global, 1986.

CAMPOS, F. Itami. **A Política Tradicional em Goiás: 1930 a 1960**. In: SOUZA, Dalva Borges (org.). *Goiás: Sociedade & Estado*. Goiânia, Cênone, 2004.

CAPELATO, Maria Helena. **O Estado Novo: o que trouxe de novo?** In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almedia Neves (Orgs). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CARONE, Edgard. **O Estado Novo (1937-1945)**. Rio de Janeiro-São Paulo, DIFEL, 1977.

CARVALHO, J. B. **Fragmentos da História de Ipameri**. Ipameri, Autor, 1958.

CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia, EDUFG, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital**. Goiânia, UFG, 1999.

COSTA, Marcelo Caetano da. **Getúlio Vargas e Pedro Ludovico**. In: Revista Oeste, Goiânia, Ano III, nº 23, dezembro de 1944.

CRUZ, Dulce Márcia. **A Rádio AM em Blumenau: Programas e Propagandas até os anos 80**. In: BIANCO, Nélia R. Del & MOREIRA, Sonia Virgínia (org.). **Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas**. Rio de Janeiro, UNB, 1999.

DEFLEUR, Melvin L & BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.

ESTEVAM, Luis. **O Tempo da Transformação em Goiás**. Tese (Doutorado em Economia) – Departamento de Economia/Unicamp, Campinas, 1997.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 30: historiografia e história**. São Paulo, Brasiliense, 1970.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis: sua vida, seu povo**. Brasília, Senado Federal, 1981.

FRANÇA, Basileu Toledo. **Cavalo de Rodas: a entrada do automóvel em Goiás**. Goiânia, Oriente, 1979.

FRANÇA, Vera Veiga. **O Objeto da Comunicação / A Comunicação como Objeto**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis, Vozes, 2001.

GALLI, Ubirajara. **A História do Batismo Cultural de Goiânia**. Goiânia, UCG, 2007.

GOLDFEDER, Miriam. **Por Trás das Ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

GRUNBERGER, Richard. **History of the Third Reich**. Apud. WYKES, Alan. **Goebbels: história ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Renes, 1975.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. **Comunicação e Organizações no Processo de Desenvolvimento – a função informativa dos técnicos**. Petrópolis, Vozes, 1975.

HOBBSAWM, Erich. **A Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOHLFELDT, Antônio. **As Origens Antigas: a comunicação e as civilizações**. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz C. & FRANÇA, Vera Veiga. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis, Vozes, 2001.

IANNONE, Leila Rentroia & IANNONE, Roberto Antônio. **O Mundo das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, Moderna, 1994.

IMPrensa, Associação Goiana. **Francisco Pimenta Netto, Pai do Rádio Goiano**. Goiânia, Jornal Da AGI, ano VI, nº 30, setembro de 2003.

JAMBEIRO, Othon. **A Radiodifusão Sob o Regime da Constituição de 1934**. Salvador, S/E, 2001.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre, AGE: EDIPUC, 2008.

KNEIPP, Valquíria A. Passos. **A Primeira Emissora de TV do Interior da América Latina**. Texto disponível em <http://www.redealcar.jornalismo.ufsc.br/cd3/audiovisual/valquiriapassoskneipp.doc>. Acesso realizado em 30 de julho de 2007.

LINHARES, Maria Yedda & SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **Terra Prometida: Uma História da Questão Agrária no Brasil**. Rio de Janeiro, Campus, 1999.

LOPES, Maria Immacolata V. Lopes. **O Rádio dos Pobres: comunicação de massa, ideologia e marginalidade social**. São Paulo, Loyola, 1988.

LOPES, Nildo Junqueira. **Ipameri nossa terra, Nossos bisavos, Nossos avos, Nosso pais...** Ipameri, p.p. s/d.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

MATTELART, Armand. **História da Sociedade da Informação**. São Paulo, Loyola, 2002.

MERTON, Roberto K. & LAZARFELD, Paul F. **Comunicação de Massa, Gosto Popular e a Organização da Ação Social**. In: ADORDO, et ali., *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

MESQUITA, Heli. Apud, AGI - **Imprensa Goiana: Depoimentos para a sua História**. Goiânia, AGI, 1980.

NEOTTI, Clarêncio. **Comunicação e Ideologia**. São Paulo, Loyola, 1980.

NETO, Francisco Pimenta. IN: **Imprensa Goiana: depoimentos para a sua história**. Goiânia, Cerne, 1980.

\_\_\_\_\_. **Anais do Batismo Cultural de Goiânia: 1942**. Goiânia, Biblioteca Pública Municipal, 1993.

NETTO, Samuel Pfromm. **Comunicação de Massa: Natureza, modelos, imagens; contribuição para o estudo da psicologia da comunicação de massa**. São Paulo, Pioneira, 1972.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira - Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. BORELLI, Silvia Helena Simões e RAMOS, José Mário Ortiz. **Telenovela: história e produção**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo, SUMMUS, 1985.

PALACIN, Luís. **História de Goiás**. Goiânia, UCG, 1989.

PASTORE, John O.. **A História das Comunicações**. São Paulo, Cultrix, 1964.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Cor, Profissão e Mobilidade: o negro e o rádio de São Paulo**. São Paulo, USP, 1967.

PERUZZOLO, Adair Caetano. **Comunicação e Cultura**. Porto Alegre, Sulina, 1972.

PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo, Summus, 1989.

REBOUÇAS, Edgard & MARTINS, Mariana. **Evolução da Regulamentação da Mídia Eletrônica no Brasil**. São Paulo, Intercom, 2007.

RIBEIRO, Andréa; BRITO, Fabiana & SILVA, Eliane Costa da. **O Estado Novo, o Rádio, e Seus Órgãos Reguladores**. INTERCOM, Campo Grande, 2001.

RIVERS, William L. & SCHRAMM, Wilbur. **Responsabilidade na Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro, Bloch, 1970.

ROCHA, Hélio. **Anápolis: e assim se passaram 100 anos**. Goiânia, Kelps, 2007.

ROSA, Joaquim. Apud, AGI - **Imprensa Goiana: Depoimentos para a sua História**. Goiânia, AGI, 1980.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual – teoria e prática do jornalismo no rádio, tv e cinema**. Petrópolis, Vozes, 1971.

SAROLDI, Luiz Carlo & MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

SASSE, Emygdio. IN: **Imprensa Goiana: depoimentos para a sua história**. Goiânia, Cerne, 1980.

SILVA, Ana Lúcia da. **A Revolução de 30 em Goiás**. Goiânia, Cãnone e Agepel, 2001.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo, Summus, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Burguesia Brasileira**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias Que o Rádio Não Contou**. São Paulo, Harbra, 1999.

TELES, José Mendonça. **A Imprensa em Goiás**. Goiânia, Jornal Da AGI, ano VI, nº 39, outubro de 2004a.

\_\_\_\_\_. **A Vida de Pedro Ludovico: fundação de Goiânia**. Goiânia, Kelps, 2004b.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e Ideologia**. São Paulo, Ática, 1992.

VEIGA, João. **Ipameri Histórico V. 2**. Ipameri, Kelps, 1994.

VIANA, Nildo (org.). **Indústria Cultural e Cultura Mercantil**. Rio de Janeiro, Corifeu, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Dinâmica Capitalista e Revolução proletária**. In: revista *Revolução*. Goiânia, V. 01, nº 01, outubro, 2007b.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

WIEDERHECKER, Clyce Louise, CHAVES, Elza Guedes & PEREIRA, Luís Araújo. **Memória Social de Trabalhadores da Construção de Goiânia**. Goiânia, CECUP/UFG, Caderno 2, vol. 1, 1987.

WYKES, Alan. **Goebbels: história ilustrada da 2ª Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Renes, 1975.

## ARQUIVOS DE JORNAIS E REVISTAS

AGI – Associação Goiana de Imprensa. **Nas ondas do rádio**. Jornal da AGI. Goiânia, ano VI, nº 38, outubro de 2004.

BARROS, Romeu Pires Campos. In: Jornal “O Popular”. **Rádio Clube Goiânia: aviso**. Goiânia, ano IV, 30 de julho de 1942.

CARVALHO, J. B. **Fragmentos da História de Ipameri**. Ipameri, p.p. s/d.

COSTA, Gerson de Castro. **A propaganda e o progresso de Goiaz**. In: Revista Oeste, Goiânia, ano III, nº 21, outubro de 1944.

FILHO, Marcondes. In: Jornal “O Popular”. **A função da imprensa em face do Estado de guerra**. Goiânia, ano IV, 12 de novembro de 1942.

Jornal Informação Goiana. **Linhas Telegráficas**. Rio de Janeiro, Anno V, Vol. IV, nº. 04, novembro de 1920.

Jornal Informação Goiana. **A Nossa Propaganda no Exterior**. Rio de Janeiro, Anno VII, Vol. VII, n°. 11, junho de 1924.

Jornal “Ypameri”. **Alto Falante na Praça da Liberdade**. Ipameri, novembro de 1927.

Jornal Informação Goiana. **O Rádio em Goiás**. Rio de Janeiro, Anno XIV, Vol. XVIII, n°. 07, fevereiro de 1930.

Jornal Informação Goiana. **Força e Luz de Anápolis**. Rio de Janeiro, Anno XVII, Vol. XVII, n°. 06, janeiro de 1933.

Jornal “O Anápolis”. **Estação Rádio-Emissora**. Anápolis, Ano VI, Num. 235, de 13 de outubro de 1940.

Jornal “O Popular”. **Rádio Emissora**. Goiânia, ano III, 19 de janeiro de 1941.

Jornal “O Anápolis”. **Rádio, instrumento de aproximação**. Anápolis, Ano VI, Num. 259, de 16 de fevereiro de 1941.

Jornal “O Popular”. **Registro de aparelhos de radiodifusão**. Goiânia, ano III, 23 de março de 1941.

Jornal “O Anápolis”. **Reparo de rádio receptores**. Anápolis, Ano VII, Num. 278, de 04 de maio de 1941.

Jornal “O Popular”. **Casa Rádio Luz**. Goiânia, ano III, 29 de maio de 1941.

Jornal “O Popular”. **Obtida a licença para a montagem da Estação radiodifusora**. Goiânia, ano III, 23 de agosto de 1941.

Jornal “O Popular”. **Tomada as providências para retirada dos pobres das ruas de Goiânia**. Goiânia, ano IV, 01 de janeiro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Em busca da Felicidade: inicia-se a transmissão dos grandes episódio da vida real...** Goiânia, ano IV, 22 de janeiro de 1942.

Jornal “O Anápolis”. **Amplificadora Cultural de Anápolis**. Anápolis, Ano VII, Num. 332, de 11 de janeiro de 1942.

Jornal “O Anápolis”. **Rádio Transmissora Anapolina, S/A**. Anápolis, Ano VII, Num. 233, de 18 de janeiro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Começou a Distribuição de Gêneros aos Pobres.** Goiânia, ano IV, nº 334, 15 de janeiro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Já se encontram nesta Capital os técnicos que vão montar a Rádio C. de Goiânia.** Goiânia, ano IV, 05 de fevereiro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Já foram colocadas as antenas da rádio emissora desta Capital.** Goiânia, ano IV, nº 353, 26 de março de 1942.

Jornal “O Popular”. **Já se acham em Goiânia os aparelhos da emissora.** Goiânia, ano IV, 14 de maio de 1942.

Jornal “O Popular”. **Rádio Clube Goiânia: aviso.** Goiânia, ano IV, 30 de julho de 1942.

Jornal “O Popular”. **A ação do novo Diretor Geral do D.I.P..** Goiânia, ano IV, 02 de agosto de 1942.

Jornal “O Popular”. **Reformas de Rádios.** Goiânia, ano IV, 04 de outubro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Um avião da F.A.B. atacado pela rádio de Berlim..** Goiânia, ano IV, 12 de novembro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Programação da Rádio Clube de Goiânia..** Goiânia, ano IV, 06 de dezembro de 1942.

Jornal “O Popular”. **Diretor Geral do DEIP.** Goiânia, ano IV, 24 de dezembro de 1942.

Jornal “O Anápolis”. **ANTENA – Revista de Rádio.** Anápolis, Ano IX, Num. 405, de 20 de junho de 1943.

Jornal “O Ipameri”. **Rádio Chavantes.** Ipameri, Ano 25, de 05 de março de 1947.

Jornal “Folha do Povo”. **Uma Emissora em Ipameri.** Ipameri, junho de 1947.

Jornal “O Liberal”. **Rádio Chavantes.** Ipameri, Ano I, Num. 23, de 30 de outubro de 1947.

Jornal “O Annapolis”. **A Grande Força!**. Anápolis, Ano XV, Num. 901, de 24 de julho de 1949.

NASCENTE, Hélio. **Sílvio Medeiros: um artista que se foi**. Jornal da AGI. Goiânia, ano VIII, nº 49, junho de 2006.

REVISTA GOIANIDADE. Documentário 115. **Nas Ondas do Rádio**. Goiânia, AGI, 1992.

REVISTA OESTE. Ano III, num. 12, janeiro de 1944.

## FONTES ORAIS

ALARCÃO, Adolvando Carlos. Ouvinte e participante assíduo dos programas de auditório da rádio Xavantes de Ipameri desde os primeiros programas daquela emissora. Entrevista realizada no dia 27 de dezembro de 2007.

BARROS, Juvenal de. Um dos primeiros locutores da rádio Carajá de Anápolis. Entrevista realizada no dia 02 de agosto de 2007.

CEVA, Rafa Daher. Esposa do proprietário e fundador da rádio Xavantes de Ipameri, César Augusto Ceva. Também o acompanhou no início da emissora em 1947. Entrevista gravada no dia 27 de dezembro de 2007.

JÚNIOR, Fernando Cunha. Locutor da rádio Carajá de Anápolis no início da década de 1950, mas que viveu alguns momentos no início da emissora, em 1946. Entrevista gravada em 10 de maio de 2007.

JÚNIOR, José Cunha. Foi um dos primeiros locutores da rádio Clube de Goiânia ainda em 1942. Entrevistado em julho de 2006.

MEDEIROS, Sílvio. Foi locutor da rádio Clube de Goiânia, convidado por José Cunha Júnior pra trabalhar naquela emissora. Participou também como ouvinte dos programas de auditório da amplificadora MARISA, que se localizava na praça Joaquim Lúcio no bairro Campinas. Entrevista realizada em outubro de 2003.

MENESES, Walter. Foi fundador da primeira agência de publicidade de Goiás, no início da década de 1950. Comprava horários da emissora para fazer programas de seu interesse e teve algumas participações na rádio Clube na década de 1940. Entrevista realizada no dia 29 de março de 2007.

# APÊNDICES

**SUMÁRIO REFERENTE AOS APÊNDICES**

<b>Entrevistas</b>	<b>Página</b>
1. Sílvio Medeiros .....	192
2. Walter Meneses .....	202
3. José Cunha Júnior.....	214
4. Fernando Cunha Júnior .....	220
5. Juvenal de Barros .....	224
6. Rafa Daher Ceva .....	236
7. Adolvando Carlos de Alarcão .....	238
 Texto escrito por Rafa Daher Ceva no qual descreve a biografia de César Augusto Ceva .....	 241
 FOTOS .....	 245

## ENTREVISTA COM SÍLVIO MEDEIROS

*Goiânia, outubro de 2003.*

*1) O que você tem a falar sobre a época que esteve no rádio?*

*Resp.:* eu com 16 anos, já comecei a ouvir rádio. Ouvia rádio a Rádio Nacional do Rio e a Rádio Tupi de São Paulo, que entrava aqui em Goiânia com uma potência muito boa. Agente ouvia claramente aqui. Eu acompanhava a programação todinha. Eu fui ficando fascinado pelo rádio. Em 1943, eu com 13 anos, começa a rádio Clube de Goiânia ali na avenida Tocantins, ali no Centro. Improvisaram ali uma residência e estava lá a rádio. E eu comecei a freqüentar a rádio, sapiar. Naquele tempo agente chamava sapiar, ficava sapiando a rádio lá. Então lá trabalhava o Cunha Júnior, Diamerô, Wilmar Guimarães, que foi deputado aí, conhecido na época e o Venerando de Freitas Borges que foi o primeiro prefeito de Goiânia e que foi também o presidente da Rádio Clube de Goiânia. Era 1230 a freqüência da Rádio Clube. Depois Virou Rádio K, agora é Rádio 730. Mas foi a rádio onde eu comecei. Comecei com meus 18 anos eu fiquei lá sapiando. Não antes um pouquinho. 16, 17 anos. Eu fiquei lá sapiando uns 3 a 4 anos. Até aparecer uma brecha de locutor lá. Aí eu comecei a trabalhar no rádio, com locução comercial. E aí foi que eu comecei minha carreira do rádio. Sem carteira profissional, sem nada. Em 1950 inaugura a RBC Brasil Central, pelo engenheiro Coimbra Bueno. E eles criaram lá o slogan de Fundação Coimbra Bueno pela nova capital do Brasil. E a rádio Brasil Central era uma potência. Atingia o país inteiro naquele tempo não tinha essas redes de celulares, não tinha tanta estação de rádio. Então o som era bem distribuído mesmo. O Brasil inteiro ouvia. Eu tenho cartas aí de todos os lugares do Brasil. Programas que eu fazia na Rádio Brasil Central. Então. Foi lá que eu realmente me profissionalizei. Aí carteira assinada. Fiquei 10 anos na Brasil Central. Comecei como locutor, depois passei a animador de auditório, lá eu fiz rádio teatro. Aí eu voei, criei espaço lá e voei na rádio viu. Cheguei inclusive a parar os estudos. Fiz o Ginásio, parei só pra dedicar ao rádio.

As primeiras namoradas, logo que casei cedo com 23 anos. E tudo por conta do rádio. Comércio ainda pequeno aí em Goiânia. E até hoje ainda não sei como é que consegui sustentar a família, criar filhos com o rádio. Numa capital totalmente diferente da de hoje, comércio pequeno. Gente que não sabia, nem sabia como era a propaganda, quê que usava de propaganda aquela coisa e tal. Então foi uma verdadeira escola, pra mim, como para os anunciantes também. Aí fui arrancado. Depois vim pra rádio anhanguera, depois de 10 anos fui pra rádio anhanguera, fiquei na rádio anhanguera uns 5 anos. Depois começou a televisão. Ai começou os programas que eu tinha no rádio, adaptei para a televisão. Pagaram uma viagem pra mim, pro Rio, São Paulo, pra ver como é que fazia televisão. Sempre fui autodidata. Naquele tempo não tinha universidade de comunicação, de jornalismo, não tinha nada disso. Aquilo ali é que a gente gostava de fazer tomava amor pela coisa e fazia. Na época do Juscelino Kubitchec, o presidente da república, é que ele baixou um decreto que todo profissional que tivesse 10 anos de carreira, passaria a ser considerado jornalista né. Homem de imprensa, eí eu passei a ser jornalista no governo do Juscelino Kubitchec nos direitos de trabalhistas e de jornalistas.

É tanta coisa pra contar que não sei aonde vai, a gente, não sei o que você deseja saber...

2) *Quando estava no rádio, utilizava o seu nome mesmo ou tinha algum codinome?*

*Resp.:* Eu num preocupava muito com nome não. Mas eu, desde o colégio, o Liceu, que no Liceu tinha o grande líder teatral Carlos Gomes, no Liceu. Lá eu mexia com teatro. E gostava de contar anedota. Eu ouvia os grandes humoristas lá no Rio, São Paulo, o Golias que estava começando, o... aquele que imitava lá o Pinto Melo, o... Silvino Neto, pai desse tal Silvino, trabalha na Globo, é pai dele. Silvino Neto foi um dos grandes humoristas do Brasil, que imitava diversos tipos de vozes. E eu copiava o Silvino Neto, então eu gostava de contar piada no Liceu e a turma gostava. Então, desde lá eu já comecei a usar Sílvio Medeiros, Sílvio Medeiros... Então não precepei com... Meu nome todo é Silvio de Macedo Medeiros. Meu povo Macedo é de Goiás e o Medeiros é do norte lá do Maranhão que é do meu pai, mas meu nome sempre passou a ser Sílvio Medeiros.

3) *Na época que entrou no rádio teve alguém em especial que lhe ajudou que entrasse como locutor?*

*Resp.:* Como eu falei, eu era um sapo né. Lá tinha o Cunha Júnior, tinha o pessoal que me conhecia, tinha o Beuchór. Muito conhecido da gente, muito amigo da gente. E um dia faltou um locutor e eles falaram... ó ta faltando um locutor aí, cê podia pegar essa brecha aí. Aí eu peguei e comecei a falar. Eles gravaram lá, naquele tempo era gravador de fio, gravador grande, gravador de fio. Não era nem de fita, gravador de fio. Gravador alemão. Eles gravaram minha locução. Eu ouvi minha voz pela primeira vez fiquei emocionado né. naquele tempo não tinha a tecnologia de hoje, de você ouvir sua voz né. Maravilha. Aí me entusiasmei, fui me entusiasmando, fui entrando no rádio. Na rádio Brasil Central aí não teve ajuda não. Aí foi com cento e tantos candidatos. Eram dez locutores pra rádio Brasil Central. Aí veio gente de Inhumas, de Anápolis, de Anápolis então nem se fala. De Itumbiara, veio gente até de Minas Gerais, por que a rádio estourava por aí a fora. Precisamos de locutores, não sei o quê, tal. Eu lembro que eu fui o primeiro locutor a dizer, eu falava no microfone, então tava lá na beira do *Meia Ponte*, os estúdios estavam sendo construídos aqui na Avenida Anhanguera 20, bem aqui na baixada aqui, perto do setor universitário. Eu fui o primeiro locutor a dizer: Você ta ouvindo a rádio Brasil Central em caráter experimental de Goiânia Goiás, Fundação Coimbra Bueno pela nova capital do Brasil. Sujeito ligava o telefone se não vinha passava telegrama, pessoal ficava louco, vê falar em nova capital. Em 1950 você falar em nova capital.

Mas como aconteceu com Goiânia, essa coisa de mudar a capital pra Goiânia, Coimbra Bueno, parece que pra repicar ou rebater o Pedro Ludovico. Vou trabalhar pra mudança da capital. E mandou brasa nesse negócio aí. Teve um marechal na mudança. Ele, o José Ludovico, primo do Pedro Ludovico. Eles uniram a família de Moura Pacheco. Uma comissão muito grande e começou a apertar, apertar. Juscelino se candidatou a presidente, veio aqui pra Goiás, eles foram pra lá. Tem até um filme que eles estão passando aí, um sujeito, de um fazendeiro conhecido que... disse... se o sr. prometeu mudar realmente a capital, o senhor vai mudar a capital e o Juscelino teve que prometer na campanha dele. Ce pode escrever que eu vou mudar a capital aqui pra Goiás. Tem isso na história.

Então eu fiz parte desse negócio também, eu fiz parte dessa mudança, eu coloquei meu tijolinho também. É outra coisa que me emocionou demais né!!!

Quem veio construir aqui, inclusive é muito pouco lembrado, as homenagens vão todas para o Pedro Ludovico. Igual o Jerônimo, que morava no Rio de Janeiro, formado em

Arquitetura, e o irmão dele era engenheiro, chefe de construção e o Coimbra Bueno era arquiteto. São goianos, nascidos aí em Goiás. Inclusive, não tenho certeza, mas me informaram que ele é da família de Bartolomeu Bueno da Silva. Faz parte dessa família. O Bandeirante que ta ali na praça do Bandeirante. É da família. Inclusive é descendente né! Então, é ele que veio construir Goiânia. Quando eu falo construir assim. Pedro Ludovico falou... Ó eu não tenho dinheiro, vocês são goianos, eu to precisando de mudar a capital e quero convocar vocês pra me ajudar a construir Goiânia. Então eles vieram. Tinham muito capital, família rica, nessa época ganharam muito dinheiro. Coimbra Bueno e companhia no Rio, São Paulo. Companhia grande, companhia construtora, fizeram a barragem, ganharam muito dinheiro.

Então eles largaram lá e vieram construir Goiânia pro Pedro Ludovico. Pedro Ludovico não tinha dinheiro. Ele falou, ó vou pagar vocês com terra. Aí foi quando surgiu o setor Coimbra, setor Bueno. Então Pedro Ludovico entregou esses setores, valorizou esse setor, entregou por um valor pra pagar a companhia. Eles trouxeram operário. Fizeram a av. Goiás, av. Tocantins, construíram os palácios, as primeiras obras, agência do Banco do Brasil. Tudo foi o Coimbra Bueno que construiu. Com o idealismo do Pedro Ludovico. Né. Eu até acho que o Coimbra Bueno merecia um pouco mais de homenagem nessa história.

Eles convidaram o Atílio Corrêa Lima. Foi um urbanista. Não sei se você já ouviu falar nele. A praça do Bandeirante, não era praça do Bandeirante, era praça Atílio Corrêa Lima. Aí o Ademar de Barros, Governador de São Paulo doou aquela estátua lá, pro Bartolomeu, pra Goiânia, pro Estado. Aí eles colocaram lá e virou praça do Bandeirante. Mas o registro mesmo da praça é praça Atílio Corrêa Lima, que foi o urbanista de Goiânia. O que foi lá em Brasília, foi o... o que fez o avião lá... o... Lúcio Costa, urbanista de Brasília. Então foi ele que fez, por que era pra a capital Vera Cruz, então ele fez tipo uma cruz, se você pegar a planta estrutural de Brasília é uma cruz, parece um avião né. Parece um avião. É a planta de Brasília. E Goiânia, o Atílio Corrêa Lima fez homenagem à Nossa Senhora. Cê pega a praça do Bandeirante, põe a avenida Goiás, Tocantins e Araguaia, cê vê o manto de Nossa Senhora direitinho. A Paranaíba em Baixo. Que é o centro de Goiânia. São coisas que ficou na história aí né.

#### *4) Se lembra da forma que esse rádio veio pra Goiás?*

*Resp.:* Em Goiânia começou em Campinas. Ali era cede da fazenda do coronel Joaquim Lúcio, tem a praça lá, Joaquim Lúcio. Onde é a rádio Difusora. Onde é a rádio Difusora, era um serviço de alto-falantes, serviço de altos falantes Marisa. Eu tenho a impressão que toda estação de rádio na cidade do interior do Brasil, talvez até inclusive no Rio, São Paulo veio primeiramente com alto-falante. Subia o alto-falante em cima de um prédio e rodava as músicas, esse chapadão... xiuxiu... chiado, aquele trem né... a praça sempre cheia de gente lá em baixo, papeando, paquerando, essas coisas lá. Aí eu falava assim: De Antônio oferece pra Maria o disco tal, com Waldick Soriano, sei lá, com Francisco Rosa, tal... Com alto-falante, serviço de alto-falante. Aí vinha o anúncio né... ò se tem problema compra o remédio na farmácia tal... aí começou a idéia do mercado... né, marketing do mercado né... de rádio né. Aí começou. Aqui em Goiânia, por exemplo, foi assim. O rádio começou com serviço de alto-falante. Serviço de alto-falantes Marisa, onde é a rádio difusora lá, no mesmo prédio. Só que o prédio, se não me engano, é um pouquinho mais alto. E a praça Joaquim Lúcio ficava lotada. Especialmente no domingo. Gente pegava o ônibus aqui, Tereca, eles chamavam ele de Tereca, ônibus véi pra daná. Passava ali no lago das rosas,

era um atoleiro danado. A gente ia lá pra Campinas pra namorar, paquerar. E curtir o alto-falante. Então ce chegava lá, e pagava não sei quanto lá. Aí ó. Tem aquela menina lá de vestido vermelho, muito bonita, procura saber o nome dela... É Tereza, num sei o quê lá. Procurava saber o nome dela. Diz que Silvio oferece pra Tereza a música tal, pa pa pa, admiração, pa pa pa. Então era uma maneira de conquistar as menina lá.

O rádio começou desse jeito. Aí eu tinha meus 13 anos, 14 também. No tempo que eu sapiava. Mas eu curtia o alto-falante já. E doido pra falar também lá. Doido pra falar no microfone, eles não me deixava de jeito nenhum.

5) *Existiam aparelhos receptores nesta época?*

*Resp.:* Rádio Marisa chegou a colocou um, é... família Sás... deve ser muito homenageada... família Sás. Eles começaram, depois que eles compraram o alto-falante. Os dois irmãos, irmãos Sás... Inclusive eles passaram no teste da Rádio Brasil Central comigo, eu fui o terceiro colocado. O Sás parece que foi o segundo, uma menina, a Délia Pereira ficou em primeiro lugar. Tirei em terceiro. Nas dez vagas. Pra entrar na Rádio Brasil Central. Aí começou minha carreira de profissional.

Mas esse Sás, no serviço de alto-falante, ele chegou a comprar um transmissorzinho. E chegava a ouvir ali nos quarteirões, tal. Tudo com cristal, radiozinho com cristal, você ouvia. Foi quando começou então. Além do alto-falante. Começou a ouvir. Depois veio fiscalização porque não podia né. Não tava legalizado, porque começou a aumentar a potência né. Aí chegou a ouvir em Trindade. Aí veio a fiscalização e teve que parar.

Aí veio a Rádio Clube e dominou já. Aí aumentou, e aí já estourou né. Veio transmissor forte né. Aí começou a história do rádio. E eu conheci o começo de tudo. Não só rádio, como televisão. Eu vi quando começou televisão também, aqui. Eu assustei quando fui lá no Rio, São Paulo. A primeira televisão que chegou foi a Tupinaurca, lá no Rio de Janeiro. Eu fiquei lá, parece que doze ou quinze dias. Depois inauguraram a Tupi de São Paulo. Mais moderna, mais moderna. Aí eu fui pra São Paulo, lá ver como é que fazia. Aí conheci os grandes artistas da época, os cantores, diretores tal. Aí fui ver como é que fazia televisão.

Eu era pra dirigir a rádio Anhanguera. Quando cheguei aqui, não entendi isso até hoje. Até hoje não entendi isso. Aí a rádio já tava toda tomada pela minerada. José Divino, Magda Santos, Coronel Hipopota, assumiram a televisão e eu fiquei de fora. Pagaram pra mim estadia, viagem, me financiaram todim pra mim aprender televisão, quando cheguei aqui pra dirigir a televisão, me deram um prejuízo, porque eu parei de trabalhar no rádio, na tv também, no começo da tv, perdi patrocinador, foi um baque danado. E não adiantou chiar não. Eu já era casado. Foi um baque que eu vou te contar. Não foi mole não. Até hoje eu reclamo isso aí. Deixo no ar aqui também essa minha reclamação. Foi uma injustiça que fizeram comigo que eu não entendi até hoje. Pessoal tudo da minha cidade, Araguari, Uberlândia, pessoal do triângulo mineiro. Nasci lá só também né, porque me considero goiano. Aí quando cheguei aqui pra dirigir, eles disseram, não você vai lá pra ajudar a dirigir a tv. Quando cheguei aqui não tinha vaga pra mim não. Veio a família Carvelo, não sei mais quem aí, tomar conta da televisão. Acho que eles botaram dinheiro lá, financiaram a Jaime Câmara e tchau Medeiros. Quer saber de você aqui não. Fica registrado isso aí. A minha mágoa do tempo do rádio é isso aí.

Mas não atrapalharam a minha carreira não. Eu estou aqui até hoje.

6) *E depois disso, o que você fez?*

*Resp.:* Eu voltei pro rádio e televisão. Aí voltei pra Rádio Clube. Lá era tv e rádio Clube. Sabe de onde era o transmissor da tv? O transmissor da Tupi do Rio de Janeiro. Já estavam obsoletos. Já estavam velhos. Já foram trocados, porque naquele tempo a tecnologia estava avançando, então eles pegaram o transmissor dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Aí pegaram o transmissor da Tupi e mandaram pra Goiânia. Porque já sentiu que a mudança da capital ia acontecer né. Então mandaram a maquinaria pra cá. Aí foi quando entrei na televisão pra valer. Concorrendo com a rádio Anhanguera, estrutura, máquina nova, foi uma briga feia. A televisão veio em 1960.

7) *Você disse anteriormente, quando falou do sistema de alto-falantes, que havia o investimento em programas de rádio. Como isso acontecia?*

*Resp.:* Não é fácil não. Como eu falei pra você. Eu provinciano, caboclo não acreditava em propaganda né. Naquele tempo era Casa Pernambucana. Toda fazenda que você ia, toda estrada que você ia, toda porteira que você via na estrada, tecidos, Casas Pernambucanas. Então, logicamente, foi o primeiro cliente do serviço de alto-falante né. Tecidos, Casas Pernambucanas... Então o locutor só falava isso né. Um textim rápido. Aí tinha lá as firmas de pedatela. Expresso pedatela, que fazia a linha Goiânia/Anápolis. Tudo com Ford, carro pequeno, naquele tempo era luxo. Era executivo, não era qualquer um que viajava não. “Viaje pelo expresso pedatela, mais rápido e agilidade, não sei o quê... Marli, expresso Marli, não sei mais o quê. No começo, as primeiras empresas de ônibus faziam propaganda né. E farmácia. Tinha muita farmácia também. Padaria, casa de tecidos né. Agora tinha uns turco também da rua 4 ali que era. Ali era fogo pra você arrancar viu. Porque arrancar propaganda de turco não é fácil não.

Aí a gente que dar duro em cima. Até hoje tem o Magazine Central. Caboclo bacana, amigo meu. Ainda hoje encontrei, hoje não, antes de ontem encontrei com o filho dele aí, ele já faleceu. Olha foi difícil convencer ele, é... seu Ferreira. Foi difícil convencer ele pra fazer propaganda. Olha como comecei a convencer ele: Olha, o senhor me dá uma camisa de prêmio pro meu programa de auditório, aí ele começava a fornecer uma camisa. Quando ele não dava uma camisa ele dava um vale. Vale uma camisa, porque não sabia o tamanho. Às vezes era um caboclo grande mais né, chegava lá e trocava. Então era assim: Vale uma camisa no Magazine Central. E chegava no auditório e anunciava. Devagarzinho eu fui conquistando a confiança dele. Ele começou a sentir. Ele não acreditava em publicidade. Ele falava, não, não acredito nisso não. Isso num funciona não. O que funciona é preço, você vender barato. Ninguém acreditava. Rapaz foi difícil, aqui em Goiás... e eu precisando daquilo, porque salário do rádio não valia merda nenhuma né. Rádio não faturava, não podia pagar, então... era publicidade mesmo. Você tinha que cavucar a publicidade, agora cavucar, mas cavucar mesmo. Caboclo era arredio, falava. Não, não mexo com esse trem não. Meu negócio aqui é. Faixa na placa aí, camisa barata, compre aqui, não sei o que, não sei o que tem.... Nem alto-falante não tinha, às vezes passava um fordim na rua, com alto-falante. Magazine não sei o quê... Pa pa pa, pa pa pa. É bateria pra carro. Era propaganda desse jeito.

8) *E como era o seu salário no rádio?*

*Resp.:* Eu nem lembro. Eu nem ouvia falar em salário mínimo. O que a rádio é... recebia, de patrocínio, e ajuda da prefeitura, do Estado, eles faziam uma divisão lá. Olha tem que pagar tanto pra técnico, tanto pra isso, tanto pra quilo. Taxa pra manutenção da aparelhagem, o resto rateava entre os funcionários. Às vezes cê nem sabia o que ia receber. Nos primeiros meses não sabia o que ia receber não. Falava esse mês deu tanto. Então você sabia que tava melhorando porque ia aumentando né. Aumentava um pouquinho em cada mês, aí cê falava né, ó tá melhorando. Mas não tinha esse negócio de salário não. O salário só começou mesmo em 1950, foi quando assinei carteira né. O salário começou em 50, minha carteira foi registrada em 51. A Brasil Central começou em Março de 1950. É cinquenta é quatro anos. Todo mês de março ela comemora. Por coincidência o CONVIVART, o aniversário que eu faço aqui também é março.

9) *Havia a divisão de trabalhos dentro da rádio?*

*Resp.:* Bichão, a rádio naquele tempo era como televisão. Os minutos eram valorizados. Pra você entrar num programa de rádio, as novelas da rádio era como as novelas da Globo. Era um trem de doido, e uma audiência que você não tinha idéia. Eu por exemplo, como eu disse pra você, eu ouvia a rádio Nacional, as novelas eu não perdia. Sabia o nome de autor de tudo. Dos locutores. Conhecia a programação todinha. Tudo que vinha, eu já conhecia a programação. Programação patrocinada, tudo direitinho. Tem um sujeito aqui que é tido como louco né, o nome dele é Romário. O homem calendário. Se você entrevistar esse caboclo, que não sei onde é que ele mora. Ele mora aqui perto da Vila Nova aí. Naquela loteria, se você for lá, e conversar, escuta onde é que mora o Romário? Se você entrevistar esse caboclo ele conta a história da rádio Nacional de cabo a rabo. Ele é assim meio assim, meio avoadado. De vez em quando eu encontro com ele, me abraça, chora emocionado. Ce lembra sr Sílvio, do tempo da rádio, aí comenta, Paulo Gracindo. Tempo daquelas novelas, senhor lembra daquele trecho daquela nova, parara... o que o presidente falou. Repórter Esso, para, pa pa pa pa... Eron Domingues... Sobre a Guerra, Segunda Guerra Mundial. Tinha aquelas coisas, o Repórter Esso entrava né. Quando tinha um negócio sério lá, invasão de Paris, invasão da França, não sei o quê, repórter Esso...

O rádio bicho, era um veículo violento. Pra você entrar, como um segundo é valorizado na televisão, naquele tempo era o rádio. Pra você arrumar cinco minutos ali. Eu tinha uma crônica diária no vai e vem na vida. Tinha peça de teatro, e tinha duas três horas de programa de auditório. Programa de calouro, apareceu muita gente, programa do degrau da fama. Então, eu fiz história nesse trem aí.

10) *E sobre os discos utilizados nas emissoras?*

*Resp.:* Vinha os representantes, RCA vídeo, Colúmbia, né, Colúmbia é americana já vinha direto já. Naquele tempo, também o bom naquele tempo é que vinha música francesa, italiana, vinha os representantes direto. Daqueles discos de 78, dentro da capa direitinho, dentro da caixa arrumado. Aquilo brilhava. Você fazia com o disco assim... era aqueles discos chapados né, com agulha, com tudo, depois veio o vinil, o LP né. Agora atualmente é o CD. As coisas vão modernizando.

11) *Na sua época eles ofereciam algum curso, algum treinamento profissionalizante para os profissionais do rádio?*

*Resp.:* Não, eu fazia rádio. No rádio eu comecei do jeito que te falei. Comecei sapeando ali. Ouvindo e entrei, um autodidata mesmo, fui fazendo, gostando do negócio. A escola minha foi do tempo da rádio Nacional, rádio Tupi. No Rio, São Paulo. Vi aquilo, foi a minha escola.

Eu fiquei conhecido e famoso no rádio, devido a coisa que eu fazia no rádio, dinamismo que eu fazia no rádio. Falaram ó. Vamos mandar o sr. Sílvio pro Rio, São Paulo aprender a fazer televisão, vê como faz televisão. Pra mim foi um encantamento né. Aí fui lá pro Rio, São Paulo vê. Fiquei lá vendo. Muito curioso. Peguei muita experiência, me deram muito script, muita coisa né. Não tinha nem vídeo tape na época. Não tinha não. Eu tomei nota de tudo que eu via, fotografia, cenário, como que montava cenário. Como que funcionava o câmara man. O câmara man suíte. Tinha que ficar numa altura X para funcionar. A iluminação, como que era feita a iluminação. Uns panelões que fazia um calor desgraçado naquela época. Meia hora de programa ce já estava suado, panelão. Hoje tudo é luz fria. Mas naquele tempo era daqueles panelão daquele, buf... direto no cê. Quatro, cinco panelão de energia. Aquele mundo de suor. Você suava naquele trem. Era terrível.

12) *Naquela época, 1943, qual era a periodicidade de funcionamento da emissora?*

*Resp.:* A rádio num funcionava 24 horas não. Tinha um que entrava, parece que seis horas da manhã e parava, às oito horas. Inclusive naquele tempo, Goiânia sempre teve um problema. Eu não me lembro bem a época. Mas rodou a usina Jaó. Então arrumaram um motor de submarino, botaram na beira do Bota Fogo aqui. E num tinha energia o tempo todo. Goiânia ficou muito tempo, três, quatro anos sem energia. Funcionando com motor. Aí a sirene, pê..... olha já vai desligar a luz. E a menina corria pra casa. Ai era lamparina, vela. Então isso ficou muito tempo. Então a rádio não tinha como funcionar.

Então a rádio não tinha luz, ela não tinha força comercial né. Não tinha pra agüentar a noite toda não. Então abria seis horas da manhã, programa sertanejo, e até oito, nove horas da noite parava. É por aí. Pessoal dormia cedo.

13) *E tinha música ao vivo?*

*Resp.:* No começo já tinha. Programa sertanejo. Tinha muitos programas sertanejos que era ao vivo. Tinha auditório, lá com sessenta poltronas. Eu me lembro do auditório direitinho lá.

14) *Quando você passou no concurso pra ser locutor na Brasil Central, o proprietário lhe fazia alguma restrição sobre o que poderia ou não ser falado no ar?*

*Resp.:* Não. Outra coisa que eu me lembro de uma coisa. Eu nunca fui censurado, nunca me chamaram a atenção. Comecei, me chamaram a atenção na televisão, quando eu fiz Goiânia urgente. Mas eu nunca fui censurado. Eu não me lembro de alguém chegar, o anunciante, ou o diretor do rádio, e dizer, olha você não devia ter dito isso. Ah não ser quando errasse alguma coisa, português, o nome de uma música, inglês, francês, falava errado, o diretor falava: não é isso aí né.

Até inclusive eu lembro de um fora que eu dei terrível. Até hoje tem amigo que lembra disso né. Tinha uma música americana muito famosa na época com Pet Bund. Pet Bund cantava a música. Então vamos ouvir com Pet Bund a música Bernadine. Porque o pessoal usa que diz que o “i” em inglês é “ai”. Mas nesse caso aqui é Bernadine mesmo. Aí Pet Bund entrou cantando, ô, ô Bernadaine, ô, ô, Bernadaine. Aí eu saí do microfone, voltei mais não. Falei pro diretor. Olha vou pra casa. Ao invés de dizer Bernadaine. Mas é gozado. Tem gente que fala que é Bernadaine, não mas é Bernadine mesmo. Aí entrou o cantor lá, ô, ô, Bernadaine. É igual... como é que é... Dimitre Shosque, Dimitre Rackmanina. Tinha uns programas de música clássica, que eu caia pra fazer programa musical. Nossa senhora, o trem era... os nomes russos, complicados Rackmanina, sinfonia não sei o que lá... aquilo, eu dobrava a língua pra falar aquele trem lá. Tremia nas base. Olhava aquilo e fala. Vich eu não vou falar esse trem não. Não ocê tem que falar. Porque naquele tempo tinha um trem assim. Tinha que falar o nome dos compositores. E hoje quase não fala, não sei se ocê já viu isso. E tem até hoje uma lei que obriga o locutor falar o nome dos autores da música né. Gilberto Gil cantando de sua autoria, né... Gal Costa cantando de Chico Buarque. E eles não falam. Repara pro cê vê que eles não fala a respeito. Algumas rádios falam, não que mandam, é que o locutor né... Essa música é muito bonita, de fulano de tal, gravada por cicrano, aí eles falam. Mas na obrigatoriedade, acabou de rodar uma música, uma série de música. O locutor tem que falar ouvimos, fulano, cantando a orquestra tocando a música de fulano de tal. Tinha que falar o nome do compositor. Tem uma lei que manda isso. Ah... Lei... Ora lei né...

*15) Como era o contato seu com o ouvinte. Tinha a existência do telefone ou alguma coisa assim que o ouvinte poderia entrar em contato com programação?*

*Resp.:* Quando é que veio o telefone hein rapa!!!. Eu sei que era DETEL. Esse telefone que eu tenho aqui é 1369. Tempo da DETEL, Departamento de telefonia de Goiás, DETEL. Tinham quinhentos telefones. Goiânia toda, quinhentos telefones naquele tempo. Aí meu pai conseguiu uma linha. Pagou caro pra ter esse telefone. DETEL. 1369, até hoje não mudaram. Até hoje o telefone é o mesmo só que 2231369. Aquele telefone preto, por respeito àqueles primeiros. Os quinhentos telefones, dizem que são os mesmos números até hoje, por respeito né, tradição. Então eu tenho o número do tempo da DETEL ainda. Tinha pedido por telefone. Que ligava pra rádio. Eu não lembro quando é que veio. Sinceramente eu não lembro. Aí o contato era por telefone, carta... telegrama. Telegrama era baratinho. Código Morse né.

*16) Quem financiava o rádio na época?*

*Resp.:* É a mesma coisa de hoje. A imprensa não funciona sem governo. Não tem jeito. É prefeitura, Estado, governo federal, não tem jeito. O rádio... Até hoje a imprensa depende disso. Não tem jeito. Porque a rádio... é... diz que é a terceira, quarta, como é que é. Legislativo, executivo, judiciário, o rádio é o quarto poder de imprensa. Quarto poder. Porque realmente faz parte de investiga né. Se você ver. Vazou água na rua tal, o que é isso? Utilidade pública. Faltou energia, tal. Então a rádio não tem, nem a televisão, fatura. Mas indiretamente eles estão divulgando o governo, a obra do governo e mostrando as falhas do governo. Por isso que eles são gratificados né. Os veículos são gratificados pela prefeitura. Porque um locutor que tá na rua fazendo uma reportagem, o que ele tá fazendo,

ele tá divulgando, ó o transito da rua, vai passar um ônibus não sei o quê. Então é um trabalho indireto né. É uma prestação de serviço contínua né. Então a rádio não vai faturar. Ó. Vamos cobrar duzentos reais porque falou que um ônibus passou lá, não sei o quê. Então a prefeitura estipula uma verba né. Diretor de uma rádio vai lá e diz, olha nós queremos uma verba aí. Aí determina lá, se é mil reais, cinquenta mil reais, sei lá quanto pra ajudar a rádio né. Então é assim. Até hoje é assim, a Globo é assim. O governo tá aí. O judiciário tal. Agora que tem muita malandragem nisso aí tem. Pra segurar tal. A Globo então.

*17) Qual foi mesmo a rádio que veio depois da Rádio Clube?*

*Resp.:* Pela ordem. Rádio Clube, Rádio Brasil Central. Depois veio Rádio Difusora. Depois veio Rádio Riviera. Depois da Rádio Riviera, a Rádio Jornal de Goiás. Tinha a Rádio Universitária que foi nesse ínterim também. Rádio universitária que tá no ar até hoje. Foi nessa época também, tempo da Rádio Aliança né. Inclusive eu lembro que uma vez, Goiânia chegou a ter proporcionalmente maior número de rádio, mais que São Paulo e o Rio. Goiânia chegou a ter naquele tempo, seis ou sete emissoras de rádio. Rádio mesmo pra valer. Numa capital pequena como Goiânia. São Paulo tinha lá seus três, quatro rádio possante. Agora tá diversificado. Se você for contar quantas emissoras tem hoje, tem rádio Mil, rádio não sei o quê, rádio Anhanguera, é rádio que não acaba mais. E olha que hoje, eu acho que tem mais rádio que Belo Horizonte! Se eu não me engano. To meio por fora, eu não to acompanhando isso não. Mas eu lembro disso porque os jornais publicaram. Era bicicleta e rádio. Naquele tempo só tinha Blumenau pra ganhar de Goiânia. Veículo em Goiânia era bisqueta. Médicos com bisqueta. Ia atender o cliente, o cara com bisqueta. Tipo Londres e Inglaterra. Dizem que na Inglaterra até hoje lá é desse jeito, inclusive com bisqueta né. Os grandes executivos, médicos lá, pa pa pa, é bisqueta. Pedalando.

*18) Se lembra se havia algum conflito entre as emissoras de rádio na época das primeiras emissoras?*

*Resp.:* Ah sempre tem né. É tipo time de futebol né. Destacava uma rádio outra rádio cobiçava né. Tava tirando a audiência. Eu por exemplo me lembro que trabalhava na Rádio Brasil Central, já tinha 10 anos de casa na Rádio Brasil Central, aí inauguraram a Rádio Anhanguera. Eu tinha uma audiência violenta. Foi o maior contrato feito da época. Dobraram meu salário pra ir pra rádio Anhanguera, e eu não devia ter ido. Aí fiquei cinco anos na Rádio Anhanguera. Lá não me dei bem com colegas. Tinha um clima muito bom na Rádio Brasil Central. E perdi dez anos na Rádio Brasil Central, porque naquela tempo tinha o negócio de dez anos fixo, cê tinha que ficar lá é... estabilidade. Eu perdi estabilidade porque fui pra rádio Anhanguera. Agora, ganhei bem pra dana. Os jornais publicaram, um dos maiores contratos feito na época. Mudei pra rádio Anhanguera. Devido aos meus programas de auditório. Programa de auditório lá na Brasil Central era de seis a dez da noite. Domingo. Quando fui pra Anhanguera passou a ser de dez a duas horas da tarde. Quando chegava oito horas da manhã, lá na porta da Anhanguera, ali na praça Bandeirantes, em cima da loja Riachuelo, não sei nem o que tem lá mais, parece que é uma casa de tecido. Tinha uma escadinha. Rádio Anhanguera era ali. Oito horas da manhã tinha fila dando volta no quarteirão pra entra no meu programa de auditório. Ingresso pago. Era lotado.

Programa de calouro. Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Silvo Calvo, nós trazia esse pessoal todo aí. O negócio era violento. Aí leva pra Goiás, Cine Goiás, aqui, hoje é Novo Mundo parece. O Cine Goiás era li.

*19) Antes de entrar no ar, você fazia algum planejamento?*

*Resp.:* A rádio era como televisão, tinha o contra regra, tinha o roteiro. Meu programa era de quatro horas. O primeiro quadro era um programa de calouros, 40 minutos. No Degrau da Fama. Depois vinha uma cascata de atrações. Vinha viva o samba patrocinado casa Rio que era uma casa de tecidos. E vinha essas lojas. Entre na moda. Tinha uma firma especializada em roupa de bebê. Aí eu criei lá o programa, sua majestade o neném. Tinha o Trio Iraquitã. Essa *Sua Majestade o Neném*, serviria para televisão até hoje. Era patrocinado por uma casa de artigos infantis. O Trio Iraquitã gravou uma música lá: “sua majestade o neném”... uma música muito conhecida. Então servia de prefixo pro programa. Então o que acontecia. Eu convocava as mães pra cada uma levar seu bebê, sua criança, pro auditório. Então tinha uma comissão julgadora pra escolher o bebê mais bonito. Ganhava um prêmio, ganhava um enxoval completo durante um ano da loja. Então é isso que a gente fazia. I e tanta coisa, nossa...

## ENTREVISTA COM WALTER MENESES

*Goiânia, 29 de março de 2007.*

*1) Walter, nesse primeiro momento gostaria de ouvir o que você tem a dizer, sobre a sua experiência no rádio.*

*Resp.:* Tudo bem Edmilson. Vou falando aqui e você vai perguntando, às vezes até você me ajuda a lembrar de alguma coisa.

O que eu lembro é o seguinte: Eu comecei a trabalhar no jornal o popular, na parte de limpeza, office-boy. Foi ali que comecei a entrar em conhecimento com essas pessoas do rádio. E lá no popular cheguei a ser também, uma espécie de repórter, entre aspas né, porque eu pegava notícia na rua e levava para os redatores.

Mas, naquela época, aqui, as pessoas que tinham algum arrojo, alguma coisa, sempre tinha alguma facilidade nessa área da comunicação.

Então a Rádio Clube foi a primeira emissora instalada em Goiás, aqui. Ela imperava e tinha aqui um grande radialista, novo na época, José Cunha Júnior, era o diretor artístico, diretor cultural, diretor de muitas coisas na rádio. E através dele eu aproximei da Rádio Clube. Agente, nesta época já era tudo, até homem do rádio né. Então eu bolei o programa “Vozes da Cidade” na década de 50. Porque eu ouvia a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Então a rádio fazia entrevistas na rua, aqueles programas, eu acha interessante. Eu bolei, “Vozes da Cidade”. Com desejo de fazer entrevistas em vários pontos da cidade. Então esse programa era apresentado na parte da manhã, sempre às sete horas da manhã, de qualquer ponto da cidade; da Praça dos Bandeirantes, do mercado; das creches; das penitenciárias; das portas de cinema; de festas, até festas particulares, quando havia chance... e às vezes ficava na rua, também. Sempre ponto definido. O programa era o seguinte: Ele não tinha assim, uma programação... Cada detalhe, eles pensavam o que ia transmitir na próxima manhã, sabe. Era desse jeito.

Então nós tínhamos esse programa. Na época, o gran.....de. o grande ouvinte de nosso programa era o próprio governador, José Ludovico de Almeida, o que construiu a usina da “Cachoeira Dourada”, um homem de visão; grande governador. Me disseram os acessores que ele ouvia o programa e gostava. Por isso que as pessoas faziam crítica sobre a administração do governo. O governo do Estado de Goiás sempre teve uma predominância no município de Goiânia. Muita coisa era o Governo do Estado de Goiás que fazia aqui em Goiânia. Depois que teve a emancipação de parte de Goiânia, do Governo Ledi Brito, mas sempre o governo do Estado de Goiás fazia muita coisa, dada a própria circunstância que nasceu Goiânia. Então fazia crítica que as ruas estava assim, que não sei o quê, pa pa pa, e o governo de José Ludovico gostava. E dentre mui.....tas pessoas que entrevistávamos, quase sempre tinha umas figuras que eram repetitivas, era o José de Jesus, vulgo José Tintureiro. As pessoas mais antigas lembram dele. Ele era arrojado, uma pessoa inteligente, porém, sem sentido. Era um eterno candidato a vereador mas nunca se candidatava por que não tinha nem legenda. Então, uma vez eu lembro, uma das entrevistas dele, que ele concedeu para o nosso programa. Era quase todo dia ele dava uma entrevista. Uma delas eu lembro que ele falou o seguinte: \_ Ah! Meu plano agora é o seguinte: na câmara de vereadores eu vou apresentar uma lei, para construir um aeroporto internacional em Trindade. Para trazer religiosos de outros países. Chega desse negócio de religiosos só do

Brasil. Nós queremos religiosos falando em alemão, em francês, pra ficar bonito... [risada]. Todo mundo gostava da entrevista dele.

Esse programa transmitia do mercado (Vaz Fontes). Pra mim eu gostei muito dele viu. Realizações. Também eu tive o programa “Sob os Céus de Goiás”, esse foi na rádio Brasil Central. Esse programa se propunha a divulgar tudo sobre Goiás. A gente achava aquele entusiasmo; jovem. As grandezas de Goiás, Estado que mais cresce; aquela coisa toda, a gente anunciava com aquela voz cheia de postação – Goiás etc... E, eu lembro que as prefeituras, algumas até currutelas, a gente tinha aquele projeto, entre as aspas para o futuro. Pedimos o prefeito para doar terras, lote na cidade para os industriais que quisessem ir lá construir fábricas também. Dizem que algumas até deu certo.

Esse programa, “Sob os Céus de Goiás”, na Rádio Brasil Central, tinha uma audiên.....cia. Olha! Nós recebíamos cartas às vezes de todo o Brasil praticamente. Mas ele tinha uma audiência mesmo era em Mato Grosso; na parte norte do Estado do Mato Grosso. Por que o sul do Mato Grosso sempre teve a influência de São Paulo, dos gaúchos etc. E o norte a influência cultural, era tudo Goiás. E lá tinha muitos ouvintes. Tanto assim é que uma vez eu fui uma vez pelo Mato Grosso e lá eu pude constatar de fato a audiência do programa. Eu gravei aqui o programa e fui lá passear sabe. E aí, minha voz no rádio, olha!, olha!, olha!, esse aí sou eu ó etc. Aliás, o programa é que criou a oportunidade para entrar em contato com as autoridades do Mato Grosso, foi muito bom!.

“Trindade em Foco”; na Rádio Clube. Esse programa era apresentado uma vez por semana e tinha o patrocínio da prefeitura local. E a gente publicava muita coisa. Divulgava coisa sobre o progresso, agricultura, a vida social; e também o seguinte: falava muito da capital religiosa de Goiás, a festa de Trindade. E aí quando era período de festa de Trindade, aí o programa, segundo eu pensava, tinha muita audiência, mais audiência ainda. E dentro desse programa, “Trindade em Foco”, nós transmitimos pela primeira vez, a missa, a missa do Divino Pai Eterno, sabe!, da festa do Divino Pai Eterno; através da Rádio Clube, um sistema um tanto rústico, do aparelho de, quer dizer, entre aspas, transmissão externa. Era uma espécie de alto falante, assim... com uns fios, e ligava no telefone, sabe!?. Então a gente requeria da COTEL (Companhia de Telefone do Estado de Goiás), antecipadamente o horário que a gente ia usar o telefone. Então a gente ligava o som, de lá da cidade no telefone, e do telefone vinha até na rádio, sabe!?. Se a gente não requeresse antecipadamente, aqueles fios ligados, a técnica desligava, lá da telefônica. Então já aconteceu, de não requerer e eles, pumba, cortaram. Bom. Esse programa teve um sucesso relativo lá de Trindade sabe!?

Também eu fiz o programa “Alô Brasília”. Esse programa da década de 50, é... 51, 52. Tinha um alvoroço lá de, de, de... de 54 esse programa. Já falava em Brasília. 55 começou a construção lá de Brasília sabe!?. Núcleo Bandeirante. E nós tínhamos esse programa, “Alô Brasília”. Tinha muito goiano lá. Aliás a população inicial lá era 70% de goiano. Uns 15% de nordestino, tinha muito nordestino. O restante era brasileiro de todas as partes. Esse programa eu que transmitia. Alô, alô fulano, sua mãe tá chamando, não sei o quê, pa, pa... interessante, um programa útil... e música naturalmente. “Alô Brasília”. E naturalmente a propaganda de Brasília! Brasília vai não sei o quê é... Foi muito bom.

Agora um programa que eu achei muito importante para mim, pela experiência foi: Da vossa di Itália! Um programa falado em Italiano e português. Talvez o primeiro programa binacional! Pode-se dizer assim é... bilíngüe. Lá tinha uma senhora assim: Giane Aldrigue, esposa de um grande pintor. Ela tinha uma voz bonita. Então eu a convidei para fazer esse programa. Ela tinha um bom relacionamento com a embaixada da Itália, italiana

né. Ela foi lá em Brasília às custas dela, quando ela empolgou com o projeto. E foi lá e trouxe muito material da embaixada e também a promessa da embaixada, de serviço de imprensa da embaixada, de mandar pra nós sempre notícias da Itália, gravações, etc. Esse programa ficou no ar, uns, dois anos. Uma audiência espetacular. Domingo. Puxa vida! E ela recebia muitos telefonemas, muitas propostas, muita demonstração de amor! Eu lembro uma vez, um rapaz telefonou pra ela, perguntando qual a idade dela ela pegou e falou assim: *é... [imitando a voz da mulher] \_dezoito anos. O rapaz animou. \_ dezoito anos só, mas tem uma voz tão bonita. Ela falou assim: (imitando novamente a voz da mulher) \_dezoito anos em cada perna (risos). O cara era menino, era rapaizinho ficou rindo meio sem graça. Mas ela tá viva até hoje Dona Aldinodrigues. Boas lembranças!. Esse programa teve conhecimento até na embaixada da Itália e... foi muito bom!.*

Agora. Eu lembro dos programas que fizeram sucesso aqui, mesmo; programa de calouro, na Rádio Clube; o Cunha Júnior era o apresentador dele, magrinho de bigode, parecendo um mexicano assim sabe! Erdomendares. A gente conheceu o Cunha Júnior assim de bigodinho. Então esse programa tinha uma audiência. É aqui ó, na rua 2, pertinho daqui; ali onde tem aquele restaurante ali, era o prédio da Rádio Clube. Grande pra época, pra nós era. Muita audiência.

Agora, eu falando assim, do que eu vou lembrando né. Eu lembro do rádio goiano, Sílvio Medeiros, e sua esposa, Norma de Alencar, um casal simpático da radiofonia goiana, uma voz bonita, ela também; fazia rádio teatro, programas especiais, e... eles atuaram no rádio e também na televisão sabe!; eles conseguiram. O Sílvio Medeiros faleceu até, no ano passado. A dona Norma de Alencar; Norma de Alencar é nome artístico, mas no nome dela é Norma Baiocchi, de família tradicional, os Baiocchi sabe!?! Está viva até hoje, poderá fornecer alguns dados pra você.

Agora a Rádio Clube eu sei que ela foi fundada pelo Venerando de Freitas Borges, prefeito de Goiânia, mas juntamente com Francisco Pimenta Neto. Aliás eu até acredito que o Francisco Pimenta Neto tenha influenciado o Venerando pra fundar a rádio sabe! Rádio Clube de Goiânia. Por que o Francisco foi fundador da Rádio Clube e também da Brasil Central. Esse é o verdadeiro pai da radiofonia goiana, Francisco Pimenta Neto. E interessante que os filhos dele também seguiram a radiofonia. O filho dele Luiz Carlos Pimenta Neto, falecido, foi também um grande radialista de Goiás, programas bons, uma voz bonita.

Agora, a Rádio Difusora, nasceu através do serviço de alto falante, sabe!?! Tinha um serviço de alto falante em Campinas. É... Serviço de alto falante Marisa, a voz de Campinas. Campinas sempre foi assim, ufanista sabe!. Tinha esse alto falante na praça Coronel Joaquim Lúcio e várias pessoas dirigia esse serviço de alto falante, parecia uma estação de rádio, sabe!?! Assim, para quem via assim. Bem feito. Até programa tinha. Vários radialistas saíram de lá, sabe! Interessante. De Campinas. Esse serviço de alto falante Marisa depois transformou-se, numa autonomia artística de Campinas, por que sempre tinha uma diferença com Goiânia. Goiânia quando tava construindo era cidade operária, cidade assim de gente, mais ou menos gatinha. Lá era elite sabe!?! Onde moravam os moradores primeiros. Então esse serviço de alto falante transformou-se na Rádio Difusora de Campinas. Rádio Difusora de Campinas, veja você. Não puseram nem Goiânia. De Campinas. Depois com o passar do tempo, quando a grandeza de Goiânia, os de lá, começaram a mudar pra cá, porque as casa daqui estavam boas, as festas maiores eram aqui. De primeiro era lá. Então mudou-se o nome de Rádio Difusora de Goiânia, em vez de Campinas!?! Aderiu ao progresso. Mas o nome primeiro foi Rádio Difusora de

Campinas. Vale apenas pesquisar sobre, se essas pessoas que fundaram a Rádio Difusora de Campinas, que é a Rádio Difusora de Goiânia. Essa rádio é dirigida pela fundação Padre Pelágio. Padre Pelágio, eles têm um arquivo muito bom viu!? Lá em Campinas. Sobre a História da Rádio.

A Rádio Anhanguera foi fundada, que aliás, eu convido você a fazer uma visita ao doutor Francisco, um dos sócios. Francisco Ludovico de Almeida, o diretor do hospital Santa Genoveva. Ele foi um dos fundadores da Rádio Anhanguera. A rádio nasceu com o seguinte slogan, seguinte contrato social: Rádio Anhanguera, emissora e televisora. Eles já tinha no seu contrato social a instalação de televisão, sabe!? Foi fundada pelo Manoel Martins e o Doutor Francisco, a rádio. E essa rádio, o doutor Manoel Martins era de Uberlândia, e ele que trouxe de lá vários radialistas, sabe!? Trouxe de lá, Morais César. Trouxe Fox Medeiros Neto, veio daquela região; vários radialistas vieram de lá. Mas, o Morais César foi o que mais projetou dele. Essa rádio é o seguinte: Ela foi fundada pelo Manoel Martins, e é um homem de visão, ele era representante da Ford, de frente o Cine Goiânia, aquele Camelódromo, lá era a agência da FORD. Então pra você ter uma idéia, fazendo um parêntese, como é que era aqui, pra lá era o Jóquei Clube. Jóquei Clube era o fim de Goiânia viu!? Então ali onde é esse Camelódromo era o ponto de ônibus que a gente pegava para ir pra Campinas. Campinas era longe. Mas muito longe mesmo. Quê, quê isso rapaz. Onde é a praça “A” agora é que começava Campinas sabe!? A gente ia de ônibus pra lá. Passava por esse cerradão aí que é o Setor Aeroporto, Lago das Rosas etc. A gente achava longe, hoje tão perto. Então é o seguinte: eles fundaram essa rádio depois venderam ações para todo o Estado de Goiás. Naquela empolgação, a gente ser dono de rádio! Uns compravam pequenas parcelas; tudo podia comprar, até ações; quantias pequenas para ser acionistas. E outros compraram grande, políticos etc, e... empresários, e formou-se assim uma rádio com o corpo societário muito pulverizado. Depois é o seguinte, essa rádio era política. Depois, de um jeito ou de outro ela acabou sendo dirigida pelo grupo da UDN. Aqui era UDN e PSD. O grupo do Pedro Ludovico era PSD e o outro era UDN. A UDN é agora PFL e o PSD equivale agora ao PMDB, as mudanças etc. Então, o grupo do PMDB, através do sr. Jaime Câmara foi comprando devagar as ações. E o sr. Jaime foi comprando as ações. Ele era sócio foi comprando as ações pra ele, em nome de outros também, quan.....do a turma da UDN acordou a turma do PSD já tinha maioria das ações, quer dizer, era dona da rádio. Não adiantava eles querer combater o Pedro Ludovico naquela rádio não, porque aquela rádio não era mais deles. A força da justiça, por que é assim: foram no cartório requereram a posse da rádio porque eles tinham a maioria das ações e conseguiram na justiça por que é natural né!? O acionista majoritário manda né, o grupo majoritário. Então a turma tava lá transmitindo programa radiofônico de cunho político, então simplesmente eles chegaram lá e tomaram posse da rádio! Com os documentos naturalmente. Não esperavam uma surpresa. Não tiveram nem tempo de preparar para poder sair, com certa glória, tiveram que desocupar sabe!? Ficou só música lá; bom, os funcionários não foram perseguidos não, sabe!? Foram não, absolutamente. Nesse ponto continuaram os mesmos locutores, etc, não mudou nada. Consta até que melhorou. Aumentou salário pra várias pessoas. Então o sr. Jaime Câmara, conseguiu levar para a organização Jaime Câmara, na época era J. Câmara e irmãos, não era organização Jaime Câmara não. Quer dizer: eram três irmãos. Os irmãos Joaquim Câmara Filho, Jaime Câmara, e Vicente Rebouças Câmara. Esses passaram a ser dono da rádio Anhanguera. A rádio Anhanguera foi fundada, repito, pelo Manoel Martins e o dr. Francisco. Sr. Jaime

adquiriu posteriormente. E transformou a rádio numa grande potência, sem dúvida, melhorou, foi muito bom para a rádio passar para a organização Jaime Câmara.

A Rádio Jornal de Goiás nasceu posteriormente, Lisandro Vieira da Paixão. Um político muito importante. Ele era da turma do PT! Ele foi muito perseguido na Revolução de 64. Tá vendo aquele prédio ali ó [*mostrando um prédio pela janela, do outro lado da avenida Goiás*], tá meio esquecido agora, problema jurídico lá, de construção. Na época esse prédio, na década de 59, 60, uma coisa fabulosa. Ele era diretor da Caixa Econômica Federal, e ele que construiu esse prédio. Esse homem foi muito perseguido. Ele foi perseguido mas saiu-se bem. Ele foi o dono dessa rádio, a Rádio Jornal do Comércio. Foi muito importante. Lisandro Vieira da Paixão, ele tá vivo. Nessa rádio, eu comprei, i... lá vem eu, eu, to eu demais; eu comprei, assim, eu tinha uma agência de publicidade, WM publicidade, e nós compramos lá o horário de domingo sabe. Contrato durante seis meses, depois nós renovamos mais seis meses. Domingo. Então nós tínhamos um programa sertanejo, música clássica, noticioso, entrevista, tudo quanto é coisa assim, mas era bom. Era variado, sabe!/? Interessante, a gente gostava. Então meu irmão, põe o nome dele aí, Uilis Meneses, ele sempre gostou de música sertaneja, então ele tinha um programa seis horas da manhã, é, “Subindo a Cerra”. E toca música sertaneja! E comentário, etc, etc. Programa de uma hora, e tinha audiência. Agora, à noitinha, dezoito horas, dezenove horas, ele tinha outro programa, “Descendo a Cerra”. Era quase a mesma coisa, só que não repetia as músicas, mas era música sertaneja, tinha audiência também. As pessoas ouviam cedo e a noite, engraçado! (rindo). Muito interessante. Foi uma idéia excelente dele. “Subindo e Cerra” e “Descendo a Cerra”. Esse programa era também terceirizado. Nós pagávamos a rádio uma quantia tal por aquele dia de transmissão, o resto nós tínhamos locado, sabe!/? Às vezes a gente locava pra entidades que queriam fazer suas transmissões. Não era nem terceirização, era quarteirização, por que alugava para outros o horário sabe!/? Interessante. Durou muito tempo isso. Isso foi em 59 a 62. Eu lembro foi antes da revolução por que a revolução perseguiu Lisandro que era o dono da rádio!

A rádio Independência, foi fundada... aliás, antes da “Jornal de Goiás” foi fundada a rádio Independência por João Vieira da Paixão. João Vieira da Paixão era irmão do Lisandro sabe!/? Irmão mais novo. Esse faleceu. Esse João, era muito arrojado sabe. Só pelo nome da rádio você vê como é. Independência né!/? Nacionalista, ele. É Brasil em primeiro lugar e tocava muito o Hino da Bandeira, assim, o prefixo, qualquer coisa. E era muito bonito isso! Rádio Independência. Cívica. Ele também deu oportunidade pra muitos começar no rádio sabe!/? Ele era assim, muito mão aberta; os funcionários tinham muita liberdade pra fazer programa. A rádio era ali na rua oito. Entre a Anhanguera, onde tem aquele restaurante, como chama aquele restaurante, é.... Bom.

Agora a RBC marcou muito a radiofonia goiana por que ela foi a mais possante e ela foi fundada por Jerônimo Coimbra Bueno pra exatamente fazer a difusão da transferência da capital da república, sabe!/? Muitos anos antes, era risível, essa rádio falar em mudança da capital. Antes de 50 ela já falava sabe!/? Então, o Jerônimo Coimbra Bueno, ele foi governador na década de 50. Então ele já pensava na mudança. A gente ria dele! Mas é um homem de visão. Tanto é que ele botou essa rádio pra fazer propaganda da mudança e o slogan era assim: “Rádio Brasil Central. Fundação Coimbra Bueno pela nova capital”. Tá entendendo!/? E era isso!/? Todo dia e toda hora falava, Rádio Brasil Central ZY tal, ZY tal, tal, tal... Dava-se o prefixo. Tinha três transmissores de ondas curtas: 19, 25 e 31. Tinha as ondas médias de 60, agora tem também a FM. Essa rádio foi muito importante. Então, essa rádio foi o seguinte: O Jerônimo Coimbra Bueno depois teve uma derrota

política aqui e ficou muito desiludido. Desiludido com os eleitorados, com Goiás, etc, então ele resolver vender a rádio. E o Mauro Borges, Governador Mauro Borges, tinha interesse em fazer o serviço de propaganda do Estado! Mauro Borges achava que os jornais não davam muito espaço para propaganda... ele era muito vivo, não gostava de gastar com jornal não, sabe!? Então ele achou que o rádio podia difundir. As pessoas não lia muito, só ouvia rádio! Até teve uma idéia boa.

Então através da rádio Brasil Central falava lá, o que o Estado tava lhe dando etc, e comprou do Coimbra Bueno. Os inimigos políticos, adversários políticos entraram em entendimento. Cada um precisava um do outro! O governo comprou a rádio, e fundou, através da rádio, o consórcio de rádio e difusão e notícias do Estado de Goiás, o CERNE! E depois mudou. Agora chama... Agência Goiana de Notícias. Bom. Esse serviço de difusão do Estado existe até hoje, tem a televisão, tem a rádio! Mas não tem mais o jornal. Eles tiveram um jornal. Foi muito importante. Agora a Rádio Brasil Central, como pertencente ao Governo do Estado de Goiás, transmitiu a primeira missa de Brasília; transmitiu a transferência da capital. Ela forneceu som, áudio, para todas as emissoras do Brasil. Por que um ia retransmitindo para a outra! Atingiu todo o Brasil. Acredito que foi a cobertura... Foi a maior rede radiofônica que o Brasil transmitiu durante todos os tempos... Nem a Rede Globo conseguiu de uma vez só, num dia só, o que a Rádio Brasil Central fez, sabe!? Brasil atingido de ponta a ponta, através do som da Rádio Brasil Central. A transmissão dos poderes da república pra cá! 20 de abril de 1960. Foi uma grande vitória da Rádio Brasil Central. E foi na Rádio Brasil Central que eu tive o programa “Alô Brasília”; tinha também o programa “Sob os Céus de Goiás”; Fui revido como autoridade lá em Mato Grosso, sabe!? Através desse programa. De forma que, eu não tenho o rádio como, pra mim, o principal objetivo, sabe!? Passei pelo rádio assim... Nunca tive salário de radialista. Eu sempre tive horários que eu comprei, sabe!? E revendia. Mas todas as emissoras eu tenho graças recordações por elas todas. Sempre que na rádio Anhanguera, sempre fiz questão de ressaltar que os fundadores foram: Manoel Martins e Dr. Francisco. Por que os neófilos acharam que foi o sr. Jaime que foi o fundador. Com todo mérito que tem o sr. Jaime, de grande realizador, mas não foi. Sr. Jaime aliás, eu devo muito a ele.

O primeiro serviço que eu tive foi lá, de office-boy, zelador etc. lá do Popular. Aqui de frente com o jornal O Popular. Ele arrumou inclusive uma bolsa de estudo pra mim. Então através dele que entrei nesse mundo de imprensa, sabe!? Na verdade, não faz parte de sua pesquisa aí que é rádio! Mas eu tenho que dizer o seguinte: que eu sou jornalista. Registrado no ministério do trabalho posteriormente. Entrei na área de comunicação. Cheguei a presidente da Associação Goiana de Imprensa durante cinco mandatos, através do jornal “O Popular”, onde fui admitido. Entrei lá acidentalmente. O sr. Carlo Barssos. Aí eu conto isso aí nesse jornal (se referindo ao jornal publicado recentemente pela AGI, o qual foi repassado para o pesquisador no dia anterior). Então acho que o sr. Jaime eu devo muito pra ele, muita obrigação. Grande homem. Convivi muito com ele.

## 2) Qual era seu contado com a rádio Clube?

*Resp.:* É o seguinte. Eu tinha um espaço adquirido sabe!? Eu comprei um espaço pra fazer esse programa que eu tive lá. É o programa “Trindade em Foco” e “Vozes da Cidade”. Mas o meu contado com a Rádio Clube foi quando eu saí do jornal “O Popular”, e lá eu peguei uma espécie assim de cartaz, pessoas da imprensa etc. E fui pra “Folha de Goiás”. Trabalhar na “Folha de Goiás”. Não como jornalista, um impressor sabe, do jornal; ajudava o impressor, pela rotativa! Rotoplano. Ajudava lá, de macacão; e também durante o dia era jornalista e também radialista. Foi lá que eu comprei horário. Depois quando eu comprei horário deixei de ser empregado! Foi muito bom. Cunha Júnior!? Radialista de prestígio. De todos os radialistas daqui de Goiás, ao longo da história, talvez ninguém atingiu tanta força como ele. Só pra você ter uma idéia do Cunha Júnior, ele tinha noticiário na Rádio Clube, e tinha uma coluna no jornal “Folha de Goiás”. Na rádio é que ele imperava, uma voz bonita. E pra ter uma idéia do valor dele como radialista. Uma vez teve um congresso de radialista na Europa, e a Associação Goiana de Imprensa, resolveu mandar os representantes da delegação brasileira. Era presidente o Oscar Sabino Júnior, presidente da Associação Goiana de Imprensa. E quatro delegados daqui foram. Eu era um deles. É... Oscar Sabino; Cunha Júnior; eu; Messias Tavares. Então, o governo do Estado de Goiás, José Feliciano, a pedido do presidente daqui, pediu quatro passagens, sabe!? De avião, para os jornalistas de Goiás, para ir lá o congresso, lá em Viena, na Áustria. Praga nós visitamos depois. Aí o governador falou assim: (imitando a voz do governador) \_ Ó! José Feliciano! Quatro quer ir pra lá? Ah não, é muito! Eu vou arrumar só pra dois. Quanto é as passagens? \_ Aí eles deram os preços das passagens. Passagem era, não sei quanto; não era barato não viu! Naquele tempo! Aí governador: \_ Vou dar pra dois, pra quatro não! \_ Quer dizer, puxa vida!, dois ia dançar né!? Aí o Cunha: \_ Mas seu governador como faz, quatro foram eleitos lá na assembleia geral pra representar? \_ Essa eleição foi assim: eleição pra vereador né!? Nossa! Eu pedi voto pra caramba. Levantei cedo pra pedir pra votar em mim [*rindo*] pra mim ir. Eu fazia parte da AGI. Aí, esses quatro, sabe o que aconteceu? É o seguinte: O governador: \_ Não, só vou arrumar pra dois. \_ e arrumou mesmo. Dinheiro pra dois, duas passagens, sabe!? Mas acontece que na gestão anterior do Eliéder Tener, anterior à do Oscar Sabino, ele tinha conseguido, talvez outras entidades também descontam 50% nas passagens, sabe!? Jornalista tinha muito privilégio. 50%. Quer dizer, nas passagens de dois mim, pagava só mil né!? Então, o dinheiro que o governador liberou pra duas passagens, dava pra ir os quatros. Ficou do mesmo jeito. Aí o governador brincando depois que soube: [*fazendo a voz do governador*] \_ Ó... se eu soubesse disso eu tinha dado só pra um [*risos*]. Falou brincando né!?. Mas o Cunha Júnior, é o seguinte: Na hora lá, ele não quis falar que a passagem já tinha desconto né!? Senão o cara ia até falar que tinha desconto que ele podia arrumar...

Bom. Pra você ver o prestígio do radialista da época. Nós tínhamos que viajar, no outro dia recebemos a comunicação, sabe!? Pra encontrar no Rio de Janeiro pra ser a delegação brasileira no avião. Avião da PANAIR [*leia-se Panér*] do Brasil. PANAIR do Brasil, aquela empresa de aviação nacional, estatal. Que tinha linha até pra Europa. PANAIR do Brasil, depois o governo acabou com ela. Que pena! Acabou com ela e o material dela, os avião, serviu para fundar a VARIG, sabe!? Pra poder proteger os empresários do sul. Porque a revolução teve muita força no Rio Grande do Sul. Então a VARIG aproveitou o espólio da PANAIR do Brasil

Aí, acontece que Cunha Júnior, deu uma prensa no governador.

\_ Ô doutor José Feliciano nós temos que viajar amanhã.

\_ Não, não dá não, a secretaria da fazenda tá fechada hora dessas.

\_ Mas, quê quê isso!

(Felipe Santa Cruz era o secretário da Fazenda. Mas muito honesto né! Dinâmico) Aí o Cunha:

\_ Não, nós precisamos desse dinheiro é hoje governador.

(absurdo né!) Aí o governador:

\_ Então faz o seguinte: Entra em contato lá com Felipe Santa Cruz.

Aí o Cunha Júnior. (Cunha Júnior! Nosso Cunha Júnior que você ficou conhecendo, era dinâmico. Tinha mais prestígio que os donos da rádio). Aí o Cunha Júnior foi lá no Secretário da Fazenda, acordou ele, e ele.

\_ Ó! Tem que arrumar o dinheiro pra nós.

Eu lembro como se fosse hoje. O cofre antigo, aquele cofre com aqueles trem redondo assim de abrir... [*rindo*] Nós fomos lá no cofre da Secretaria da Fazenda. O secretário com aquele monte de dinheiro lá. O dinheiro do Estado! Dos impostos, não sei de quê lá. Tinha nota pequena, nota velha. Ele foi contando, contando, e pois numa pasta desse tamanho [*mostrando uma medida com os braços*]. O Cunha segurando a pasta. Aquele tufo de dinheiro. Dinheiro pequeno, nota pequena. E o Cunha:

\_ Aqui, vem aqui, tá de noite, tem um agente da VARIG aqui. Vendeu as passagens pra nós, para o Rio de Janeiro.

Porque nós tínhamos que pegar esse dinheiro, sabe!? Ele vendeu as passagens pra nós para o Rio de Janeiro e lá do Rio de Janeiro a gente tirou a outra passagem para ir pra Europa, sabe!? Por que o congresso não costava as passagens de quem quisesse ir não. Só as despesas de hospedagens, sabe!? Então, a força do rádio. Presta a atenção!. A força do rádio deu sustentação para a imprensa daqui, que era a Associação Goiana de Imprensa, participar do congresso muito importante, segundo congresso internacional de jornalista realizado em Viena em 1960. Naquela época já se falava muito, na nova capital do Brasil. Nós sentimos lá falava-se muito em, café, e muito também em Pelé, e na exuberância da Amazônia. Congresso muito importante. Nós fomos a esse congresso, graças à força do rádio goiano. Que sacudiu o governador; fez o secretário dar o dinheiro de noite, dez horas da noite, onze horas. E o Cunha Júnior, radialista.

### 3) *Você se lembra de nomes das pessoas que estavam envolvidas na rádio Clube?*

*Resp.:* Sinceramente. Sílvio Medeiros participou dela. Norma de Alencar. Wolmer Amaral, um cantor; ele tá vivo até hoje; Josafat Nascimento, um cantor com a voz bonita; São os seresteiros. Saia cantando aí pela noite aí. Cantava no rádio e fazia serenatas para as moças bonitas de Goiânia. Naquele tempo podia fazer isso. Se for fazer isso agora sabe o que acontece? Eles tomam o violão e ainda quebra na cabeça [*risos*]. Naquela época podia. O dia amanhecendo e a turma cantando; Josafat, Wolmer Amaral e outros cantores sabe!? Tinha também a música sertaneja aqui. Zé Micuim e Chico Onça. Uma dupla de radiofônica, música de raiz. Muito famosa. Zé Micuim, C. U. Fez sucesso. Agora, ocorre que esses todos fizeram história, mas quase que não tem material.

Um que merece um capítulo especial, lembrei agora, na radiofonia goiana, é o Morais César. Foi bom lembrar. Morais César. Tem também o Manoel Madruga que trouxe o Morais César pra cá, de Uberlândia, sabe!? Manoel Madruga foi o fundador da Rádio Anhanguera. Quando ele fundou a rádio Anhanguera ele trouxe o Morais César pra

trabalhar aí como radialista. Eu lembro quando Morais César chegou aqui. Ele não conhecia ninguém, é natural. Mas ele era muito expansivo, de uma voz forte, sabe!? Muito simpático. Pegou amizade. Logo ele bolou um programa. Programa “Nossa Fazenda”. Esse programa no início teve muita ajuda de um radialista que tinha aqui. José Macedo. José Macedo ajudou ele aqui. Bastante. Radialista, José Macedo. Ele era jornalista e radialista. Ele que apresentou Morais César aqui viu, para sociedade, para os empresários. Morais César sempre foi agradecido a ele.

Existia fraternidade naquela época. Esse José Macedo saiu apresentando Morais César aí pros empresários.

\_ Esse é Morais César, o grande radialista de Uberlândia, veio pra cá.

Morais César logo botou no ar esse programa “Nossa Fazenda”; horário ruim rapaz! Quatro da tarde. Quê que isso! Sol quente! A gente chegava pro interior, to repetindo né!, e serviço de alto falante ligado, da cidade do interior aí. Porque nessas cidades aí não tinha rádio, não tinha jornal, não tinha nada. O alto falante que era a comunicação! Música, notícias, nascimento, falecimento... Então, sol quente, “Nossa Fazenda”. O prefixo dele, ele sempre falava no ar assim:

\_ Colosso! Colosso! Colosso! é a nossa fazenda, colosso!

Todo mundo que via ele na rua falava: Ô colosso!?

Ele defendeu com unhas e dentes a música de raiz. Ele nunca deu apoio pra essa música sertaneja urbana, sabe!? Tipo Zezé de Camargo e Luciano, essa turma aí. Com ele não tinha vez não. É música de raiz mesmo. E ele protegeu os cantores da música sertaneja daqui, sabe!? E o programa dele deu muita renda. Ele ganhou dinheiro. Praticamente ficou rico com esse programa. Ganhou muito dinheiro e fez investimento, imóveis etc. Sobre aproveitar bem o que ganhou. Igual esses jogadores de futebol... Investiu bem o dinheiro. Mas, ele trazia muitos cantores, dupla famosa do Rio, São Paulo, pra apresentar aqui nas boates daqui, sabe!? Patrocinava e dava dinheiro nas boates, nos clubes e também apresentava no programa dele, sabe!? Todas as duplas famosas, tipo aquela dupla que cantou aquela música “no rancho fundo, fica lá pra além do mundo...”. (Chitãozinho e não sei o quê, foi a dupla primeira que fez isso. Depois Chitãozinho que veio aí, malandroco, registrou Chitãozinho. Esperto. E cantou essa música também, o que perdeu. O cara não registrou, e ele ficou como se fosse autor. É nada. Chitãozinho é outro, esse Chitãozinho e Xororó aí é um usurpador sabe! Pode por isso aí, usurpador. [*cantando*] No rancho fundo, fica lá pra além...) a música clássica, da música sertaneja, esse Chitãozinho de agora roubou do outro. Põe isso aí. Ele registrou a marca e patente. Homem danado esse... E saiu-se bem, ele tá rico, esse Chitãozinho de agora.

De forma que esse Morais César merece um livro sobre a vida dele. A viúva dele tá viva aí. Tem muita coisa sobre ele, viu. Acredito que você deveria procurar.

4) *Na época que estava na Rádio Clube, você se lembra de ouvir falar da existência de outra emissora de rádio em Goiás?*

*Resp.:* Não. Depois da Rádio Clube surgiu a Rádio Carajá, de Anápolis. A Rádio Carajá de Anápolis é a segunda. Aliás, você podia fazer uma visita lá, em Anápolis. Tem história, a rádio Carajá de Anápolis. Marcou época. Depois tivemos as outras aqui! A rádio difusora, nascida do alto falante depois da rádio Anhanguera. E no interior teve outras emissoras. Você tem que percorrer alguma coisa no interior também.

5) *Quando você fala que no interior as pessoas ouviam a rádio em alto-falantes. Como era isso?*

*Resp.:* Alto-falante é o seguinte: Vê esse serviço de alto-falante de propaganda que passa aí na rua, vote em fulano de tal? Tinha esse mesmo serviço de alto-falante fixo. Naqueles postes alto assim. Na cidade do interior. Com o bocal virado assim. Então aquele lado de lá ouve melhor o barulho. O de cá ouve menos. Geralmente eles põem dois, um pra um lado e outro, pro outro. Então, ali eles pegam o rádio, liga o rádio e bota no alto-falante, na amplificadora do alto-falante. Ela retransmite aquilo. O som sai um pouco deformado mas sai bom, sabe!? Então ela retransmite. (fazendo voz de locutor)

\_ Agora o serviço de alto-falante. A voz de Goiatuba entre cadeia com a rádio tal... apresentar o programa “Nossa Fazenda” [*voz aguda*] Colosso! Colosso! Colosso!. Formidável, ó... Eu não vou declamar aquele negócio do “Lenço Preto” porque você já sabe. “Lenço Preto” é declamado sempre nessa... [*nesse momento o entrevistador interrompeu pedindo que contasse novamente a história do “Lenço Preto”*]. É só um pedaço que eu sei. Vou repetir tudo mais ou menos. Ó, aquele Rolando Bombrim de vez em quando apresenta no programa dele.

Bom. O “Lenço Preto” é a vida rural. “Lenço Preto” era um jovem da roça, naturalmente, mas diferente. Por que ele trabalhou como peão e conseguiu juntar algum dinheiro e comprar um pedacinho de terra; tinha sua mula preta bem arreada; cheia daquelas argolas; era um galã, galã da roça né!? Então é o seguinte. Ele não era um peão. Naquela época os fazendeiros tinham uma porção de peão, muitos ranchinhos; naquele domínio deles era uma pessoa independente. Ia nas festas. E os homens tinham uma certa inveja dele né!? Os pitador de cigarro de palha. Então era mais ou menos assim. O Morais César declamava.

“Lenço Preto” etc, etc, depois falava assim: [*imitando a voz de Morais César*].

\_ Todas moças que ele via até briga elas faziam pra ser sua namorada. “Lenço Preto” não ligava, e a vida ele levava sem saber o que era amor. Mas, um dia de tardinha, por uma linda moreninha seu coração apaixonou. Então se disse como quem ama:

\_ Menina, como te chamas? Tu quer ser minha mulher?

\_ Eu sou a Rosa! (Ela responde). Sou filha do Zé Marconde e sua serei se você quiser.

[*ele interrompe a história para fazer uma observação*] Nota aí que a moça já era apaixonada por ele, né!? Respondeu assim de pronto. Eu sou a Rosa, ela responde. Sou filha do Zé Marcondes e sua serei se você quiser. Que coisa hein!

Depois teve o namoro. Ele conta o poema dele, sobre o namoro dos dois etc, etc. De muito pudor, muito respeito, conta toda a história. E quando foi no casamento, a capela tava cheia de gente. Na hora do casamento o padre muito alegre:

\_ Quem souber alguma coisa que fale agora ou cale para sempre (tem isso né, no casamento).

Quando todo mundo tava preparando para os negócios da aliança entra uma pessoa correndo e no ouvido do padre ele falou alguma coisa que o padre amarelou. Falou e rimou com amarelou, mais ou menos isso. E o padre:

\_ Meus irmãos!

O padre falou assim solenemente

\_ Um momento! Tá suspenso o casamento. Isso é duro eu bem sei, mas é contra a nossa lei se casar irmão com irmão.

Alguém foi lá e falou que os dois eram irmãos. Porque a Rosinha separou-se do irmão. O irmão foi doado para outra família! De origem pobre foi doado para outra família, foi criado sozinho, depois quis o destino que os dois se encontraram. Que manêro!. É a versão camponesa de Romeu e Julieta. Só que o Romeu e Julieta, os dois não eram irmãos, e esses dois eram de fato. Então continuou a declamação do poema dele, depois aconteceu o seguinte. Os dois se amavam tanto: *[declamando]*.

\_ Quando foi no outro dia, todo mundo já sabia, o que na cidade acontecia. Encontraram os dois defunto e um bilhete assim dizia: Vice nós não poder se casar, resolvemo morrer juntos.

Mas morrer junto rima com difunto *[risos]*. Morreram, coitados.

Ah! E tem o seguinte: E muita gente chorava hora que ele falava isso. Um dia eu notei, quase que eu lacrimejei *[risos]*. É verdade. Não estou falando brincando não. Principalmente essas pessoas mais jovens.

Ele era um grande declamador Morais César. Ii... rapaz, e nas festas também. Ele fazia também aquela “Mão de Eurípedes”, não era só isso que ele declamava não. Muito solicitado nas festas. Grande Morais César. Tinha que publicar um livro sobre ele e com a fotografia dele na capa.

Goiás é expressão de música sertaneja, sabe amigo, deve-se muito a Morais César. Que fez com que as pessoas respeitassem esse estilo de música. De primeiro aqui tinha um preconceito. Ah! Música caipira, música caipira não sei o quê... Agora não, é diferente. Tanto é diferente, que tem muita gente aí imitando que é caipira e ficando rico né!? Ficando tão rico que até as mães dos cantores passam a ser escritoras, você já viu isso aqui? *[procurando em cima da mesa por uma matéria num jornal onde tinha lido sobre a mãe de um cantor que passou a ser escritora]*. A mãe do Zezé de Camargo e Luciano virou escritora. A outra virou cantora. Isso é a riqueza. É a potência. Tudo usufruindo da música sertaneja. São exploradores. A música nossa, a verdadeira música é a música de raiz. Ainda existe. Eu louvo aqui, o programa do Amilton Carneiro. O programa “Frutos da Terra” que passa da televisão. Ele passa uma dificuldade, coitado. Não sei como ele mantém no ar aquele programa. Ele só prestigia a música de raiz. Zezé de Camargo não tem vez lá não. Nossa senhora! E os outros também. Ele merece um grande apoio. Aliás, esse homem, merece admiração de todos nós, o Amilton Carneiro.

6) *O Venerando de Freitas Borges fazia alguma interferência na programação da Rádio Clube?*

*Resp.:* Claro que ele influenciou a rádio. Ele sempre foi um comunicador. Ele foi fundador da Associação Goiana de Imprensa. Na cidade de Goiás. Ele sempre foi um homem de jornal. Ele era o diretor do jornal “O Comércio”. Ele trabalhou no jornal do povo. Agora, a rádio Clube o Venerando tinha influência mas não era política não. A rádio era da cidade. Não tinha politicagem de jeito nenhum. E era da índole do Pedro Ludovico. Homem muito honesto, sabe!? Depois que ela foi vendida para o diário dos associados. Muito depois. Uma rádio querida. Eu sei que depois ela foi vendida para o Jorge Cajurú. Jorge Cajurú tirou o nome de rádio Clube botou Rádio K do Brasil, horrível. Agora é 730! É a continuação da rádio Clube. Que povo sacana, mas, a razão social continua até hoje, Rádio Clube de Goiânia S/A. Interessante. Só muda o nome fantasia. Passou pra Rádio K do Brasil; até a AGI fez uma campanha para que voltasse o nome, rádio Clube. Mas foram insensíveis os novos donos. Botaram 730. Eu acho que eles perderam porque se mantivesse

rádio Clube, aumentaria até o faturamento, sabe!? Pelo menos os comerciantes antigos, aqueles que ainda estão vivo, lembrava da rádio Clube e daria patrocínio comercial por sentimentalismo [risos].

7) *E como era a escolha do pessoal para trabalhar na rádio?*

*Resp.:* Ah, naquele tempo era os profissionais que tinham capacidade. Ah não ser alguma influência política. Mas tinha poucos profissionais. Todo mundo que se destacava um pouco. Agora o Cunha Júnior é o seguinte... [se levantando e mostrando pela janela duas árvores de figueira que se localizam nos canteiros da av. Goiás]. Essa árvores ali ó... Tem poucas árvores daquele tempo. E a figueira né!? Ali tem uma e ali tem outra. Foi plantada naquela época. As pombas trouxe as sementinhas dela. Pomba do mato viu!? O Cunha Júnior encostava a bicicleta dele por aqui ó. E não tinha cadeado, não tinha nada não. E saía. Ninguém roubava bicicleta. O Cunha Júnior faturava de bicicleta. Pegando anúncio na rua aí. Esse grande radialista que você conheceu. Esse homem a quem nós devemos ter participado do congresso de jornalismo. O rádio deu um suporte para a AGI.

[conversas aleatórias dentro do carro, indo em direção ao “Diário da Manhã”].

Eu lembro de um programa que se chamava Hit Parade. Então a embaixada procurava difundir muito a música americana aqui! Naquela época não se falava em música estrangeira. Difusão, era novidade. Agora hoje em dia as rádios só tocam músicas estrangeiras.

Ah! Tínhamos também programas que a embaixada mandava para distribuir. Tinha um programa de cunho político que se chamava Frank e Maria. Frank era americano e Maria era cubana. Sabe como era!? Frank enamorou-se de Maria. Maria não tinha mais liberdade que acabou em Cuba. Era um drama dos jovens namorados. No fim Frank tenta tirar Maria de Cuba para levar para Miame, para os Estados Unidos e consegue. Mas nesse ínterim, nesse enredo todo, de polícia, de trem perseguido tá ensinando o curso de inglês, sabe!? As pessoas seguiam esse drama radiofônico, vários capítulos, e a Maria, bonita naturalmente, e Frank era o americano. Podia ser o contrário né!? A Maria ser americana e o Frank ser cubano. Mas logo homem, é machista.

Ah tinha outros programas também... que a embaixada americana mandava.

Serviço de divulgação e relação cultural dos Estados Unidos tinha representante, eu fui representante aqui. Foi através desse avassorado que comecei lá no Popular sabe!? De limpeza.

Eles mandavam programa de televisão. A televisão foi fechada aqui pela ditadura né, a TV rádio Clube. Então o Braga Sobrinho fez um protesto e transmitiu. Então a televisão ficou no ar só naquela semana...

## ENTREVISTA COM JOSÉ CUNHA JÚNIOR

*Realizada em julho de 2006.*

*1) Fale sobre a sua relação com o rádio em Goiás na época em que foi locutor.*

*Resp.:* Foi uma época bem diferente da vida normal mas muito proveitosa, porque trazia uma nova atividade para os jovens de Goiás. E assim foi o início do rádio. Muita coisa tinha que ser estudada pra depois ser discutido e apresentado. Era o que mais interessava dentro da categoria. Mas muita coisa foi descoberta. Porque muita gente começou a trabalhar disciplinadamente. Em algo que não existia aqui. Não tinha semelhança. Tudo tinha que ser feito com base num trabalho novo. Formação inédita. E aí foi com o tempo, todo mundo foi se aperfeiçoando, principalmente, pelo posto que havia da classe, pra galgar uma posição diaprática, e aí o assunto tornou-se muito mais fácil. Foi fácil para queria iniciar na atividade. E nós tivemos a satisfação de fazer em primeiro plano, em primeiro lugar para servir de exemplo para os outros. Foi bom, foi ótimo. Vocês hoje já deve tá sentindo que o rádio tá muito mudado. Tornou-se uma escola realmente. E com isso muita gente aprendeu... contactar, aprendeu reunir, aprendeu sistemas novos. E foi muito gratificante para todos que vinham trabalhar. E aqui todo mundo queria trabalhar. Tanto que Goiânia hoje, essa nova versão para as atividades diversas. Pra quem quiser se instalar, quiser começar uma atividade. O campo já está completamente aberto. Foi assim que foi refeito o rádio, que era uma inexperiência geral, e de repente tornou-se uma casa de atividades.

*2) Tinham muitos locutores naquela época?*

*Resp.:* Tinha muitos pretendentes. Muitos locutores não tinha não, porque ninguém tinha experiência, tava tudo em iniciação. Mas foi muito bom porque abriu um novo campo de atividade. Do rádio partiu o noticiário, porque não tinha noticiário. Passou a existir um noticiário. Passou a mostrar como estudar em casa. Estudar departamentos. E tudo foi formalizando para o bem da comunidade. E assim hoje, Goiânia tem uma experiência, uma vivência muito boa de como conduzir problemas e como discuti-las e como tirar suas vantagens. Tanto que hoje, toda empresa tem seu grupo de trabalho, tem sua definição de como agir, como tocar as coisas... Foi muito bom, porque todo mundo desinibiu, todo mundo saiu do lugar comum para uma vida já organizada. E nós tivemos a sorte de ver. Fomos os primeiros a trabalhar nisso e incentivar as pessoas. Tanto que hoje todo mundo quer uma função, quer um cargo, quer isso, quer aquilo, tudo em razão de um aprendizado que houve no início.

*3) Qual era sua idade quando começou a trabalhar no rádio?*

*Resp.:* Eu comecei aqui com 20 anos. E hoje eu já to comemorando aí 60 de casados. Hoje estou com 83 anos.

4) *Quando você estava no rádio tinha algum codinome que utilizava nos programas?*

*Resp.:* Quando eu comecei tinha, mas depois desapareceu. Era Paulista. Porque eu fui criado em São Paulo de 2 a 9 anos de idade. Eu tinha aquele sotaque paulista, no início era muito carregado, e hoje já não tenho isso mais. Mas era uma maneira carregada de falar, uma maneira diferente. Então fiquei nos primeiros anos com o apelido de Paulista.

5) *Você era locutor?*

*Resp.:* Eu era locutor, mas, quando eu comecei como locutor já não tinha tanto o apelido, porque já não falava tanto rapidamente, já tava moderado, mas de qualquer maneira ficou o antigo apelido.

6) *Como você entrou no rádio?*

*Resp.:* Eu comecei na minha terra com serviço de alto-falantes. Eu comecei a aprender ler texto, uma coisa, ou outra. Na minha terra, Passos, Minas Gerais. E lá eu aprendi muito. Me eduquei e já fui ganhando uma escolaridade de como falar no rádio. Ler texto ou falar de improviso, tudo isso, fui aos poucos aprendendo. E quando dei por mim já tava com cinquenta anos. Já tava com muita vivência. E aí eu comecei a trabalhar no comércio. Dada a desenvoltura eu comecei então a fazer também propaganda, que era o detalhe principal do rádio. A propaganda que era a manutenção do rádio, e era a maior escola, era a parte de falar, a parte de escrever, contactar. Tudo isso eu aprendi na profissão. A falar, a escrever, a ouvir, a dar indicações, foi tudo com o tempo eu fui aprendendo. Tanto com entrosamento, aquilo foi muito bom, pra eu poder estender mais minha vontade, a minha vocação. Foi muito bom porque eu pude transmitir isso aos que estavam chegando. Todos entraram na mesma e todo mundo aprendeu igualmente. E foi para o mercado. Porque o resultado era muito bom. O resultado da escolaridade era excelente. Tanto do que tinha que escrever, como o que tinha que falar.

7) *O Sílvio Medeiros disse que você foi um dos primeiros locutores da primeira rádio!*

*Resp.:* Rádio Clube, é verdade. Ele inclusive foi se inteirando da profissão lá conosco! Com nosso trabalho ele se entrosou e virou também um maníaco, como nós todos, nós éramos ligadíssimos aos problemas.

8) *Antes de você, teve outros locutores nessa rádio?*

*Resp.:* Pouquíssimos, porque nós estávamos aprendendo. Então foi muito bom pra gente. Então eu parti pra outra. Treinamento de auditório, falar no auditório, conduzir auditório. Tivemos que aprender a transmitir futebol, eu aprendi. Eu fui o primeiro locutor esportivo.

9) *Quantos anos tinha essa rádio quando você começou a trabalhar nela?*

*Resp.:* Ela tinha meses. Estava iniciando. Tava com a autorização também do Ministério dos Correios e Telégrafos, que era do domínio dessa organização, ligada à comunicação do governo.

10) *Quem fez o convite pra você ir para o rádio?*

*Resp.:* Eu que me ofereci.

11) *E quais eram os nomes das pessoas que eram responsáveis pela rádio?*

*Resp.:* De uma maneira discreta. Era o professor Venerando de Freitas, prefeito da época. E ele foi muito ouvido e foi muito fácil de interpretar o que todo mundo queria. Ele foi um traço de união espetacular. E ficou com muita moral dentro do grupo. Porque ele não era assalariado, ele não era nada, e estava ajudando a cidade. Ele sabia que ali ia dar muito emprego, ia dar muita função, e realmente deu. Ele teve muita percepção disso. Foi excelente. Venerando de Freitas.

Engraçado que o Venerando fez tudo isso de uma maneira simplória, e de uma maneira informal. Ele foi espontâneo, porque ele não recebia, não ganhava nada. E ajudou muito. Por isso tornou-se um elemento querido, dentro do rádio. Nessa sociedade aí ele fazia pela cidade. E ele soube fazer. O importante é isso. Ele já era professor né, tinha o domínio das massas.

12) *Vocês tinham algum salário?*

*Resp.:* Eu era assalariado. A rádio pagava. A rádio tinha rendimentos e pagava. Os rendimentos vinham pela publicidade que a rádio fazia. Aí a rádio passou a ser auto suficiente, porque ela passou a fazer propaganda... tinha direito ao dinheiro que entrava com essa propaganda. E aí foi outra maneira do pessoal se conscientizar e entrar pra faixa da necessidade do rádio como elemento atuante, como elemento de renda.

13) *Você se lembra de como veio esse rádio pra Goiás?*

*Resp.:* Lembro. Foi provocado. Foi coisa avocada pelas pessoas que tinham interesse. Porque o rádio tinha que funcionar, era uma necessidade premente, a atividade do rádio como informante, como noticiário. Tudo deu certinho. Tanto que hoje o rádio é muito bem vindo.

14) *Você se lembra do nome de pessoas, além do Venerando fizeram alguma coisa pra trazer esse rádio pra Goiás?*

*Resp.:* Teve o Francisco Pimenta Neto. Sabia muito, já veio com escolaridade de rádio. Ajudou muito. Ele foi iniciado no rádio na terra dele, São Sebastião do Paraíso. Lá que ele realmente começou a parte de entendimento. Porque ele gostava muito. Ele que encaminhou os filhos, deu um resultado extraordinário. O filho dele era o maior radialista. Era o Francisco Pimenta Neto Filho. Era o Pimenta. Pimenta Neto. Muito bom profissional. Fazia com muito gosto. Fazia mais por gosto, do que por dinheiro, ou qualquer manutenção. Ele foi muito bom. Ele foi um elemento aqui que um dia alguém deve se lembrar e dar um destaque ao Pimenta.

15) *E qual era a função dele na rádio?*

*Resp.:* Locutor. É. Era locutor. E ele sabia muito de rádio. Aprendeu com pai, lá na terra dele, São Sebastião do Paraíso, em Minas. E chegou aqui e pôde lançar, pôde fazer a vida com isso. E ele era muito querido.

16) *E quando chegou o rádio aqui em Goiânia?*

*Resp.:* Foi em 1942. Em 1942 chegava a rádio Clube em Goiânia. E a rádio Clube foi com muito gosto, com muito prazer, foi a grande pioneira, foi a iniciadora do movimento do rádio aqui. E que deu todo esse futuro que hoje o rádio tem aqui. Hoje é uma profissão interessante. Porque produz muita coisa boa. E o noticiário de hoje é o máximo.

17) *E como era a periodicidade de funcionamento dessa rádio Clube?*

*Resp.:* No início ela funcionava das seis às doze. Depois das dezoito às vinte e quatro. Isso foi no início, foi meio partido. O horário era dividido. Depois ficou tão comum que já passou a ser direto. Passou a ser diário. Era dia todo. Funcionava muito bem. Tocando música, alegrando. Ou fazendo notícias e informando. Isso tudo foi com muito gosto, com muito prazer e que todo mundo abraçava como se fosse uma grande função. E foi. Todo mundo teve muito gosto em participar desse trabalho. E todo mundo sabia que estava sendo preparado para o futuro. E hoje é isso. Tá tudo aí. Rádio, televisão, shows, artistas, elementos novos. Tudo isso foi criado.

18) *Existia aparelhos receptores nesta época, como ocorria a transmissão da emissora?*

*Resp.:* Não existia aparelho receptor, nem aparelho de transmissão. Tudo era devagarinho. Mas deu certo. Porque foi tudo coordenado pelo interesse que havia, depois profissionalizou-se, isso tudo foi dando impulso e foi agindo paulatinamente, até que todos tomaram consciência de que era uma profissão séria. E aí passou a fazer futebol, fazer muita coisa, começaram a criar, fazer criações para poder atrair mais para o rádio. E foi aí que o futebol ganhou esse impulso todo.

19) *Você recebia alguma orientação dos proprietários, do que falar no rádio?*

*Resp.:* Era o Pimenta Neto que ditava tudo. E todo mundo aceitava, e achava que aquilo era lógico. Que realmente foi que com dez anos já tava todo um esquema armado de uma nova profissão. Deu um resultado extraordinário.

20) *Como era seu relacionamento com o ouvinte?*

*Resp.:* Era muita curiosidade, que todo mundo já tinha esse interesse que tem hoje, por novidade, por elementos, o que vai fazer, o que vai programar. Hoje é a mesma coisa do que era antes.

21) *Então a emissora tinha um alcance apenas local?*

*Resp.:* Até que a rádio clube ela tinha um transmissor valente. Ela saía do Estado. O som chegava fora. Sempre você recebia cartas de várias cidades de Minas, São Paulo. Já tinha uma penetração fabulosa.

Não era uma frequência batida. Era de quando em vez que extravasava o Estado.

22) *E como se dava a manutenção dos equipamentos?*

*Resp.:* Tinha os técnicos. Que começaram como operadores de rádio, tudo, depois, foram servir de técnicos. Aí que deu maior consistência e deu mesmo razão de ser da nova categoria que surgia, da nova atividade.

23) *E como era o estado dos equipamentos?*

*Resp.:* Eram todos novos. Era muito barato, na época. Tudo isso era de uma aquisição fácil. Não é como hoje, hoje isso aí custa muito dinheiro. Mas era barato.

24) *E o interesse do comércio com o rádio?*

*Resp.:* Foi crescendo que todo mundo era anunciante. Virou uma febre. Deu um resultado extraordinário. E aí me tornei corretor. Eu fui o principal corretor, modéstias patas, eu fui o principal corretor da rádio no início do aparecimento dela.

25) *E qual era sua função enquanto corretor?*

*Resp.:* Era locutor. Era locutor já com nome. Já com a experiência, com voz timbrada, preparada pra ficar...

26) *E aí você corria atrás de comerciantes, como era?*

*Resp.:* É. Corria atrás. Arranjei uma bicicleta e girava os comércios todo, com essa bicicleta. Bicicleta ficou famosa. Eles gostavam, pagavam direitinho. Porque eu fazia o seguinte: Eu fazia o texto, bolava o texto, criava o texto, as vezes com ajuda do próprio comerciante. E as vezes com outros elementos. Eu vendia a propaganda, fazia o contrato, e fazia a leitura depois, porque eles queria que eu lesse o texto, então eu fazia a leitura, fazia a redação, fazia a venda do contrato. Eu vendia o anúncio, escrevia, falava e ainda colhia a assinatura do contrato, vendia publicidade, fazia tudo, eu até recebia.

27) *Onde foi o primeiro estúdio dessa rádio?*

*Resp.:* Era... parece que era numa repartição, to muito lembrado não.

28) *Se lembra qual foi a segunda emissora?*

*Resp.:* Segunda... segunda foi um fusuá danado. Brasil Central. Entrou bem, tinha equipamento, tinha muita gente, tinha todo um sistema, quando eles entravam, já entravam

tecnicamente; já tinha aprendido conosco, então foi mais fácil aperfeiçoar. Foi assim que o rádio foi... E engraçado, foi outro dia que eu me aposentei. Já aposentei. Aposentei com 42 anos de atividade. Trabalhei 42 anos. Sem sair, sem nada, era batido. Trabalhei muito mesmo. E tinha que fazer, as coisas iniciais tinham que deixar para o outro quando que viesse fazer já encontrava tudo preparado. Então fomos duas vezes pioneiros

29) *E como era a relação dessas duas rádios na época?*

*Resp.:* Havia muita fofoca, havia muita política, muita vaidade. Mas tudo foi superado. A vivência foi que deu condições de uma neutralidade geral para todos os atuantes. Foi bom.

30) *E como era a relação dessa rádio clube com os partidos políticos da época?*

*Resp.:* Os partidos queriam aproveitar o mundo do rádio. Tinha as tabelas. Eles pagavam, usavam e tiravam proveito. Não tinha nem uma restrição, tudo certo. Todo mundo queria tirar vantagem. Até hoje. É a mesma coisa, não tem diferença nenhuma. Só varia preço e varia o fechamento do contrato, mas é tudo igualzinho.

31) *E vocês locutores tinham alguma restrição do que falar no ar?*

*Resp.:* Nós tínhamos recomendação. Mas todo mundo agia dentro das normas. Todo mundo era entendido, era relacionado com vantagens.

32) *Que espécie de recomendação?*

*Resp.:* O presidente do partido que tinha interesse fazia a observação que ele queria. As autoridades também todo mundo compreendia que tinha que entender algo.

33) *Que tipo de música era mais tocada?*

*Resp.:* Sertanejo dominava.

## ENTREVISTA COM FERNANDO CUNHA JÚNIOR

*Goiânia, 10 de maio de 2007.*

*1) Quem é o Fernando Cunha Júnior em relação ao Rádio em Goiás?*

*Resp.:* Eu em 1953, 1954 não sei exatamente a época, eu, de repente comecei a... primeiro eu fiz um programa estudantil na rádio Carajá, eu era representante da área estudantil, fiz um programa estudantil. Em decorrência disso depois um diretor da rádio na época, me convidou para ir trabalhar na rádio. E... Foi mudada a diretriz da rádio e aí assumiu a presidência da rádio um cidadão chamado, Plínio Jaime, que foi secretário do Estado, foi deputado estadual etc. E ele me convidou pra escrever o jornal falado da rádio. Eu comecei escrevendo o jornal falado da rádio e a partir desse momento fui aos poucos assumindo as atividades da rádio. Passei a cuidar da parte comercial. *[nesse momento a entrevista foi interrompida por uma ligação telefônica]. [continuando]* Eu fui então redator da rádio, escrevia os jornais falado, depois, passei a cuidar da parte comercial, depois, mais tarde, eu me tornei acionista da rádio, inclusive, até eu vender as minhas ações da rádio eu fui diretor superintendente da rádio.

A rádio Carajá, tinha sido fundada, eu não sei exatamente o ano, mas talvez uns dez anos ou mais, deve ter sido a segunda ou terceira estação de rádio mais antiga do Estado de Goiás. Ela foi fundada por um cidadão que veio de Bauru, São Paulo, de família tradicional no setor radiofônico, e esse cidadão chamava-se Ermetti Simonetti. Ermetti Simonetti foi o fundador da rádio Carajá que a colocou em funcionamento etc. E durante muito tempo ele dirigiu a rádio, a sua esposa chamada, Elídia Simonetti. Era uma família de artistas, inclusive. E posteriormente, o falecimento do Ermetti, o controle reacionário da rádio foi passando pra outras pessoas e finalmente nós tínhamos, Plínio Jaime e eu, mais alguns companheiros, tínhamos o controle da rádio.

Eu fiquei lá durante uns dez anos ou mais, de dez a quinze anos, e quando eu deixei, eu vendi as minhas ações e deixei a rádio.

*2) Nessa época quais as emissoras de rádio você conhecia em Goiás?*

*Resp.:* Olha! Nós tínhamos aqui a rádio Clube de Goiânia, uma das mais antigas. Não sei se tinha outra rádio. Tinha a rádio Clube de Goiânia, nós tínhamos lá em Anápolis, a rádio Carajá, e também não sei se tinha outras rádios no Estado de Goiás não. Posteriormente, eu e o Plínio Jaime, fundamos uma outra rádio em Anápolis que foi a rádio Santana. E durante algum tempo nós fomos proprietários da rádio Santana e a vendemos para os frades franciscanos que transformaram a rádio Santana em rádio São Francisco.

*3) Você se lembra de nomes, das pessoas envolvidas na rádio Carajá nesta época?*

*Resp.:* Bom. O presidente da empresa era o Plínio Jaime, falecido, e nós tínhamos lá alguns nomes assim que eram mais queridos da população em termos de atuação, fazendo programas de auditório etc. Que era o Izaac Abrão, já falecido, o Antônio Afonso, talvez um dos precursores da locução esportiva no Estado de Goiás, Antônio Afonso de Almeida, também já falecido, Clóvis Guerra, também já falecido... quase todos lá daquela época já faleceram.

4) *Como era o material técnico da rádio?*

*Resp.:* Ah! O mais precário possível. Naquela época era tudo via fio. Lá não tínhamos nada em termos de transmissão de rádio, era tudo fio, ou seja, ia transmitir do estádio, por exemplo, era via fio, e qualquer outra transmissão era via fio, com todas as dificuldades do mundo. Eu me lembro quando a gente ia adquirir, ia assumir a rádio a gente tinha um gravador lá. Esse gravador era uma caixa assim de uns 80 centímetros de comprimento, 20 a 30 de largura, era uma caixa imensa. Aquilo lá era o gravador que a gente usava pra fazer qualquer reportagem, qualquer gravação. Era um negócio assim... totalmente maluco... não tem o menor sentido em termos de hoje. A gente tinha realmente muita dificuldade em termos de tudo. 99% do tempo da rádio era feito em estúdio mesmo.

5) *Existiam muitos aparelhos de rádio nesta época?*

*Resp.:* Aparelho receptor tinha sim naquela época. Só que em termos de comunicação só existia aparelho de rádio. Em termos de aparelho nós vivíamos uma fase mais avançada. Não era daquele aparelho muito antigo, com toda dificuldade de captar a voz. Na verdade os aparelhos já eram avançados, e todo mundo tinha aparelho de rádio. Não era ainda época da televisão. Todo mundo tinha aparelho de rádio. A maioria dos carros... Se bem que dessa época o número de carros que era pequeno... Mas lá a maioria dos carros tinha rádio. Agora, o rádio naquele momento era o órgão de comunicação 100%, quer dizer, a população inteira ouvia e participava das coisas de rádio. Então ele conseguia ser um grande formador de opinião da época.

6) *Como foi o processo de você entrar na rádio Carajá? Além de você, como é que eram escolhidas as pessoas para trabalharem lá?*

*Resp.:* Ah! Isso aí era um processo assim... simples. A gente buscava as pessoas que tivesse vontade de fazer... [nesse momento a entrevista foi interrompida por uma ligação telefônica]. Havia uma demanda muito grande em termo de rádio porque era uma fonte de emprego, mas ao mesmo tempo era uma fonte de prestígio. As pessoas que falavam da rádio, que conseguiam ser bons locutores de rádio, bom apresentador, bom apresentador de programa etc. Elas passavam a ser pessoas de muito prestígio na cidade. De modo que havia muita demanda. E os melhores, os bons locutores eram os escolhidos, os melhores redatores eram os escolhidos e pronto.

7) *Você se lembra se alguma rádio de São Paulo ou Rio de Janeiro era ouvida em Goiânia?*

*Resp.:* Essa época, era época das grandes emissoras nacionais, eu me lembro que a grande emissora da época era a rádio Nacional. Rádio Nacional do Rio de Janeiro etc. E tinha grande audiência. Mas aí a gente conseguia conquistar audiência no local ou ler jornal na base das colocações dos programas locais, do noticiário local, dos programas de auditório, dos programas de estúdio que fazia a interlocução com a população etc. Então isso fazia com que de repente a emissora local tivesse preferência sobre a rádio Nacional etc.

8) *Como se dava a relação com rádio com empresas privadas?*

*Resp.:* Olha! Era uma época que ainda não existia agência de propaganda. Então a publicidade de maneira geral, ela era confeccionada, era criada na própria rádio. Na própria rádio a gente criava propaganda e ela era apresentada em textos, lida pelo locutor no estúdio. Dificilmente, praticamente naquela época não existia nem uma propaganda gravada. A propaganda gravada só os anunciantes nacional, o que era relativamente pouco, os grandes anunciantes nacional que de repente mandava discos com a propaganda gravada e essas propagandas então eram levadas ao ar.

9) *Você utilizava de alguma estratégia na produção das propagandas?*

*Resp.:* Na local ou na nacional? A local evidentemente que a gente tinha alguns produtores, alguns criadores, pessoas que tinham algum faros de propaganda que de repente preparava esse material. Agora a que vinha de São Paulo e do Rio, essa já era produzida por lá, já era gravada. Aqueles grandes anunciantes que tinha na época, por exemplo, eu me lembro muito da propaganda da... Cd horse, que produzia o Calco Róis, Glostose, Melhoral, essas coisas todas. Esses grandes anunciantes nacional via de regra também contratava as rádios locais e usava também para fazer propagandas locais.

10) *Quem é que financiava a maior parte dos programas de rádio?*

*Resp.:* Eram os anunciantes. Só que nós não tínhamos centenas de anunciantes... via de regra sempre naquela foi feita de pequenos anunciantes.

11) *O que a rádio representava pra você naquela época?*

*Resp.:* Olha, primeiro a gente conseguia atingir o objetivo. Objetivo de realização pessoal, dentro do próprio rádio, dentro daquilo que a gente produzia. Eu redigia os jornais falados todos da rádio. Sozinho, só eu. Redigia cinco jornais falados de cinco minutos; um jornal falado de quinze minutos e um jornal falado de trinta minutos. Eu fazia isso todo dia. Todo santo dia sozinho. Sem mais ninguém. Bom aí você pode me perguntar, e onde é que arranjava notícias. Era meio complicado mas eu tinha fontes locais, as informações locais etc. E tinha um rádio telegrafista que pegava por rádio telegrafia e outras agências de notícias da época que me fornecia aquilo. Então eu tinha praticamente todos os dias eu tinha a qualidade da notícia. E essa qualidade me permitia redigir assim jornais falados assim muito atual em termos de Brasil, em termos de mundo e em termos locais. Então esses jornais falados eles eram muito bem aceitos e passou a ser até uma espécie até de religião da população aquele horário do jornal falado a população inteira estava ouvindo e assistindo etc. De modo que tudo isso era muito importante pra gente em termos de realização pessoal. E como eu era o comercial também, havia uma realização financeira muito importante, em termos daquilo. Eu depois de dois, três meses que eu estava na rádio eu ganhava mais que o presidente da rádio. E a vida inteira enquanto eu estive lá, eu ganhei mais que o presidente da rádio. Então isso também tinha importância, eu tinha vinte anos de idade, eu me casei com vinte anos de idade já trabalhando na rádio.

*12) Qual era o período de funcionamento da rádio. Ela funcionava todo o tempo?*

*Resp.:* Não. Ela ia normalmente abria cinco, seis horas da manhã e ia até meia noite. Porque de madrugada naquela época não tinha audiência, nada. A madrugada era morta.

## ENTREVISTA COM JUVENAL DE BARROS

Goiânia, 02 de agosto de 2007.

1) *Se lembra do período que tomou conhecimento da Radio Xavantes e da rádio Carajá?*

*Resp.:* Em 47 também foi antes da Xavante entrou no ar a radio Carajá. É. Depois entrou a Radio Xavante. Aí mais tarde entrou... Foi quando cresceu na opinião pública de Goiás. E que daqui se refluiu para outros estados a empolgação cívica da transferência da Capital. Porque a campanha da Rádio Brasil Central era é “Coimbra no Senado, Brasília no Planalto”. Que o Coimbra era Candidato a Senador. A Radio Brasil Central entrou pra ele ser candidato, foi um veículo dele, o que ele arranhou para comprar a consciência da opinião publica, foi a Rádio Brasil Central. Era uma emissora poderosa, porque ela já entrou com duas faixas de onda curta, 31 e 25 metros, e entrou com uma onda tropical de 20 metros e entrou com AM, AM com 50 quilos. A rádio Carajá tinha, tinha 30 a Xavantes tinha 30, 25 aliás. Então ela entrou com um poderio forte. Capitalista, ele pensou: o quê que eu vou fazer pra mim sair. Foi quando apareceu no rádio, se revelou no rádio, o Eli Mesquita, comentarista político, que era só então, cronista, é... cronista não ele era é editorialista, só escrevia, jornalista, Eli Mesquita. Foi quando ele assumiu departamento de notícias da rádio Brasil Central.

Aqui você tem a história de Anápolis da rádio Carajá, [mostrando o livro de Hélio Rocha “Anápolis: e assim se passaram 100 anos”]. Quando ela começou e tudo. Eu não sei se você... Eu não vou depor tudo isso aqui, apenas algumas coisas que você queira perguntar e você leva este livro. Viu? Por que eu só tenho esse livro aqui.

2) *Você já falou bastante em várias entrevistas que já concedeu a outras pessoas, a vários órgãos da imprensa, sobre a sua vida no rádio. E... [ele interrompe a pergunta e começa a falar]*

*Resp.* Essa juventude que está ai, seus colegas de curso superior especialmente da área de comunicação, da imprensa, do rádio, da televisão, da publicidade... que eu fui durante 11 anos diretor de produção da Cannes publicidade, sou pioneiro, porque o primeiro projeto da escola era escola de jornalismo, assim denominada na Universidade Federal; foi um projeto a quatro mãos do Luís Espíndola de Carvalho e me deu um trabalho também em conjunto, para a escola de jornalismo. Quando ela foi criada, a UFG, assumiu a reitoria o emérito professor Colemar Natal e Silva. Nessa época então eu assumia, além de ser o autor e procurar desenvolver para instituir na unidade do culto vocacional, a escola de jornalismo. Eu passei a exercitar também relações públicas da universidade. Eu também sou, então, pioneiro de relações públicas. Alguns colegas da área me chamam de o papa das relações públicas! São amigos mais generosos e realmente os jovens são assim. Um dia você vai ter 87 anos ai você vai falar “o falecido Juvenal tinha razão”.

Porque, porque não é fácil chegar nesse período de idade, assim com tanta disposição e eu me exponho sempre, você não é o primeiro e nem será o último e nesse meio de tempo, nesses últimos dois anos eu tenho sido muito procurado, não pela polícia

felizmente! Mais pelos jovens que procuram se dedicar e conhecer mais aquilo que levou como tema o seu desenvolvimento dentro da sua área e da sua especialidade não é?

Então algumas escolas de relações públicas, outro do rádio, agora recentemente a história da rádio Clube não é?! Eu até estou esperando das meninas lá da Alfa, elas me convidaram para um churrasco que prometeu. O DVD eu recebi, se você quiser, até eu posso lhe emprestar o DVD da história da rádio Clube que tem depoimentos que você não teve não sei, que é da Dalva de Oliveira. É uma figura expressiva do rádio, histórica e romanticamente falando porque ela tinha um programa da noite, falava de manhã e falava também a noite, um programa para os notívagos, para os boêmios, e era um programa muito romântico, muito sentimental, muito cheio de poesias, com o talento dela e a voz doce e agradável da Dalva de Oliveira. Então você deve também... Então eu me prezo a isso e não fujo porque alguns elementos, nossos colegas, ah não... Toufic Sebba, por exemplo, ó Toufic você me desculpe viu Turco, mas você precisa esquecer que você agora é capitão de agro pecuarista, mas seus primeiros passos e suas grandes vitórias foi no rádio, tanto no rádio teatro, então não nega a se entrevistar. Toufic José Sebba. Tá aí o nome da lista do indigitável negativista.

Então tem gente assim expressiva. Nós tivemos João Bênio; Oscar Dias; você já entrevistou Oscar Dias? É uma figura expressiva do rádio teatro em Goiás; no rádio na história do rádio; tem muita coisa pra contar. Ele tem um comentário pela manhã, 11 ao meio dia não sei se ainda tem, na radio Terra não é?! Oscar Dias. Um elemento formidável, profissional, excelente. Então eu me presto a isso. Acho isso muito bom e a gente tem que prestar depoimentos porque se não, se você não contar o passado o futuro fica sem gancho de história, então você precisa contar como é que foi o passado, não o seu por uma vaidade, mas um depoimento seu pra que outros saibam como é que era o rádio antigamente. Hoje você tem aqui um gravador, um pouquinho maior que o meu celular. No meu tempo você viu, numa foto que você tem aí, um gravador que pesava 3 kg não é? Porque ele era valvulado. Então você imagine fazer uma reportagem carregando um gravador de 3 kg. É preciso também exercício físico, precisa ter. Além de dom ter conhecimento da língua, ter uma grande cultura pra improvisar bem, conhecer o mais rico manancial lingüístico do mundo que é a língua portuguesa, você ainda tem que ter esforço físico né pra carregar 3 kg, ou se você botar no bolso da camisa, e olha lá as vezes nem isso. Meu filho agora tem, comprou um celular com fone de ouvido, o celular toca e ele atende o fone de ouvido e logo abaixo o microfone, então ele não precisa ficar com o celular. Pra você ver a tecnologia aonde avançou né?! Muito bom! O que mais?

### *3) Como que você iniciou no rádio?*

*Resp.:* Eu comecei no rádio propriamente dito na rádio Record de São Paulo, e eu era aluno do ginásio, naquele tempo era ginásio depois você fazia uma admissão pra entrar no... Você saía do grupo, o estudo era 5 anos. Você fazia um curso de admissão pra entrar no ginásio. Então quando eu terminei eu era office-boy de um escritório de advocacia, e com isso eu fui desenvolvendo, fui desenvolvendo, fui desenvolvendo. Então aos 20 anos eu fui convidado pra vir trabalhar com esse advogado, que abriu departamento central de Direito que expandiu os negócios jurídicos dele na clientela e resolveu se instalar em São Paulo. Dr. José Labantino Ramos que acabou sendo depois superintendente da Folha da Manhã, hoje folha de São Paulo, que tinha, era uma interligação com a rádio Record. Como eu vim trabalhar com ele em contato com algum pessoal da rádio Record, porque ele também tinha

alguma gerência de administração na rádio, ele com o João Machado de Carvalho, então eu fui e tinha algumas investidas e eu ia na rádio, na rádio Record. O Glota Júnior, ele era um dos expressivas figuras do rádio como entrevista político, irmão do Luizir Glota não é?! Então eu conversava com ele falava assim: “Garoto vem cá, você já experimentou falar em rádio? Eu falei: \_não. \_ Você tem uma boa dicção tem uma voz boa, bem colocada, você vai trabalhar em rádio. Você quer fazer um teste?” marcamos um teste eu fiz e virei radialista.

Com o tempo aí eu voltei pra Anápolis em 1939. Eu voltei porque eu fiquei órfão de pai, eu voltei, e então eu fui ser, já era, tinha esperança de rádio, eu fui trabalhar na PRG8 Bauru Rádio Clube, que era do João Simonette pai do Ermetti Simonetti, do Neônidas Simonetti, do Rafael Simonetti que depois o João Simonetti, o pai e o Ermetti, fundaram a rádio Carajá muito tempo depois... eu vou chegar lá... Então eu fui pra PRG8. Como eu estava na PRG8 o Dr. Suzano Martino Ramos teve uma experiência lá com vários auxiliares, do escritório dele, e não tava dando certo porque ninguém tinha a dedicação que eu tenho, porque eu era um cara muito aplicado sempre fui, um homem que viveu inteiramente com responsabilidade profissional, naquilo que me eram confiada, a missão que me davam confiada, eu era um cara compenetrado da mensagem a Garcia, não sei se você conhece essa história. História da guerra Cubana das três Cavernas, não essa do Fidel Castro, mas outras.

Então eu era um cara capaz de levar uma mensagem a Garcia, e com isso eu voltei pra São Paulo pra trabalhar no escritório do advogado, não mais como boy, mas como ajudante de administração. Como ele já tinha se desvinculado de qualquer direção ou participação da rádio Record aí eu fiquei livre. Como eu tinha experiência de rádio e o Glota Júnior já estava no rádio, na rádio Tupi e o... esqueci o nome dele... o sobrinho do Corifeu de Azevedo Marques que era o redator do grande jornal falado Tupi de São Paulo. Eu esqueci... Paulo de Azevedo Marques, era um jovem também como eu, e ele falou: \_Eu vou te levar... você não esteve aqui na Record? eu vou te levar... eu vou falar com o Glota...

Ah... sopa no mel, Glota me conhece. Ai eu fui. Fui pra rádio Difusora, que era uma outra também do Diário dos Associados, mas eu fui pra rádio Difusora e quando foi já início de 1945. Então tinha sido deposto, o Getúlio Vargas tinha feito a redemocratização do país, o envolvimento do rádio nas campanhas políticas e nas evoluções dos tempos modernos da época não é?! Modernas da época, e então a gente tinha que conviver com isso... e eu fui então trabalhar na rádio Difusora. Como eu na Difusora tinha pouca experiência não é?! Então eu fui pra rádio Tupi, foi quando em 1945 o Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, que era o Assis Chateaubriand, o todo poderoso dos Diários Associados, que nos chamávamos que eram os Diabos Associados porque atrasava no pagamento, então, quando atrasava a gente falava assim: \_ aonde é que você trabalha? \_ Trabalho lá com os Diabos Associados.

Então eu fui. Aí como tinha sido pioneiro, um dos pioneiros do rádio eu também fui ser pioneiro da televisão na América do Sul, porque construindo a televisão que foi a PRF3 TV Difusora em São Paulo, a primeira emissora da América do Sul, eu fui guindado pra treinar, pra poder me apresentar também, porque eu fotografava bem, não essa cartilagem que você esta vendo né! Tá ali ó... o bonitão ali ó. Então eu fotografava bem e tinha dicção, fui aprender fazer tomada de cena, aprender essas coisas de teatro não é?! e televisão. E minha postura dentro da câmera, diante da câmera, não dentro. Então... diante das câmeras. E eu fui. No dia 25 de janeiro de 1946 entrou no ar a primeira emissora de televisão do Brasil e da América do Sul a PRF3 TV Difusora. Das 7 horas da manhã até as 8 horas, eu

fiquei em off. O Assis, o embaixador Assis Chateaubriand, era um homem muito empolgado e também muito vaidoso, ele perguntou pro... pro... oh meu Deus do céu eu esqueci, não vem ao caso... já eu me lembro o nome dele... Perguntou pra ele que ele ia chefiar a solenidade de inauguração da TV. Aí então já ia ser com câmeras, filmando duas câmeras não é?!

Era uma câmera grande... nesse tempo eram duas, um trambolho danado. Então quem ia fazer a abertura era um outro locutor mais experiente e tudo. Mas eu ficava em off das 7 até as 8 horas tocando músicas, exaltação da música popular brasileira não é?! Ari Barroso, Lourival Caimmi. Aquele: “Brasil meu Brasil brasileiro, meu mulato inzoneiro” e música do Ari Barroso, aquele outro é... bom deixa pra lá. Então eu fui pra TV. Eu fiquei das 7 até as 8 horas... acrescentando: o Bandeira de Melo, o Assis Chateaubriand, pediu pra o locutor que ia chefiar a solenidade, comandar a solenidade... Quem é que já podia ficar em off. Aí o... \_é aquele rapaz ali ó. Eu tava de terno, bonitão, crente que iria entrar diante das câmeras. Fiquei só em off. Em off pra quem não sabe, é aquele locutor que fica por trás de tudo, só aparece a voz dele, na tela hoje em televisão, aparece uma foto ou então uma slide. Ta aí explicado o que é off, em off. Porque muita gente não sabe o que é isso. Então eu fiquei em off, tive um certo entusiasmo.

- O senhor vai me fazer o seguinte:

- Sim senhor, sim senhor meu embaixador.

- Você vai, quando eu abrir, você vai ter que falar, está aqui o texto que você vai ler.

Eu olhei...

- Tudo bem!

- Não se discute.

- Mas embaixador nós só temos 3 torres repetitivas em São Paulo. O senhor tá pedindo aqui pra falar boa noite, bom dia Brasil... não sai de São Paulo... nem em Santos não chega. Tem lugar, bairros aqui de São Paulo que não chega... não vai chegar imagem, nem som.

- Não! mas já distribuí...

Ele comprou 1000 televisão e distribuiu em pontos estratégicos, ate onde a imagem áudio e vídeo chegava.

Porque São Paulo com aqueles prédios, aquelas coisas não tinham. Então tinha uma torre de repetição de cima do edifício Martinelli, que era o edifício que naquela região, era o mais alto. Uma outra torre de repetição, repetidora, em cima, no último andar do Banco do Estado de São Paulo, e tinha uma outra, num morro a caminho de Santos, e tinha uma outra no morro do Sumaré que era a torre que emitia pra essas torres repetidoras, pra poder aparecer a imagem né?!

Porque tinha pequenos números de televisores, de receptores. Ele então doou pra essa gente, pra famílias e coisa... com a obrigação de botar ele na área, assim, e convidar o vizinho pra assistir, ele deu a televisão. Então eu tinha que falar o seguinte, resumindo, tinha que falar assim: “Bom dia São Paulo, bom dia Brasil, esta é a imagem e som da mais nova televisão da América do Sul e de São Paulo Brasil. Bom dia Brasil, Bom dia São Paulo”. Aí entrava uma música e entrava alguma coisa de filme, de comemorativos, de efemérides, políticas e cívicas que tinham ocorrido em São Paulo. Então aparecia fotos também na seqüência em slides. Slides você sabe o que é não é? Pois é, mas tem muita gente que não sabe, e no mínimo você vai explicar porque se não vou começar a dar lições de comunicação aí a UFG vai dizer: \_ você já está ta aposentado porque está ensinando?

Então, eu fiquei falando isso em todos os intervalos: “São Paulo, Brasil, aqui é a imagem e som da PRF3 TV difusora, a primeira emissora de televisão da América do Sul,

integrantes do quadro, do conglomerado de... não era conglomerado porque nesse tempo quase não se usava, era conjunto de veículos da época de comunicação, da cadeia dos Diários Associados do eminente senador e embaixador Assis Chateaubriand Bandeira de Melo”. E aí tocava a música. E então eu ia falando isso. No final de cada música, aqueles cebolões, que não tinha o vinil, o vinil apareceu primeiro em compacto de duas músicas de cada face. Depois apareceu com cinco, seis, de doze e agora tem o DVD com 70, 60, 80, 90 mil.

Então era isso que a gente fez, em face disso, depois, na rádio Tupi, eu fazia a rádio Tupi no jornal falado, do Corifeu de Azevedo Marques, e na televisão ainda continuando em off, eu fazia os comerciais, até que um dia faltou um locutor noticiarista, que era uma dupla... era um trio, dois faziam o noticiário e o outro fazia o comentário, o ditorial né?! Então, diante disso o... eu fui pra ler em off nos comerciais, apareciam os slides que não tinha vídeos, não tinha filme, não tinham nada, projetor de slides e nem de transparência então eram slides, então eram uns cartões grandes dentro da câmera numa estante que você puxava um e falava, puxava outro pra entrar na seqüência, então você ia fazendo a divulgação comercial.

Diante disso eu fiquei um bom tempo no rádio e na televisão, até que um dia faltou um noticiarista foi o Luizir Glota. Pegou e faltou então, esse noticiarista e foi a primeira vez que apareci. E como eu fotografava bem... então. o que é que acontecia!? Dois locutores faziam o noticiário... noticiário do Brasil e exterior, mas eu entrava primeiro com o noticiário da cidade de São Paulo, então todo o noticiário da cidade de São Paulo era eu quem fazia, depois aí já entrava uma intercessão comercial né, aí entrava os dois falando sobre o Brasil e o mundo. E antes do mundo entrava o comentário do Glota Júnior não é? Rapaz eu não to me lembrando o nome do outro locutor que vazio que meu deu, um branco. Muito bom, resumindo, então eu saí. Depois eu fiquei na rádio e TV, foi quando o Ermetti Simonette, filho do João Simonette, sócio da PRG8, que é o pai dos 4 filhos, então saíram pra montar uma estação de rádio no interior, numa cidade que tivesse, dizemos, que fosse um El Dourado, Mato Grosso, Paraná, Norte do Paraná, Goiás, resolveram em Anápolis.

Quando foi em 1947 o Ermetti Simonette e o João inauguraram a rádio Carajá de Anápolis. Anos depois o Ermetti voltou, foi a São Paulo, como ia sempre, ele que tinha um representante comercial da rádio Carajá, que era o seu Radico, que era o nome da agência que capitalizava toda a publicidade das emissoras do interior. Então, o Ermetti, numa das viagens dele a São Paulo, resolveu me visitar e me convenceu de eu vir pra Anápolis. Espírito aventureiro de jovem 20, 18 anos, aí eu vou. E vim. E foi por isso que eu vim para essas terras de Goiás onde fiz inúmeros amigos, conquistei prestígio, ricas amizades, amigos leais, sinceros, colegas, revelei muita gente pro rádio, revelei muita gente pra televisão, estimulei muita gente abraçar essa carreira e se dedicar a ela com carinho, na comunicação, tanto no rádio como na televisão, como em relações públicas, tem muita mãe, muita moça que hoje estão aí, profissionais, trabalhando e encontram comigo e me chamam: “\_ como é que vai o papa? como é que vai o mestre? Professor Juvenal que bom te ver inteirão”. Outro dia eu fui numa agência bancária, e encontrei uma moça que foi minha aluna da 3ª turma de relações públicas, da 4ª turma de relações públicas, da qual eu fui paraninfo, eu fui paraninfo de duas turmas, de relações públicas e uma de jornalismo. Então, ela encontrou comigo, eu encontrei com duas pessoas, uma era essa moça e a outra pessoa minha amiga que não tinha nada haver com relações públicas ela: \_ Oh Dr. Juvenal o senhor tá bem, puxa vida, inteirão! Quantos anos uns 70 e?

Eu falei rã, 86, 87 agora no dia 14 de agosto de 2007.

\_ Oh beleza!

Ai alguém falou assim:

\_ Eu conheço essa voz, esse diabo desse velho tá com mais saúde do que eu.

Eu olhei era essa ex-aluna minha.

O diabo desse velho tá com mais idade e tá com mais bem saúde do que eu, eu olhei, o diabo desse velho, eu olhei era ela, aí eu falei: \_ Oh minha querida... aí fui abraçar... quem é que não gosta de abraçar uma mulher bonita?! Faz bem pro ego.

Bem, aí eu fiquei em Anápolis, em Anápolis eu fiquei de 1958, aliás de 48, era 12 de fevereiro quando eu cheguei de 48 até 1956, mas 48 até... foram oito anos, é 54! Foi quando eu deixei do rádio e fui ser delegado de polícia, quando delegado de polícia eu fui transferido pra Goiânia, porque eu era um delegado habilidoso não é?! Então com esse prestígio eu vim pra Goiânia. Aqui em Goiânia, na polícia, eu fui um dos que participou da equipe que organizou o serviço de rádio patrulha, o patrulhamento noturno preventivo, do governo de José Ludovico de Almeida, o Dr. Juca. Bom, como logo eu me incompatibilizei com o secretário de segurança pública, porque eu tinha apreendido o irmão dele por causa de arruaça. Bateu numa prostituta, na zona boêmia. Foi preso! o sargento entregou pro carcereiro, porque era um cabo, o preso, aí o cabo ficou doido né, ele falou: \_ É irmão do secretário de segurança pública!

Aí o sargento Araújo falou: \_ eu vou ligar!

Aí ligou pra minha casa, aí eu falei: - eu vou aí!

Eu fui lá e já dei o flagrante e falei: \_ tá preso. E mandei a prostituta para o exame de corpo e delito. Ela levou muito pontapé, inclusive na região da genitália. Muito sabidamente eu classifiquei: “\_ impossibilitada para as suas atividades profissionais”. Não é?

Ué, uma mulher que levou pontapé nas nádegas né? E na genitália levou pontapé e soco, joelhada, ela ficou danificada né?! Atrasou suas ocupações profissionais. Flagrante declarado.

Ah rapaz! No dia seguinte o secretário foi lá na minha delegacia, entrou e falei: \_ bom dia sr. secretário! \_ Bom dia! [*com uma voz bem nervosa*] ele foi entrando, empurrou a porta e falou: \_ Levanta pra falar comigo. Aí eu falei: \_ É o senhor que vai ficar de pé porque o senhor tá na minha delegacia. É a minha circunscrição policial. Essa circunscrição policial só me toma o ato do governador, por improbidade administrativa, por exacerbação do cargo, por abuso de poder.

[*com uma voz nervosa*] \_ Eu não quero saber dos seus conhecimentos jurídicos, eu quero que você solte o meu irmão.

\_ Não posso! Ele está preso em flagrante, como é de lesões corporais, eu estou esperando uma avaliação do promotor.

\_ Já está com o promotor? Isso é assunto premeditado.

\_ Secretário, são 10 horas da manhã, e eu entro aqui as 7. O senhor está pensando que eu me levanto as 10 horas da manhã? As 10 horas da manhã eu já to cansado, eu já passei todos os presos, aqueles que podem ser liberados, presos por embriagueis, e já está superado o fator etílico, eu libero, infelizmente não é o caso do acusado.

\_ Ah bateu numa putinha vagabunda, não sei o quê!

Me tratou como um... eu falei:

\_ Olha eu não quero saber a identificação pessoal e nem atividade profissional porque não é crime, é uma das profissões, é a profissão mais antiga do mundo, se o senhor quer saber.

\_ Quanto é que é a fiança?

\_ Quem arbitra é o juiz.

\_ Eu vou esperar até o fórum abrir ao meio dia pra soltar o meu irmão, eu sou o secretário e tenho esse poder.

Eu falei:

\_ Não tem não! Nem o governador senhor secretário, porque pra liberar esse acusado eu tenho que ser exonerado e aí quem entrar no meu lugar, liberta, e aí vai responder na justiça porque ele liberou antes de um pré-julgamento e antes da anexação do laudo pericial.

\_ Desculpa!

Puto da vida ele saiu. Pediu a minha cabeça. E aí o Juca mandou me chamar no palácio. E aí eu fui e contei a história pro Dr. Juca que era o governador de lá.

\_ Você vem de Anápolis pra consertar e vem trazer uma dor de cabeça dessa, seu Juvenal?! Eu não posso te exonerar porque ai eu vou ficar com minha posição política complicada.

Eu falei:

\_ Não, o senhor pode ficar tranqüilo, não vou botar a boca no trombone não, não vou contar pra imprensa porque eu fui exonerado não. Se o senhor quiser me exonerar o senhor tem a carta, tem o poder.

\_ Não! Eu não faço isso, porque também seria uma injustiça. Como é que eu faço?

Eu falei:

\_ O senhor espera eu mandar o meu relatório do processo pro juiz, pro cartório do crime, antes, até que ele seja distribuído, o senhor me remova e me manda assumir uma delegacia do interior.

\_ Você em?! sua testa não tem cabelo, ta lá pra trás!

Eu disse:

\_ Você também é disso!

\_ Pra qual delegacia você quer ir?

\_ O senhor quem sabe pra onde quer me mandar, porque às vezes o senhor vai me mandar pra uma delegacia onde tem um bom delegado. Talvez eu não seja tão eficiente quanto ele, então o senhor vê ai pra onde vai me mandar.

\_ Vou mandar você pra Rio Verde.

Eu falei:

\_ Sim senhor!

\_ Então fica aguardando.

Eu mandei o inquérito e passou uns 20 dias ele me transferiu pra Rio Verde. E lá fui eu ser delegado de Rio Verde. Quando eu voltei eu admiti que fui eu que pedi exoneração do cargo de delegado, fui trabalhar como superintendente regional de seguros de vida. Seguradora equitativa de seguros gerais, e então eu... O Dr. Geraldo de Freitas que era o superintendente, candidato a deputado federal na época pelo PTB. Aí eu fui. Sempre fui ligado a política rapaz, não sei porque cargas d'água. Então eu fui ser superintendente regional da equitativa. Trabalhando na equitativa eu comecei a desenvolver um processo de colaborar com a revista Oásis, que era do Luis Pinto de Castro e o Walter Menezes, donos da revista Oásis, eu passei a trabalhar, fiz uma série de reportagens, e fazia relações públicas no interior pela revista. Quando eu fui chamado pra trabalhar na rádio Anhanguera, minto, na Rádio Clube. Na rádio Clube eu fiquei três meses só, porque aí a rádio Anhanguera me chamou, era bom de papo não é?! desculpe a falta de... mas o bonitão da Finelândia, o gostosão da Vila Matilde hehe, então eu fui pra Rádio Clube que trabalhei 3 meses e fui pra Rádio Anhanguera fiquei, na radio Anhanguera até 1959. Depois da rádio Anhanguera eu sai, e aí eu voltei pra rádio Clube.

Já então ensaiava os passos pra montar a televisão, a TV rádio Clube, canal 11, na época. Quando eu tinha experiência me chamaram, dispensa de TV, eu fui pra lá. Aí veio mais gente de São Paulo, veio o José Ribamar Ribeiro, pra ser diretor da TV, eu fiquei como diretor de produção, montava programas, programas sociais não é?! Tinha o Ramos Jubé com um programa de calourinhos, tinha o Tio Lu, tinha um programa infantil também de calouros, tinha o Sílvio Medeiros e a Norma de Alencar comandando, saíram da Brasil Central e foram pra TV, a Norma de Alencar que era mulher do Sílvio Medeiros fazia um programa de auditório, você deve ter fotos deles com a Norma de Alencar. Então aí eu fiquei na TV. O Mauro foi eleito, e como eu tinha feito uma boa campanha publicitária dele, da campanha política, eu fui ser secretário da imprensa do Mauro, e dublê convidado já então pelo falecido Jaime Câmera pra ir pra rádio Anhanguera preparar, Zé Divino, Magda Santos, esses pioneiros do rádio pra ensinar como é que faz tomada de cena, como é que era a cenografia, como é que comanda câmara, como é que faz tudo. Eu tenho uma foto, e eu não ta praticável se praticável, no geral, em cima nos Diários Associados, eu e o Gregório Camargo, foi o primeiro Câmera Man da televisão Goiana, eu transmitindo não é?! Sem retorno de som, porque não tinha esses recursos, era uma câmara só, aliás duas, uma no estúdio e a outra externa. Então estava transmitindo 7 de setembro de 1961. Aí fui pra televisão Anhanguera, da televisão Anhanguera eu saí e aí acabou a minha história. Já fui fazer relações públicas, fui me aperfeiçoar em Cerimonial público, fui o primeiro chefe do cerimonial do governo do Estado, o pioneiro. Fui o pioneiro também de relações públicas do governo, fui pioneiro também em...tem vários papeis. Comentarista político, participação de festival de música popular brasileira, comandada pelo então Artur Rezende e essa é a historia que você tem. Aqui no dia, até que chegou aqui no dia 2 de agosto de 2007, vivo, são e forte.

*4) Então seu contato com o rádio em Goiás, foi constante com a radio Carajá de Anápolis?*

*Resp.: Foi.*

*5) Ficou lá até 54?*

*Resp.: Isso! Foi o maior tempo em rádio aqui.*

*6) E como que era os equipamentos da emissora? A transmissão, qual era a amplitude que ela atingia?*

*Resp.: Pra mim é 25 mil watts só. A rádio Brasil Central quando entrou, entrou com 50 mil. 25 mil watts tinha também a rádio Xavante de Ipameri.*

*7) Tinha muitos receptores aqui no Estado?*

*Resp.: Tinha, tinha porque até instalar a rádio, porque ela tava numa fase experimental por 90 dias até que o..., naquele tempo era o Ministério da Aviação que liberava. Hoje tem a Anatel, mas naquele tempo era o Ministério da Aviação, até que o Ministério da Aviação autorizasse a carta branca, pra entrar no ar, era passado por várias vistorias, examinados os detectores do poder da emissora, e tudo nê pra saber se tinha indolidade moral... Hoje não. Qualquer cafajeste adquire um canal de rádio, ainda mais rádio comunitária né, até*

pros mala, tem até uma emissora própria pra eles se comunicarem né. Então presidente igual o Lula, analfabeto, besta e burro, você imagina que foi há pouco tempo ele falou lá em Mato Grosso, foi na segunda ou terça-feira na solenidade:

*[imitando a voz do Lula]* \_ Eu vou viajar, continuar viajando por esse Brasil todo. Não vou me incomodar com vaias, não quero vaia no Pan, vaia no Recife, vaia em Maceió, vaia em Olinda, vaia em Salvador, eu vou continuar a viajar, porque Deus quando fez o home fez com duas oreia, uma pra escutar vaia e a outra pra escutar aplauso.

\_Uma pena não é? E tem muitas aí, inclusive aquela tipo assim:

*[novamente imitando a voz do Lula]* \_ A minha mãe, eu sou analfabeto, nasci analfabeto, e a minha mãe também nasceu analfabeta.

\_ O quê que ele queria que iria nascer falando inglês, francês, português, espanhol?! Esse presidente não existe, é de uma cultura de... oh me perdoe os jumentos, é de uma cultura jumental.

*8) Tem um momento que você falou que o rádio convivia muito com as questões políticas da época.*

*Resp.:* Ah não! Sem dúvida que sim, por exemplo: A rádio Clube que era umas três mais importantes emissoras na época, do grosso da campanha política, antes da revolução então porque era UDN e PSD, União Democrática Nacional e Partido Social Progressista *[ob.: mesmo apontando esse último partido com as iniciais PSP continuou se referindo ao mesmo, posteriormente, como PSD]*. Então tinha esse, o PSD e tinha a União Democrática Nacional a UDN, a UDN tinha a participação da... o apoio do PRP que era um partido do Ademar de Barros. Então o governador o interventor de São Paulo Ademar de Barros que era o Partido Republicano Progressista. Então tinha além do PSD tinha o PTB e o PPM que era o Partido Trabalhista Brasileiro comandado pelo João Goulart e tinha o PPM comandada pelo... não me lembro o nome nacionalmente, me desculpe mas eu não me lembro o nome. Então a rádio Clube era a emissora que ficava alheia, às ligações políticas, esse com aquele. Ela anunciava o que ela achava que fazia, sem prestigiar nem um, nem outro na área política. A rádio Anhanguera eminentemente era PSD. A rádio Brasil Central eminentemente UDN que tinha o então senador Jerônimo Coimbra Bueno que era senador e também ex governador do Estado que era o comandante da... líder da União Democrática Nacional em Goiás, além do Caiados.

*9) E a rádio Carajá como que ela fica nesta questão política?*

*Resp.:* Ah a Rádio Carajá, como era de Anápolis e é uma cidade muito influente pela sua economia naquela época, capital econômica do Estado, era assim denominada. Então a rádio Carajá ficava sempre do lado do mais forte que era o PSD que era do grande líder político que era o Jonas Ferreira Alves Duarte e tinha um senador que era o senador de saudosa memória Sócrates Dinis. Mas fazia também a campanha dos Pinas que era ligado à UDN, era... mal comparando, era uma espada dos dois lados, faturava, queria era faturar.

*10) Então ela recebia por isso?*

*Resp.:* Ah claro! O horário pago né?! Tinha os horários, contratava os horários pra suas dissertações políticas né?!

11) *E além desse financiamento por parte dos partidos, recebiam também por outros meios?*

*Resp.:* Tinha o comércio, a publicidade. Das agências da publicidade. Aqui não tinha agências tinha corretores de anúncio que chamavam, de reclames como diz o Fausto Sílvio até hoje, depois do reclames do plin plin vamos entrar... Então tinha os agentes de reclames que pegava, comercializava e se responsabilizava pra ir lá pegar a fatura e de receber.

12) *E essas emissoras de São Paulo, do Rio de Janeiro, nessa época eram ouvidas aqui?*

*Resp.:* Ah era! A rádio Nacional dominava o éter brasileiro, porque tinha o maior cach; os melhores valores do rádio estavam na rádio Nacional, secundariamente eram os da rádio Tupi, depois os da rádio Tamoio e rádio Marique Veiga. A liderança, a primazia de liderança de ouvintes era a rádio Nacional do Rio. A PRE8, rádio Nacional. Era a liderança no interior, dominava por causa das rádios novelas né?! A dramaturgia radiofônica, dramaturgia radiofônica.

13) *Mais especificamente sobre a rádio Carajá, na época que você esteve lá, você era o locutor?*

*Resp.:* Eu era o locutor e produtor também da rádio né?! Porque eu vim com experiência, porque a rádio Carajá foi uma das primeiras emissoras a ter rádio novela do rádio Goiano, depois é que veio a Brasil Central e aí com o Pimenta Neto que foi pra lá, porque saiu da Rádio Clube e foi pra lá com a participação do Toufic Seba, Jubé, João Bento, Oscar dias, participação de Maria Helena Suriani, é... Cleuza Jax. Há tá aí o que você precisa ouvir, Cleuza Jax, ela hoje ainda trabalha na FM, Cleuza Jax, deixa eu ver aqui essa moça formidável muito minha amiga gosta de mais de mim, ela nós queremos muito bem. Cleuza Jax 3282-2094, na RBC ela atende pelo 3201-7672, durante o dia ela deve estar na RBC. Você liga na residência dela que é o primeiro telefone que eu te passei, ou então ela vai estar na rádio ai você liga pro 3201-7672. Ela foi uma grande rádio atriz a Cleuza Jax, Maria Helena Suriani não sei nem se ela está morando aqui em Goiás ou em Goiânia, outro também e tinha outros valores também que eu não me lembro bem agora. Deixa eu ver o meu horário aqui que eu tenho que partir pra minha atribuição culinárias.

14) *Então pra encerrar, eu gostaria que você falasse o quê que o rádio representou pra você?*

*Resp.:* Eu vou dizer uma coisa pra você meu jovem, o rádio representou muita coisa, foi um passo decisivo para a minha ascensão na vida como cidadão, eu tive algumas decepções mas as satisfações, o brilho, o aplauso, o reconhecimento foram tão nobres e tão generosos que eu me considero um profissional aposentado, gratificado. Fui muito gratificado. O rádio deu caminho aberto para muita gente, hoje, por exemplo, eu cito como a nobreza de caráter o ministro Castro Filho, que foi radialista, Disque Jôquei da rádio Anhanguera não é?! O Sebastião Povoá.

*15) O Fernando Cunha Júnior?*

*Resp.:* O Fernando Cunha Júnior, mas eu to dizendo desses mais altos. O Fernando Cunha, por exemplo, lá em Anápolis não é?! Um rapaz brilhante, eu conheci ele garoto, o Vavá, irmão dele, era eminente cabo eleitoral político lá na política regional de Anápolis o Vavá, ta ouvindo aí Fernando!? Se você ouvir essa gravação, essa reportagem ou lê-la, você vai ver que eu estou me referindo a você viu garotão? Então o Fernando é um rapaz brilhante, se tornou um homem responsável acima de qualquer suspeita. Tem mais ministros, quer ver um outro foi ministro do Superior Tribunal do Trabalho foi o Wagner Antônio Pimenta foi comentarista político da rádio, tinha um programa de humorismo que ele fazia Humorismo com uma ironia, ferina, Wagner Antonio Pimenta, não sei nem se está vivo, mas está. Deve estar, como Castro Filho ministro não é?! E outros vultos que se prontificaram na estrutura administrativa desse País. Muitos radialistas se fizeram senadores brilhantes não é?! Vereadores como foi combatível o Luis Bittencourt, ex-governador, ex-secretário da saúde, da educação, que tá aí escrevendo, pai de um filho brilhante que é o deputado Luís Bittencourt, o pai dele José Luis Bittencourt grande imortal da academia goiana de letras, escritor, meu amigo particular. Homens que vieram do rádio, que se fizeram o rádio, eu não tenho essa expressão exponencial desses homens não é?! Mas me considero bem, puxa vida, até hoje eu me encontro com pessoas que me lembram do programa que eu tinha na televisão. O Chocobraico que foi o primeiro programa regional montado musical, depois veio o festival SM do Silvio Medeiros também talentoso, depois veio o do Jeová Bailão com Fued Nacif, que é general e comanda o espetáculo, eu to fazendo aqui o merchandagem porque não existe mais a loja, se não eu não faria, era uma loja de eletrodomésticos, comanda o espetáculo. Então são profissionais brilhantes, talentosos, inteligentes de saudosa memória o Jeová Bailão, o Silvio Medeiros, o Tio Lu, o Ramos Jubé eminente promotor, João Neder brilhante criminalista ex-promotor de justiça, aposentado, pai do outro grande criminalista o Alex Neder, tudo gente que veio do rádio. O rádio fez gente, o rádio deu ao Brasil uma importância muito grande, revelou talentos e homens de caráter, de dignidade, de ética, hoje a gente assiste aí essa cachorrada desses políticos, deputados federal, senadores, deputado estadual, vereadores, prefeitos, governadores, a gente vê só corrupção, a gente sente envergonhado de viver em um País desse com um presidente analfabeto de pai e mãe, só cometendo burrice, tantas crises não é?! caos aéreo, caos ferroviário, caos marítimo, caos na segurança, caos na educação, caos na saúde, a gente fica pensando que o presidente é um cachorro, cau ,cau, cau.... a gente fica pensando que nós temos um presidente cachorro. Ta faltando pouco, então é isso, desculpe os... as pessoas que vão ouvir ou vão... você vai escrever não é? Pois é, então desculpe e põem isso aí tudo entre aspas. É porque, desculpem os leitores desse rapaz talentoso que me especasse aqui com perguntas, e eu o recebi com desabafo, porque essa é a verdade minha gente.

Tempo de os homens em que um fio de barba valia acabou, não é saudosismo. Havia também as mazelas políticas, havia os currais eleitorais, mas diante do que está ocorrendo, aquilo é uma ninharia, não chega a ser nem um ilícito penal inserido nas leis das contravenções penais quanto mais no código do processo civil ou criminal. É uma verdade. Então pra vocês eu deixo uma mensagem muito especial porque o que nós fazíamos era muito mais amadoristicamente do que profissional. Não se ganhava tanto não. Ninguém se enriqueceu a não ser conhecimentos e relacionamentos e aqueles que se aproveitaram e buscaram ganhar um curso de nível superior e hoje estão aí brilhando nas suas profissões.

Outras até já cumpriram, como é o caso do grande João Neder, meu prezado e lustre amigo, que deve ser ouvido por você também como grande homem do rádio não é?!

Eu deixo aqui uma mensagem que cada um de nós devemos abraçar a carreira profissional que abraçou e exercita-la com todo amor, mas aquele grande amor profissional com a consciência da responsabilidade da profissão que exerce com ética política, acima de tudo, ética, pra ganhar credibilidade e ser um vitorioso na profissão, porque só amor constrói para a eternidade e eu digo isso pra você meu jovem, agora, aqui. Eu fico grato de estar vivendo o dia de hoje outra vez, porque eu não vou viver mais o dia de hoje outra vez como nesse momento. Muito obrigado pela sua atividade de vir buscar os meus modestos conhecimentos, os meus modestos recursos e me fazer procurar gastar um pouquinho mais dos meus neurônios tão gastos rebuscando lá do fundo da minha cachola alguma coisa que eu possa contar para os pósteres, muito obrigado!!!

## ENTREVISTA COM RAFA DAHER CEVA

*Ipameri, 27 de dezembro de 2007.*

*1) Primeiramente gostaria de ouvir o que tem pra contar sobre a rádio Xavantes!*

*Resp.:* Aqui eu tenho esta anotação. A Xavantes, segunda emissora católica, e primeira emissora de rádio das cidades do interior de Goiás. Não sei se você tem esta informação!. Mas aqui eu tenho alguns dados. É rascunho porque eu já fiz isso pra Xavantes. Aqui eu tenho esta informação, em 17 de março de 1947 o ministro da Aviação e Obras Públicas concede à rádio Xavantes de Ipameri, então de propriedade de seu fundador, professor César Augusto Ceva permissão para funcionar sobre o prefixo CYO-3.

Aqui tá uma descrição eu posso ler pra você. Vamos ver se interessa pra você. Aqui tem algumas informações. E eu prefiro ir pelo escrito porque assim não tem dúvida. A cabeça da gente, agora, de repente pra eu falar, pode ter falhas né?

Então, o fundador César Augusto Ceva, como rádio amador que era procurava sempre melhorar seus equipamentos para ter melhor comunicação. Acontece que numa destas ocasiões em que ele estava construindo um transmissor mais potente para seu uso pessoal começa a campanha política para prefeito e o candidato estava interessado numa propaganda através de uma emissora para ter maior abrangência. (Obs. Eu não sei se você está querendo conhecer esses fatos, porque são fatos muito particulares, mas é a origem da emissora. Ela nasceu por causa destas circunstâncias).

O objetivo principal da criação da rádio Xavantes foi o interesse político. Foi! ela nasceu do interesse político daquele momento. Os políticos queriam transmitir não tão longe, porque não era potente, me parece que naquele tempo foi 250 kw. Uma coisa assim pequena. Mas servia pra transmitir para as fazendas, para estas cidadezinhas em volta do município, então já era uma coisa importante pra eles. Então aqui está, o objetivo principal da criação da rádio Xavantes foi o interesse político.

A emissora funcionava nos três períodos com funcionários alternados e remunerados. Já naquele começo já funcionou assim com muito rigor com muita disciplina. Apesar das dificuldades por que passou na época, não deixou de dar status à cidade de Ipameri por quanto provavelmente tenha sido a primeira cidade do interior a possuir uma transmissora de grande potência.

Depois de funcionar vários anos sob o comando de César Augusto Ceva foi vendida para Coimbra Bueno. Foi vendida pra ele. Estava disputando o cargo de governador do Estado. Depois a paróquia se interessou pela emissora comprando-a do proprietário da época. Porque o Coimbra Bueno se interessou pela Xavantes por causa da política dele. Ele era candidato a governo do Estado então ele se interessou e comprou. Mas também passado a política não tinha mais interesse. Mas aí a paróquia se interessou e comprou.

A rádio Xavantes, desde a sua criação, vem enfrentando várias dificuldades principalmente financeiros. Porém com a ajuda e a graça de Deus conseguiu vencer galhardamente todas as barreiras e está aqui hoje comemorando seu aniversário de sessenta anos.

A programação da rádio, tinha programa musical, esportivo e de auditório. Naquele tempo ainda tinha aos domingos, tinha uma programação de auditório. E as pessoas tinham a oportunidade de se apresentar, quem gosta de cantar, quem gosta de tocar algum

instrumento. Quem gosta de falar, contar alguma piada. Quer dizer era uma programação pra divertir o povo.

2) *Esta emissora já existia de alguma forma ou foi o César que criou a emissora?*

*Resp.:* Ele era rádio amador. Mas a vontade dele era sempre aumentar o seu recurso para alcançar comunicação mais distante, para outros países, então tinha esta loucura né. E quem é rádio amador, gosta muito de mexer com a aparelhagem também. Então o César era muito ligado a rádio e muito conhecedor também. Então montagem de aparelhos, ele montava aparelhos. E os aparelhos dele, todos eram montados por ele. Mas ia sempre aumentando a potência pra poder chegar mais distante. E nesta ocasião ele estava construindo um aparelho, um emissor, enorme, da altura disto aí [*mostrando uma escrivaninha que estava ao lado*], era uma coisa enorme que ele queria se expandir. A esta altura, o pessoal da política, o candidato, veio pedir o César para fazer um aparelho para emitir as propagandas pra esta vizinhança, quer dizer onde eles tinham que arrebanhar eleitores. Então para abranger esta parte.

Aí o tempo era curto, porque estas coisas demoram, e tem que pedir peças de fora e tudo isso. Então ele já estava com um aparelho dele quase pronto, pra ele. E transformou num aparelho de emissão, num sei se ele aumentou a potência, como é que foi, sei que ele transferiu, ao invés de ser um transmissor de rádio amador ele passou a ser como um transmissor para diversas cidades.

3) *Lembra se ele teve alguma dificuldade para conseguir a liberação do Estado para colocar a emissora para funcionar?*

*Resp.:* Ele conseguiu a liberação, aqui eu já tinha lido pra você, em 16 de março de 1947. Eu vou te dizer, provavelmente não houve muita dificuldade pela política que eles estavam querendo. Ele conseguiu a autorização no dia 16 de março.

4) *Nesta época quem é que bancava a emissora?*

*Resp.:* Há... Aí que está a maior dificuldade. Porque a emissora tinha que ter renda e a renda vem da propaganda. Então o que se fazia? Propaganda aqui na cidade, alguma outra propaganda, mas era só dentro da cidade mesmo. E era muito pouco, porque não é todo mundo que quer fazer propaganda. De forma que pesava muito e a gente tinha que arcar com as despesas. Porque tinha empregados, tinha que pagar os empregados. Foi muito difícil, foi por isso que ele vendeu. Por que não tava dando pra sustentar. E veio a política e interessou e comprou. Fora disso, ninguém interessava em comprar.

## ENTREVISTA COM ADOLVANDO CARLOS DE ALARCÃO

*Ipameri, 28 de dezembro de 2007.*

*1) O que você tem a falar sobre a rádio Xavantes?*

*Resp.:* Para falar em rádio difusão em Ipameri temos que voltar na década dos anos vinte, quando o engenheiro sr. Waldemar Leone Ceva depois de se tornar no primeiro rádio amador de Ipameri e do estado de Goiás com o prefixo PP2UA, o mesmo já nos anos trinta montou em sua residência uma rádio amplificadora. Com auxílio de sua esposa sra. Edite Vaz Lopes Ceva transmitia nas tardes de domingo para a Praça da Liberdade programas de músicas e notícias sociais da cidade, o que proporcionava alegrias aos frequentadores da praça naquelas tardes preguiçosas de domingo e feriados.

Chegando ao início da década de quarenta o sr. João Perfeito, funcionário da Estrada de Ferro Goiás, montou em uma anexo à sua residência na rua Coronel Francisco Vaz da Costa a rádio PRB1 – Rádio Amplificadora de Ipameri.

Com programas de jornalismo, programas de músicas do cancionero popular, músicas raiz e marketing do comércio e das indústrias locais a PRB1 por mais de seis anos proporcionou alegria e entretenimento a toda comunidade ipamerina.

Entre os jovens de Ipameri que cooperavam e participaram da programação da rádio lembramos dos seguintes: Rames Abrahão Basílio, Leonardo Cristino Sobrinho, senhoritas Belinha Machado, Neuza de Oliveira e vários outros.

Com o passar do tempo chegamos ao ano de 1946 quando o sr. João Perfeito, proprietário da rádio foi transferido de Ipameri e a PRB1 – Rádio Amplificadora de Ipameri saiu do ar. No período de 1943 a 1945 também funcionava em Ipameri uma rádio evangélica, a Rádio Amplificadora Cruzeiro que era administrada pelo pastor José da Cunha Bastos Júnior da igreja Batista, que transmitia programas sociais e de evangelização da sociedade.

Quando se fala da rádio Xavantes de Ipameri dois nomes vem à tona, primeiro o nome de seu fundador prof. Cezar Augusto Leone Ceva e depois o nome de sua ex diretora irmã Maria Inez de Oliveira.

No início do ano de 1947 o prof. César Ceva iniciou a montagem da aparelhagem que viria a ser a rádio Xavantes de Ipameri.

A rádio no decorrer deste mesmo ano depois de passar por um período de testes e experiências, até que no final de 1947 o Ministério da Viação e Obras Públicas com sede no Rio de Janeiro autorizou a Rádio Xavantes de Ipameri a entrar no ar e transmitir sob o prefixo de ZYO3, em seu endereço de fundação à rua General Mascarenhas de Moraes em um antigo prédio da família Daher.

Para início dos trabalhos a rádio com esforços do prof. Cezar Ceva estava bem instalada, pois possuía um transmissor, um estúdio, sala para controle de som, um palco auditório com capacidade de mais ou menos 400 pessoas e uma antena transmissora de 50 metros de altura.

Quanto aos funcionários daquela época, lembramos do técnico em rádio difusão sr. Luiz Otelo Costa, dos locutores Rames Abrahão Basílio, Humberto Wilson de Oliveira (pai do deputado Rosiron Waine) do locutor social e esportivo sr. Neif Nadi, do locutor apresentador sr. Joi Martins, do comentarista esportivo sr. Jeová Luna e dos sonoplastas Jeová Santana e Neftali Vieira Sobrinho.

No decorrer de seus primeiros anos de funcionamento a Rádio Xavantes apresentava em seu palco auditório programas variados com apresentação de calouros e shows com artistas da cidade, como os cantores Naim Chadud, Wilson Martucci, a cantora Marilda Terra de Deus, o sambista Josias e vários outros, além de contar com um recital de piano apresentado pelo professor Erik Piper.

No período de 1949 a 1955 a Rádio Xavantes atravessou uma fase de brilhantes apresentações, pois todo artista das rádio do Rio de Janeiro e São Paulo que vinha à Ipameri para se apresentar no Jóquei Clube também fazia uma apresentação no palco da Rádio Xavantes, e por lá passaram Rui Rei e seu conjunto, emilinha Borba, Marlene, Benevido Granda, Ivon Curi, Ângela Maria, Carlos Galhado e tantos outros.

Na década de 1950 a 1960 através de seu departamento esportivo comandado pelo seu locutor esportivo sr. Neif Nady auxiliado pelos comentaristas sr. Benildo Nazetti e Jeová Luna a rádio Xavantes transmitia do campo do CEPEM jogos do campeonato de futebol amador e da quadra esportiva do Jóquei Clube de Ipameri as vitórias sensacionais do time de basquete do JCI.

O tempo ia passando e em meados do anos 50 através de um convênio firmado pelo prof. Cezar Augusto Ceva e a Fundação Coimbra Bueno de Goiânia a direção da mesma passou para esta fundação.

Com o não cumprimento de vários itens do convênio por parte da fundação a direção da rádio Xavantes voltou ao comando de seu fundador prof. Cezar Ceva.

Mais ou menos no ano de 1956 a rádio Xavantes foi adquirida pela Paróquia do Divino Espírito Santo através do monsenhor Domingos Pireto de Figueredo e nos anos seguintes foram diretores da rádio Xavantes os senhores Assis Cezar e Walta Shwartz.

Nos anos seguintes a rádio sendo de propriedade da Paróquia do Divino Espírito Santo ela se torna na segunda rádio católica do Brasil.

Com a chegada dos anos 60e a criação da Diocese de Ipameri a rádio Xavantes passa a ser dirigida por esta entidade.

Durante os anos 70 utilizando-se dos auditórios do Cine estrela ou do Colégio das Irmãs a rádio Xavantes mantinha programas de auditório com apresentação de música raiz.

Sob direção da Diocese de Ipameri o bispo D. Antônio Ribeiro de Oliveira mediante um convênio transfere a direção da rádio Xavantes para a fundação Padre Pelágio de Goiânia.

Dando sequência às atividades da rádio Xavantes entre as várias pessoas que colaboraram e ainda colaboram com a rádio Xavantes na apresentação de programas lembramos dos apresentadores de programas sociais-religiosos irmã Evanda de Oliveira, sra. Cecília Vaz Lopes Ribeiro, sr. Oto Lenza, Irmã Maria Inez de Oliveira, prof. José Bernadino Costa, Waldir de Almeida e sua esposa, Antônio Almeida e esposa, padre Joel, Welinton Sulai, Romilda, D. Guilherme e Voldair Lopes.

No decorrer dos vários anos de existência da rádio Xavantes vários funcionários trabalharam e ainda trabalham na rádio, como os senhores Humberto Aguiar, Francisco de Assis, Cezar Jacob, Valdivino Inácio, J. risada, Vandevan Lopes, Irene M. Duarte, Assis Humberto, Valdir Almeida, Roberto Candido, Deivid Lopes, Moadir Rodrigues, Luciana Machado, Magda Vaz, Zélio Estrela, Fernando Costa e Jean Carlos.

Passados alguns anos do período de administração da fundação Padre Pelágio, assumiu a direção da rádio Xavantes a irmã Maria Inez de Oliveira, que com um trabalho dinâmico conseguiu dar à rádio Xavante um cunho de modernidade administrativa através

de seus programas de jornalismo e entrevistas que acima de tudo são pautados com muita ética e responsabilidade.

Durante o período de sua existência a rádio Xavantes mudou de endereço várias vezes até que no dia 25-03-1992 coroando um trabalho de luta e dinamismo da diretora irmã Inez, foram inauguradas as novas instalações da rádio Xavantes com a construção de um moderno prédio situado à rua Barão do Rio Branco aparelhado com modernas instalações cujo conforto poucas rádios do centro oeste possuem.

O trabalho da diretora Ir. Inez não parou pois estão em estudos os lançamentos da nova capacidade de transmissão da rádio Xavantes para uma potência de 5.000 kwts.

Para que todos esses acontecimentos fizessem parte da história da rádio Xavantes houve muitos sacrifícios, alegrias e avanços de muitos que já se foram.

Mas como a vida continua temos a certeza de que a rádio Xavantes de Ipameri continuará sendo sinônimo de um sólido trabalho espelhado em um dinamismo constante e promovendo uma integração da sociedade para o bem estar de Ipameri e de toda região.

## CÉSAR AUGUSTO CEVA: UM PEIXE NA ÁGUA DO VAI-DEM

*Rafa Daher Ceva\**

Mesmo com o inverno ainda na metade, o calor é grande; ainda mais dentro do quarto de hospital onde um doente terminal recebe contínuas visitas e a família se agita em providências que possam dar-lhe maior conforto.

Totalmente inconsciente, para ele toda essa movimentação é inútil e, de resto, nada acrescentaria à sua avaliação das glórias e tristezas deste mundo, por dois motivos: há dias já perdera qualquer contato com o seu entorno, e mais que isto, sua enorme capacidade de ampliar o valor dos menores gestos de estima não exigiria uma fração de tudo aquilo para considerar-se o mais aquinhado e admirado dos mortais...

Ele nascera no dia 15 de janeiro de 1916, às oito da manhã; por isto, os adeptos das teorias astrológicas não teriam dificuldades em interpretar esse traço pessoal. O sol na casa de capricórnio, o ascendente em aquário, enquanto a lua ocupava gêmeos, determinaram que estaria envolvido com o lado social, a harmonia na convivência em grupos e a estruturação da família, abdicando da própria individualidade e conformando o emocional ao racional; seria norteadado pelo que é certo ou errado – mesmo com traços de genialidade e rebeldia – e se voltaria para o que fosse avançado; teria desinteresse pelas posições e a carreira – destinando-se a uma evolução material contida e lenta – e se mostraria otimista e solidário.

Assim foi a personalidade que vestiu César Augusto Ceva, um ipamerino de estatura mediana, que vivia tingido do sol que torra as ruas da cidade quase todo dia, e levava aos extremos seus vínculos com o lugar: uma adesão irrestrita ao que via como o progresso das terras do Vai-Vem e o desejo compulsivo de participar desse progresso. Numa interpretação ecológica, ele seria o representante típico do ecossistema Ipameri, perfeitamente adaptado às condições físicas e sociais, alimentando-se do que vicejasse nesse meio e querendo fazer de sua existência uma contribuição ao crescimento do local.

Quem não queira se perder nas linhas deste texto, pode ficar com o resumo desta biografia: foi um ipamerino, ponto final. Recusou promoções que o afastariam da terra, buscou cargos públicos pensando nos benefícios que poderia proporcionar (e não obter), ajudava desinteressadamente as iniciativas que lhe pareciam progressistas (e quando não podia contribuir, ficava torcendo pelo sucesso), acompanhava um novo bairro, uma indústria, uma rua, uma casa... Parece mentira? Quem acha que sim, também está dispensado da leitura do resto.

## APRENDENDO

Esse homo ipamerinensis viveu sua infância num tempo em que os deveres dos pais ‘não incluíam as tarefas escolares dos filhos, mas os mestres e as práticas didáticas retribuía com conhecimento e cultura o interesse dos alunos. Quando a isto se uniam o talento, a dedicação e uma faísca de gênio, os resultados eram magníficos. Que tal este trecho de uma composição escrita aos 9 anos, cujo tema era exatamente “A escola”?

“...Mas a escola é uma torre de marfim, por onde as maldades da vida não devem subir. A escola é um filtro, que só deixa entrar os fatos para dentro das suas paredes, quando os fatos, como alimento do espírito, passaram do estado de fermentação ou ebulição

---

\* Esposa de César Augusto Ceva.

confusas para o de sedimentos ou depósitos tranquilos ou dogmáticos, a que chamamos conclusões ou generalização.”

Apesar da excelência do aprendizado obtido nas aulas do professor Lombardi, os seus horizontes eram limitados ao curso primário, o que fez com que aos onze anos, o menino fosse estudar em Franca, no estado de São Paulo, alojando-se na casa de parentes ipamerinos lá residentes. Desse período, estudando no Ginásio Champagnat, dos Irmãos Maristas, retirou três benefícios: a ampliação do espaço mental proporcionado por um currículo universalista e pela tradição educacional dos franceses; a experiência de liberdade, independência e responsabilidade que a vida longe do lar promove; e o enriquecimento na observação dos avanços técnicos e da vida em sociedade propiciada por um ambiente maior e mais adiantado. Em 1932 concluiu o ginásio, correspondente ao segundo ciclo atual, e retornou a Ipameri. Trazia uma sólida formação básica e mostrava gosto especial para a matemática, a química, a física e a biologia, além de destreza no manejo do francês e do latim.

## ENSINANDO

Novamente em casa, acompanhava o pai, Waldemar Leone Ceva – um agrimensor vindo do Rio – em trabalhos de topografia, projetos arquitetônicos e construção. E também em certas extravagâncias, como a instalação de um cinematógrafo; fazia o comentário musical dos filmes mudos, expondo ao público os acordes que aprendia com o mestre Jorge Götz.

Mas já era um adulto, e tratou de encaminhar sua própria vida profissional, revelando aquela que seria sua vocação mais íntima e profunda: o ensino. Desde 1934 e por mais de sessenta anos, apesar das interrupções, acompanhou levadas de jovens que se renovavam nas “torres de marfim” da cidade: cursos ginasiais ou supletivos, colegiais ou normais – com diversos currículos e denominações – que o atraíam para o convívio acadêmico. O prazer na transmissão de conhecimentos, as técnicas intuitivas de motivação, a assistência de toda ordem (até financeira...) aos alunos fizeram com que o título de professor aderisse definitivamente ao seu nome. E se confirmasse em qualquer situação, pois o convívio familiar e social, ou o trabalho junto a auxiliares, sempre se prestavam à explicação de fenômenos naturais ou conceitos técnicos, à introdução de idéias novas e ao estímulo da criatividade para a solução de problemas.

Paralelamente ao ensino, foi secretário da Prefeitura entre 1934 e 35, quando era prefeito o Dr. Antônio Gomes da Frota, e posteriormente foi Diretor de Estatística da Prefeitura, até 43. Nesse período ocupou também a diretoria do Ginásio Municipal de Ipameri (atual CEPEM), em 1937. Esse ciclo de cargos públicos culminou com a carreira no Ministério da Educação, onde começou como inspetor de ensino em 1943, e se aposentou em 1976. Atravessou sucessivas reformas administrativas, sempre ligado à área educacional: após a extinção das funções de inspetor, teve muitas missões e comissões com que se envolver. Em toda essa trajetória, revelou mais uma característica de seus interesses intelectuais: o conhecimento detalhista da legislação que regia seu trabalho, em todos os campos onde viesse a atuar. Isto fez com que provocasse irritação a muitos interesses contrariados, e levou a uma situação crítica logo no início da carreira de inspetor, em 1944, quando um pai pretendeu demonstrar a balas de revólver os conhecimentos do filho, que se esquecera de prova-los num dos terríveis exames de latim.

## UM LAR

A estas alturas, já estava casado e tinha dois filhos. De fato, em 18 de junho de 1938, após um namoro pontilhado de lances folhetinescos, ele se casara com Rafa Daher Ceva. E quem poderia ser ela? – Obviamente uma ex-aluna! Filha de imigrantes libaneses, já havia residido em Ipameri anteriormente, mudara-se para São Paulo, e retornara em 1930.

Além da química inerente às paixões, o moço certamente foi impulsionado também pelas novas facetas do mundo que a namorada representava: a origem numa civilização distante e culturalmente riquíssima, e a formação “cosmopolita” adquirida no estágio paulistano. (De quebra, aproveitou para se envolver com a língua árabe, tomando aulas como o Professor Eduardo Mancini). Em 1946, a família se completava com uma filha.

Mesmo que sua “persona”, sua imagem socialmente reconhecida, fosse a do professor, a criatividade, a avidez de conhecimento e o entusiasmo pela investigação não lhe permitiam ficar restrito ao magistério. E a época de sua mocidade foi pródiga para quem gostasse de inovações: as conquistas da ciência e da técnica se sucediam em velocidade crescente e os meios de divulgação e comunicação se multiplicavam, o que permitia a um ipamerino enraizado alimentar-se de idéias literalmente antenado com o resto do mundo, por meio das ondas de rádio.

## PROFESSOR ELETRÔNICO

É que desde o começo do século a eletrônica se mostrava uma força transformadora dos hábitos da vida doméstica e social e da compreensão do universo. E, claro, se tornaria uma paixão do “professor” César. Nisso ele era um seguidor do pai e deu seus primeiros passos em companhia do irmão Walter; os dois fizeram um curso na Philips, em São Paulo, dirigido à formação de técnicos de manutenção dos aparelhos que a empresa holandesa comercializava. Durante dois anos foram sócios de uma loja de produtos Philips e utilidades domésticas, na esquina das ruas Cel. Francisco Vaz e Cel. José Reginaldo, até que o irmão decidiu deixar Ipameri, em 1947. O nome da loja? “Eletrônica”, é lógico...

Sozinho, mas seguindo os passos do pai, montou uma estação de rádio-amador e obteve a licença da LABRE (Liga dos Amadores Brasileiros de Rádio-Emissão) e o prefixo PY-2UO, motivando até mesmo a mulher, que também obteve seu prefixo, o PY-2UT. Quando pretendeu aumentar a potência de sua estação doméstica, foi estimulado pelo tio Vicente Marot a montar uma estação de rádio-difusão pública. Assim foi que, em 1947, a Rádio Xavantes de Ipameri iniciava suas transmissões, sendo comandada pelo agora radialista César até 1954, quando passou a integrar a Fundação Brasil Central. O interesse pela eletrônica e pela experimentação, porém, não o abandonou: em uma pequena oficina continuou a desenvolver seus circuitos para aparelhos de som, sendo o pioneiro local na introdução do conceito de alta-fidelidade e som estéreo.

Ainda em caráter doméstico, foi montando a partir de 1956 um laboratório fotográfico onde chegou a desenvolver tentativas de processamento até mesmo de fotos a cores. Tanto na eletrônica quanto na fotografia, além de transmitir enorme carga de conhecimento e experiência aos filhos, colaborou na formação de muitos ipamerinos que queriam aprender ou trabalhar.

## CONSTRUINDO COM TIJOLOS E BOA COMPANHIA

Mas o professor também não perdera o ânimo para o estudo regular e, em 1962 se formava em engenharia civil na UFGO. Este curso fora iniciado em 1954, ano da fundação da primeira escola de engenharia de Goiânia e, até que chegasse à conclusão, provocou

muitos transtornos em sua vida pessoal, familiar e profissional. Era necessário ter poderes mágicos para conciliar as exigências escolares, as obrigações funcionais, as viagens constantes (afinal, continuava morando em Ipameri), a assistência aos filhos (eles também já entrando na epopéia dos estudos fora de casa) e a presença em casa. Aqui, pelo menos, era possível contar com a capacidade e o esforço da mulher; e foi dessa colaboração íntima, firme e duradoura que ambos retiraram energias para multiplicar resultados a partir de recursos limitados.

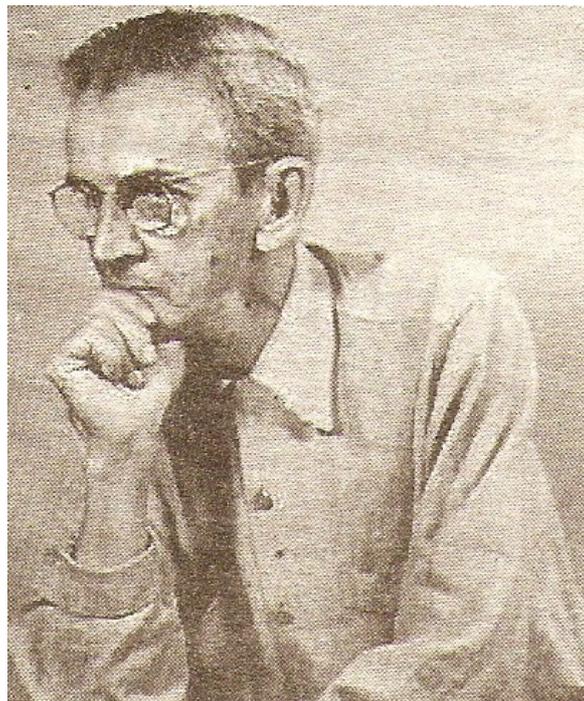
O grau de engenheiro lhe abriu por certo novas perspectivas, mas o ponto de fuga destas seria sempre Ipameri; indicado como Chefe da Divisão de Distribuição da Celg, em 1963 – posto de prestígio e responsabilidade que, entretanto, lhe impunha a permanência em Goiânia – já no ano seguinte desistia dele e retomava à terra natal. Aí, sim, a engenharia foi sua aliada, e lhe permitiu ampliar outra herança paterna, a de construtor: como empreiteiro, administrador, fiscal ou “conselheiro”, em obras públicas ou particulares, edificações ou espaços abertos, reformas ou novas estruturas, lá estava seu dedo – no quartel, na vila militar, na piscina do Jôquei Clube, nas praças Getúlio Vargas e Cel. João Emídio, na Tipografia Minerva, na recuperação da antiga agência do Banco do Brasil ou do Hospital São Paulo, nas escolas estaduais, na Cúria Diocesana, em tantas e tantas residências...

Toda essa atividade e o intenso contato social que propiciava levariam naturalmente a que o professor assumisse posições de representação e administração de grupos sociais ou profissionais: delegado do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia – CREA em Goiás, em 1963; presidente do Rotary Club de Ipameri, em 1973/74 e novamente entre 1984 e 86; candidato a vice-prefeito, em 1961 (na chapa de José Machado), e a prefeito, em 1972. E que recebesse como reconhecimento de sua ação uma honraria nacional com que jamais sonharia: a Medalha do Pacificador, que lhe foi atribuída em 1972 pelo Ministério do Exército. Sem falar das inúmeras vezes em que parainfou turmas de ginásianos e normalistas (esta sim, uma homenagem sempre desejada...).

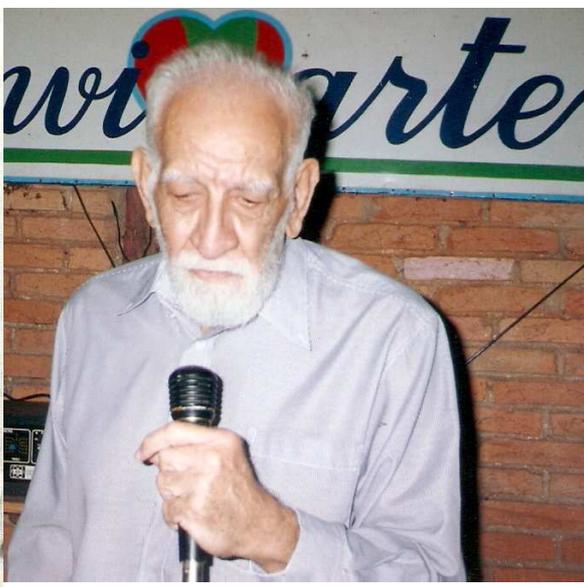
Quando o câncer que o mataria se instalou, continuava fazendo, agora com os netos, o que sempre o emocionara: ensinar e aprender. Foi abandonando o contato com o mundo sensível aos poucos, mas até o fim seus amigos e ele próprio faziam vistas grossas à doença: traziam-lhe novas tarefas para fazer; aceitava todas e planejava executar...

Mas o gás já estava no fim em meados de 1988; o atestado de óbito é de 18 de agosto, dois meses depois de uma festa que comemorava as bodas de ouro e marcou uma despedida.



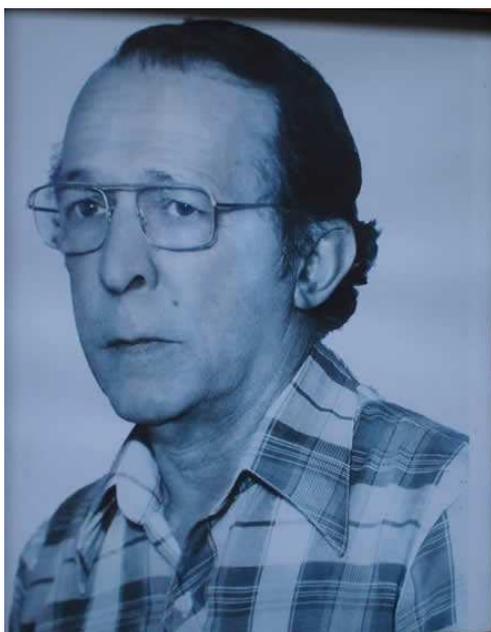


*Acima, aqueles que na concepção de grande parte dos profissionais da radiodifusão goiana são os principais fundadores da rádio Clube de Goiânia. À esquerda Venerando de Freitas Borges e à direita Francisco Pimenta Neto. E abaixo dois dos primeiros locutores da rádio Clube. À esquerda José Cunha Júnior e à esquerda Sílvio Medeiros.*





*Gerson de Castro Costa, coordenador do DEIP em Goiás no período de surgimento da primeira emissora de rádio legalizada do Estado.*



*César Augusto Ceva, fundador da rádio Xavantes de Ipameri. E à direita, a parte externa da emissora atualmente.*